

FUNDAÇÃO ESCOLA DE COMÉRCIO ÁLVARES PENTEADO –

FECAP

MESTRADO EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS

LEONÇO BARBOZA DE ALENCAR

**PRÁTICAS DE ORIENTAÇÃO DE TCC EM CURSO DE
GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS EM IES DA
CIDADE DE SÃO PAULO QUE POSSUEM *STRICTO SENSU***

São Paulo

2016

LEONÇO BARBOZA DE ALENCAR

**PRÁTICAS DE ORIENTAÇÃO DE TCC EM CURSO DE
GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS EM IES DA
CIDADE DE SÃO PAULO QUE POSSUEM *STRICTO SENSU***

Dissertação apresentada à Fundação Escola de
Comércio Álvares Penteado - FECAP, como requisito
para a obtenção do título de Mestre em Ciências
Contábeis.

Orientador: Prof. Dr. Ivam Ricardo Peleias

São Paulo

2016

FUNDAÇÃO ESCOLA DE COMÉRCIO ÁLVARES PENTEADO – FECAP

Reitor: Prof. Dr. Edison Simoni da Silva

Pró-reitor de Graduação: Prof. Dr. Ronaldo Frois de Carvalho

Pró-reitor de Pós-graduação: Prof. Dr. Edison Simoni da Silva

Diretor da Pós-Graduação Lato Sensu: Prof. Alexandre Garcia

Coordenador de Mestrado em Ciências Contábeis: Prof. Dr. Cláudio Parisi

Coordenador do Mestrado Profissional em Administração: Prof. Dr. Heber Pessoa da Silveira

FICHA CATALOGRÁFICA

A368p	<p>Alencar, Leonço Barboza de</p> <p>Práticas de orientação de TCC em curso de graduação em Ciências Contábeis em IES da cidade de São Paulo que possuem Stricto Sensu / Leonço Barboza de Alencar. - - São Paulo, 2016.</p> <p>208 f.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Ivam Ricardo Peleias.</p> <p>Dissertação (mestrado) – Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado - FECAP - Mestrado em Ciências Contábeis.</p> <p>1. Monografias. 2. Orientadores educacionais. 3. Ensino superior – Contabilidade – São Paulo. 4. Plágio.</p> <p style="text-align: right;">CDD 378.1942</p>
-------	--

LEONÇO BARBOZA DE ALENCAR

**PRÁTICAS DE ORIENTAÇÃO DE TCC EM CURSO DE GRADUAÇÃO EM
CIÊNCIAS CONTÁBEIS EM IES DA CIDADE DE SÃO PAULO QUE POSSUEM
*STRICTO SENSU***

Dissertação apresentada à Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado - FECAP, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciências Contábeis.

COMISSÃO JULGADORA

Prof. Dr. Henrique Formigoni (membro externo)

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Profa. Dra. Vilma Geni Slomski (membro interno)

Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado – FECAP

e

Prof. Dr. Ivam Ricardo Peleias

Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado – FECAP

Professor Orientador – Presidente da Banca Examinadora

São Paulo, 08 de setembro de 2016.

Minha querida esposa Elza, pelos frutos.

Meus saudosos pais Chico e Rita, pela raiz.

AGRADECIMENTOS

Que o primeiro e maior agradecimento seja, sempre e para sempre, ao Clemente, ao Misericordioso, ao Onipotente e Onipresente Criador e Senhor da Vida.

Minha querida esposa Elza e nossos amados filhos Douglas e Victor, fontes de amor, carinho, orgulho e inspiração.

E que os demais encorajadores e inspiradores deste trabalho não fiquem sem os merecidos agradecimentos e citações.

Meus pais Francisco e Rita, ambos de saudosa memória, a quem a ausência do saber formal não constituiu óbice a sabedoria infinda.

Meus três irmãos. Mauro e Antonio que tão cedo partiram e deixaram, além da saudade, um legado de valores bondosos e o caçula Irineo, exemplo de quem chega ao fundo e descobre a saída “no alto”.

O Prof. Dr. Ivam Ricardo Peleias, meu orientador, que com todo seu conhecimento, mostrou luz e caminho para que atingisse meu objetivo, principalmente em momentos que julguei não ser possível.

O Prof. Dr. Henrique Formigoni e a Profa. Dra. Vilma Geni Slomski, pelas valiosas contribuições nas bancas de qualificação e defesa.

Os professores do Mestrado pelos ensinamentos e os funcionários da biblioteca, sempre dispostos e atenciosos na indicação de fontes bibliográficas.

Os colegas do Mestrado, pelos bons momentos de convívio e troca de experiências, Amanda, Martha, Rafael, Luciano, Edna, Juliano, Janice, Isabel e Regiane e, em especial, Paulo Roberto Macedo de Andrade, pelas muitas horas partilhadas na biblioteca e com quem tive a honra de compartilhar meu primeiro trabalho científico e Emanuel de Almeida Prado, que jamais deixou de perguntar: e aí como vai a dissertação?

Os professores da FECAP, MACKENZIE, PUC e USP, que concederam as entrevistas, fundamentais para a realização deste trabalho, cujas identidades tive o cuidado de preservar.

*Se antes de cada ato nosso nos puséssemos
a prever todas as consequências dele, a pensar nelas a
sério, primeiro as imediatas, depois as prováveis, depois
as possíveis, depois as imagináveis, não chegaríamos
sequer a mover-nos de onde o primeiro pensamento nos
tivesse feito parar.*

(José Saramago)

RESUMO

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Ciências Contábeis, bacharelado, definem o trabalho de conclusão de curso como um componente curricular opcional, cabendo à instituição que o adotar emitir regulamentação própria, o que enseja as mais distintas formas de parâmetros e procedimentos quanto ao formato, elaboração, correção e destino final dado ao TCC e que podem ter influência nas práticas dos professores orientadores. A presente pesquisa tem por objetivo conhecer e analisar as práticas adotadas por orientadores de trabalhos de conclusão de curso de graduação de Ciências Contábeis, em IES da cidade de São Paulo, que oferecem pós-graduação *stricto sensu* e se tais práticas podem promover a integração entre a graduação e a pós-graduação. Para atingir o objetivo foram feitas entrevistas com oito professores, titulados com grau de Mestre ou Doutor, de quatro IES da cidade de São Paulo, por meio de uma pesquisa caracterizada como descritiva quanto ao tipo e qualitativa quanto a abordagem. Os dados foram recolhidos por meio de análise documental e entrevista em profundidade e analisados por meio da técnica de análise de conteúdo. Os achados da pesquisa apontam que os professores orientadores convergem em muitos aspectos as suas práticas de orientação quando estabelecem um bom relacionamento com os alunos, entendem e tentam suprir as dificuldades que eles reportam, adotam rigor metodológico na orientação e correção dos trabalhos, reconhecem um bom TCC e seus objetivos e entendem como relevante a participação dos alunos em projetos de pesquisa. Como pontos dissonantes destaca-se que são poucos os que utilizam suas próprias pesquisas em sala de aula, apresentam discordâncias, particularmente na crença quanto às finalidades do TCC em contribuir para o aprendizado do aluno e sua inserção na pesquisa científica e no mundo do trabalho e na forma como tratam o plágio acadêmico. Outros resultados demonstram que nem sempre os professores orientadores são os mesmos que lecionam no *stricto sensu*, nem todos conhecem ou já participaram da elaboração ou revisão do PPP de suas IES, todos mostram-se satisfeitos com a profissão e a com a função de orientador e que o destino final dado ao TCC não permite que ele cumpra de forma eficaz seus objetivos, principalmente os de evidenciar e comunicar o conhecimento produzido. Os achados da pesquisa não permitiram encontrar evidências da integração entre a graduação e a pós-graduação *stricto sensu*, portanto conclui-se que as práticas de orientação não contribuem adequadamente para promover a integração entre os dois níveis de ensino.

Palavras-chave: Trabalho de Conclusão de Curso. Pesquisa na Graduação. Plágio Acadêmico. Educação Contábil. Teoria do Capital Humano.

ABSTRACT

The National Curricular Guidelines for the undergraduate course in accounting, bachelor, define the work of completion as a curriculum option, and it is incumbent upon the institution that take issue the rules, which leads to the most distinct forms of parameters and procedures regarding the format, preparation, correction and final destination of the TCC and that may have an influence on the practices of faculty advisers. The present research aims to understand and analyze the practices adopted for guiding the work of completion of undergraduate Accounting in Institutions of Higher Education of the city of São Paulo, offering stricto sensu graduate studies and if such practices can promote integration between undergraduate and graduate school. In order to achieve the goal, interviews have been made with eight teachers, graduates with Master or Doctor, of four Institutions of Higher Education of the city of São Paulo, through a survey characterized as descriptive and qualitative type as the approach. The data were collected through documentary analysis and in-depth interview and analyzed by means of the technique of content analysis. The findings of the survey show that teachers guiding converge in many respects their practices of guidance when you establish a good relationship with the students, understand and try to overcome the difficulties that they report, adopt methodological rigour in guidance and correction of the work, recognize a good TCC and their goals and understand how relevant the participation of students in research projects. Dissonant points are that few are those who use their own research in the classroom, present disagreements, particularly on belief as to the purposes of the TCC in contribute to student learning and its insertion in scientific research and the world of work and in the way they deal with academic plagiarism. Other results show that not always the guiding teachers are the same who teach in the strict sense, not everybody knows or has participated in the preparation or review of your PPP IES, all are satisfied with the profession and with the guiding function and that the final placement at the TCC does not allow him to fulfil effectively its objectives, mainly the highlight and communicate the knowledge produced. The research findings have not found evidence of integration between graduation and post-graduation stricto sensu, therefore it can be concluded that the practices of guidance do not contribute adequately to promote integration between the two levels of education.

Key-words: Completion of Course Work. Research at Undergraduate Level. Academic Plagiarism. Accounting Education. Human Capital Theory.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Currículo mundial de contabilidade -revisado	35
QUADRO 2 – Fases de elaboração do TCC.....	47
QUADRO 3 – IES com programas de pós-graduação Stricto Sensu na cidade de São Paulo	59
QUADRO 4 – Instrumento de pesquisa - Características profissionais dos entrevistados	61
QUADRO 5 - Instrumento de pesquisa - entrevista.....	63
QUADRO 6 - Instrumento de pesquisa - análise documental	67
QUADRO 7 - Perfil geral dos entrevistados.....	73
QUADRO 8 - Relação das disciplinas ministradas na graduação e linhas de pesquisa	75
QUADRO 9 – Modalidades de TCC nas IES objeto do estudo	113

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Definição da população e amostra	59
TABELA 2 – Síntese das entrevistas	66
TABELA 3 – Formação acadêmica dos entrevistados.....	73
TABELA 4 – Formação Stricto Sensu dos entrevistados	73
TABELA 5 - Experiência como docente no ensino superior	74
TABELA 6 - Experiência como orientador de TCC	74

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Nuvem de palavras – o que pode ser considerado um bom TCC.....	79
Figura 2 – Nuvem de palavras – Finalidades do TCC	82
Figura 3 – Nuvem de palavras – Dificuldades na elaboração do TCC.....	85
Figura 4 – Nuvem de palavras – Habilidades desenvolvidas com o TCC	93
Figura 5 – Nuvem de palavras – Importância da pesquisa para o aluno.....	102
Figura 6 – Nuvem de palavras – Importância da participação dos alunos em linhas de pesquisa	111
Figura 7 – Nuvem de palavras – Divulgação do TCC nas IES.....	116
Figura 8 - Requisitos para exercer Orientação	119
Figura 9 – Nuvem de palavras – Atualização dos professores orientadores.....	123

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Trabalhos Publicados.....	76
--	-----------

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
AECC	<i>Accounting Education Change Commission</i>
AICPA	<i>American Institute of Certified Public Accountants</i>
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEB	Câmara de Educação Básica
CEFET-RJ	Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca
CES	Câmara de Educação Superior
CFE	Conselho Federal de Educação
CNE	Conselho Nacional de Educação
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CPC	Comitê de Pronunciamentos Contábeis
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
ENADE	Exame Nacional de Desempenho de Estudantes
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FEA	Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade
FECAP	Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado
IASB	<i>International Accounting Standards Board</i>
IC	Iniciação Científica
IES	Instituição de Ensino Superior
IFAC	<i>International Federation of Accountants</i>
IFRS	<i>International Financial Reporting Standards</i>
INEP Teixeira	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio
ISAR	<i>International Standards of Accounting and Reporting</i>

LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MCTI	Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação
MEC	Ministério da Educação e Cultura
METROCAMP	Faculdades Metropolitanas de Campinas
NBR	Norma Brasileira
ONU	Organização das Nações Unidas
PPG	Programa de Pós-Graduação
PPP	Projeto Político Pedagógico
PUC	Pontifícia Universidade Católica
TCC	Trabalho de conclusão de curso
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNCTAD	<i>United Nations Conference on Trade and Development</i>
UPM	Universidade Presbiteriana Mackenzie
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	16
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO	16
1.2 QUESTÃO DE PESQUISA.....	20
1.3 OBJETIVO GERAL	21
1.3.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	21
1.4 JUSTIFICATIVAS E CONTRIBUIÇÕES	21
1.5 ESTRUTURA DO TRABALHO.....	23
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	24
2.1 A TEORIA DO CAPITAL HUMANO	24
2.2 A GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS	27
2.2.1 O CENÁRIO NACIONAL	27
2.2.2 O CENÁRIO INTERNACIONAL	31
2.2.3 ADERÊNCIA DOS CURRÍCULOS DAS IES BRASILEIRAS AO CURRÍCULO MUNDIAL DE CONTABILIDADE.....	35
2.2.4 A PESQUISA NA GRADUAÇÃO	39
2.3 O TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO	43
2.3.1 ORIENTAÇÃO DE TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO.....	50
2.3.2 ÉTICA E PERCEÇÃO DE PLÁGIO NA ELABORAÇÃO DO TCC	53
3 METODOLOGIA DA PESQUISA	58
3.1 TIPO DE PESQUISA	58
3.2 CAMPO DE ESTUDO, POPULAÇÃO E AMOSTRA.....	58
3.3 MÉTODOS, TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	60
3.3.1 ENTREVISTA.....	60
3.3.1.1 <i>Elaboração do instrumento de pesquisa</i>	61
3.3.1.2 <i>Procedimentos de coleta de dados</i>	66

3.3.2 ANÁLISE DOCUMENTAL	67
3.3.2.1 <i>Elaboração do instrumento de pesquisa</i>	67
3.4 MÉTODOS, TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS	68
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	72
4.1 BREVE PERFIL DOS PROFESSORES ORIENTADORES DE TCC ENTREVISTADOS	72
4.2 AS PRÁTICAS DE ORIENTAÇÃO ADOTADAS POR PROFESSORES ORIENTADOS DE TCC	77
4.2.1 FASES DO TCC: DIFICULDADES, FORMATO, APRESENTAÇÃO, ACOMPANHAMENTO E CORREÇÃO	77
4.2.2 PERCEPÇÃO QUANTO AO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZADO DISCENTE NA ELABORAÇÃO DO TCC	91
4.2.3 ATITUDES FRENTE AO PLÁGIO ACADÊMICO	95
4.2.4 PESQUISA NA GRADUAÇÃO E TCC	100
4.3 EVIDÊNCIAS DA INTEGRAÇÃO GRADUAÇÃO X PÓS-GRADUAÇÃO STRICO SENSU	104
4.3.1 SEQUÊNCIA DA CARREIRA ACADÊMICA DOS ORIENTADOS NO TCC.....	105
4.3.2 ORIENTAÇÃO NO TCC E NO <i>STRICO SENSU</i> : LINHAS DE PESQUISA.....	108
4.4 O TCC NO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DAS IES	112
4.4.1 O QUE AS IES FAZEM COM O TCC	113
4.4.2 PROCESSO DE ESCOLHA DO ORIENTADOR	118
4.4.3 PARTICIPAÇÃO DOS DOCENTES NO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DAS IES	123
4.5 ASPECTOS MOTIVACIONAIS E DE SATISFAÇÃO DOS PROFESSORES ORIENTADORES DE TCC	124
4.5.1 GANHOS PESSOAIS E PROFISSIONAIS APÓS A TITULAÇÃO	125
4.5.2 IMPORTÂNCIA DA TITULAÇÃO PARA O ORIENTADOR	127
5 CONCLUSÕES	131

REFERÊNCIAS	137
APÊNDICE A - E-MAIL CONVITE	148
APÊNDICE B - ANÁLISE DOCUMENTAL - IES ALFA	149
APÊNDICE C - ANÁLISE DOCUMENTAL - IES BETA	150
APÊNDICE D - ANÁLISE DOCUMENTAL - IES GAMA	152
APÊNDICE E - ANÁLISE DOCUMENTAL - IES DELTA	154
APÊNDICE F - ENTREVISTA - PROFESSOR ORIENTADOR I	155
APÊNDICE G - ENTREVISTA - PROFESSOR ORIENTADOR II	162
APÊNDICE H - ENTREVISTA - PROFESSOR ORIENTADOR III	171
APÊNDICE I - ENTREVISTA - PROFESSOR ORIENTADOR IV	179
APÊNDICE J - ENTREVISTA - PROFESSOR ORIENTADOR V	186
APÊNDICE K - ENTREVISTA - PROFESSOR ORIENTADOR VI	191
APÊNDICE L - ENTREVISTA - PROFESSOR ORIENTADOR VII	197
APÊNDICE M - ENTREVISTA - PROFESSOR ORIENTADOR VIII	203

1 INTRODUÇÃO

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

Após a promulgação da Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, conhecida como a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), verificou-se no Brasil grandes transformações no ensino superior, em função de fatores tais como o crescimento do número de instituições privadas; aumento da oferta de novos cursos de graduação (presenciais e a distância) e, mais recentemente, a implantação de novas universidades federais e a criação de novas alternativas de ingresso e financiamento estudantil.

Tais mudanças trazem consigo a necessidade de aprimoramento das Instituições de Ensino Superior (IES) que, com o aumento da concorrência e as novas demandas do mundo do trabalho, precisam promover por meio do ensino, pesquisa e extensão, a transmissão de conhecimentos, de forma que os profissionais por elas formados estejam aptos para atender as demandas do mundo do trabalho.

O aprimoramento deve passar necessariamente pelo processo de ensino-aprendizagem que, conforme salientam Marques et al. (2012), envolve o aluno, o professor e a instituição, devendo existir uma avaliação do ensino e uma busca por novas alternativas para o aumento da eficácia e da eficiência desse processo.

No Brasil, a preocupação com a qualidade das Instituições de Ensino Superior (IESs) se faz sentir na atuação de órgãos governamentais como o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep) e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), vinculados à graduação e à pós-graduação, os quais realizam a avaliação das IEs, a fim de acompanhar seu desempenho. (IGARASHI et al., 2008, p. 118)

O artigo 43 da LDB elenca as seguintes finalidades da educação superior:

I - estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo;

II - formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua;

III - incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive;

IV - promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação;

V - suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a correspondente concretização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração;

VI - estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade;

VII - promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição.

Nota-se que o diploma legal não se detém apenas na importância da qualidade do ensino e da pesquisa para a formação do educando; ele vai além quando enumera a necessária extensão dos benefícios resultantes da criação cultural para a população, bem como quando trata da divulgação do conhecimento produzido no âmbito acadêmico.

A questão da divulgação do conhecimento tem sua gênese nas descobertas resultantes do trabalho dos pesquisadores dentro do ambiente acadêmico, as quais devem ser disseminadas. Machado et al. (2009) salientam que para promover a oferta de conhecimento aos acadêmicos é necessária uma aprendizagem sólida, onde o aluno, possa construir o conhecimento por meio das descobertas que realizar em sua pesquisa, contando com o apoio de um professor orientador. De forma que a construção do conhecimento não venha ocorrer tão somente pela transmissão de informações dos professores aos alunos, mas também pela ocorrência de discussão, debates, críticas e troca de experiências que contextualizem as informações.

O trabalho científico, após concluído, deve ser divulgado para que cumpra sua função de disseminar o conhecimento produzido aos demais pesquisadores e à sociedade de uma forma geral. Embora a publicação seja a forma mais comum de divulgação, ao que se

denomina comunicação de forma escrita, podendo se dar através de monografias, painéis, livros, anais de congressos e revistas científicas, o resultado da pesquisa também pode ser divulgado de forma oral por meio de conferências, palestras, seminários e apresentações em congressos.

Neste contexto o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), elaborado na etapa final da graduação, resultante de uma ordenação sistematizada, pode ser compreendido tanto como uma comunicação do resultado da pesquisa realizada (LAFFIN, 2000), como também um instrumento de caráter avaliativo do ensino e aprendizagem. Conforme salientam Brizolla, Basso e Soschinski (2014) o TCC representa o resultado de um estudo experimental ou exposição de um relatório científico que expressa o conhecimento, reúne, analisa e interpreta informações em um tema único e bem delimitado em sua extensão.

Na concepção de Carmo, Machado e Cogan (2014) o TCC é uma atividade de cunho científico, realizada ao final do curso de graduação ou pós-graduação. O TCC pode assumir diversos formatos, como: monografias, artigos, relatórios analíticos de pesquisa, entre outras modalidades. Brizolla, Basso e Soschinski (2014) acrescentam que o trabalho, construído sob a coordenação de um professor orientador, deve evidenciar o conhecimento de literatura existente sobre o assunto e a capacidade de sistematização do acadêmico.

Para o aluno o TCC representa uma oportunidade de crescimento intelectual e profissional, pois sua elaboração favorece o desenvolvimento de atitude crítica, de habilidades e atitudes que serão importantes para o desempenho profissional, conforme assevera Ricardino (2011). O TCC pode ser destinado ao acervo da IES ou extrapolar os limites de origem na forma de artigos acadêmicos, conforme atestam Campos Filho et al. (2015) que, no entanto, advertem que o trabalho pode servir apenas como instrumento de avaliação, tal qual provas ou trabalhos típicos de sala de aula, portanto, é imprescindível conhecer a variedade dos formatos de orientação, elaboração e divulgação do TCC para que haja um alinhamento entre a produção acadêmica desejada e o resultado final dos estudos realizados.

Em que pese a importância para a formação do aluno e o caráter de vetor do conhecimento produzido, a Resolução CNE/CES 10, de 16 de dezembro de 2004, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Ciências Contábeis, define o TCC como um componente curricular opcional, o qual poderá ser desenvolvido nas modalidades de monografia, projeto de iniciação científica ou projetos de atividades centrados em áreas teórico-práticas e de formação profissional relacionados com o curso, cabendo à IES que o

adotar emitir regulamentação própria, aprovada pelo seu Conselho Superior Acadêmico, devendo conter critérios, procedimentos e mecanismos de avaliação, além das diretrizes técnicas relacionadas à sua elaboração.

Conforme ensinam Cervo, Bervian e Silva (2007, p. 90) dentre as regras a serem observadas para a elaboração do TCC, destaca-se a estrutura do trabalho acadêmico que deverá conter elementos fundados na atual nomenclatura proposta pela norma NBR 14724/2011 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), quais sejam:

- a) Parte externa: capa e lombada, e
- b) Parte interna: **elementos pré-textuais** (antecedem o texto com informações que ajudam na identificação e utilização do trabalho), **textuais** (exposição do conteúdo do trabalho) e **pós-textuais** (sucodem o texto e complementam o trabalho).

A referida norma assim define o TCC:

Documento que apresenta o resultado de estudo, devendo expressar conhecimento do assunto escolhido, que deve ser obrigatoriamente emanado da disciplina, módulo, estudo independente, curso, programa, e outros ministrados. Deve ser feito sob a coordenação de um orientador (ABNT, 2011, p. 4).

Severino (2010, p. 203) complementa que embora o TCC tenha regulamentações específicas em cada IES, em alguns casos, é prevista sua apresentação e defesa pública do trabalho, por banca examinadora própria como forma final de sua avaliação.

O TCC deverá constar da grade curricular somente nos casos em que for exigido, em razão de ser um componente curricular opcional. E considerando o fato de que cada IES possui autonomia para fixar as diretrizes técnicas, os critérios, os procedimentos e os mecanismos para elaboração e apresentação do trabalho, é factível supor a adoção de diferentes práticas de orientação, diferentes formatos de elaboração e apresentação e destinações as mais diversas dadas ao TCC.

A despeito das citações feitas nesta pesquisa o que se constata, de forma geral, no Brasil é a pouca quantidade de trabalhos sobre o tema de educação e pesquisa em contabilidade, conforme demonstra o estudo de Vendruscolo e Behar (2014), que ao explorar a produção científica apresentada no Congresso USP de Contabilidade no período de 2004 a 2012, constatou que foram publicados somente 83 artigos, distribuídos entre as temáticas

ensino e aprendizagem, produções científicas e assuntos relacionados aos cursos de graduação.

A literatura registra também a escassez de pesquisas sobre o TCC nos cursos de graduação em Ciências Contábeis, o que deixa de evidenciar aspectos tais como:

- a) Uniformidade ou não de critérios entre as IES para a elaboração e apresentação TCC em seus projetos políticos pedagógicos;
- b) Se os graduandos mantêm contato com a pesquisa no decorrer do curso ou apenas por ocasião do TCC;
- c) Se o TCC, de alguma forma, favorece a integração entre a graduação e a pós-graduação *stricto sensu*;
- d) As práticas adotadas pelos professores orientadores.

Esta pesquisa tem por *locus* a cidade de São Paulo, onde se concentra a maior oferta de cursos de graduação em Ciências Contábeis no país (55 cursos), conforme dados do E-Mec (2015), incluindo 4 programas de pós graduação *stricto sensu*: Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado (FECAP) mestrado acadêmico, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) mestrado acadêmico, Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) mestrado profissional e Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA/USP) mestrado acadêmico e doutorado.

O artigo 52 da LDB determina que as IES possuam em seus quadros o percentual de, pelo menos, um terço do corpo docente com titulação acadêmica de mestrado ou doutorado. No caso das IES objeto da pesquisa o quadro docente é composto por mestres e doutores em percentual superior a 95%.

1.2 QUESTÃO DE PESQUISA

Considerando a importância do TCC para o desenvolvimento de habilidades e competências necessárias ao futuro profissional e tendo em vista que o mesmo figura como um componente curricular opcional nos cursos de graduação em Ciências Contábeis, cabendo a cada IES adotar parâmetros para elaboração e apresentação do trabalho e considerando, ainda, a escassa literatura a respeito da integração entre a graduação e a pós-graduação *stricto sensu*, este trabalho procura responder:

Quais as práticas adotadas por orientadores de TCC em cursos de graduação em Ciências Contábeis na cidade de São Paulo?

1.3 OBJETIVO GERAL

Este trabalho tem por objetivo geral conhecer e analisar as práticas adotadas por orientadores de trabalhos de conclusão de curso de graduação de Ciências Contábeis, em IES da cidade de São Paulo, que oferecem pós-graduação *stricto sensu*.

1.3.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Os objetivos específicos delineados para a presente pesquisa são:

- a) analisar se as práticas de orientação de trabalhos de conclusão de curso promovem a integração entre a graduação e a pós-graduação;
- b) verificar se os professores da pós-graduação *stricto sensu* são os mesmos que orientam os trabalhos de conclusão de curso na graduação;
- c) verificar o uso e a disseminação dos trabalhos de conclusão de curso orientados.

1.4 JUSTIFICATIVAS E CONTRIBUIÇÕES

A graduação tem entre suas funções a de proporcionar a formação inicial de pessoas para a inserção no mundo do trabalho. Aderente a esta função está o seu papel de estimular a formação de futuros pesquisadores e docentes por meio da pesquisa. Mas o processo educacional vai além da formação do educando; ele concorre para a evolução da pessoa por meio de experiências e realizações levadas a termo a partir do conhecimento adquirido.

A respeito da evolução dos indivíduos Oliveira, M. C. (2011, p. 14) diz que em momentos diferentes da vida eles pertencem a vários meios, que representam o espaço/tempo onde é formado o comportamento moral, em decorrência das experiências vividas. A autora salienta que um deste meios é o período acadêmico, de modo que “o processo educacional possui relação direta com a obtenção e o aperfeiçoamento do conhecimento, provocando análises e/ou alterações no comportamento moral”. A autora acrescenta, ainda, que os cursos

de pós-graduação *stricto sensu* são os que representam a necessária continuidade dos estudos visando à formação de educadores.

Pensamento semelhante ocorre a Santos (2013, p. 44) quando enfatiza a importância da formação continuada do professor para a pesquisa e o ensino. A autora esclarece que a prática do ensino exige formação pedagógica do professor por meio de cursos na área de educação, enquanto que a formação continuada, para a prática de pesquisa na universidade, ocorre através dos cursos de pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado). Além disto, a pós-graduação *stricto sensu* possui um período de tempo maior, permitindo que a interação social seja mais ampla que os cursos de *lato sensu*. (OLIVEIRA, M. C, 2011).

A literatura mostra a carência de professores e pesquisadores na área de Ciências Contábeis (REINA et al., 2012), bem como de trabalhos acadêmicos sobre os fatores que motivam ou desmotivam os egressos dos cursos de graduação a prosseguir os estudos, visando à pesquisa e ensino (CARVALHO, 2010; MIRANDA, 2010; MIRANDA, 2011, RESENDE et al., 2011), como ademais ocorre com a própria contabilidade, cuja pesquisa ainda é recente no Brasil e está em expansão, visto que os cursos de pós-graduação em contabilidade brasileiros ainda são recentes (KRÜGER et al., 2013; SANTOS, LEAL, 2014).

Situação semelhante pode ser verificada na produção científica no decorrer da graduação, visto que os cursos de graduação em Ciências Contábeis primam pela formação do profissional para o mundo do trabalho, não incentivando no aluno a cultura investigativa e o despertar para a pesquisa. Nos dizeres de Slomski e Martins (2008, p. 1) “uma cultura de investigação fundamenta-se na ideia de uma ciência educativa em que cada sala de aula é um laboratório e cada professor um membro da comunidade científica”, o que dá a dimensão da importância da iniciação científica (IC) na formação do egresso.

Neste contexto o TCC representa uma oportunidade de inserção do discente na atividade de pesquisa uma vez que, conforme Ricardino (2011), o TCC é a forma de o estudante demonstrar que a faculdade o preparou adequadamente para pesquisar, estudar o assunto, assimilar o conteúdo, identificar os pontos mais relevantes e apresentar as conclusões por escrito a respeito de determinado tema. Oliveira et al. (2015) complementam afirmando que ao elaborar o TCC o aluno desenvolve habilidades para discutir ideias sobre o tema fundamentado em referências teóricas, demonstrar domínio do assunto pesquisado, e elaborar a comunicação de forma clara e gramaticalmente correta dos resultados.

Pelo exposto e tendo como pano de fundo a teoria do capital humano, este trabalho se justifica, uma vez que se propõe a discutir o trabalho de conclusão de curso, um tema pouco explorado pelos pesquisadores e traz à tona a importância do professor orientador na formação e no desenvolvimento de habilidades e competências do educando, com vistas a melhor prepara-lo para a pesquisa e para o mundo do trabalho.

O trabalho tem o propósito de conhecer e analisar as práticas de orientação de TCC e em que medida tais práticas podem contribuir para a integração entre a graduação e a pós-graduação *stricto sensu*, além de investigar, uma vez elaborado, qual o destino dado ao TCC.

Espera-se que este estudo contribua para o crescimento das pesquisas em Ciências Contábeis no Brasil, particularmente nos seguintes aspectos:

- a) Incrementar os estudos que abordem como temas o ensino e a pesquisa na graduação em contabilidade;
- b) Oferecer subsídios para o processo de melhoria das práticas de orientação de TCC, a partir de melhor divulgação dos objetivos do TCC e identificados como se dá, via de regra, seu uso e disseminação;
- c) Destacar o papel do professor orientador no processo de formação do futuro profissional contábil,
- d) Contribuir para o processo de integração entre a graduação e a pós-graduação *stricto sensu*, evidenciando quais as práticas de orientação de TCC e quais medidas que as IES podem tomar no sentido de promover a integração.

1.5 ESTRUTURA DO TRABALHO

Esta dissertação está articulada em seis seções a partir desta introdução. A seção 2 trata da fundamentação teórica abrangendo a teoria do capital humano, a graduação em Ciências Contábeis, a pesquisa na graduação, o trabalho de conclusão de curso, a orientação de trabalhos de conclusão de curso, a ética e a percepção de plágio na orientação de trabalho de conclusão de curso e a produção científica de interesse para a pesquisa. Na seção 3 está descrita a metodologia empregada, enquanto que na seção 4 são apresentados a análise e discussão dos resultados. Posteriormente, na seção 5, são apresentadas as conclusões e por fim na seção 6 são listadas as referências.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A TEORIA DO CAPITAL HUMANO

A teoria do capital humano explica os ganhos de produtividade gerados a partir da qualificação do trabalho humano em função do fator educação. Cunha (2007) ressalta que a partir do investimento em educação, treinamento e saúde, os indivíduos desenvolvem e aprimoram aptidões e habilidades e, como resultado, além do bem-estar e reconhecimento social obtidos, eles tornam-se mais produtivos, obtêm maiores ganhos e contribuem para o crescimento econômico dos países, como efeito das externalidades geradas.

A base conceitual da teoria do capital humano estabelece que um indivíduo ao adquirir mais conhecimentos e habilidades, aumentaria o valor do seu capital humano, e em consequência aumentaria sua empregabilidade, produtividade e rendimento potencial (CHIROTTO, 2014). A teoria define que é a educação que aumenta a produtividade de quem a recebe, o que, em mercados competitivos, proporciona aumentos de rendimentos (MORAES, 2009).

Lima (1980) tece críticas, apontando que a forte relação positiva entre renda e educação independe, ou depende muito pouco, do aumento das habilidades cognitivas dos estudantes, supostamente produzidas pelas escolas. Todavia o autor traça a seguinte cadeia de raciocínio da teoria do capital humano: a) as pessoas se educam; b) a educação tem como principal efeito mudar suas “habilidades” e “conhecimentos”; c) quanto mais uma pessoa estuda, maior sua habilidade cognitiva e maior sua produtividade; e d) maior produtividade permite que a pessoa perceba maiores rendas.

Críticas à parte, estudos inferem que a educação em nível superior e a educação continuada são as que mais propiciam os benefícios explicados pela teoria do capital humano, conforme sugerem Cunha, Cornachione Junior e Martins (2010); Silva (2012) e Chirotto (2014) em linha com o que salientam Soares et al. (2011a) quando afirmam que um título de pós-graduação em nível de mestrado ou doutorado torna-se um diferencial para o profissional no mercado de trabalho pois, em tese, resulta em aumento da empregabilidade, produtividade e potencial aumento de renda, melhoria na qualidade de vida e de oportunidades profissionais e sociais.

O estudo de Cunha, Cornachione Junior e Martins (2010) analisou as avaliações e percepções dos doutores em Ciências Contábeis egressos da FEA/USP sobre as influências do título de doutor nos seus desenvolvimentos e da sociedade, preconizadas pela teoria do capital humano, a partir de 19 fatores identificados na literatura, relacionados a seguir: respeitabilidade e reconhecimento acadêmico/profissional, diferenciação profissional, espírito acadêmico, amadurecimento pessoal, produção acadêmica, oportunidades na carreira, autonomia profissional, habilidades cognitivas, competências analíticas, empregabilidade, prestígio, produtividade, mobilidade profissional, responsabilidade social, *status*, remuneração, promoção social, estabilidade profissional e estilo de vida.

Os achados de Cunha, Cornachione Junior e Martins (2010) confirmaram as expectativas, explicações e previsões da teoria, visto que na percepção dos egressos os fatores apontados, passíveis de alteração pelo acréscimo de um maior nível de educação, foram sobremaneira influenciados com a titulação. Tendo sido muito bem avaliados pelos egressos, os autores concluem que cursar o Doutorado em Ciências Contábeis na FEA/USP influencia de forma positiva no desenvolvimento profissional e social do indivíduo, como sugere a teoria do capital humano.

Os mesmos fatores foram elencados por Moraes (2009) quando procurou identificar e analisar as relações entre os perfis demográficos e profissiográficos dos mestres em Ciências Contábeis titulados no Brasil, sob a óptica da teoria do capital humano e os indicadores de avaliação da Capes dos programas de pós-graduação desses egressos. Os cinco fatores mais bem avaliados estão relacionados com o espírito acadêmico, diferenciação profissional, amadurecimento pessoal, competências analíticas e respeitabilidade e reconhecimento acadêmico e profissional. A constatação é que na opinião dos egressos todos os 19 fatores foram significativamente influenciados pela titulação, corroborando a tese de que cursar o Mestrado em Ciências Contábeis influencia positivamente no desenvolvimento pessoal, profissional, social e financeiro do indivíduo como preconiza a teoria do capital humano.

O estudo de Silva (2012) traçou um perfil dos mestres em Ciências Contábeis da região sul do Brasil, considerando o enfoque da teoria do capital humano e constatou que a maioria dos formados naquela região (74%) realizou os estudos às suas expensas, buscando aprimorar-se profissionalmente por meio do aumento dos conhecimentos, habilitações e capacitações, visando contribuir de forma mais efetiva com a sociedade, auferir melhores rendimentos e alcançar uma melhor qualidade de vida, em sintonia com o que apregoa a teoria

do capital humano. Acreditam, portanto, que o investimento realizado para obter esta formação trará o retorno esperado.

Por sua vez, Zonatto et al. (2013) avaliaram a relação entre a qualificação docente e o desempenho acadêmico de 83 cursos de graduação em Ciências Contábeis de IES públicas e privadas da região sul do Brasil, que realizaram o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE) em 2009, as quais possuem neste curso, em média, 55% de professores mestres e 10% de doutores. Os achados mostram que as IES que obtiveram melhores conceitos foram as com maiores proporções de docentes formados em nível *stricto sensu*. De posse dos resultados, convergentes com a abordagem da teoria do capital humano, os autores sugerem a conveniência de as IES e os docentes interessados realizarem investimentos em qualificação profissional e concluíram que o *stricto sensu* contribui para o desenvolvimento e a acumulação de capital humano, o que gera benefícios a instituições, docentes e acadêmicos.

Outro estudo que utilizou os fatores apontados por Cunha, Cornachione Junior e Martins (2010), foi o de Chiroto (2014) que, ao analisar a influência do título de mestre nos egressos da FECAP, observou que a motivação para a escolha do mestrado decorreu de desejos como ampliar as possibilidades de trabalho, elevação da remuneração, realização e satisfação pessoal para ingressar na carreira de docente. A análise demonstrou que os cinco fatores de maior intensidade percebidos pelos mestres após a titulação foram espírito acadêmico, diferenciação profissional, competências analíticas, empregabilidade e oportunidades na carreira o que levou a autora a concluir que a titulação influenciou positivamente os egressos da FECAP, considerando os fatores preconizados pela teoria do capital humano.

As considerações aqui trazidas pelos estudos apresentados demonstram que a educação pode ser vista como um investimento, onde o indivíduo por meio de melhor qualificação consegue melhorar o seu próprio capital humano e, em consequência, obter os mais variados ganhos, além de financeiros, que redundarão em melhor qualidade de vida.

O escopo desta pesquisa é analisar as práticas adotadas pelos professores orientadores de TCC em Ciências Contábeis em IES que oferecem cursos de graduação e pós-graduação *stricto sensu* e se tais práticas de algum modo favorecem a integração entre a graduação e a pós-graduação *stricto sensu*. Pretende-se também identificar junto aos professores orientadores quais os fatores relacionados pela teoria do capital humano, passíveis de mudança em função do acréscimo de um maior nível de educação, eles consideram que

foram influenciados positivamente em decorrência titulação obtida e se tais fatores guardam alguma relação com o exercício das funções de orientador.

Contudo é factível supor que fatores tais como respeitabilidade e reconhecimento acadêmico/profissional, espírito acadêmico, produção acadêmica, prestígio, produtividade e *status* estejam perfeitamente aderentes e presentes em suas atividades. Tal suposição tem por base estudos como os de Moraes (2009), Silva (2012) e Chirotto (2014), cujos embasamentos teóricos é a teoria do capital humano, que mostram que uma das maiores e mais frequentes atribuições dos sujeitos de suas pesquisas (mestres e doutores em Ciências Contábeis) é justamente a orientação de TCC.

Por sua vez, ao ser orientado no TCC, o aluno toma parte de uma experiência positiva para sua formação acadêmica e profissional e eventual decisão em prosseguir os estudos, seja qual for o custo de oportunidade decorrente, se constituirá em um investimento, o que é explicado pela teoria do capital humano.

2.2. A GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS

2.2.1 O CENÁRIO NACIONAL

A Resolução nº. 03 de 3.10.1992, do Conselho Federal de Educação (CFE) implementou diversas novidades no ensino da contabilidade no Brasil, sendo a principal delas os currículos mínimos, elaborados com o propósito de estimular o conhecimento teórico e prático com vistas ao futuro exercício da profissão. Peleias et al. (2007) acrescentam que outra novidade introduzida por esta Resolução diz respeito ao agrupamento das disciplinas em categorias de conhecimentos de formação geral e de natureza humanística, conhecimentos de formação profissional e conhecimentos ou atividades de formação complementar.

O CFE foi extinto através da Lei 9.131, de 24/11/95, que criou o Conselho Nacional de Educação (CNE), composto pela Câmara de Educação Básica (CEB) e pela Câmara de Educação Superior (CES), tendo sido conferido a esta última a competência para a elaboração do projeto de Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), que viria orientar os cursos de graduação, em substituição aos currículos mínimos. O Parecer CNE/CES 146/2002 de 3 de abril de 2002 instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para 11 cursos de graduação (Direito, Ciências Econômicas, Administração, Ciências Contábeis, Turismo, Hotelaria,

Secretariado Executivo, Música, Dança, Teatro e Design) e definiu, a partir de então, o TCC como um conteúdo curricular opcional. Outras alterações viriam a ocorrer (Pareceres CNE/CES 289 de 6 de novembro de 2003 e CNE/CES 269 de 16 de setembro de 2004 e Resoluções CNE/CES 6 de 10 de março de 2004 e CNE/CES 10/2004, de 16 de dezembro de 2004).

Por esta última resolução os cursos de graduação em Ciências Contábeis deverão contemplar, em seus projetos pedagógicos e em sua organização curricular, conteúdos de formação básica, profissional e teórico-prático. As DCN são flexíveis e balizadoras do currículo, tendo as IES autonomia para desenvolver um currículo formador de um profissional mais coeso com a cultura, economia e sociedade local (SILVA et al., 2010; SOARES et al., 2011b), ou seja, em função da extensão territorial e diversidade regional do País, as IES devem preparar os egressos para o mundo do trabalho, em um aspecto globalizado, observadas as características e realidades regionais onde instaladas.

O mundo do trabalho dos contadores é composto, do lado da demanda, pelas organizações e demais usuários dos serviços contábeis, considerados como clientes das IES (OTT, PIRES, 2010). Os autores prosseguem o raciocínio ao afirmar que as IES devem colocar o bacharel em Ciências Contábeis no mercado com habilidades e conhecimentos necessários ao bom desempenho de suas atividades, o que deve ocorrer por meio dos currículos dos cursos e aquelas que têm esta preocupação devem considerar o ambiente no qual os futuros profissionais irão desempenhar suas atividades, de modo que haja aderência entre o ensino ofertado e as exigências do mundo do trabalho, o que pode se tornar um diferencial competitivo não só para os usuários dos serviços, como também os profissionais contábeis e para as próprias IES.

A partir da promulgação da Lei n°. 9394/96 (nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), verificou-se no País um crescimento na oferta de serviços educacionais, o que estimulou a concorrência entre as Instituições de Ensino Superior (IES), particularmente nos cursos de graduação e pós-graduação *lato sensu*. Este crescimento da oferta é apontado por Carvalho (2010, p. 20) como um fator que deve ser levado em conta ao analisar a qualidade dos cursos de Ciências Contábeis no Brasil. O autor adverte que se por um lado representa a democratização do ensino, por outro lado representa uma ameaça à qualidade dos cursos em virtude da falta de professores titulados e/ou com experiência para atender a demanda.

Entretanto a LDB estabeleceu algumas exigências quanto às adaptações dos projetos pedagógicos, da infraestrutura da instituição e da qualificação do corpo docente que deve ser composto com, pelo menos, um terço com titulação acadêmica de mestrado e doutorado. Esta última exigência causou a princípio algumas dificuldades em função da carência de professores titulados; contudo, o problema começa a ser mitigado a partir do aumento da oferta de programas de pós-graduação *stricto sensu* e, conseqüentemente, a formação de mais doutores e mestres em Ciências Contábeis. Os dispositivos da lei obrigaram as IES a se preocupar com a eficiência da gestão e, com isso, buscar cada vez mais a satisfação dos alunos através da melhoria da qualidade de seus serviços.

Em sua tese, Carvalho (2010, p. 128) discute as necessidades de alterações curriculares nos cursos de Ciências Contábeis, face à convergência das normas nacionais ao padrão internacional de contabilidade e chama a atenção para a necessidade de alterações na competência pedagógica do professor, em função do que ele enumera como defasagem em formação e competência pedagógica. O autor acrescenta que a maioria dos cursos de Ciências Contábeis são oferecidos no período noturno, tendo como realidade o fato que os professores são profissionais ou ex-profissionais de mercado, que atuam durante o dia e dobram a jornada ministrando aulas nos cursos superiores de Ciências Contábeis.

A observação de Carvalho (2010) é corroborada por Madureira, Succar Junior e Gomes (2013) que buscaram identificar quais métodos de ensino superior são aplicados pelos professores da Faculdade de Administração e Finanças nos cursos de Ciências Contábeis e de Administração de Empresas da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Dentre outros achados, constataram que 79,2% dos professores respondentes são oriundos do mercado e se dispuseram a uma segunda jornada de trabalho. Já com relação à experiência docente 37,5% dos que responderam o questionário têm experiência de até 10 anos e este total chega a 70,8%, quando incluídos os com experiência de até 20 anos. Desta forma os autores avaliam que estes professores podem agregar muito valor à formação tanto de futuros contabilistas quanto de futuros administradores.

Partindo da hipótese de que a qualificação docente está diretamente relacionada ao desempenho discente e tendo por base os resultados dos alunos dos cursos de Ciências Contábeis na avaliação ENADE 2009 e no exame de suficiência do CFC de 2011, Miranda, Nova e Cornacchione Junior (2013a) investigaram as qualificações acadêmica, profissional e pedagógica dos docentes que atuam nos cursos de Ciências Contábeis no Brasil. Os testes

realizados mostraram correlações positivas significantes apenas entre a qualificação acadêmica e o desempenho discente, não podendo desta forma afirmar que as IES com maiores índices de docentes com qualificação profissional e pedagógica façam com que seus alunos obtenham melhores desempenhos.

Outro trabalho semelhante de Miranda, Nova e Cornacchione Junior (2013b) teve foco na qualificação acadêmica, relacionada ao preparo para conduzir a pesquisa e na qualificação profissional, caracterizada pelo vínculo com as práticas profissionais atuais. Com base na teoria do capital humano, investigaram as variáveis relacionadas com o desempenho dos alunos no ENADE, por meio de um questionário aplicado a 218 IES com cursos de graduação em ciências contábeis. O resultados indicaram que 7% dos docentes possuem grau de Ph.D., 5% têm credenciais de auditor e 14% têm publicações relevantes, além de mostrar uma correlação positiva e significativa entre a qualificação acadêmica e o desempenho dos alunos; diante dos quais os autores indicam a necessidade de mais investimentos na formação acadêmica dos professores para melhorar a qualidade da educação contábil no Brasil.

Tanto na formação acadêmica quanto na qualificação profissional os docentes e os profissionais contábeis, atuais e futuros, após a edição da Lei 11.638/07 tiveram pouco tempo para o desafio de adotar e modificar procedimentos em função dos diversos pronunciamentos do Comitê de Pronunciamentos Contábeis – CPC, que promoveram importantes modificações na antiga Lei das S.A. (Lei 6.404/76). Após demonstrar a necessidade de adequação dos currículos dos cursos de graduação aos novos conhecimentos e competências requeridas pela adoção do padrão internacional de contabilidade, para o sucesso na formação dos egressos, Carvalho (2010) sugere que as IES e os coordenadores de curso despertem seu interesse para a competência pedagógica do professor universitário em Ciências Contábeis.

Outro aspecto importante e que merece destaque na formação contábil é a atividade de pesquisa. Souza, Silva e Araújo (2011) a definem como um dos compromissos sociais inerentes a qualquer curso de graduação e, portanto, deve ser estimulada, por meio da iniciação científica, logo após o ingresso do aluno de modo que ele possa desenvolver um olhar investigativo e crítico para as diversas situações que acontecem em seu cotidiano, o que irá contribuir para a melhoria de seu aspecto pessoal de vida e para o seu desempenho intelectual e profissional.

Entretanto não é o que ocorre com frequência, conforme aponta Santos (2013) ao investigar de que modo a pesquisa está presente na formação pedagógica de professores-

pesquisadores que atuam em curso de Ciências Contábeis oferecidos por IES na cidade de São Paulo. Como resultado de sua pesquisa, a autora constatou que eles tiveram poucas experiências de pesquisa no processo formativo tanto na graduação como na pós-graduação.

E é importante que este incentivo à investigação perdure por todo o curso, culminando com a produção do TCC, pois conforme observam Oliveira et al. (2015), quando previsto, o TCC abrange todos os alunos matriculados nos períodos finais, ocasião propícia para favorecer a aquisição de habilidades, síntese de conhecimentos e aquisição de autonomia intelectual para a vida profissional. Assim, o TCC deve ser compreendido como uma etapa de fundamental importância para a formação do aluno, e que o convida e o inspira a valorizar sua profissionalização.

Peixoto et al. (2014) avaliaram a contribuição da IC na elaboração do TCC no curso de ciências contábeis nas IES públicas do estado da Paraíba e constataram, em uma amostra de 109 concluintes do primeiro semestre de 2013, que esta atividade ainda é um processo incipiente entre os alunos das IES públicas pesquisadas. O relato dos alunos mostra que, em razão de a maioria deles estar no mercado de trabalho antes mesmo de concluir o curso, encontram dificuldades para realizar atividades extracurriculares, todavia consideram uma etapa importante e acreditam que a IC desenvolve habilidades e contribui para o seu desenvolvimento acadêmico, numa clara aproximação do estudante com a pesquisa.

2.2.2 O CENÁRIO INTERNACIONAL

O processo de globalização ocorrido nos últimos anos tem exigido que o relacionamento entre os países seja pautado pela adesão aos padrões, normas e políticas internacionais, o que representa muitos desafios para a atuação das empresas e, por consequência, do exercício e da formação do profissional contábil.

No campo educacional, os países adotam diferentes metodologias e abordagens no ensino da contabilidade, em função de suas políticas econômicas e sociais e consequentemente, os profissionais recebem formação com ênfase no desenvolvimento de habilidades e competências próximas àquelas exigidas pelo mercado de trabalho local. Em função desta diversidade curricular no ensino da contabilidade, os profissionais contábeis dispõem muito esforço para converter as demonstrações contábeis de diferentes países para um denominador econômico comum. (SANTOS, DOMINGUES, RIBEIRO, 2011).

Zonatto, Dani e Domingues (2011) citam o processo de harmonização das normas internacionais de Contabilidade como um dos eventos que emergem deste contexto e destacam a importância da inserção de disciplinas voltadas à Contabilidade Internacional no currículo dos cursos de graduação em Ciências Contábeis, posto que o processo de convergência contábil, que envolve cerca de 150 países do mundo todo, trará impactos tanto no ensino como nas IES.

A harmonização das normas contábeis tornou-se uma necessidade dos usuários externos e internos da informação contábil, uma vez que passaram a atuar em diversos mercados e a prestar contas aos usuários com necessidades variadas, pois o mercado cada vez mais globalizado exige profissionais preparados para atuar dentro e fora do seu país. (SEGANTINI et al., 2013).

De forma que o processo mundial de harmonização e convergência às normas internacionais de Contabilidade tem dado causa a preocupações quanto à configuração de uma grade curricular adequada ao ensino global do curso de graduação em Ciências Contábeis. Assim que a maioria dos países adotarem uma linguagem única no que diz respeito às práticas contábeis, os profissionais envolvidos terão maiores facilidades de atuação tanto dentro quanto fora de seus locais de origem.

Para que este processo contribua para a formação do profissional globalizado Riccio e Sakata (2004) salientam que o ensino contábil, no mundo todo, seja o mais semelhante possível, com conhecimentos harmonizados e globalizados, respeitadas as características históricas e culturais de cada país.

Campos e Lemes (2012) acrescentam que em decorrência das mudanças advindas com o processo da globalização, que afetaram a carreira dos contadores, a harmonização tanto das normas contábeis como também do ensino, se mostra pertinente nos dias atuais.

Portanto, na área contábil, um dos maiores desafios é formar profissionais aptos para atender às novas demandas surgidas em função das alterações ocorridas no ambiente de negócios e aplicar os requisitos das *International Financial Reporting Standards* (IFRS). Isto se traduz em uma das preocupações de organismos internacionais de Contabilidade como o *International Federation of Accountants* (IFAC), *American Institute of CPAs* (AICPA), *Accounting Education Change Commission* (AECC) e o *International Accounting Standards Board* (IASB), bem como da Organização das Nações Unidas (ONU) por meio de setores como o *Intergovernmental Working Group of Experts on International Standards of Accounting and Reporting/United Nations Conference on Trade and Development*

(ISAR/UNCTAD), conforme observam Riccio e Sakata (2004); Ott e Pires (2010) e Vendruscolo e Behar (2014).

Tendo por objetivo qualificar o ensino em âmbito mundial, a ONU, por meio do ISAR/UNCTAD, aprovou em 1999 dois importantes documentos para a formação do profissional em Contabilidade: o TD/B/COM.2/ISAR/5, denominado *Guideline for a Global Accounting Curriculum and Other Qualification Requirements* e o TD/B/COM.2/ISAR/6, denominado *Global Curriculum for the Professional Education of Professional Accountants*. Este último foi revisado em 2003 por meio do TD/B/COM.2/ISAR/21, *Revised Model Accounting Curriculum (MC)*.

O TD 5 é um documento de referência que foi preparado para toda a comunidade internacional, a fim de promover a harmonização global dos requisitos para qualificação profissional dos contabilistas. Tal harmonização tem por objetivo suprir as lacunas nos sistemas nacionais de formação, reduzir o custo dos acordos de reconhecimento mútuo e aumentar o comércio transfronteiriço de serviços contábeis. Embora existam normas internacionais para a prestação de serviços de contabilidade, não existem padrões globais para aos prestadores destes serviços.

São os seguintes os componentes de um sistema para a qualificação dos profissionais contabilistas, delineados no TD 5:

- a) Conhecimento e técnicas gerais;
- b) Formação profissional (técnica);
- c) Exames profissionais;
- d) Experiência prática;
- e) Formação profissional continuada,
- f) Um sistema de certificação.

Pereira et al. (2005), com base na leitura do TD 5, esclarecem que no quesito de formação geral, os contadores devem dominar os conhecimentos teóricos e ser capazes de aplicá-los a situações práticas da vida, além de desenvolver habilidades de obter, analisar, interpretar, avaliar e comunicar a informação.

Resumidamente as habilidades requeridas dos contabilistas profissionais são: habilidades intelectuais, habilidades interpessoais, habilidades de comunicação e habilidades de tecnologia da informação.

Quanto ao currículo, de acordo com o TD 21, este faz parte de um plano mais amplo, que servirá como referência para a qualificação dos profissionais de contabilidade e que, se for seguido, permitirá que desempenhem melhor suas funções e forneçam melhores serviços para a economia global. Trata-se de uma referência para os países que desejam harmonizar seu sistema de ensino contábil, de modo a atender aos princípios do processo de convergência das normas internacionais de contabilidade. Portanto cada país deverá desenvolver seus programas apropriados, determinar o tempo a ser dedicado a cada módulo, bem como adaptar o conteúdo às suas necessidades nacionais.

O objetivo é que o currículo proposto sirva de base para que as IES formulem seus próprios currículos, de modo a obter uma uniformização do ensino da Contabilidade. O modelo sugere um elenco de disciplinas que podem garantir melhor qualidade ao ensino contábil. Instituições com um currículo com maior aderência a essa proposta, tendem a oferecer a seus alunos, uma formação profissional mais adequada às necessidades de diferentes organizações, considerando-se o contexto atual (ZONATTO, DANI, DOMINGUES, 2011).

O TD21 propõe um plano de estudos que contém a descrição das questões técnicas que um profissional de Contabilidade deve dominar, destacando-se: conhecimento da organização e da atividade comercial; tecnologia da informação; conhecimentos contábeis e assuntos afins.

O objetivo é disponibilizar à comunidade acadêmica internacional uma descrição das áreas técnicas que o profissional contábil deve dominar com competência e habilidade, visando sua inserção no novo cenário global que se apresenta.

O plano detalhado compõe-se de 4 blocos e 24 módulos (quadro 1):

QUADRO 1 – CURRÍCULO MUNDIAL DE CONTABILIDADE – REVISADO

PROPOSTA DE CURRÍCULO MUNDIAL DE CONTABILIDADE (UNCTAD/ISAR, 2003) – MODELO REVISADO	
BLOCO 1	CONHECIMENTO DA ORGANIZAÇÃO E DA ATIVIDADE COMERCIAL
MÓDULOS	1.1 Economia 1.2 Métodos quantitativos e as estatísticas da atividade comercial 1.3 Políticas gerais das empresas, estrutura organizativa básica e comportamento das organizações 1.4 Funções e práticas da gestão e a administração das atividades 1.5 Comercialização 1.6 Operações comerciais internacionais
BLOCO 2	TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO
MÓDULO	2.1 Tecnologia da Informação (TI)
BLOCO 3	CONHECIMENTOS BÁSICOS DE CONTABILIDADE, AUDITORIA, TRIBUTAÇÃO E SETORES CONEXOS À CONTABILIDADE
MÓDULOS	3.1 Contabilidade básica 3.2 Contabilidade financeira 3.3 Contabilidade financeira avançada 3.4 Contabilidade gerencial – conceitos básicos 3.5 Contabilidade tributaria 3.6 Sistemas de informações contábeis 3.7 Direito comercial 3.8 Princípios fundamentais de garantia e a auditoria 3.9 Financiamento comercial e gestão financeira 3.10 Integração dos conhecimentos
BLOCO 4	OPTATIVO (AVANÇADO) DE CONTABILIDADE, FINANÇAS E CONHECIMENTOS AFINS
MÓDULOS	4.1 Evidenciação de Relatórios contábeis e contabilidade de nível avançado para indústrias especializadas 4.2 Contabilidade gerencial avançada 4.3 Contabilidade tributaria avançada 4.4 Direito comercial avançado 4.5 Auditoria avançada 4.6 Financiamento comercial avançado e gestão financeira 4.7 Estágio em contabilidade

Fonte: Elaborado pelo autor com base nas pesquisas

As IES não estão obrigadas a implementar o modelo de currículo mundial sugerido pela UNCTAD/ISAR. No Brasil elas possuem autonomia para elaborar seus currículos, devendo, porém, seguir as diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em Ciências Contábeis (Resolução nº 10/2004 do CNE).

2.2.3 ADERÊNCIA DOS CURRÍCULOS DAS IES BRASILEIRAS AO CURRÍCULO MUNDIAL DE CONTABILIDADE

Como consequência da implementação de conteúdos sobre harmonização contábil nas grades curriculares, a Resolução CNE 10/2004 estabelece que:

Os cursos de graduação em Ciências Contábeis, bacharelado, deverão contemplar, em seus projetos pedagógicos e em sua organização curricular, conteúdos que revelem conhecimento do cenário econômico e financeiro, nacional e internacional,

de forma a proporcionar a harmonização das normas e padrões internacionais de contabilidade, em conformidade com a formação exigida pela Organização Mundial do Comércio e pelas peculiaridades das organizações governamentais, observado o perfil definido para o formando (RESOLUÇÃO CNE 10/2004, art. 5).

Nota-se, portanto, que a Resolução 10/2004 determina que com relação ao currículo dos cursos de graduação em Ciências Contábeis as IES devem adotar disciplinas que contemplem os conteúdos de formação básica, de formação profissional e de formação teórico-prática, preparando os egressos para atuarem no contexto da harmonização contábil internacional. Resta certificar se, no cumprimento das normas, as IES brasileiras alinham suas grades curriculares ao modelo de currículo mundial proposto pelo UNCTAD/ISAR.

Apesar do lapso decorrido desde a edição do TD 21 (2003), a literatura registra poucos estudos neste sentido, sendo a maioria deles desenvolvidos a partir do início do processo de convergência das normas brasileiras de contabilidade do padrão internacional (Lei 11.638/07).

Os trabalhos de Riccio e Sakata (2004) e de Magalhães e Andrade (2006) desenvolvidos em campos de estudos diferentes apresentaram resultados convergentes.

Riccio e Sakata (2004) analisaram a grade curricular de 25 universidades brasileiras e 25 portuguesas em relação ao currículo mundial, enquanto que Magalhaes e Andrade (2006) direcionaram seu estudo no sentido de conhecer a forma como as IES instaladas em região economicamente frágil estão reagindo ao processo de globalização da economia, relativamente à formação de profissionais de contabilidade e nesse sentido buscaram diagnosticar, caracterizar e compreender o grau de aderência dos cursos de graduação em Ciências Contábeis do Estado do Piauí às diretrizes sugeridas pela ONU/UNCTAD/ISAR.

Os autores Riccio e Sakata (2004) constataram que, no geral, as universidades brasileiras estão mais próximas do modelo do que as portuguesas, contudo nenhuma delas informa seguir o currículo mundial. Analisando-se o alinhamento constaram que o bloco de conhecimentos administrativos e organizacionais – em ambos países – é o que apresentou maior aproximação e o que apresentou maior distanciamento foi o de conhecimentos gerais. Outras constatações, que poderiam dar indicativos do processo de globalização, foram a baixa quantidade de disciplinas de Tecnologia de Informação, de línguas estrangeiras e de Contabilidade Internacional na maioria das grades curriculares.

Por sua vez Magalhães e Andrade (2006) constataram que os currículos aplicados em 20 IES no Piauí não apresentam entre si grandes afastamentos em relação às sugestões do padrão internacional. Quando aplicada aos blocos de conhecimentos a análise revelou que o maior distanciamento ocorre nos blocos de Contabilidade e Assuntos Afins (44%), de Conhecimentos Gerais (41%) e Conhecimentos Administrativos e Organizacionais (38%), constatando também a pouca oferta de disciplina na área de Tecnologia de Informação, de línguas estrangeiras e a ausência de disciplinas relacionadas a negócios e temas internacionais.

Estudos mais recentes convergem entre si e mostram resultados diferentes dos citados anteriormente, denotando certo grau de progresso e melhoria no desenvolvimento dos currículos dos cursos de graduação em Ciências Contábeis no Brasil.

O estudo de Czesnat, Cunha e Domingues (2009) constatou que os currículos dos cursos de Ciências Contábeis das IES de Santa Catarina, listadas pelo MEC, possuem um alto grau de similaridade com o currículo mundial, visto que 88,27% das disciplinas dos currículos pesquisados estão adaptadas ao currículo mundial; no entanto, apenas quatro das universidades pesquisadas ofertam Contabilidade Internacional como disciplina obrigatória.

Análises semelhantes fizeram Santos, Domingues e Ribeiro (2011) em 72 IES do Estado do Paraná, listadas no MEC, constatando semelhante nível de aderência (88,38%) ao currículo mundial, enquanto que Zonatto, Dani e Domingues (2011) em 47 IES do Estado do Rio Grande do Sul, listadas no MEC, encontraram índice maior (91,73%) de aderência do currículo mundial. Ambos estudos, a exemplo de Czesnat, Cunha e Domingues (2009) apontaram para a baixa similaridade no que diz respeito a disciplinas voltadas para a área de tecnologia da informação e contabilidade internacional

Os estudos elencados englobam em seu campo de estudo tanto IES públicas (estaduais e federais) quanto privadas e os resultados mostrados refere-se à média de todas. Quando avaliadas individualmente as IES públicas federais apresentaram índices de aderência inferiores.

É o caso do trabalho de Cavalcanti et al. (2011) que abordou o currículo de 27 universidades federais, cujos resultados evidenciam que os currículos das IES pesquisadas apresentam menos de 50% de adequação às disciplinas sugeridas pelo Currículo Mundial de Contabilidade e que várias disciplinas ofertadas pelas universidades federais brasileiras não guardam correspondência com o Currículo Mundial. Os autores alertam para a necessidade de

implementação de disciplinas voltadas para a internacionalização dos negócios e para normas internacionais de contabilidade, face o cenário de mudanças e demandas atuais das práticas contábeis.

Por sua vez, Campos e Lemes (2012) realizaram um estudo comparativo com o objetivo de identificar, quantitativamente, o nível de semelhança entre o currículo mundial proposto com o adotado por 4 universidades federais do Estado de Minas Gerais. Verificou-se, que, em média, 57,68% dos conteúdos das universidades analisadas são similares ao currículo proposto pela ONU/UNCTAD/ISAR.

Apesar de não apresentar resultados em termos percentuais, Araújo, Medeiros e Vasconcelos (2014) constataram que todas as disciplinas oferecidas no curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Pernambuco demonstram similaridade com o currículo mundial, porém não o abrange por completo. Em linha com os achados em outros estudos citados, os autores notaram a insuficiência de disciplinas de Tecnologia de Informação e do pouco enfoque dado a temas internacionais.

Outros trabalhos apresentam comparações entre IES brasileiras e de outros países.

Erfurth e Domingues (2011) analisaram a similaridade dos currículos do ensino de graduação em Ciências Contábeis praticados no Brasil e na Argentina à luz do currículo mundial a constatação foi de que, no geral, as IES argentinas apresentam na análise comparativa maior similaridade com o CM, exceto com relação ao Estágio em Contabilidade que não é obrigatório naquele País.

Segantini et al. (2013) compararam a adequação dos currículos dos cursos de ciências contábeis de 4 universidades do Mercosul, sendo uma de cada país, com o currículo proposto pela UNCTAD/ISAR. As IES selecionadas foram: *Facultad de Ciencias Económicas de la Universidad de Buenos Aires* (Argentina); Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (Brasil); *Universidad Nacional de Asunción* (Paraguai); e *Facultad de Ciencias Económicas y de Administración de la Universidad de la República* (Uruguai). Os autores constataram alto grau de similaridade, em média 76,71% de semelhança entre as matérias dos currículos e quando analisadas individualmente as IES da Argentina, Brasil e Uruguai apresentaram índices bem próximos (80,00%, 80,56% e 81,82%, respectivamente) cabendo o menor índice (68,09%) à IES do Paraguai.

Por fim cabe salientar o currículo mundial proposto pela UNCTAD/ISAR não faz menção ao TCC, advindo daí a razão porque o tema não foi abordado em nenhum dos trabalhos citados e cabe acrescentar que nesta pesquisa não foram localizados estudos que indiquem a forma com o TCC é tratado em outros países.

2.2.3 A PESQUISA NA GRADUAÇÃO

É por meio da atividade de pesquisa que se constrói o conhecimento, a qual possibilita a construção e a transmissão de novos conhecimentos, de forma inédita, sem repetir algo já descoberto e escrito, anteriormente, por outro pesquisador (MACHADO et al., 2009).

Segundo o artigo 43 da LDB são finalidades do ensino superior, dentre outras: “incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura...”, bem como “promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação”. (BRASIL, 1996).

No âmbito da graduação a Resolução CNE/CES nº 10/2004 ao abordar a organização do PPP dos cursos de graduação em Ciências Contábeis, dentre outros aspectos, dá ênfase ao desenvolvimento de pesquisas, conforme dispõe o artigo 2º, parágrafo primeiro:

O Projeto Pedagógico, além da clara concepção do curso de graduação em Ciências Contábeis, com suas peculiaridades, seu currículo pleno e operacionalização, abrangerá, sem prejuízo de outros, os seguintes elementos estruturais: (...)

VIII - incentivo à pesquisa, como necessário prolongamento da atividade de ensino e como instrumento para a iniciação científica;

IX - concepção e composição das atividades de estágio curricular supervisionado, suas diferentes formas e condições de realização, observado o respectivo regulamento;

X - concepção e composição das atividades complementares;

XI - inclusão opcional de trabalho de conclusão de curso (TCC). (BRASIL, 2004)

As disposições legais elencadas qualificam a importância do incentivo à pesquisa na graduação, tanto para despertar no graduando o interesse pela produção científica como para sua melhor formação profissional. A pesquisa científica traz para o aluno de graduação novas habilidades, como pensar de forma lógica e analítica, levando-o a vários benefícios e lições tanto para vida acadêmica quanto pessoal. (SILVEIRA, ENSSLIN, VALMORBIDA, 2012).

As autoras ressaltam importância e as vantagens da pesquisa científica para o estudante de graduação, a saber:

- a) Ensinar o aluno a ser mais crítico na leitura de um texto, ou seja, aprender a apontar a relevância maior de um em comparação ao outro;
- b) Possuir certo domínio de um assunto faz com que a pessoa se torne mais apta para enfrentar dificuldades futuras;
- c) A pesquisa científica o encaminha para o programa de pós-graduação, agregando maior qualidade aos cursos;
- d) O convívio com pesquisadores mais experientes, junto do seu professor orientador, fazendo com que o aluno tenha ideias mais criativas e sensatas do que se estivesse estudando sozinho.

Matos et al. (2011) discordam das autoras quanto à afirmação de que a pesquisa científica encaminha o aluno para o programa de pós-graduação. Salientam os autores que não é sempre que se nota a existência de propostas que promovam a integração entre a graduação e pós-graduação. A este respeito Lordelo, Silva e Teixeira (2015) analisaram o impacto da iniciação científica na continuidade e na antecipação de mestrados, a partir do universo de bolsistas de cinco editais de uma universidade pública. Os autores concluíram que a IC, apesar da baixa capacidade preditiva, teve influência na antecipação da formação, entretanto o curso de graduação em Ciências Contábeis foi excluído do estudo devido ao pequeno número de participantes.

A produção científica, na concepção de Casagrande et al. (2012), é uma atividade que tem a finalidade de consolidar e disseminar cientificamente o conhecimento em todos os ramos da ciência, a partir da geração e construção de ideias, da inovação e da ampliação da pesquisa por meio de estudos e pesquisas acadêmicas e seu local de referência é a universidade.

A pesquisa possibilita a construção e transmissão de novos conhecimentos, de forma inédita, sem a repetição de algo que já foi descoberto e escrito, anteriormente, por outro pesquisador. É por meio da atividade de pesquisa que se constrói o conhecimento, e este está disseminado de forma diretamente ligada à aprendizagem (MACHADO et al., 2009, p 40).

Amaral e Nunes (2009) salientam que a pesquisa científica possibilita o amadurecimento pessoal, profissional e intelectual do indivíduo, ao exigir dele todo um conjunto de atitudes proativas no sentido de exercitar a interpretação, a compreensão e a

solução dos problemas. As autoras aduzem, ainda, que a elaboração de um TCC ou qualquer produção acadêmica desempenham papel importante, na medida em que ensejam a aplicação de conceitos acumulados e a solução de situações-problemas, bem como a capacidade de planejar, organizar e operacionalizar um estudo específico sobre determinado tema, o que possibilita a efetiva produção do conhecimento e não a simples reprodução de conteúdos já vistos e aprendidos.

Dallabona, Oliveira e Rausch (2011) acrescentam que a disseminação do conhecimento é consolidada a partir da produção científica, onde as pesquisas assumem importância relevante para que pesquisadores, cientistas, administradores e demais usuários se atualizem e solidifiquem o conhecimento científico sobre os mais variados temas, a partir da divulgação de estudos desenvolvidos por meio dos diversos veículos de comunicação.

Desta forma Pessoa Junior e Lima (2015) estabelecem a ligação entre ensino e pesquisa, que para o aluno pode proporcionar um método diferenciado de aprendizagem e para o professor uma forma mais dinâmica de ensino, orientando o aluno a alcançar e produzir o conhecimento. Os autores dizem que o mesmo ocorre com a Ciência Contábil, cuja evolução ocorre à medida que novas pesquisas são feitas e o conhecimento delas obtido é disseminado.

Em pesquisa realizada com 262 alunos de 6 universidades federais do Sul do Brasil, Krüger et al. (2013) verificaram que a maioria (225 alunos) já realizou a leitura de pelo menos um artigo científico; menos da metade (120 alunos) já escreveu pelo menos um artigo e destes apenas 40 alunos publicaram pelo menos um artigo elaborado. Os sujeitos da pesquisa também relataram que procederam à leitura e elaboração de artigos por exigência de alguma disciplina e apontaram como fatores limitadores a dificuldade na coleta de dados e a falta de tempo; esta também uma das dificuldades enfrentadas pelas IES do estado do Rio Grande do Sul para incentivar os graduandos a participarem de pesquisas científicas, pois os alunos, em sua maioria, estudam no período noturno e trabalham durante o dia, conforme constatado por Machado et al. (2009).

A alegada falta de tempo é sim um fator limitador ao desenvolvimento das pesquisas, pois a pesquisa é uma atividade que requer disponibilidade e envolvimento. (LAFFIN, 2000).

Por sua vez Souza, Silva e Araújo (2011) realizaram uma pesquisa com o objetivo geral de identificar a percepção dos alunos do curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal do Rio Grande do Norte sobre a produção científica na graduação, por meio de um

questionário aplicado junto a uma amostra composta por 155 estudantes do 7º, 8º e 9º períodos. Os resultados revelaram que 61% dos alunos realizaram alguma pesquisa científica durante a graduação; 84% sentem dificuldade nas atividades de pesquisa (a maior dificuldade é a redação científica) e 73% disseram possuir maior domínio para lidar com referências bibliográficas. Constatou-se ainda, que 93% dos discentes consideraram necessária a melhoria da formação acadêmica para o desenvolvimento da produção científica e que 38% sugeriram que a IES proporcione mais oportunidades de pesquisa, como forma de melhorar a formação científica do curso de Ciências Contábeis.

Tendo ainda como campo de pesquisa a UFRN, o trabalho de Pessoa Junior e Lima (2015) investigou a percepção dos discentes do curso de ciências contábeis daquela IES quanto a importância da pesquisa e aos incentivos oferecidos na graduação. Realizada com 219 discentes a pesquisa apontou que os graduandos dizem ser incentivados a ler e produzir artigos e ainda têm uma boa taxa de participação em eventos científicos, entretanto o nível de produção averiguada é baixo. Os autores concluem que o resultado pode indicar que a IES tenta cumprir com sua obrigação de promover a pesquisa na graduação e pode não haver interesse ou percepção por parte dos alunos quanto a importância da participação em pesquisa.

A respeito de sua importância para o desenvolvimento do aluno, pode-se inferir que a prática de pesquisas durante a graduação facilita a continuidade dos estudos na pós-graduação.

Foi o que mostrou o trabalho de Pinto, Paula e Alves (2010) com os alunos das turmas de 2009 e 2010 do mestrado em Ciências Contábeis da UERJ, cujo objetivo foi verificar a existência de alguma relação entre as experiências com a pesquisa durante a graduação e as possíveis dificuldades na elaboração de artigos técnico científicos. Por meio de um questionário obtiveram informações a respeito da graduação e da experiência com a pesquisa científica dos alunos e por fim abordaram a experiência do discente na pós-graduação, buscando identificar a existência de alguma relação entre as dificuldades no mestrado com as experiências na graduação.

Neste estudo Pinto, Paula e Alves (2010) constataram que, dentre as variáveis analisadas, o interesse durante a graduação é a peça chave para se explicar o grau de dificuldade dos mestrados na elaboração de artigos e que o interesse pela pesquisa é

influenciado pelo incentivo que as IES possam oferecer, em termos de financiamento, a projetos de pesquisa.

A qualidade do ensino das universidades tem sido muito questionada, principalmente no que se refere à qualidade. Considerando que o mercado de trabalho se mostra cada vez mais exigente e competitivo, exigindo um novo perfil dos profissionais da área contábil, faz-se necessário que os métodos e técnicas de ensino sejam revistas, de modo a formar profissionais com o perfil desejado pelo mercado. Uma das formas de desenvolver tal perfil é através da técnica da pesquisa (CASTRO et al., 2006).

Em linha com este pensamento, Patrício et al. (2011) sugerem o aperfeiçoamento das práticas pedagógicas de maneira que processos cotidianos de ensino e aprendizagem se transformem em espaços onde ocorra maior produção e menos reprodução de conhecimentos; onde alunos e professores disponham de ferramentas adequadas de pesquisas e possam desenvolver os conteúdos que necessitam aprender e ensinar devidamente integradas ao contexto da vida e da profissão. Desta forma, salientam os autores, torna-se necessário o uso de outras estratégias além do TCC e de projetos isolados de pesquisa.

O TCC pode assim ser considerado como um dos meios de pesquisa e produção científica. Todavia por ser um componente curricular opcional nem todas as IES o adotam, o que reforça a constatação de alguns estudos (CASTRO et al., 2006; PEIXOTO et al., 2014; PESSOA JUNIOR, LIMA, 2015) que apontam a incipiência do processo de iniciação científica nos cursos de graduação em Ciências Contábeis. Conforme assevera Patrício et al. (2011) “há graduandos que, durante a vida acadêmica, tem no trabalho de conclusão de curso (TCC) sua única oportunidade de aprender a pesquisar”.

2.3 O TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

A Resolução nº. 10, de 16 de dezembro de 2004, do Conselho Nacional de Educação instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Ciências Contábeis, em nível de bacharelado. Ao tratar da organização curricular para os cursos de Ciências Contábeis por meio de Projeto Pedagógico, a referida Resolução define o TCC como componente opcional de cada IES que, ao adotá-lo, poderá ser desenvolvido nas modalidades de monografia, projeto de iniciação científica ou projetos de atividades centrados em áreas teórico-práticas e de formação profissional relacionadas com o curso.

Com o objetivo de contribuir com alguns pontos indicados na Resolução CNE/CES nº 10/04, o Conselho Federal de Contabilidade (CFC) elaborou uma proposta curricular aplicável aos cursos de graduação em Ciências Contábeis (CARNEIRO, 2009). A proposta, que poderá ser adaptada às realidades das IES, também contempla um modelo de regulamento e diretrizes de TCC, onde a instituição poderá escolher pela monografia e/ou artigo, sendo a monografia a mais utilizada, o que vem ao encontro da opinião de Ricardino (2011) que diz ser esta a forma preferida pelas IES. Embora seja opcional, o CFC sugere que o TCC seja um componente curricular obrigatório.

Faria, Cunha e Felipe (2007, p. 14) conceituam que o termo TCC deve ser utilizado no caso de um trabalho monográfico, em que o aluno irá potencializar as atividades e conhecimentos adquiridos durante o curso, diferindo dos demais trabalhos desenvolvidos nas disciplinas específicas por possuir um caráter científico. Esta conceituação é corroborada por Oliveira et al. (2015) que definem o TCC como um componente curricular que representa o resultado de um estudo e deve expressar o conhecimento de um determinado assunto desenvolvido pelo aluno, assim como a sua trajetória durante o período da graduação. O objetivo é produzir conhecimento novo e relevante, através da reflexão detalhada, resultante de um processo investigativo.

O TCC coloca o aluno em contato com a pesquisa científica, uma vez que deve ser elaborado com rigor metodológico. De acordo com Machado e Silva (2007) a elaboração do TCC, como parte da exigência do currículo da Instituição é o primeiro contato com a iniciação científica para muitos formandos, com o que corrobora Severino (2010, p. 202), ao acrescentar que esta primeira experiência de realização de uma pesquisa contribui de forma positiva para uma boa aprendizagem.

De modo que o processo de ensino-aprendizagem não está limitado às atividades desenvolvidas em sala de aula, mas ao conjunto de componentes que estão previstos no Projeto Pedagógico do curso e entre esses componentes está TCC, conforme asseveram Cunha; Vogt e Biavatti (2015).

Ricardino (2011) relaciona como objetivos gerais do TCC:

- a) dar oportunidade ao desenvolvimento de capacidades intelectuais, habilidades e atitudes imprescindíveis ao desenvolvimento profissional do aluno;
- b) fornecer condições favoráveis à aplicação e à integração de conhecimentos adquiridos em outras disciplinas do curso;

c) favorecer o desenvolvimento de atitude crítica mediante processo de iniciação científica.

O TCC propicia ao acadêmico aprender a observar, a formular uma questão de pesquisa, a encontrar dados e instrumentais que permitam elucidar sua questão expressando suas descobertas e suas novas indagações (RAUSCH, 2008). A autora acrescenta que o objetivo principal do TCC é fazer com que o aluno possa desenvolver sua capacidade científica e, com isso, de forma crítica e reflexiva relacionar aspectos teóricos e práticos em sua profissão.

Além de ajudar o futuro profissional na resolução de problemas afetos à profissão, o TCC funciona como um incentivo ao prosseguimento dos estudos e da pesquisa, mesmo porque um trabalho científico não termina ao ser elaborado ou divulgado; ele serve de estímulo e incentivo para outros trabalhos. Peixoto et al. (2014) acrescentam que o TCC pode ser visto tanto quanto uma oportunidade de ampliação dos conhecimentos já adquiridos pelo aluno durante o curso, como um procedimento de iniciação científica, do qual se configura como um instrumento metodológico na busca de significados, o que permite a construção de novos conhecimentos.

Dado o seu caráter científico o TCC deve ser elaborado com rigor metodológico e seguir as normas da ABNT. Entretanto não são todas as IES que disponibilizam em sua grade curricular a disciplina de Metodologia Científica, fato este que Machado e Silva (2007) chamam a atenção quando relatam que

a falta de conhecimento, por parte do aluno, e a não exigência, pelos professores, quanto à aplicação dos métodos científicos nos trabalhos desenvolvidos nas disciplinas, são fatores de entrave no momento de cursar disciplinas direcionadas a elaboração e execução de monografias acadêmicas e/ou de realizar tais trabalhos de pesquisa.

Os autores advertem sobre a necessidade de reflexão e revisão no que diz respeito à introdução dos conceitos científicos na graduação, desde o seu início.

Ainda com referência à disciplina de Metodologia Científica Machado et al. (2009) destacam que ela fornece o embasamento teórico que o graduando necessita para se realizar, de modo sistemático, os mais variados tipos de pesquisa, contribuindo assim com o desenvolvimento da capacidade do graduando para elaborar os mais diferentes tipos de pesquisas científicas, onde se inclui naturalmente o TCC.

Uma dificuldade para elaboração do TCC apontada por Martinelo, Porton e Loch (2009) é o pouco tempo disponível que os alunos têm para se dedicarem ao TCC, devido ao trabalho em horário integral e as demais atividades acadêmicas. Outros inibidores apontados pelos autores dizem respeito a disciplinas do curso que não preparam o acadêmico para o TCC e a carência de bibliografia sobre o tema, dificultando assim a revisão de literatura. Consta-se, muitas vezes, que na concepção do aluno, o TCC é apenas mais uma exigência no cumprimento do currículo, que se materializa na mera descrição de um fato consubstanciado (LAFIN, 2000).

Anholon, Pinto e Moretti (2008) fazem observação semelhante quando apontam que muitos alunos ainda possuem dúvidas relacionadas aos conceitos metodológicos utilizados nas pesquisas científicas, mesmo quando tais conceitos tenham sido ensinados nos primeiros anos de graduação e ressaltam que cabe a instituição em seu papel fundamental a correção dessa lacuna.

Existem várias formas ou modalidades para elaborar o TCC, de acordo com Oliveira et al. (2015), as quais respeitam as características de cada curso de graduação e devem seguir as propostas pedagógicas, os objetivos e regulamentos do curso, bem como as condições e recursos disponíveis para seu desenvolvimento, sendo de grande relevância para a formação do aluno. Segundo os mesmos autores a elaboração do TCC pode resultar da busca em diversas fontes de informações, dentre elas: a literatura científica publicada nas diversas bases de dados, de documentos e dos resultados de um projeto de pesquisa ou extensão.

Campos Filho et al. (2015) complementam ao afirmar que não há formato único para o TCC, o qual pode ser apresentado na forma de um artigo científico, monografia, relatório de pesquisa, estudo de caso ou caso clínico, modelagem ou simulação, revisão de literatura ou bibliográfica, relato de experiência de atividade curricular e até mesmo a elaboração ou desenvolvimento de um produto.

Por sua vez, Degasperi et al. (2015) salientam que o TCC exige orientação para execução e prevê acompanhamento e avaliação constante, visto tratar-se de uma atividade acadêmica obrigatória precedida de um projeto. De forma que em cada uma das etapas a aprendizagem deve ser examinada e corrigida criteriosamente, com o objetivo de melhorar o desempenho do aluno e fornecer subsídios para sua autonomia intelectual no processo de elaboração do trabalho. Os autores ensinam que o TCC pode ser dividido em etapas ou fases (quadro 2).

QUADRO 2 – FASES DE ELABORAÇÃO DO TCC

FASES DE ELABORAÇÃO DO TCC	
Planejamento	O aluno deve revelar iniciativa e autonomia na busca de um tema de estudo que apresente originalidade e relevância acadêmica e social com possibilidades de sua execução na graduação. Muitos temas oferecem a capacidade de recuperar, reorganizar e reelaborar os conhecimentos adquiridos ao longo do curso. Escolhido o tema, o aluno deve ser capaz de descrevê-lo e contextualizá-lo corretamente. Nesta fase é importante a indicação de recursos metodológicos e/ou estratégias que deverão ser utilizados para a coleta de dados.
Desenvolvimento	É necessário que o aluno seja capaz de selecionar fontes / bibliografias e atentar para sua atualidade e profundidade; organizar e aprimorar os registros dessas fontes; analisar criticamente o material, evitar excesso de transcrições literárias e de interpretar e relacionar os dados, tendo o projeto como referencial. O trabalho deve apresentar adequação e encadeamento lógico entre as partes, as quais devem revelar autoria de texto. O aluno deve ser capaz de elaborar novos conhecimentos a partir da análise dos dados.
Conclusão	O aluno deve apresentar a versão final ao relacionar as informações e os dados obtidos na construção do TCC e, se necessário, reelaborar a redação. Deverá apresentar síntese das ideias e argumentos na forma de deduções lógicas, comentar a respeito dos resultados e sugerir recomendações para aprofundamento e/ou aplicação do estudo. Também se espera que o aluno mostre empenho em construir uma contribuição pessoal para o tema estudado.
Socialização	É esperado que o aluno discuta a apresentação do TCC, quando for o caso, com o seu orientador. É importante que ele revele empenho no preparo do material que será apresentado à banca, ao público ou a convidados e durante a apresentação mostrar clareza, objetividade, desenvoltura e domínio do conteúdo trabalhado, bem como responder adequadamente às observações e questões apontadas pela banca.

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em Degasperi et al. (2015)

Para a elaboração do TCC o graduando deverá eleger um tema, desenvolver pesquisas e por meio de procedimentos metodológicos proceder a análise, interpretar dados, discorrer sobre o assunto, apresentar suas conclusões como resultado final e para tornar o trabalho mais enriquecido poderá apoiar-se em uma teoria de base, superando vários fatores limitadores. A IES por sua vez, além de designar o professor orientador, exerce papel de fundamental importância quando facilita as pesquisas e a elaboração do trabalho por meio de disciplinas específicas ou qualquer outra fonte de informação. Os trabalhos relatados a seguir analisam algumas destas variáveis.

Anhalt, Colle e Dittadi (2010) analisaram as características temáticas e metodológicas utilizadas nos TCC em Ciências Contábeis, da Universidade do Oeste de Santa Catarina nos *campi* de São Miguel do Oeste e de Pinhalzinho referentes ao período de 2006 a 2008 em uma amostra de 107 trabalhos. Os temas mais frequentes foram: Contabilidade de Custos, Controle Interno, Planejamento e Controle Empresarial, Evidenciação e Análise das Demonstrações Contábeis e Contabilidade Gerencial. Em relação à metodologia, a pesquisa exploratória foi utilizada em mais da metade dos trabalhos e o procedimento mais adotado foi o estudo de caso, na mesma proporção da pesquisa exploratória e a abordagem qualitativa.

Quanto aos segmentos econômicos, a área industrial, o setor público e cooperativas tiveram maior destaque.

Ainda sobre temas utilizados em TCC, o trabalho de Brizolla, Basso e Soschinski (2014) teve por objetivo identificar quais os preferidos pelos alunos do Curso de Ciências Contábeis da Unijuí e que foram objetos do TCC das turmas de concluintes no triênio 2011/2013. Verificou-se que no período foram realizados 132 trabalhos, sendo que 60% deles foram desenvolvidos nas áreas de serviços e do comércio e que a área de atuação profissional de Custos respondeu por 44 trabalhos no triênio o que representa 33% dos TCC, sendo esta a temática priorizada.

Por sua vez o artigo de Carboni e Nogueira (2004) teve como objetivo caracterizar o perfil dos alunos do 8º semestre de graduação em Enfermagem e identificar os fatores que facilitam e dificultam, para os estudantes, a elaboração do TCC, ou monografia. Tratou-se de uma pesquisa exploratória realizada em uma IES privada na cidade de São Paulo com 76 alunos e os entrevistados relataram que suas maiores dificuldades foram tempo, custos e procura de um orientador, e o que mais facilitou foi a oportunidade de aprender a realizar pesquisa, o fato de possuir um orientador e o poder de escolha do tema.

Martinelo, Porton e Loch (2009) identificaram aspectos inibidores e facilitadores que interferem na elaboração do TCC, através de questionário com 88 respondentes e como resultado constataram a existência de dificuldades e facilidades de ordens institucional e pessoal em diversos níveis. Na análise geral alguns fatores que dificultam são falta de tempo para estudo, poucas horas disponibilizadas para orientação, pouca habilidade em desenvolver trabalhos volumosos, extrair conclusões e redigi-las. Nota-se também dificuldades quanto à elaboração de instrumentos de pesquisa, tabulação dos dados, análise e interpretação. Como elementos facilitadores denotam a importância de um acervo bibliográfico atualizado, manutenção de contatos periódicos com o orientador, produção acadêmica no decorrer do curso e padronização dos critérios exigidos pelos professores.

O estudo de Machado e Silva (2007) analisou as características dos TCC da graduação em Administração com habilitação em Comércio Exterior em uma IES do Sul do País. O objetivo foi identificar as áreas temáticas de desenvolvimento dos estudos e analisar a definição do problema de pesquisa, fundamentação teórica, metodologia, elaboração e apresentação de dados e considerações finais. Foram pesquisadas 19 monografias, defendidas e aprovadas no segundo semestre de 2005 e constatou-se que os trabalhos seguiram estrutura

científica básica e desenvolveram referencial teórico coerente e lógico, porém é necessário aprimorar a formação básica do aluno quanto aos métodos e procedimentos científicos, sendo oportuno que estes sejam trabalhados em outras pesquisas do curso em questão.

Mais recente, o trabalho de Cunha, Vogt e Biavatti (2015) buscou identificar a percepção dos alunos dos cursos de Ciências Contábeis sobre a contribuição do TCC e do Estágio Curricular na aprendizagem, por meio de questionário em escala de Likert. Foram entrevistados 53 alunos que concluíram o TCC e 18 que realizaram o Estágio Curricular de cinco IES da Mesorregião do Vale do Itajaí (SC). Os resultados evidenciaram que, na percepção dos alunos, a maior contribuição foi o conhecimento técnico obtido, além de outras, como entrar em contato com diferentes ambientes informativos e aprimorar os conhecimentos sobre os aspectos científicos, bem como contribuir para aspectos relacionados às habilidades de leitura e escrita, porém pouco contribuiu para promover o contato com fontes de língua estrangeira.

Diante da constatação que muitos alunos ainda apresentavam dúvidas quanto aos procedimentos metodológicos para a elaboração do TCC, a coordenação do curso de Administração de Empresas das Faculdades Integradas Metropolitanas de Campinas (Metrocamp) buscou a solução utilizando a disciplina Atividades Complementares III. Anholon, Pinto e Moretti (2008) relatam que, alocada no quinto semestre, desde 2005, a disciplina tem como temática principal a elaboração de artigos científicos e apresentação dos mesmos, simulando eventos acadêmicos.

Os autores dizem que a referida disciplina possui correlação direta com o estágio supervisionado, desenvolvido no sexto semestre, e com as disciplinas Monografia de Conclusão de Curso I e II, ministradas respectivamente no sétimo e oitavo semestres. Os resultados coletados entre os anos de 2005 e 2007 demonstraram que a nova estrutura da disciplina, apresentando os conceitos metodológicos e, na sequência, direcionando o aluno para a elaboração de um artigo científico, contribuiu de maneira decisiva para uma monografia mais bem estruturada e com melhor conteúdo levando os autores a concluir que restou comprovado que a disciplina realmente contribuiu para um melhor aproveitamento dos alunos na elaboração de seus TCC.

Além do aprendizado por meio de disciplinas específicas e da orientação recebida do professor orientador, o graduando pode encontrar subsídios na literatura para a elaboração do TCC, visto que existe uma quantidade razoável de livros publicados sobre o assunto.

Em pesquisa ao acervo virtual das bibliotecas das IES objeto desta pesquisa, com o uso das palavras chave “TCC”, “trabalhos de conclusão de curso” e “monografia”, após excluídas as replicações dos acervos, foi constatada a existência de 167 títulos. No caso da USP, devido ao porte da universidade, a pesquisa ficou restrita à biblioteca da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade. Um fato observado foi a existência de apenas 2 livros abordando especificamente o tema “contabilidade” contra 5 sobre administração e 22 sobre direito.

2.3.1 ORIENTAÇÃO DE TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO

Consoante as Diretrizes Curriculares Nacionais o aluno concluinte da graduação ao elaborar o TCC terá direito ao acompanhamento de um professor orientador, destacado do quadro docente da própria IES, cuja escolha poderá ser do próprio aluno ou designado pela coordenação do curso. Geralmente é uma atividade acadêmica obrigatória precedida de um projeto e que exige orientação para execução, o que prevê acompanhamento e avaliação constante (DEGASPERI et al., 2015).

De acordo com Ferreira, Furtado e Silveira (2009) a orientação pode ser confiada a docentes qualificados, detentores dos conhecimentos de uma linha de pesquisa consolidada, com produção científica relevante e familiarizados com a organização e sistemática operacional do Programa ao qual estão vinculados. Ricardino (2011) esclarece que a princípio todo professor poderá ser elegível, contudo a escolha usual da instituição é por aqueles que têm mais titulação (doutor ou mestre) em função de sua maior experiência.

Campos Filho et al. (2015) asseveram que o professor orientador de TCC exerce papel fundamental na condução e acompanhamento do orientando. Espera-se dele o conhecimento técnico e a experiência adequados à orientação de trabalhos acadêmicos, o que requer boa capacidade de comunicação interpessoal, disposição para a ler e para apontar novas perspectivas para a realização do trabalho. Os autores enumeram como atribuições diretas do professor: orientações técnicas, metodológicas e normativas (bem como acompanhamento e recomendações para eventuais mudanças no rumo), assim como participações em bancas avaliadoras dos trabalhos quando estipulado no Projeto Pedagógico.

O processo de orientação pressupõe a indicação e monitoramento de uma série de atividades, tais como leituras, estudos dirigidos, estágios de pesquisa e atendimento a cursos

ou disciplinas que possam ampliar ou completar conhecimentos do aluno na área específica de seu interesse, conforme observam Ferreira, Furtado e Silveira (2009). Acrescentam ainda que a orientação inclui o encaminhamento e a supervisão do candidato na montagem e execução de sua própria pesquisa, o que compreende todas as etapas da investigação, análise crítica e discussão dos resultados e redação final da tese e do artigo científico oriundos.

Pelo exposto, o que se depreende é a importância da interação entre orientador e orientando para a construção do conhecimento.

Assim, algumas qualidades tornam-se indispensáveis a um orientador, além do conhecimento e experiência apropriados: profissionalismo, interesse, flexibilidade, paciência, comunicação, criatividade, respeito, honestidade, responsabilidade, organização, o respeito de seus pares e a integração com uma rede internacional de contatos. Por outro lado, cabe aos alunos orientandos: motivação, objetividade, curiosidade, entusiasmo, ambição, respeito, autodisciplina e dedicação (FERREIRA; FURTADO; SILVEIRA, 2009, p. 172).

Rausch e Sadalla (2008) tratam a orientação como um processo rico de aprendizagem, tanto para o orientador como para o orientando, com o que concordam Ferreira, Furtado e Silveira (2009) ao acrescentar que tal relação se traduz em benefícios bilaterais, uma vez que para o orientando os resultados são os crescimentos pessoal, profissional e acadêmico, encorajamento, direção, desenvolvimento de senso crítico, independência e autoconfiança. Já para o orientador resulta em aumento da satisfação pessoal, estímulo, oportunidade de manter-se atualizado em termos de técnicas e conhecimento, aumento da habilidade para atrair novos colaboradores para projetos atuais e futuros, além de proporcionar oportunidade para criar um legado em gerações futuras na linha de pesquisa.

Todavia, conforme enfatizam Pithan e Vidal (2013) a bibliografia nacional sobre a relação entre orientandos e orientadores é escassa, sendo que as funções deste também não são claramente determinadas em obras de metodologia da pesquisa ou do ensino onde pouca ou nenhuma atenção é dispensada ao processo de orientação.

Moraes (2005) alerta para que os professores tenham consciência da necessidade de aprimoramento constante para melhor cumprir o papel de orientadores/educadores. Entretanto, a literatura registra poucos trabalhos acadêmicos que tratam da formação e atualização de professores orientadores de trabalhos científicos. Mesmo o processo de orientação em si não tem sido objeto de estudos. A este respeito Pithan e Vidal (2013) se pronunciam da seguinte forma: “Em obras voltadas para o ensino da prática da pesquisa, de metodologia científica, pouca ou nenhuma atenção é dispensada ao processo de orientação”.

Ao investigar fatores facilitadores para a elaboração do TCC de alunos do curso de enfermagem de uma IES privada da cidade de São Paulo, Carboni e Nogueira (2004) obtiveram como resposta que um dos fatores que mais facilitou a pesquisa dos alunos foi o fato de possuir um orientador. Krüger et al. (2013) ao analisar a inserção de alunos de ciências contábeis das universidades federais do sul do país, observaram que eles iniciam a elaboração de artigos em sua maioria por exigência de alguma disciplina, demonstrando assim a importância do professor na elaboração de artigos por parte dos alunos.

Leite Filho e Martins (2007) conduziram um estudo com objetivo de discutir a relação orientador-orientando e suas influências no processo de produção de teses e dissertações dos programas de pós-graduação *stricto sensu* em Contabilidade na cidade de São Paulo. Encontraram evidências de que os orientadores tendem a valorizar características técnicas dos orientandos, enquanto estes valorizam as características afetivas e pessoais dos orientadores. Outra constatação foram relatos da tendência de encontros assistemáticos de orientação, em clima de autocracia, sem efeitos significativos na qualidade do trabalho e mesmo quando sistematizados, carecem de maior estruturação, o que provoca sentimentos adversos, como insegurança, angústia e solidão nos orientandos. Carmo, Machado e Cogan (2014) também apontam o relacionamento conflituoso com o orientador como um dos dificultadores do TCC.

Casagrande et al. (2012) realizaram um estudo para verificar se o conhecimento dos docentes do Curso de Graduação em Ciências Contábeis da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), disseminado em suas publicações científicas, contribuiu para sua atividade de orientação de TCC nos anos de 2008 e 2009. O trabalho classificado como uma pesquisa descritiva, de natureza qualitativa, por meio de um *survey*, com fonte de coleta de dados secundária (currículo Lattes dos docentes) destacou, dentre os resultados, que 57% dos docentes possuíam no máximo 7 orientações e que existe um alinhamento de 61% quanto à orientação de TCC e às publicações científicas dos docentes que orientaram nos anos de 2008 e 2009, o que caracteriza que eles estão capacitados para auxiliar e orientar os discentes.

Dias, Patrus e Magalhães (2012) em seu artigo fazem a descrição de um modelo de orientação que vem sendo por eles utilizado com êxito. Os autores salientam que a função de orientar trabalhos acadêmicos não costuma ser objeto de aprendizagem na formação dos professores, que aprendem na prática e para os alunos, escrever a monografia é desgastante. Tendo em vista essa lacuna, o texto oferece ao meio acadêmico uma alternativa de orientação

de trabalhos acadêmicos, por meio de uma planilha didática. Com este modelo esperam assim minimizar a lacuna presente na literatura, que aponta a ausência de parâmetros de orientação.

Outra função do professor orientador é quanto à percepção do plágio. Com o crescente aumento no número de casos de plágio acadêmico, o controle dessa prática é um dos grandes desafios para os orientadores (OLIVEIRA et al., 2015). Os autores destacam que o acompanhamento do orientador possibilita a identificação precoce do plágio, pois permite verificar textos suspeitos; utilizar recursos para avaliar, arquivar, corrigir e registrar o material apresentado pelos alunos. Neste sentido, Pithan e Vidal (2013) destacam o papel educativo do professor orientador de trabalhos acadêmicos de graduação e pós-graduação.

2.3.2 ÉTICA E PERCEPÇÃO DE PLÁGIO NA ELABORAÇÃO DO TCC

Como define Vazquez (2003, p. 23) “a ética é a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade” e em sentido de maior amplitude, dado por Sá (2001, p. 15) ética pode ser definida como “a ciência da conduta humana, perante o ser e seus semelhantes”.

No campo do comportamento Alonso, Lopes e Castrucci (2006, p. 39) estabelecem que a ética diferencia os “atos humanos” dos “atos do homem”, posto que os primeiros, sejam eles bons ou maus, são regidos por conteúdos de moralidade, de inteligência, de vontade ou amorosidade, podendo ser julgados pela própria consciência.

Dado que as pessoas não pensam e não agem de maneira uniforme, diferentes tipos de comportamentos afloram nas relações humanas, daí sobressai a importância do pensar e agir com princípios éticos de modo a garantir uma convivência pacífica e harmoniosa. E esse comportamento deve permear a conduta dos indivíduos também dentro das organizações e no exercício profissional.

Sá (2001, p. 130) destaca que o exercício profissional contábil é uma das profissões mais antigas do mundo e que evolui junto com a sociedade, sendo uma das mais requeridas e difundidas, posto que toda empresa e toda instituição necessitam de um profissional com conhecimentos de Contabilidade. E este profissional no exercício de sua profissão trabalha com a prestação de informações e orientações acerca da evolução do patrimônio, o que enseja o cumprimento de deveres sociais, legais, econômicos e à tomada de decisões administrativas.

O ser que se dedica à Contabilidade possui deveres para com a regularidade do emprego racional da riqueza nas empresas, nas instituições diversas, assim como perante o ensino, a pesquisa, a difusão cultural e educacional, o mercado, a sociedade e também na produção de provas e opiniões sobre comportamentos do patrimônio (SÁ, 2001, p. 131).

Berlatto et al. (2015) dizem da importância da ética no exercício profissional do contabilista, haja vista que seu principal papel é o demonstrar, com clareza e confiança, as informações contábeis aos seus clientes, uma vez que qualquer alteração nos dados fornecidos prejudica a credibilidade das informações, podendo inclusive prejudicar os clientes na tomada de decisões.

Kraemer (2001) trata da relevância da formação do estudante de Contabilidade – futuro Contador – e das inquietações e desafios que se impõem ao espírito criativo dos professores face as responsabilidades inerentes ao exercício das atividades do profissional contábil, onde eventuais deslizes cometidos podem induzir terceiros a diversos tipos de erros. A autora assevera que o futuro de uma profissão é construído passo a passo, desde o ingresso na universidade até a formatura.

Semelhante observação é feita por Santos e Jesus (2002) quando enfatizam que o profissional, por maior que seja seu conhecimento técnico, jamais será respeitado caso não preze seu lado ético. É esta consciência deverá despertada já na sua formação, tarefa que cabe ao professor. As autoras acrescentam que a questão da ética não deve ser trabalhada apenas em disciplina específica, Ética, mas que seja objeto de abordagens adequadas nas demais disciplinas em situações que envolvam a ética na teoria e na prática.

Um aspecto ético com o qual os professores se deparam no processo de formação dos futuros profissionais diz respeito ao plágio de trabalhos acadêmicos em geral e, em particular, na elaboração do TCC.

O plágio ocorre quando uma pessoa faz uma apropriação indevida de algum trabalho produzido por outra, sem lhe dar o devido crédito, agindo como se estivesse produzindo algo de sua autoria. No meio acadêmico acontece com alguma frequência, o que gera grande repercussão negativa, mostrando que é um problema sério que não pode ser ignorado.

Barbastefano e Souza (2007) afirmam que os direitos autorais se inserem no campo da chamada propriedade intelectual e têm por objeto assegurar os direitos morais e patrimoniais do autor em relação à obra que criou, de forma que cabe a ele o direito exclusivo de utilizar, fruir e dispor da obra, seja ela literária, artística ou científica.

Por sua vez, Gomes et al. (2015) ensinam que “o direito autoral compõe uma das especificidades da propriedade intelectual ou imaterial e engloba a propriedade literária, científica e artística”, tendo por objetivo proteger as criações de cunho intelectual, ou seja, aquelas de caráter artístico-científico que abrangem obras de arte, como a pintura e a escultura; obras musicais e literaturas infantis cantadas; obras literárias, como os romances e a poesia; acadêmico-científicas, como teses, dissertações, artigos, livros técnicos e programas de computador, entre outros.

No meio artístico e literário o plágio tem o efeito de provocar prejuízo econômico ao autor da obra plagiada, o que dificilmente ocorre no meio acadêmico. Conforme ressaltam Fachini e Domingues (2008) especificamente nas publicações científicas oriundas dos PPG, o plágio normalmente não gera lucro, uma vez que o legítimo autor, mesmo tendo seus trabalhos publicados em periódicos ou anais de congressos, nada recebe por eles.

De acordo com Pithan e Vidal (2013) o plágio tem sido motivo de preocupações crescentes no meio acadêmico brasileiro; inclusive órgãos públicos de financiamento de pesquisa científica, tais como CNPq, CAPES e FAPESP, desde o ano de 2011, têm emitido documentos orientando as IES a tomarem medidas preventivas e punitivas quando for detectado algum caso de fraude, o que inclui o plágio. No âmbito universitário, as autoras chamam a atenção para o papel educativo do professor orientador.

A questão das fraudes e do plágio perceptível com frequência na realização de trabalhos acadêmicos, incluindo o TCC, pode ser associada aos casos noticiados, com frequência cada vez maior, de comércio de trabalhos acadêmicos. Uma busca rápida na *Internet* mostra a quantidade de trabalhos prontos oferecidos aos alunos que se sujeitam à pura cópia, o que faz com que o futuro profissional perca a importante experiência de aprendizagem oferecida pelo TCC que relaciona a teoria e a prática. (NEVES, RUSSI, 2007). Ademais a compra de trabalhos prontos se constitui em crime de plágio, sujeito às penalidades previstas no Código Penal, sem prejuízo de outras sanções como indenizações, ações de busca e apreensão e outras medidas previstas Código Civil.

Entende-se por plágio de uma obra literária, artística ou científica quando existe a cópia da mesma realizada por outra pessoa que alega sua autoria. No caso do TCC, o plágio ocorre quando um indivíduo reproduz trechos de um trabalho científico de alguém sem colocar os créditos para o autor original (ausência de citação). Casos mais graves podem apresentar cópia integral de um trabalho e alegação de autoria. (CAMPOS FILHO et al., 2015, p. 23)

A propósito conforme salientam Barbastefano e Souza (2007) e Valente et al. (2007), a *Internet* é vista como uma das mais importantes fontes de conhecimentos e consultas para estudantes e pesquisadores. Entretanto passou a ser motivo de preocupação no meio acadêmico em virtude da facilidade com que permite o plágio, desde os seus tempos iniciais quando já despontava grande quantidade de *sites* especializados em fornecer cópias de trabalhos acadêmicos, problema este que cresceu e que exige a tomada de medidas para resolver ou, pelo menos, minimizar o problema.

O trabalho de Barbastefano e Souza (2007) investigou o conhecimento sobre direito autoral junto a alunos de graduação de Engenharia de Produção do CEFET-RJ, com o objetivo de propor uma política de esclarecimento e combate ao plágio. Através da aplicação de questionários verificou-se o nível de conhecimentos acerca da legislação, uso de citações, paráfrases e imagens. Os autores registraram sua preocupação ao constatar que o plágio acadêmico ao ocorrer nos níveis de formação básica poderá fazer com que os alunos que aprendem a usar indevidamente as fontes nesta fase, poderão continuar a usá-las da mesma forma durante educação superior e, futuramente, em trabalhos de pesquisa na pós-graduação.

Por sua vez Valente et al. (2007) realizaram uma pesquisa com 276 alunos de 1º a 5º ano da graduação em Ciências Contábeis de uma IES Pública do Estado do Paraná, com o objetivo de identificar e analisar os fatores que levam os acadêmicos do referido curso a entregar aos professores trabalhos prontos retirados da internet. Os resultados obtidos apontaram os seguintes motivos: falta de tempo, o mais citado; preguiça de pesquisar; falta de empenho; falta de interesse dos alunos e motivação por notas. O fato de os alunos entenderem que alguns professores não leem os trabalhos também colabora para a prática; no entanto a maior constatação da pesquisa, segundo os autores, é a confirmação de que a utilização de trabalhos prontos está sendo empregada corriqueiramente nos meios universitários.

O uso do plágio pode ocorrer também por mero desconhecimento, de acordo com Fachini e Domingues (2008) quando enfatizam que no mundo acadêmico, ao iniciar um PPG, o estudante detém pouco conhecimento sobre produção científica e plágio, possivelmente em razão da pequena exigência de produção científica na graduação. De forma que o professor orientador de trabalhos científicos de pesquisa, incluindo o TCC, deverá ficar atento e alertar o aluno sobre as consequências e a gravidade de reproduzir um texto sem a citação do autor e, ao observar tal ocorrência em trabalhos sob sua orientação, exigir as devidas correções. Em linha

com este pensamento, Gomes et al. (2015) salientam que o papel do professor orientador é o de garantir a autenticidade do TCC e o de preservar a integridade moral de seu aluno.

O trabalho de Fachini e Domingues (2008) teve por objetivo identificar a percepção do plágio acadêmico entre os alunos dos PPGs em Administração e Ciências Contábeis em uma IES do sul do Brasil. Os autores constataram que os alunos reconhecem o plágio como crime, embora não saibam utilizar corretamente os recursos de citação direta e indireta. Outros achados da pesquisa apontam que conceitos mais específicos como domínio público são desconhecidos para a maioria dos respondentes e que o conhecimento da matéria é basicamente intuitivo, não apresentando qualquer relação com possíveis orientações recebidas em sala de aula.

Desta forma, Fachini e Domingues (2008) e Krokosz (2011) destacam a importância da disciplina de metodologia da pesquisa e sugerem que seu conteúdo não só apresente e discuta o plágio e a lei dos direitos autorais, como também enfatize o preparo técnico dos alunos na produção de textos, tanto na maneira de empregar adequadamente os recursos de elaboração textual, como é o caso do uso de paráfrases, bem como a correta indicação de autores (citações) e identificação dos documentos consultados (referências). Na mesma linha, Pithan e Vidal (2013) opinam que as IES devem enfrentar a questão do plágio com estratégias pedagógicas focadas à educação moral, voltadas no desenvolvimento da aprendizagem sobre a integridade científica.

Portanto o plágio acadêmico deve ser encarado como uma prática condenável e mesmo que não ocasione prejuízos de ordem econômica e financeira, trata-se de uma atitude condenável sob o ponto de vista da ética, devendo ser combatida sempre que diagnosticada. Como diz Krokosz (2011, p. XX) “é mais importante evitar o plágio do que reconhecê-lo e puni-lo, embora isso seja imprescindível para que a prática não se torne banal”

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

3.1 TIPO DE PESQUISA

Para atingir o objetivo de evidenciar as práticas adotadas pelos orientadores de TCC em Ciências Contábeis, optou-se por esta pesquisa caracterizada como descritiva quanto ao tipo e qualitativa quanto à abordagem. De acordo com Vieira (2009) a pesquisa qualitativa não é generalizável, mas exploratória, posto que o pesquisador basicamente procura levantar as opiniões, as crenças, o significado das coisas nas palavras dos participantes da pesquisa. Pereira (2012) diz que a pesquisa descritiva, por meio de técnicas padronizadas de coleta de dados, visa descrever as características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis e assume, em geral, a forma de levantamento.

Uma pesquisa com abordagem qualitativa foca o entendimento do fenômeno e seu significado, mais do que a incidência do fenômeno propriamente dito (OLIVEIRA, D. M. T., 2011). Nesse sentido, prossegue o autor, a pesquisa qualitativa tem como principais características o contato direto entre pesquisador e pesquisados e o exame e investigação profunda de amostras reduzidas ou pequeno número de observações. Responde a questões muito particulares (MINAYO, 2010, p. 21). Pereira (2012) acrescenta que o pesquisador é o instrumento chave e os dados obtidos são analisados de forma indutiva, ou seja, não requerem o emprego de métodos e técnicas estatísticas.

Desta forma é definida a presente pesquisa que, para atingir seu objetivo, buscou entender, analisar e interpretar a percepção dos professores orientadores quanto aos propósitos do TCC de curso de graduação em Ciências Contábeis, pois conforme salientam Collis e Hussey (2005), a pesquisa descritiva é empregada quando se deseja obter informações sobre as características de um determinado problema ou questão. Martins e Theóphilo (2007) acrescentam que os dados obtidos por meio da pesquisa qualitativa, por não serem passíveis de mensuração, requerem descrições, compreensões, interpretações e análises de informações, fatos, ocorrência e evidências que naturalmente não são expressos por dados e números.

3.2 CAMPO DE ESTUDO, POPULAÇÃO E AMOSTRA

Tendo presente a questão de pesquisa e o objetivo deste trabalho, que buscam identificar e analisar as práticas adotadas pelos orientadores dos TCC de graduação em Ciências Contábeis, delimitou-se este estudo a quatro IES localizadas na cidade de São Paulo (quadro 3). A escolha do campo de estudo se justifica porque são as que oferecem cursos de graduação e de pós-graduação *stricto sensu* em Ciências Contábeis, conforme dados da CAPES, além da facilidade de acesso.

QUADRO 3 – IES COM PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* NA CIDADE DE SÃO PAULO

Sigla	IES	Nome do Programa
FECAP	Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado	Ciências Contábeis
PUC/SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	Ciências Contábeis e Atuariais
UPM	Universidade Presbiteriana Mackenzie	Ciências Contábeis
FEA/USP	Universidade de São Paulo	Controladoria e Contabilidade

Fonte: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (2014)

A população, assim entendida a totalidade dos elementos que possuem determinadas características (SCATOLA, 2013) é composta pela totalidade de professores que lecionam nos cursos de graduação e pós-graduação *stricto sensu* em Ciências Contábeis das IES que compõem o campo de estudo (tabela 1) e dentre estes a amostra recaiu sobre os que orientam TCC na graduação.

TABELA 1 – DEFINIÇÃO DA POPULAÇÃO E AMOSTRA

IES	Professores que lecionam nos cursos de Ciências Contábeis					
	Quantidade de Professores	Graduação			<i>Stricto Sensu</i>	
		Orientam TCC	Lecionam no <i>Stricto Sensu</i>	Quantidade de Professores	Orientam TCC na graduação	Lecionam na Graduação
FECAP	50	5	2	9	1	2
PUC/SP	39	6	5	11	0	5
UPM	46	9	9	10	9	9
FEA/USP	39	12	20	20	12	20
TOTAL	174	32	36	50	22	36

Fonte: Elaborado pelo autor, com base nas pesquisas

Definiu-se como meta entrevistar 3 professores do curso de Ciências Contábeis de cada IES, perfazendo uma amostra de 12 professores. Para a seleção dos professores foram

considerados aqueles titulados com doutorado ou mestrado, que atuam ou não no *stricto sensu*.

3.3 MÉTODOS, TÉCNICAS, PROCEDIMENTOS DE COLETA DOS DADOS

A técnica de recolha dos dados se dará através de entrevista em profundidade, análise documental e nuvem de palavras.

3.3.1 ENTREVISTA

No caso da entrevista, conforme esclarecem Martins e Theóphilo (2009), trata-se de uma técnica de pesquisa para coleta de informações, dados e evidências que, com base nas suposições e conjecturas do pesquisador, tem por objetivo entender e compreender o significado básico que os entrevistados atribuem a questões e situações, em contextos que não foram estruturados anteriormente. Minayo (2010, p.64) acrescenta que o objetivo desta técnica é a construção de informações e a abordagem, pelo entrevistador, de temas pertinentes para um projeto de pesquisa.

Por entrevista aberta ou em profundidade, entende-se aquela em que o informante é convidado a falar livremente sobre um tema e as perguntas do investigador, quando são feitas, buscam dar mais profundidade às reflexões. (MINAYO, 2010, p. 64). De acordo com Oliveira, D. M. T. (2011), é uma alternativa de abordagem individual, tradicional e muito usada em pesquisa qualitativa. Vieira (2009) acrescenta que as entrevistas em profundidade não são, necessariamente, menos abrangentes, contudo busca-se o detalhe e as perguntas do entrevistador seriam apenas no sentido de obter mais esclarecimentos sobre eventuais dúvidas a respeito do que disse o entrevistado.

As entrevistas “em profundidade” são aquelas que apresentam uma maior flexibilidade, permitindo ao entrevistado construir suas respostas sem ficar preso a um nível mais rigoroso de diretividade e mediação por parte do entrevistador, como acontece no caso do uso de questionário ou de uma entrevista totalmente estruturada. (OLIVEIRA; MARTINS; VASCONCELOS, 2012, p. 5).

De forma que nas entrevistas em profundidade não há preocupação em quantificar as respostas, pois o objetivo é conhecer o que sentem os entrevistados, de forma que não se utiliza questionário e sim um roteiro contendo as áreas de estudo a serem abordadas pelo

entrevistador, conforme ensina Herlinger (2011). Corrobora com esta assertiva o que preconizam Martins e Theóphilo (2007) quando afirmam que, neste caso, o entrevistado é abordado pelo entrevistador para obtenção de informações sobre um tema específico, a fim de levantar motivações, crenças, percepções e atitudes em relação a certa situação e/ou objeto de investigação

3.3.1.1 ELABORAÇÃO DO INSTRUMENTO DE PESQUISA

Visto que a coleta de dados se dará por meio de entrevistas em profundidade não foi elaborado um instrumento formal de pesquisa. Conforme salientam Oliveira, Martins e Vasconcelos (2012) este tipo de entrevista, ao contrário do questionário ou de uma entrevista totalmente estruturada, apresenta uma maior flexibilidade, o que permite ao entrevistado construir suas respostas sem ficar preso a um nível mais rigoroso de diretividade e mediação por parte do entrevistador.

Ao considerar que para este método deve ser utilizado um roteiro contendo as áreas de estudo a serem abordadas pelo pesquisador, a entrevista foi guiada da seguinte forma:

a) **primeira parte:** em complemento às informações obtidas no exame dos *Curricula Lattes*, tem por objetivo conhecer as características profissionais dos entrevistados a partir de questões como: formação acadêmica, titulação, tempo de experiência no ensino superior, disciplinas que leciona, tempo de experiência como orientador, linhas de pesquisa, publicações e outras atividades fora da docência (quadro 4).

QUADRO 4 – ELABORAÇÃO DO INSTRUMENTO DE PESQUISA – CARACTERÍSTICAS PROFISSIONAIS DOS ENTREVISTADOS

1 - Identificação:		
2 – Formação Acadêmica	Graduação em:	
	Especialização em:	
	Mestrado em:	
	Doutorado em:	
3 – Tempo de docência		
4 – Disciplinas que leciona na graduação		

5 – Linhas de pesquisa	
6 – Publicações: Tipo/Qtde	
7 – Tempo de experiência como orientador	
8 – Outras atividades	

Fonte: Elaborado pelo autor

b) **segunda parte**: tem por objetivo evidenciar as práticas de orientação de TCC na graduação em Ciências Contábeis e a integração com a pós-graduação *Strictu Sensu*, por meio da identificação de 4 categorias, elaboradas com base nos objetivos desta pesquisa e com aderência à literatura revista no capítulo 2 (fundamentação teórica), onde foram identificadas um total de 11 subcategorias. Das subcategorias identificadas foram extraídas 43 questões-chave do tipo semiestruturadas, iguais para todos os sujeitos da pesquisa, de modo a estabelecer comparações entre as respostas obtidas (quadro 5).

A partir das falas dos sujeitos de pesquisa, buscou-se também verificar a forma como as IES tratam e avaliam o TCC e a sua importância para a formação acadêmica e profissional do aluno.

QUADRO 5 – ELABORAÇÃO DO INSTRUMENTO DE PESQUISA – ENTREVISTA

Categorias	Subcategorias	Perguntas	Referências
1 – Práticas de Orientação de TCC	1-1 – Fases do TCC: dificuldades, formato, acompanhamento e correção	1-1-1 – Comente sobre o que pode ser considerado como um bom TCC em tua opinião. 1-1-2 – Enumere quais seriam, na tua concepção, as principais finalidades do TCC. 1-1-3 – Quais os tipos de dificuldades relatadas pelos alunos no processo de orientação e como lida com elas? 1-1-4 – Como avalia a bibliografia disponível sobre o assunto? 1-1-5 – Prepara seus orientandos a trabalhar com rigor metodológico ou a IES oferece disciplina de metodologia? 1-1-6 – Estabelece algum cronograma/rotina de trabalho ou deixa a cargo dos alunos? 1-1-7 – Como procede à correção dos trabalhos?	Laffin (2000); Sá (2001); Carboni e Nogueira (2004); Moraes (2005); Pozzebon (2005); Barbastefano e Souza (2007); Cervo, Bervian e Silva (2007); Faria, Cunha e Felipe (2007); Leite Filho e Martins (2007); Machado e Silva (2007); Valente et al (2007); Anholon, Pinto e Moretti (2008); Fachini e Domingues (2008); Rausch (2008); Amaral e Nunes (2009); Ferreira, Furtado e Silveira (2009); Machado et al (2009); Martino, Porton e Loch (2009); Severino (2010); Dallabona, Oliveira e Rausch (2011); Krokosz (2011); Patrício et al (2011) Ricardino (2011); Souza, Silva e Araújo (2011); Casagrande et al (2012); Silveira, Einsslin e Valmorbida (2012); Krüger et al (2013); Pithan e Vidal (2013); Brizolla, Basso e Soschinski (2014);
	1-2 – Percepção quanto ao desenvolvimento e aprendizado discente na elaboração do TCC	1-2-1 – Considera que o TCC contribui para o aprendizado discente? 1-2-2 – Na tua percepção quais as principais habilidades que os alunos desenvolvem ao elaborar o TCC? 1-2-3 – Considera que o TCC contribui para a inserção do aluno na pesquisa científica?	
	1-3 – Atitudes frente ao plágio acadêmico	1-3-1 – Alguma vez já se deparou com uma situação de plágio em trabalho acadêmico? 1-3-2 – De que forma identifica se um trabalho foi objeto de plágio? 1-3-3 – Qual a melhor maneira para coibir a prática do plágio? 1-3-4 – Como agiria se um orientando de TCC apresentasse um trabalho com sinais evidentes de plágio? 1-3-5 – Tua IES tem alguma política sobre esta questão? 1-3-6 – Os alunos usam o termo de consentimento livre e esclarecido?	
	1-4 – Pesquisa na graduação e TCC	1-4-1 – Comente sobre a importância da pesquisa para a formação do aluno. 1-4-2 – Costuma comentar e/ou utilizar tuas pesquisas em sala de	

		<p>aula?</p> <p>1-4-3 – Em tua IES os alunos mantêm contato com a pesquisa ao longo do curso ou apenas no TCC?</p>	<p>Carmo, Machado e Cogan (2014); Peixoto et al. (2014); Campos Filho et al (2015); Cunha, Vogt e Biavatti (2015); Degasperi et al (2015); Oliveira et al (2015) Pessoa Junior e Lima (2015)</p>
2 – Integração Graduação x Pós-graduação	2-1 – Sequência da carreira acadêmica dos orientados no TCC	<p>2-1-1 – O que fazer para que o aluno graduado desperte interesse para a pós-graduação <i>stricto sensu</i>?</p> <p>2-1-2 – O TCC pode ser um indutor para que o aluno graduado prossiga seus estudos?</p> <p>2-1-3 – Considera que o TCC contribui para inserir o aluno no mundo do trabalho? Comente sobre isso.</p>	<p>Castro et al (2006); Rausch (2008); Ferreira, Furtado e Silveira (2009); Machado et al (2009); Silva et al (2009); Castro Filho (2010); Severino (2010); Matos et al (2011); Souza, Silva e Araújo (2011); Ricardino (2011); Casagrande et al (2012) Peixoto et al (2014) Santos e Leal (2014); Lordelo, Silva e Teixeira (2015);</p>
	2-2 – Orientação no TCC e no <i>stricto sensu</i> : linhas de pesquisa	<p>2-2-1 – Desenvolve algum projeto de pesquisa atualmente?</p> <p>2-2-2 – Tem por praxe convidar alunos para participar de seus projetos de pesquisa e de que forma se dá a participação?</p> <p>2-2-3 – Qual seria a importância de os alunos graduandos participarem?</p> <p>2-2-4 – Permite o livre acesso dos alunos da graduação aos trabalhos desenvolvidos pelos do <i>stricto sensu</i> e vice-versa?</p>	
3 – O TCC no Projeto Pedagógico da IES	3-1 – O que as IES fazem com o TCC	<p>3-1-1 – Na tua IES existe algum tipo de classificação do TCC, algo como ruim, bom, excelente?</p> <p>3-1-2 – Como se dá a divulgação do TCC em tua IES?</p> <p>3-1-3 – Na tua IES o TCC é utilizado como fonte de pesquisa por outros alunos?</p> <p>3-1-4 – Na tua IES os alunos são estimulados a desenvolver outro tipo de trabalho a partir do TCC?</p>	<p>Laffin (2000); Masetto (2003); Ferreira, Furtado e Silveira (2009); Machado et al (2009); Felício (2010); Severino (2010); Ricardino (2011); Casagrande et al (2012); Dias, Patrus e Magalhães (2012); Pithan e Vidal (2013);</p>
	3-2 – Processo de escolha dos orientadores	<p>3-2-1 – Destaque os requisitos necessários para ser um orientador aqui na tua IES.</p> <p>3-2-2 – Os critérios são diferentes na graduação e no <i>stricto sensu</i>?</p>	

		<p>3-2-3 – A quem cabe a escolha do orientador?</p> <p>3-2-4 – Tua IES impõe limite quanto a quantidade de orientados por professor?</p> <p>3-2-5 – Tua IES proporciona alguma forma de formação e/ou atualização dos orientadores?</p>	<p>Scatola (2013); Brizolla, Basso e Soschinski (2014); Carmo, Machado e Cogan (2014); Peixoto et al (2014); Campos Filho et al (2015) Degaspero et al (2015);</p>
	3-3 – Participação dos docentes no PPP da IES	<p>3-3-1 – Sobre o teu grau de conhecimento do PPP da IES, sabe se ele é revisado ou discutido periodicamente?</p> <p>3-3-2 – Tua IES estimula a participação dos docentes na elaboração / revisão do PPP?</p> <p>3-3-3 – Você já participou da elaboração/revisão do PPP de tua IES?</p>	
4 – Aspectos motivacionais e de satisfação do orientador	4-1 – Ganhos pessoais e profissionais após a titulação	<p>4-1-1 – Descreva o que você considera como ganhos pessoais após a obtenção de seu grau de mestre/doutor.</p> <p>4-1-2 – E no aspecto profissional quais foram os ganhos?</p>	<p>Lima (1980); Carboni e Nogueira (2004); Cunha (2007); Rausch e Sadalla (2008) Ferreira, Furtado e Silveira (2009); Moraes (2009); Cunha, Cornacchione Junior e Martins (2010); Martins e Monte (2010); Miranda (2011); Ricardino; (2011); Soares et al (2011“a”); Dias, Patrus e Magalhães (2012); Silva (2012); Krüger et al (2013); Miranda, Nova e Cornacchione Junior (2013); Pithan e Vidal (2013); Chiroto (2014) Campos Filho et al (2015)</p>
	4-2 – Importância da titulação do orientador	<p>4-2-1 – Comente sobre a importância de sua titulação para o exercício da atividade de orientador.</p> <p>4-2-2 – Descreva o que você considera como ganhos pessoais com o exercício da função de orientador.</p> <p>4-2-3 – E no aspecto profissional quais foram os ganhos?</p>	

Fonte: Elaborado pelo autor.

3.3.1.2 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

Finalizado o instrumento de pesquisa, realizou-se o contato com o coordenador dos cursos de Ciências Contábeis das IES com o intuito de obter indicação de professores orientadores de TCC que pudessem participar da pesquisa.

A partir das indicações foram direcionados 19 e-mails (Apêndice “A”) explicando os objetivos da pesquisa e convidando os professores a participar por meio de entrevista, tendo como meta entrevistar 3 professores de cada IES.

Os convites foram direcionados entre os dias 28 e 29 de junho e neste mesmo período foram obtidas 8 respostas. No dia 02 de julho foram encaminhados novos e-mails para os não respondentes onde foram obtidas mais 2 respostas. Finalmente em terceira tentativa, no dia 08 de julho foram encaminhados novos e-mails para os ainda não respondentes, tendo sido obtidas 3 respostas.

Dos 13 professores que responderam ao convite, 12 o fizeram afirmativamente e um declinou de participar, todavia não foi possível atingir a meta traçada de entrevistar 3 professores orientadores de cada IES. A tabela 2 sintetiza a quantidade de convidados, de respondentes e de entrevistados por IES.

TABELA 2 – SÍNTESE DAS ENTREVISTAS

IES	Convidados	Responderam	Não responderam	Entrevistados
FECAP	5	5	-	2
PUC	4	2	2	2
MACKENZIE	4	2	2	1
USP	6	4	2	3
Total	19	13	6	8

Fonte: Elaborado pelo autor

As entrevistas ocorreram no período de 29 de junho a 03 de agosto de 2016, sendo 5 presenciais, 2 por *Skype* e uma foi respondida por e-mail.

Na entrevista com os sujeitos de pesquisa fez-se uma apresentação pessoal, bem como do título e dos objetivos da pesquisa e a forma como seria conduzida. Cada entrevista teve duração aproximada de 40 minutos e foi gravada mediante autorização.

Encerradas as entrevistas a etapa seguinte foi a transcrição literal das mesmas e em seguida foram encaminhadas aos depoentes, que assim solicitaram, para validação e retorno ao pesquisador.

3.3.2 ANÁLISE DOCUMENTAL

Outra técnica de coleta de dados utilizada nesta pesquisa foi a análise documental cuja base, conforme ensina Severino (2010), são documentos públicos ou privados, impressos ou não, utilizados para fins de leitura. Nestes casos, os conteúdos dos textos ainda não tiveram nenhum tratamento analítico, são ainda matéria-prima, a partir da qual o pesquisador vai desenvolver sua investigação e análise.

O emprego desta técnica teve por objetivo verificar o alinhamento do Projeto Político Pedagógico dos cursos de graduação em Ciências Contábeis às Diretrizes Curriculares Nacionais e a partir da triangulação dos dados da entrevista, em especial no que se refere ao objeto de pesquisa, buscou-se encontrar aderências e discrepâncias entre o discurso e a prática.

Foram analisados o Parecer CNE/CES 10/2004 (Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Ciências Contábeis) e o Projeto Político Pedagógico das IES que compõem o campo de estudo.

3.3.2.1 ELABORAÇÃO DO INSTRUMENTO DE PESQUISA

O instrumento de pesquisa (Apêndices “B”, “C”, “D” e “E”) focou o Projeto Político Pedagógico dos cursos de graduação em Ciências Contábeis das IES que compõem o campo de estudo, frente às determinações da Resolução 10/2004 (DCN) em seus artigos 2º, § 1º, itens VII, VIII e XV e 9º, parágrafo único. Em razão do escopo deste trabalho optou-se por sintetizá-lo em categoria única, três subcategorias e seis questões (quadro 6):

QUADRO 6 – ELABORAÇÃO DO INSTRUMENTO DE PESQUISA (ANÁLISE DOCUMENTAL)

Categoria	1 – Elementos estruturais do PPP			
Subcategorias	Questões a investigar	Evidências		Modo de evidenciação
		Sim	Não	
1-1 – Modos da integração entre graduação e pós-graduação	1-1-1 – O PPP evidencia alguma forma de integração entre a graduação e a pós-graduação?			
1-2 – Incentivo à	1-2-1 – O PPP evidencia alguma forma			

pesquisa	de incentivo à pesquisa?			
1-3 – Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)	1-3-1 – O PPP evidencia a forma como é desenvolvido o TCC?			
	1-3-2 – O PPP evidencia critérios, procedimentos e mecanismos de avaliação do TCC?			
	1-3-3 – O PPP evidencia os objetivos a atingir com a elaboração do TCC?			
	1-3-4 – O PPP evidencia o destino final do TCC?			

Fonte: Adaptado de Scatola (2013)

3.4 MÉTODOS, TÉCNICAS, PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS

Para análise das informações obtidas nesta pesquisa utilizou-se a análise de conteúdo, que consiste em um conjunto de instrumentos metodológicos aplicados a um ou mais discursos, tendo por objetivo a produção de inferências a partir do conteúdo das mensagens. De modo geral a análise de conteúdo pode ser conceituada como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2011, p. 48).

Freitas e Janissek (2000) recorrem à perspectiva de Bardin (2011) para lecionar que o objetivo da análise de conteúdo é a inferência de conhecimento relativos às condições de produção com a ajuda de indicadores. Severino (2010) também destaca tratar-se de uma técnica de análise das comunicações e, portanto, envolve a análise do conteúdo das mensagens as quais podem ser verbais (orais ou escritas), gestuais, figurativas, documentais.

A análise de conteúdo tem sido utilizada para estudar e analisar material de natureza qualitativa, visando uma melhor compreensão do teor de uma comunicação ou discurso e extrair os aspectos tidos como de maior relevância. A análise de conteúdo é um método formal para a análise de dados qualitativos (COLLIS; HUSSEY, 2005) e neste sentido, Gomes (2010, p. 105) acrescenta que este procedimento é uma adaptação da tradicional técnica surgida no âmbito das pesquisas quantitativas e que atualmente é amplamente empregado em pesquisas qualitativas.

Ainda de acordo com Bardin (2011), as diferentes fases da análise de conteúdo organizam-se em torno de três polos cronológicos:

- a) Pré-análise;
- b) Análise do material,
- c) Tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação

A pré-análise pode ser definida como a fase de organização, momento em que o esquema de trabalho é estabelecido e normalmente envolve uma leitura flutuante, ou seja, o contato inicial com os documentos que serão analisados, a formulação das hipóteses e objetivos, a elaboração dos indicadores que orientarão a interpretação e a preparação formal do material.

O trabalho tem início com a escolha dos documentos a serem analisados, lembrando que as entrevistas deverão ser transcritas e o seu conjunto será o *corpus* da pesquisa. Para tanto, Bardin (2011) indica que é preciso seguir algumas regras: exaustividade (o conteúdo da comunicação deve ser esgotado, sem omissões); representatividade (a amostra deve ser representativa e homogênea quanto ao tema e técnicas de obtenção) e pertinência (os documentos devem guardar coerência com o objetivo da pesquisa).

A fase de exploração do material é definida por Bardin (2011) como a aplicação sistemática das decisões que foram tomadas na pré-análise. É uma fase bem longa e basicamente consiste em operações de codificação, decomposição ou enumeração, em função de regras previamente formuladas.

Por fim na fase denominada tratamento dos resultados, a inferência e interpretação, os resultados brutos são tratados de maneira a se tornarem significativos e válidos. O tratamento poderá ser dado por meio de operações estatísticas simples (porcentagens) ou complexas (análise fatorial), de forma a se obter resultados que destaquem as informações fornecidas pela análise. Poderão também ser submetidos a provas estatísticas e testes de validação.

De posse de resultados significativos e fiéis, o analista pode propor inferências e adiantar interpretações a respeito dos objetivos previstos ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas. Bardin (2011) acrescenta que tanto os resultados obtidos, como a confrontação sistemática com o material e o tipo de inferências podem servir de base a outra

análise disposta em torno de novas dimensões teóricas ou praticada graças a técnicas diferentes.

De todas as entrevistas foi realizada a transcrição literal dos conteúdos relatados pelos Professores Orientadores de TCC, exceto expressões consideradas desnecessárias a juízo do entrevistador. Como forma de facilitar o trabalho de análise a transcrição das falas foi efetuada diretamente no instrumento de pesquisa, seguindo rigorosa ordem das categorias, subcategorias e questões, de modo a compor os apêndices deste trabalho.

Adicionalmente quando julgado cabível, a critério do pesquisador, foi empregada a técnica de “nuvem de palavras”, mediante lançamento da transcrição das entrevistas no aplicativo *Wordle*, disponível gratuitamente na internet (<http://www.wordle.net/>), com a finalidade de analisar o nível de repetição de palavras e identificar, com base em ilustrações, aquelas que surgiram com maior frequência na fala dos professores orientadores. O referido aplicativo, a exemplo de vários similares, trata em um grupo de palavras, aquelas que mais vezes figuram no texto e as expõe graficamente de maneira destacada, onde o tamanho da fonte é proporcional à frequência com que o termo aparece no texto.

Portanto a técnica de nuvem de palavras pode ser compreendida como uma forma de visualização de dados linguísticos, graficamente bastante interessante, que mostra a frequência com que as palavras aparecem em um dado contexto e que possibilita rápida identificação das palavras-chave de um *corpus* (CAMARGO; JUSTUS, 2013; DIAS et al., 2014).

Embora não tenha assumido compromisso neste sentido, o pesquisador decidiu segundo critérios próprios, como forma de preservar a identidade das IES e dos entrevistados, alterar suas denominações e seus nomes, que a partir do tópico seguinte terão o seguinte formato:

- a) IES: serão identificadas com a expressão “IES”, seguida das 4 letras iniciais do alfabeto grego: “IES Alfa”, “IES Beta”, “IES Gama” e “IES Delta”;
- b) Professores orientadores: serão identificados com a expressão “Orientador”, seguida de numeração sequencial em algarismos romanos: “Orientador I”, “Orientador II”, “Orientador III”, “Orientador IV”, “Orientador V”, “Orientador VI”, “Orientador VII” e “Orientador VIII”.

Nas transcrições das entrevistas os nomes dos professores foram substituídos segundo o critério já exposto e, quando citados, os nomes das IES foram substituídos pela expressão genérica “IES”. Deste modo preservou-se a identidade do professor e de seu local de trabalho.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção se promovem as análises dos conteúdos obtidos mediante a análise documental (Apêndice “B”, “C”, “D” e “E”) e com as mensagens extraídas das entrevistas já devidamente transcritas e ordenadas (Apêndices “F”, “G”, “H”, “I”, “J”, “K”, “L” e “M”).

Obtidas as informações por meio dos instrumentos de pesquisa, procedeu-se a organização e análise dos conteúdos em cinco categorias.

Na primeira categoria, de acordo com o instrumento especificado na primeira parte da coleta de dados (quadro 4) são mostradas e analisadas informações a respeito dos sujeitos de pesquisa e nas demais categorias, em estreita consonância com a segunda parte do instrumento de coleta de dados (quadro 5), são transcritos trechos das respostas dos professores orientadores, com o objetivo de tecer comparações e cruzamentos com os itens abordados no referencial teórico (seção 2) e desta formar fazer inferências e interpretações para a conclusão do estudo.

As categorias de análise estão listadas nos tópicos a seguir:

- 4.1 Breve perfil dos professores orientadores de TCC entrevistados;
- 4.2 As práticas de orientação de TCC adotadas pelos professores orientadores;
- 4.3 Evidências da integração graduação x pós-graduação *stricto sensu*;
- 4.4 O TCC no Projeto Político Pedagógico das IES;
- 4.5 Aspectos motivacionais e de satisfação dos professores orientadores.

4.1 BREVE PERFIL DOS PROFESSORES ORIENTADORES DE TCC ENTREVISTADOS

Neste tópico, visando delinear o perfil dos professores orientadores de TCC entrevistados, as questões buscaram revelar dados como formação acadêmica, tempo de atividade como docente na graduação, tempo de atividade como orientador de TCC, linhas de pesquisa, disciplinas que leciona na graduação, publicações e outras atividades.

Os foram dados obtidos por meio de entrevistas e análise dos *curricula lattes* dos professores e estão demonstrados por meio de quadros, tabelas e gráfico. O quadro 7 mostra o perfil geral dos entrevistados

QUADRO 7 – IES – PERFIL GERAL DOS ENTREVISTADOS

Professor	Formação acadêmica			Tempo de atividade (anos)		Publicações (qtde)	Outras atividades
	Graduação	Mestrado	Doutorado	Docência	Orientação		
I	Ciências Contábeis	Contabilidade		8	3	14	Contador
II	Ciências Contábeis Ciências Econômicas	Contabilidade	Contabilidade	41	23	111	
III	Ciências Contábeis	Contabilidade	Contabilidade	15	10	58	
IV	Ciências Contábeis	Contabilidade		4	3		
V	Engenharia Civil	Controladoria		5	5		Controller
VI	Ciências Contábeis Administração	Administração	Ciências Sociais	20	15	36	Analista Financeiro Auditor
VII	Ciências Contábeis	Contabilidade	Contabilidade	11	7	110	
VIII	Contabilidade Controladoria	Contabilidade	Educação	28	20	2	Palestrante Consultor

Fonte: Elaborado pelo autor

Com relação à formação acadêmica tem-se que 87,5% possuem graduação em Ciências Contábeis e 12,5% possuem graduação em outras áreas, conforme mostra a tabela 3.

TABELA 3 – FORMAÇÃO ACADÊMICA DOS ENTREVISTADOS

Possuem graduação	Quantidade	%
Em Ciências Contábeis	7	87,5%
Em áreas afins		
Em outras áreas	1	12,5%
Total	8	100%

Fonte: Elaborado pelo autor

Cabe registrar que da amostra pesquisada, 2 professores possuem mais de uma graduação em áreas afins. Com relação ao stricto sensu tem-se que 62,5% dos entrevistados possuem grau de Doutorado e 37,5% possuem grau de mestrado, conforme tabela 4.

TABELA 4 – FORMAÇÃO STRICTO SENSU DOS ENTREVISTADOS

Possuem doutorado	Quantidade	%
Sim	5	62,5%
Não	3	37,5%
Total	8	100%

Fonte: Elaborado pelo autor

Da amostra pesquisada tem-se que 6 professores possuem Mestrado em Contabilidade e 2 em áreas afins (Administração e Controladoria) e quanto aos professores doutores, 3 possuem Doutorado em Contabilidade e 2 em outras áreas (Ciências Sociais e Educação). Nota-se, portanto, que a IES se enquadram no art. 52 da LDB que estabelece que elas devem possuir, pelo menos, um terço do corpo docente com titulação acadêmica de mestrado ou doutorado.

Com relação ao exercício da docência no ensino superior o tempo médio de atividade é de 16,5 anos, sendo que o professor mais experiente registra 41 anos de atividade e o menos experiente conta com 4 anos de atividade, conforme demonstrado na tabela 5.

TABELA 5 – EXPERIÊNCIA COMO DOCENTE NO ENSINO SUPERIOR

Tempo de docência no ensino superior	Quantidade	%
Menos de 5 anos	1	12,5%
De 5 a 10 anos	2	25%
De 11 a 15 anos	2	25%
De 16 a 20 anos	1	12,5%
De 21 a 30 anos	1	12,5%
De 31 a 40 anos	0	0
Acima de 40 anos	1	12,5
Total	8	100%

Fonte: Elaborado pelo autor

Nota-se, portanto, que os professores são experientes, com aderência aos achados de Madureira, Succar Junior e Gomes (2013). Dos entrevistados 50% disseram possuir outras atividades além da docência e 50% declararam dedicar-se exclusivamente às atividades acadêmicas, contrariando, em parte, o que afirmam Carvalho (2010, p. 128) e Madureira, Succar Junior e Gomes (2013). Todavia há que se considerar que alguns sujeitos de pesquisa são professores com dedicação integral em uma IES pública.

E com relação ao exercício da função de orientador de TCC o tempo médio é de 11 anos, sendo o que o professor mais experiente registra 23 anos de atividade e os menos experientes exercem a função de orientador há 3 anos, conforme mostra a tabela 6.

TABELA 6 – EXPERIÊNCIA COMO ORIENTADOR DE TCC

Tempo de experiência como orientador de TCC	Quantidade	%
Menos de 5 anos	2	25%
De 5 a 10 anos	3	37,5%

De 11 a 15 anos	1	12,5%
De 16 a 20 anos	1	12,5%
Acima de 20 anos	1	12,5%
Total	8	100%

Fonte: Elaborado pelo autor

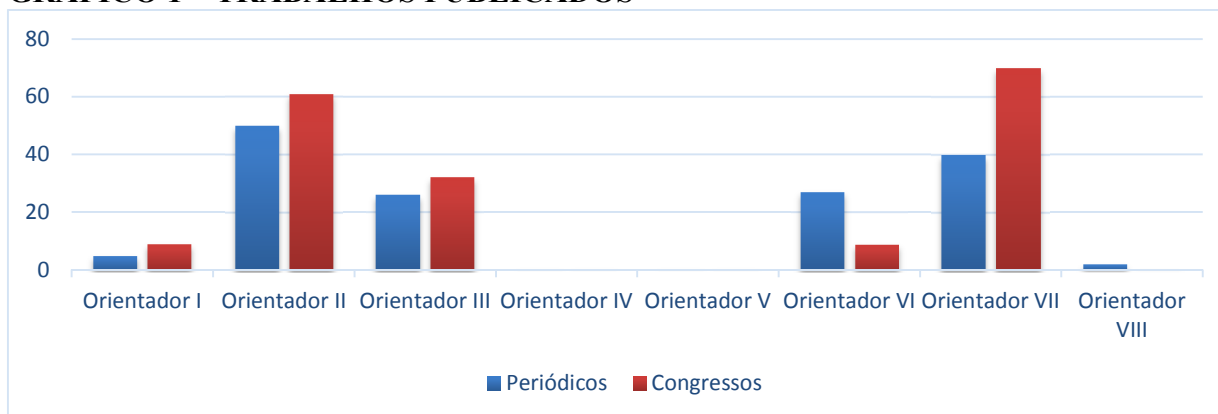
Todos os professores entrevistados que possuem grau de mestrado lecionam nos cursos de graduação em Ciências Contábeis e quanto aos professores doutores todos lecionam tanto na graduação quanto no *stricto sensu*. As disciplinas que lecionam na graduação e suas linhas de pesquisa estão elencadas no quadro 8.

QUADRO 8 – RELAÇÃO DAS DISCIPLINAS MINISTRADAS NA GRADUAÇÃO E LINHAS DE PESQUISA

Professor	Disciplinas que leciona na graduação	Linhas de Pesquisa
Orientador I	Contabilidade Internacional Avançada	IFRS, Comunicação e Informações ao Mercado
Orientador II	Contabilidade Intermediária II, Contabilidade Avançada,	Contabilidade para Usuários Externos
Orientador III	Contabilidade Introdutória, Contabilidade Intermediária, Contabilidade Avançada, Contabilidade Internacional	Contabilidade para Usuários Externos
Orientador IV	Contabilidade Básica, Contabilidade Intermediária	
Orientador V	Matemática Financeira, Controladoria	
Orientador VI	Análise de Sistemas de Informação, Análise dos Demonstrativos Contábeis	Contabilidade para Micro e Pequenas Empresas, Ética e Governança Corporativa
Orientador VII	Accounting Control Systems, Análise de Custos, Contabilidade de Custos, Gestão Estratégica de Custos, Planejamento Estratégico e Orçamento Empresarial, Tópicos de Contabilidade Gerencial	Contabilidade Gerencial
Orientador VIII	Contabilidade Geral, Contabilidade de Custos, Planejamento Contábil Tributário	Educação Contábil

Fonte: Elaborado pelo autor

Quanto a publicações em periódicos (nacionais e internacionais) e anais de congressos, os orientadores II e VII são os que apresentam maior produção com 111 e 110 trabalhos publicados respectivamente. O gráfico 1 mostra as publicações dos professores orientadores por quantidade e veículo.

GRÁFICO 1 – TRABALHOS PUBLICADOS

Fonte: Elaborado pelo autor

Nota-se que existe uma predominância de trabalhos apresentados em anais de congressos, sendo que o Orientador I apresenta publicações bem distribuídas entre periódicos e anais enquanto que o Orientador VII apresenta maior publicação em anais.

Não foi possível extrair a quantidade de orientações de TCC, devido à desatualização do currículo Lattes de alguns professores orientadores.

Os dados mostrados no quadro 8 e no gráfico 1, que evidenciam professores orientadores sem linhas de pesquisa e produção científica, contrariam o que asseveram Ferreira, Furtado e Silveira (2009) para quem a orientação deve ser confiada a docentes qualificados, detentores dos conhecimentos de uma linha de pesquisa consolidada e com produção científica relevante; entretanto cabe a observação de Ricardino (2011) de que, **a princípio, todo professor poderá ser elegível** (grifo nosso), contudo a escolha usual da IES é por aqueles quem possuem mais titulação (mestre ou doutor) em função de sua maior experiência.

Nos próximos tópicos (4.2; 4.3; 4.4 e 4.5) estão consubstanciados os depoimentos dos professores orientadores, recolhidos por meio do instrumento de pesquisa, cujas transcrições estão listadas ao final deste trabalho (Apêndices “F”, “G”, “H”, “I”, “J”, “K”, “L” e “M”).

Os conteúdos dos depoimentos dos professores orientadores foram analisados à luz do referencial teórico (Seção 2) e triangulação com a análise documental e para algumas respostas, quando julgado cabível, foi empregada a técnica de nuvem de palavras.

4.2 AS PRÁTICAS DE ORIENTAÇÃO ADOTADAS POR PROFESSORES ORIENTADORES

Pelo seu caráter de componente curricular opcional, o TCC deverá constar da grade curricular somente nos casos em que for exigido pelas IES as quais possuem autonomia para fixar as diretrizes técnicas, os critérios, os procedimentos e os mecanismos para elaboração e apresentação do trabalho. Por esta razão é factível supor a ocorrência de diferentes formatos de elaboração, de diferentes formas de apresentação, de vários critérios de avaliação e os mais diversos destinos dados ao TCC.

Observação semelhante pode ser feita no que diz respeito às práticas de orientação de TCC pelos professores orientadores, tanto em função do perfil dos orientandos como em decorrência das normas aprovadas pelo Conselho Superior Acadêmico e constantes do PPP, que não necessariamente são coincidentes em todas as IES.

Com o intuito de demonstrar as práticas de orientação adotadas pelos professores orientadores de TCC em IES que oferecem cursos de graduação e pós-graduação *stricto sensu* em Ciências Contábeis na cidade de São Paulo, os resultados desta pesquisa serão demonstrados em categorias, conforme definido no *caput* deste tópico e dentro delas nas respectivas subcategorias, de acordo com o formato do instrumento de pesquisa.

4.2.1 FASES DO TCC: DIFICULDADES, FORMATO, ACOMPANHAMENTO E CORREÇÃO

Este tópico tem por objetivo analisar a percepção dos professores orientadores acerca das finalidades, dificuldades, formas correção e outros aspectos afetos à elaboração do TCC.

Os professores orientadores, no geral, possuem visões coincidentes sobre o que eles consideram um bom TCC, principalmente sobre o correto emprego da metodologia de pesquisa, aliada à aplicação dos conhecimentos adquiridos durante o curso visando, inclusive, a aplicação prática no ambiente profissional.

[...] um bom TCC é aquele no qual o aluno vai reunir o conhecimento científico e a aplicação prática. Então de preferência ele vai tratar no TCC um assunto que ele quer desenvolver profissionalmente [...] ele vai aplicar metodologia científica para resolução de um problema prático dele, que ele tenha vivencia preferencialmente na vida profissional. **(Orientador I)**

[...] um bom TCC é aquele que deixa o aluno que faz satisfeito [...] quando os alunos vêm conversar comigo perguntam se eu tenho algum tema a oferecer a resposta é sempre não, porque quando você oferece um tema corre dois riscos: o primeiro é de

o aluno não gostar, mas fazer o trabalho; o segundo que é o pior é ele não gostar e não fazer o trabalho [...], eu digo para os alunos, você tem que pegar um tema que deixe você satisfeito, que deixe você prazeroso, que satisfaça alguma coisa que você goste, que você possa atender por uma questão profissional que você já passou dia, você tem o seu estágio na sua profissão [...]. O bom TCC é isso [...] é claro eu só vou aprovar esse trabalho [...] se eu achar que aquilo que está sendo colocado lá é passível de ser aprovado. **(Orientador II)**

[...] um bom TCC é um trabalho que o aluno demonstra o conhecimento que ele teve em curso numa forma organizada, dentro de um raciocínio e dentro de cumprir um objetivo, o TCC é uma pesquisa, então ele tem que mostrar que ele conhece o método de pesquisa, que ele conhece o assunto que ele está estudando e que ele tem capacidade de aplicar o método a esse assunto. **(Orientador III)**

Um bom TCC na minha opinião é aquele que o aluno consegue aplicar o conhecimento científico a um problema de pesquisa e dar adequadamente a resposta a este problema. **(Orientador V)**

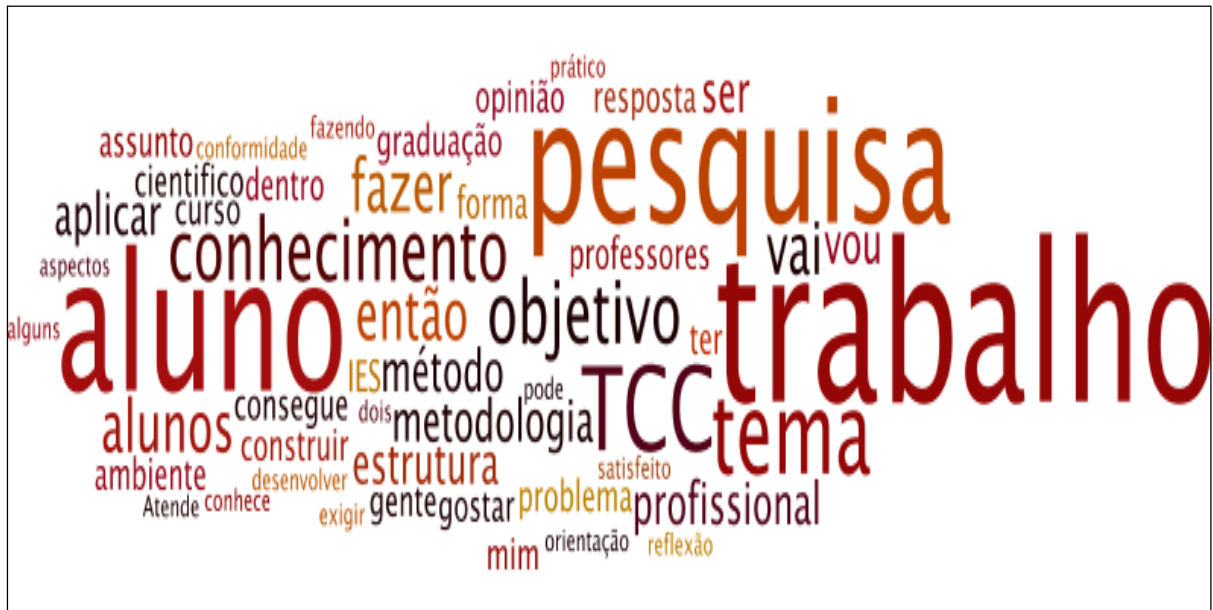
O bom TCC vai exigir que o aluno se envolva com a metodologia de desenvolver um projeto de pesquisa, [...] depende de como ele é escrito e o que ele obtém de resultado. É aquele que consegue cumprir com esse papel de permitir que o aluno tenha a sensação da metodologia acadêmica. Junto a isso ou em paralelo a isso um aspecto adicional [...] é que esse TCC tenha também uma utilidade, particularmente no ambiente de trabalho onde que já esteja inserido. **(Orientador VII)**

O bom TCC ele está aliado ao processo cognitivo do ser humano de evolução, ou seja, a partir de que a pessoa tiver o discernimento, o que ela tem que fazer para construir conhecimento e na academia [...], é inevitável, insofismável que se construa através da pesquisa... então um bom trabalho de pesquisa, que pode ser considerado um bom TCC, é quando você percebe que o aluno começou a ampliar a sua questão de pesquisa. **(Orientador VIII)**

A visão dos professores orientadores coincide com o que pensam Faria, Cunha e Felipe (2007) e Oliveira et al. (2015) quando asseveram que, ao elaborar o TCC, o aluno irá potencializar as atividades e conhecimentos adquiridos durante o curso, posto que o TCC é um componente curricular que representa o resultado de um estudo e, portanto, deve expressar o conhecimento a respeito de um determinado assunto desenvolvido pelo aluno.

A análise da nuvem de palavras (figura 1) evidencia a coerência das falas dos professores orientadores com os achados na literatura.

FIGURA 1 - O QUE PODE SER CONSIDERADO UM BOM TCC



Fonte: Elaborado pelo autor

A sigla TCC e as palavras “trabalho”, “aluno”, “pesquisa”, “tema”, “conhecimento”, “objetivo”, “aplicar”, “método”, “metodologia”, “fazer” são as que mais sobressaem, evidenciando que os professores orientadores consideram que o bom TCC pode ser entendido como um trabalho de pesquisa sobre determinado tema, onde o aluno irá aplicar o conhecimento adquirido ao longo do curso, através do uso de uma metodologia.

Quanto à finalidade do TCC, os professores orientadores não dissociaram da visão que têm de um bom TCC, todavia em função de algumas falas foi possível identificar que não há uma convergência de ideias.

Tem a finalidade obviamente de aprender o método científico, a gente espera do aluno de graduação que ele consiga aprender o método científico. **(Orientador I)**

[...] é fazer com que o aluno consiga estruturar um pensamento, estruturar uma pesquisa, demonstrar que ele apropriou dos conhecimentos adquiridos durante o curso e que ele também aprendeu um método de pesquisa que vai ser muito útil para ele no futuro, tanto na área acadêmica se ele for quanto na área profissional. **(Orientador III)**

[...] aprender a pesquisar porque enquanto eles estão na graduação e o professor é o principal instrumento de pesquisa deles, qualquer dúvida eles perguntam para a gente, mas lá no mercado de trabalho eles vão ter que aprender a descobrir a coisa sozinhos, então acho que o principal objetivo é ensina-los a pesquisar sozinhos e mostrar que existe uma área acadêmica dentro da contabilidade. **(Orientador IV)**

[...] uma das finalidades é desenvolver o senso crítico do aluno, fazer com que ele mantenha contato com o mundo da pesquisa, que ele consiga desenvolver uma linha de raciocínio coerente com as pesquisas feitas. **(Orientador V)**

Aprender a pesquisar e a construir o conhecimento e contribuir com a sociedade. **(Orientador VI)**

Amadurecimento, envolver o aluno na pesquisa, a criar gosto pelo saber, a criar conhecimento e obter alguns resultados, com certeza, desse conhecimento produzido. **(Orientador VIII)**

A divergência pode ser notada no relato de um dos professores orientadores:

[...] para cumprir tabela, é acadêmica. No caso de TCC eu tenho a impressão que isso realmente é verdade [...]tem que cumprir uma tabela, diferente por exemplo de uma dissertação de mestrado que o cara já está almejando uma carreira, já vislumbrando a possibilidade de trabalhar com pesquisa, trabalhar com docência, etc. [...] é mais ou menos como aquela obrigatoriedade de estágio... tem escolas que o cara é obrigado a fazer estágio, mas eu acho que não é uma coisa que você tem que obrigar o aluno a fazer, é algo que ele deve procurar e não obrigar, TCC me parece ser a mesma coisa. **(Orientador II).**

A percepção deste professor orientador, descolada do que pensam os demais, pode ser a mesma de alguns alunos sobre a necessidade de elaboração do TCC, pois nos dizeres de Laffin (2000) muitas vezes na concepção do aluno o TCC é apenas mais uma das exigências para o cumprimento do currículo, que se materializa na mera descrição de um fato consubstanciado.

A necessidade de emprego do método científico, presente nas falas dos professores orientadores tem respaldo na literatura. Autores como Moraes (2005), Cervo, Bervian e Silva (2007) e Severino (2010) fazem menção às normas da ABNT para a elaboração de trabalhos científicos.

O método científico ao ser empregado em uma pesquisa, se traduz em resultados melhores e de maior confiabilidade e neste sentido Oliveira et al. (2015) salientam que, como resultado de um processo investigativo com rigor metodológico, o TCC cumpre um de seus objetivos que é a produção de conhecimento novo e relevante. Martinelo, Porton e Loch (2009) salientam que o TCC deve “representar a estruturação e a operacionalização dos conhecimentos adquiridos durante o curso” e acrescentam que além disso significa uma oportunidade para a convivência e aplicação de tais conhecimentos.

O conhecimento técnico, o contato com diferentes ambientes informativos, o aprimoramento de conhecimentos sobre os aspectos científicos e melhoria nos aspectos relacionados às habilidades de leitura e escrita foram alguns dos ganhos apontados pelos

alunos de 5 IES da Mesorregião do Vale do Itajaí (SC) com a elaboração do TCC, conforme demonstrou o estudo de Cunha, Vogt e Biavatti (2015).

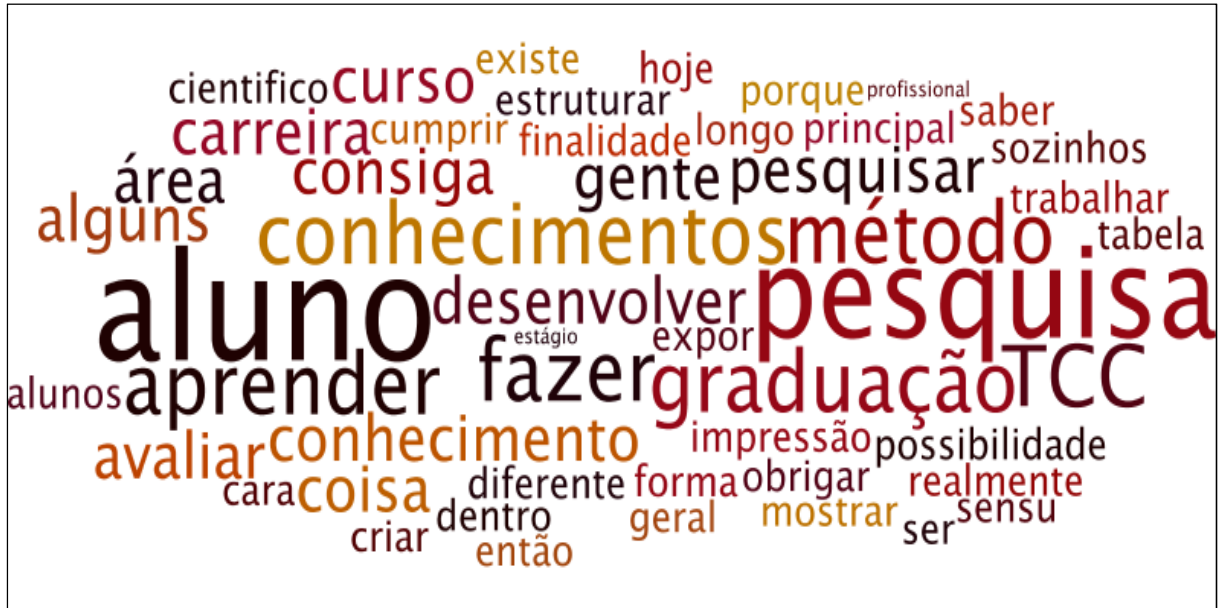
O TCC pode ter objetivos bem distintos, frequentemente complementares: proporcionar ao estudante um momento de síntese de conhecimentos adquiridos, ou oportunidade para aplicá-los, estimular o estudante a aprofundar conhecimentos de seu interesse ou a complementar algum aspecto de sua formação. (POZZEBON, 2005)

Pozzebon (2005) enfatiza que um objetivo merece destaque pela sua importância: “dotar o estudante de instrumentos para a construção de sua autonomia intelectual”. Segundo o autor este é um objetivo a alcançar no decorrer da graduação, quando o aluno deverá ser ensinado a pesquisar cientificamente e integrar esse recurso ao seu exercício profissional, e um dos momentos de sua concretização é o TCC.

Aderente ao que ensina Pozzebon (2005) e ao que atestam os professores orientadores, Ricardino (2011) elenca vários objetivos do TCC, dentre os quais o desenvolvimento de atitude crítica, aplicação e integração de conhecimentos adquiridos em outras disciplinas e desenvolvimento de capacidades intelectuais, habilidades e atitudes necessárias ao desenvolvimento profissional.

A análise da nuvem de palavras (figura 2) evidencia termos empregados pelos professores orientadores com destaque de palavras como “aluno”, “pesquisa”, “aprender”, “fazer”, “conhecimentos”, “avaliar”, “método”, “graduação”, “carreira”, e “consiga” remete aos achados no referencial teórico de onde foi possível extrair que o TCC tem dentre suas finalidades fazer com que o aluno consiga aprender a estruturar o pensamento, aplicar os conhecimentos obtidos na graduação e realizar um trabalho de pesquisa, empregando um método científico.

FIGURA 2 – FINALIDADES DO TCC



Fonte: Elaborado pelo autor

Conforme demonstrado no Apêndice “B”, com exceção da “IES Alfa”, as demais elencam em seus PPP os objetivos que esperam atingir com TCC.

Campos Filho et al. (2015) destacam o papel o professor orientador na condução e acompanhamento dos orientandos, cabendo a ele deter o conhecimento técnico necessário, além de boa capacidade e comunicação e disposição para ler os trabalhos e apontar, se for caso, a correção de rota. Neste processo o professor orientador se depara com os mais variados problemas e dificuldades trazidas pelos alunos.

Uma das dificuldades mais recorrentes, na percepção dos entrevistados, tem a ver com a definição do tema e da questão de pesquisa.

[...] o primeiro problema é a questão de pesquisa, a segunda dificuldade é aplicar o método, não dar opiniões pessoais mas partir para escrever a partir de situações, amarrar o texto e ter suas próprias conclusões. **(Orientador I).**

[...] em primeiro lugar a escolha do tema, em segundo lugar tem a escolha do tema e em terceiro lugar tem a escolha do tema [...] porque a partir daí ele vai passar a fazer pesquisa, vai para a internet, vai fazer as coisas e tal, consegue bibliografia, consegue desenvolver, mas ele escolher [...] e depois o problema é a forma de focar o trabalho... as vezes ele escolhe o tema e começa a dar tiro para tudo quanto é lado e acaba não tendo um foco preciso. **(Orientador II).**

[...] a principal dificuldade é encontrar um tema, não diria bem um tema, encontrar o “tema” do trabalho, encontrar hipóteses, encontrar problema de pesquisa, objetivos”. **(Orientador III).**

Creio que é justamente a pesquisa, o aluno da graduação não tem muita maturidade, então ele tem dificuldades de definir um tema, de reunir e sintetizar tudo o que pesquisou, aplicando uma metodologia. **(Orientador V)**

[...] tem a ver com a definição do tema, qual tema pesquisar, uma parte grande deles, dos alunos, não tem uma noção do que de fato interessa a eles. **(Orientador VII)**

A dificuldade em lidar e definir o tema da pesquisa, também relatada no trabalho de Martinelo, Porton e Loch (2009), consiste justamente no que pesquisar, como pesquisar, qual tratamento dar aos dados da pesquisa e como reunir e analisar tudo em um relato.

O TCC representa o resultado de um estudo experimental ou exposição de um relatório científico que expressa o conhecimento, reúne, analisa e interpreta informações em um **tema** (grifo nosso) único e bem delimitado em sua extensão. (BASSO; SOSCHINSKI, 2014)

Quando opta por desenvolver um tema, o estudante, muitas vezes, refere ser difícil delimitá-lo e definir os objetivos. Sabe-se que a delimitação do tema promove um conhecimento aprofundado do objeto pesquisado. Em relação aos objetivos, quanto maior o número e a complexidade, maior o período de tempo para concretizá-los e maiores as dificuldades advindas. (CARBONI; NOGUEIRA, 2004).

Os professores orientadores também reportam questões como dificuldade de escrever e falta de tempo dos alunos para as pesquisas.

[...] as dificuldades são diversas e depende muito do tipo de aluno. Tem aluno mais bem preparado. Por exemplo redação, alguns escrevem melhor e quando eles mandam o texto já está assim bem escrito, não precisa ficar corrigindo muito, outros que já tem um pouco mais de dificuldade de escrever tem dificuldade de colocar as ideias de forma clara, de forma coerente. **(Orientador III)**

A dificuldade de redação foi apontada por Krüger et al. (2013) em sua pesquisa junto a 225 alunos graduandos em Ciências Contábeis em universidades federais da região Sul do Brasil, no que diz respeito à elaboração de artigos científicos. Esta foi a maior dificuldade apontada por 155 alunos do curso de Ciências Contábeis da UFRN, conforme destaca o trabalho de Souza, Silva e Araújo (2011).

A falta de tempo, outra dificuldade apontada, foi também um dos motivos tidos como dificultadores do TCC, conforme apontam as pesquisas de Machado et al. (2009), Martinelo, Porton e Loch (2009), Krüger et al. (2013) e de Carmo, Machado e Cogan (2014) e a principal razão foi a constatação de que a maioria dos alunos estudam no período noturno e trabalham

durante o dia. A este respeito Laffin (2000) leciona que o falta de tempo é um fator limitador das pesquisas, pois elas requerem disponibilidade e envolvimento.

São várias as dificuldades: compreender a finalidade da pesquisa, definir os componentes da pesquisa e estruturá-la, desinteresse, falta de tempo, falta de conhecimento da ABNT, desconhecimento da norma culta de linguagem, dificuldade de alguns compreenderem que o trabalho tem um grau de complexidade, pois acham que é um trabalhinho simples, outros consideram que o trabalho é muito complexo e tem muito medo, teimosia e falta de hábito em ouvir. **(Orientador VI)**

E a falta de tempo pode trazer outros fatores associados, como por exemplo, a dificuldade de pesquisa, que, na visão de um dos professores orientadores, tem a ver com a qualidade do ensino ofertado por algumas IES:

[...] porque muitos alunos trabalham durante o dia e com sacrifício pagam a faculdade e [...] eles, às vezes, buscam opções menos onerosas, ou seja, aquela faculdade que tem um prédio bonito, que oferece mil e um fundos e de repente não consegue incentivar tanto o aluno a pesquisar e ele tendo diploma percebe com o amadurecimento [...], que aquele diploma esqueceu de vir acompanhado de conhecimento, que é primordial sem dúvida nenhuma. **(Orientador VIII)**

Outras dificuldades relatadas pelos alunos e apontadas pelos professores orientadores envolvem questões diversas.

[...] entender como se desenvolve um trabalho científico, essa é uma dificuldade que boa parte dos alunos tem de entender o método científico e todos os detalhes de citação, começar e buscar referências, toda essa parte. **(Orientador VII)**

[...] entender que existe uma pergunta e uma forma de como responder esta pergunta e existe uma resposta. Então eles fazem objetivo ou perguntas muito amplas e as vezes fazem uma metodologia que não corresponde aos objetivos e querem concluir alguma coisa que não tenha sustentação no resultado deles. **(Orientador IV)**

[...] a forma de focar o trabalho [...] as vezes ele escolhe o tema e começa a dar tiro para tudo quanto é lado e acaba não tendo um foco preciso. **(Orientador II)**

[...] outras dificuldades são com relação a tratamento de dados, parte estatística, dependendo do que o aluno quer fazer, se ele não viu aquilo direito, ele também tem dificuldades de interpretar as análises, muitas vezes o aluno põe só o quadro lá e não fala mais nada. **(Orientador III)**

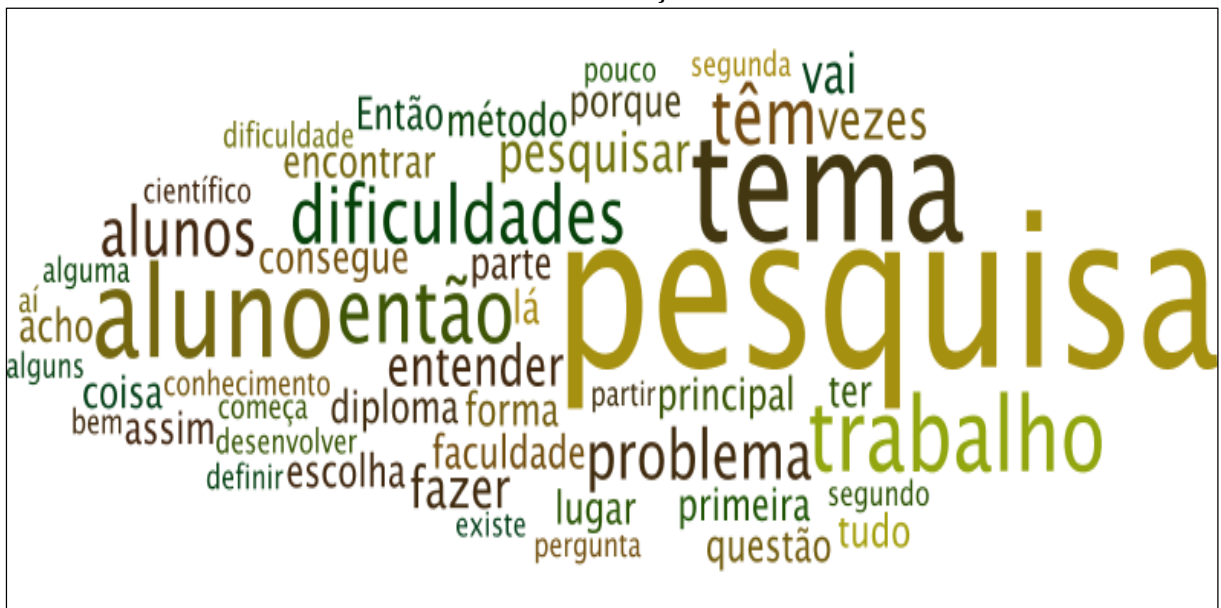
Muitas destas dificuldades relatadas são apontadas em alguns estudos:

- a) Carboni e Nogueira (2004): obrigatoriedade de seguir uma metodologia, desmotivação (desinteresse);

- b) Anholon, Pinto e Moretti (2008): conceitos metodológicos utilizados nas pesquisas científicas;
- c) Martinelo, Porton e Loch (2009): falta de conhecimento sobre tabulação e interpretação de dados, dificuldades em extrair conclusões e redigir o TCC como um todo, pouca experiência em elaborar textos volumosos;
- d) Souza, Silva e Araújo (2011): apresentação e argumentação da produção científica, planejamento do processo de investigação;
- e) Krüger et al (2013): realizar coleta de dados, encontrar literatura a respeito do tema;

O trabalho de Peixoto et al. (2014) junto a 109 alunos do curso de Ciências Contábeis nas IES públicas do estado da Paraíba constatou que, dificuldades à parte, os estudantes consideram a pesquisa como uma etapa importante, principalmente para a elaboração do TCC, e que por meio dela podem desenvolver habilidades e melhorar o desenvolvimento acadêmico.

FIGURA 3 – DIFICULDADES NA ELABORAÇÃO DO TCC



Fonte: Elaborado pelo autor

A nuvem de palavras mostrada na figura 3 evidencia os termos “pesquisa” e “tema” como os mais recorrentes na fala dos professores orientadores e, como de resto, também presentes na bibliografia.

Alguns professores orientadores relataram a forma como lidam com as dificuldades apontadas por seus orientandos:

[...] eu evito chegar com o problema de pesquisa pronto para o aluno, [...] o trabalho é do aluno e tem que ser de um assunto de interesse dele. **(Orientador I)**

[...] eu mostro onde estão os sites de pesquisa de bases de periódicos, falo um pouco dos periódicos, anais de congresso, orientar para que eles também olhem artigos, dissertações e teses e não só livros, porque é natural o aluno ir também a um livro, livro é bom só que você não vê a ponta da pesquisa, o que está se falando agora. **(Orientador III)**

Muito diálogo, se possível, dou aulas no laboratório e faço o aluno acessar base de dados, ferramentas de pesquisa e outros recursos, procuro cobrar, mas dar incentivos e auxiliá-los na busca de soluções, trazer ex-alunos bons para relatar as suas experiências com TCC e com dissertação, convidar os alunos para assistirem as bancas. **(Orientador VI)**

[...] dando umas indicações de leitura ou indicação do que seria a estrutura, do que seria esperado na introdução, do que seria esperado no desenvolvimento, então eu tento passar para eles uma ideia de template do TCC [...] fazer a vinculação da dificuldade, vincular isso a uma questão prática é que eles perceberem que aquilo que eles estão fazendo não apenas como uma tarefa burocrática, mas como uma coisa que pode auxiliá-los também na vida profissional deles. **(Orientador VII)**

Nota-se, portanto, que os professores orientadores lidam de diferentes maneiras com as dificuldades relatadas pelos alunos, o que não exige os orientandos a buscar formas de solucionar, pelo menos em parte, algumas de suas dificuldades e isto pode ser obtido por meio de consulta à bibliografia disponível sobre o assunto.

Neste particular os professores orientadores que opinaram expressaram opiniões divergentes.

Os alunos lá na (IES) tem acesso à biblioteca, que tem o portal da CAPES então tem todos os periódicos que uma grande universidade poderia ter acesso, eles não têm dificuldade com bibliografia, eles têm dificuldade de pesquisar [...]. Eles têm acesso à base de dados do mundo todo... existe o manual da (IES), tem o manual para fazer o TCC. **(Orientador I)**

[...] é uma questão de metodologia, tem bastante coisa, tem bastante material, eu entendo que tem, tem livros hoje aí, tem até nos sites das universidades como você faz um projeto, como você faz uma pesquisa bibliografia, que tipo de pesquisa que existe. Isto tem. **(Orientador II)**

[...] na minha abordagem de orientação eu não pego tanto no pé deles com relação a essa parte [...] tem este manual [...] que tem orientações metodológicas gerais que eles têm que seguir, a estrutura do trabalho [...] isso nem sempre é o bastante, quando o aluno tem dificuldades eu recomendo livros de metodologia, mas eu não acho que tem tanta bibliografia disponível para orientação de metodologia de TCC especificamente [...] o que eu conheço, em geral, é metodologia de pesquisa geral, não tem tanta coisa específica para TCC. **(Orientador III)**

[...] tem bastante coisa, pelo menos quando eu estava no mestrado tinha bastante livros de como fazer um TCC bem feito, mas alunos de graduação eles estão preocupados com outras coisas, então eles acabam deixando o TCC como uma matéria “depois a gente resolve”. [...] falta mais motivação, disponibilidade do aluno em pesquisar nesses livros do que livros em si. **(Orientador IV)**

Na (IES) tem o manual e uma grande base de dados. **(Orientador V)**

É difícil falar sobre isso, eu não tenho nenhuma avaliação crítica dessa bibliografia, sei que ela é bem ampla e bem heterogênea. **(Orientador VII)**

O assunto é farto, é grande, se for por exemplo na contabilidade, você tem vários autores que podem contribuir, mas hoje em dia o aluno não consegue ler um e-mail, quanto mais ler um livro. [...] os trabalhos disponíveis, eles deveriam ter uma biblioteca mais enxuta, alguns autores fazerem um trabalho mais simplificado e, se possível, facilitar a vida desses alunos. Então bibliografia tem, o difícil é o aluno tentar buscar entender tudo o que está acontecendo. **(Orientador VIII)**

Oliveira et al. (2015) ressaltam que o TCC pode ser elaborado a partir de diversas fontes de informações, dentre elas: a literatura científica publicadas nas diversas bases de dados, de documentos e dos resultados de um projeto de pesquisa ou extensão. Este entendimento e os achados desta pesquisa dão suporte às divergentes opiniões dos professores orientadores.

No curso desta pesquisa realizou-se uma consulta ao acervo virtual das IES que compõem o campo de estudo e os achados corroboram a opinião de alguns professores orientadores sobre a existência suficiente de bibliografia, uma vez que foi contada a existência de 167 títulos, todavia cabe notar que, especificamente sobre orientação de trabalhos acadêmicos em contabilidade foram localizados apenas 2 livros.

O que também reforça a forma como os professores orientadores analisaram a bibliografia é o relato que fizeram quando perguntados sobre se preparam os orientandos a trabalhar com rigor metodológico ou se a IES oferece disciplina de metodologia.

As duas coisas”. **(Orientador VI)**; "Existe uma disciplina com essa finalidade. **(Orientador VII)**

Sim, tem todo o rigor metodológico, mas lembrando que a gente trabalha também com pesquisa aplicada, na nossa área acho que é adequado. **(Orientador I)**

Ele (aluno) tem orientação para isso, ele tem duas disciplinas, a primeira disciplina é onde ele vai discutir essa questão de metodologia [...], sugestão de tema, essas coisas, tem o acompanhamento e depois ele é obrigado a entregar este trabalho. Tem

pessoas especializadas que mostram isso, como se faz pesquisa, tem disciplina bem específica para isso. **(Orientador II)**

[...] tem uma questão específica aqui que acaba afetando mais o curso de contabilidade, porque a gente tem aqui dois cursos: contabilidade e atuária, como na estrutura de atuária a disciplina de metodologia aqui fica no sexto semestre logo antes do TCC [...], na contabilidade a metodologia está no segundo semestre, isso foi recente a alteração, a ideia foi propiciar que ele (aluno) possa, por exemplo, fazer iniciação científica e outros trabalhos científicos durante, mas muito relatam que já viram metodologia faz tempo, então isso acaba atrapalhando um pouco. Então tem benefícios como esse da iniciação científica, mas tem esse [...] se não usou ficou lá para trás. **(Orientador III)**

[...] lá na (IES) tem dois grupos de alunos: graduados e graduandos. Quem faz o curso normal de graduando tem a metodologia na grade, quem é graduado, já foi graduado em outro curso, quando entra na (IES) não faz de novo metodologia, então eu sinto muita dificuldade com esses alunos [...] que viram metodologia na primeira graduação e então [...] já esqueceram o que é metodologia, então eu acabo por reforçar alguns conteúdos de metodologia. **(Orientador IV)**

Temos dois tipos de graduação, o curso normal, regular e um outro dirigido a pessoas que já possuem outra graduação, onde mistura tudo: advogados, engenheiros, administradores, etc. Na regular é oferecida a disciplina de Metodologia, já para o outro grupo pressupõe-se que já tenham tido esta disciplina em sua graduação e então devido ao tempo decorrido, ou pelo fato de não terem tido, é sempre um pouco mais difícil trabalhar com este grupo. **(Orientador V)**

O rigor metodológico vem através de uma base formatada que criei, a gente disponibilizou para os professores aqui da (IES) e alguns professores dão retorno, fazendo algumas observações construtivas, onde o esqueleto a monografia está feito que é a parte pré-textual, textual e pós-textual e nesse caminho eu vou explicando as coisas mais simples possíveis, como faz uma citação direta curta e longa, citação indireta curta e longa, o que é apud, o que é et al, [...], em cima do rigor da ABNT [...]. Aqui (o trabalho) é chamado TCC 1 e TCC 2, ou seja, monografia 1 e monografia 2 [...]. **(Orientador VIII)**

Nota-se, portanto, que as IES que compõem o campo de estudo oferecem disciplinas voltadas à metodologia de pesquisa e conforme descrito nos Apêndices “B”, “C”, “D” e “E”. Seus Projetos Políticos Pedagógicos evidenciam a oferta de disciplinas de Metodologia, o que ratifica o depoimento dos professores orientadores.

Apesar de escassa, conforme observam Pithan e Vidal (2013), a literatura enfatiza o relacionamento entre orientador e orientando como ponto positivo para que o trabalho seja concluído com qualidade, evidenciando o conhecimento sobre o assunto pesquisado. Ferreira, Furtado e Silveira (2009) afirmam que a orientação inclui o encaminhamento e supervisão do candidato na montagem e execução da pesquisa, compreendendo todas as etapas da investigação, análise crítica e discussão do resultado, bem como a redação final dos trabalhos.

Degasperi et al (2015) complementam ao afirmarem que o TCC exige orientação para execução e prevê acompanhamento e avaliação constante, uma vez que se trata de uma atividade acadêmica obrigatória, precedida de um projeto. Campos Filho et al. (2015) por sua vez, destacam como fundamental o papel do orientador na condução e acompanhamento do orientado.

Sobre a rotina de orientação e correção dos trabalhos, uma evidência do relacionamento entre orientador e orientando, os professores orientadores demonstraram atitudes diferentes.

[...] o TCC demora um ano para ser feito na (IES), no primeiro semestre eles vão ter uma qualificaçãozinha e depois a entrega final é no segundo semestre. Então no primeiro semestre eles tem que preparar a introdução, embasamento teórico e explicar o método e no segundo semestre tem que fazer efetivamente a pesquisa e terminar o trabalho, então é assim, o cronograma já é definido pela escola e não pelo professor. Eles (alunos) têm horário de orientação fixo semanal, como se fosse um horário de aula normal e nessas ocasiões ocorrem as correções. [...] São orientados em grupos de três a quatro, pode ser sozinho [...]. **(Orientador I)**

[...] deixo muito claro que o trabalho é dele e que é ele quem vai fazer, eu não tenho nenhum esquema com aluno [...]. Aliás eu faço poucas reuniões presenciais com meus orientandos. [...]tem alguma coisa, fez o primeiro trabalho, fez a primeira minuta, ele me manda eu vou corrigir da primeira linha até a última, mandar com as correções e devolver para ele, [...] então eu não vou ficar controlando aluno [...], ele sabe o seguinte se não fizer um trabalho bom eu não vou aprovar [...] eu estou sempre à disposição do aluno, eu não preciso marcar com ele [...]. Se eu estiver aqui trabalhando e não estiver atendendo ninguém é claro ele pode ir entrando [...], mas não vou ficar marcando com ele não, isso eu não faço [...] ele me manda, via de regra, por arquivos eletrônicos, então as correções que eu faço eu já faço com marcador de texto, devolvo, depois ele me devolve. Como o trabalho tem que ir e voltar muitas vezes eu peço para ele deixar com os textos marcados para saber o que ele colocou adicional ou não. **(Orientador II)**

[...] eu defino um cronograma que é baseado neste manual [...]. Então é assim, no começo tem uma reunião inicial, cada mês tem uma reunião, tem as entregas que o aluno vai fazendo e você vai avaliando, eu defino assim grandes steps, mas não é uma coisa engessada, porque aluno de graduação está fazendo mil coisas, está no último ano, a maioria está trabalhando, então é difícil [...], eu coloco assim: até tal data você tem que me entregar a introdução, eu vou colocando assim. Minha prática costuma ser essa, sem prejuízo de ele até antecipar, se ele quiser. [...]. Então, a correção dos trabalhos, pelo menos no final, tem aquele formulário no manual, [...] tem os quesitos que são avaliados [...]. Então eu faço uma leitura crítica do trabalho, preencho essas notas e tem um campo final de comentários qualitativos onde eu indico minhas percepções, os pontos fortes e fracos do trabalho. A avaliação faço dessa forma. **(Orientador III)**

[...] não cobro tanto...estabeleço o cronograma mais para eles se basearem, saber o que precisaria estar concluído até aquela data, mas muitos deles ignoram [...]. No primeiro dia de aula eu mando o que em todas as aulas eles deverão trazer. Eu corrijo, além da aula na quarta, eles me mandam sempre na terça, é difícil de corrigir[...] mas eu faço bastante correção de texto e tentando mostrar justamente

[...]a parte que eu acho principal, que é o objetivo estar relacionado com a metodologia e com resultado, então a maior dificuldade é de entender que tudo o que eles escrevem no trabalho tem que ter relação com o objetivo, [...], eu acabo corrigindo algumas questões de texto, mas também não dou tanta ênfase para a gramática e questões metodológicas, eu aponto para eles o que está errado, mas eu não efetuo a correção [...] o TCC é em grupo de três a cinco. [...]. **(Orientador IV)**

[...]. Deixo a cargo dos alunos, tem um dia fixo na semana destinado a este fim. Nestes encontros os alunos entregam o material produzido para a correção, ou as vezes eles encaminham até antes. **(Orientador V)**

Cronograma semanal ou quinzenal. O aluno acompanha e o docente também. Além de usar o antiplágio, faço o acompanhamento semanal. O próprio aluno que não cumpre as metas acaba desistindo, mas poucos desistem. **(Orientador VI)**

Tem o cronograma institucional que os alunos precisam cumprir e eu defino um cronograma menos institucional e de acordo com as necessidades de cada aluno. Eu faço uma avaliação como a avaliação de um artigo científico, eu vejo se o trabalho tem uma estrutura consistente e passa a mensagem que ele pretendia passar. **(Orientador VII)**

Sim, tem uma rotina, essa rotina está na ementa e fico tudo documentado. Então é entregue uma ementa [...]. Não se esquecendo que o aluno já recebeu por e-mail a base formatada, onde sessenta por cento do trabalho está feita, ou seja, a estrutura da monografia está todinha em Word, [...] ele começa a fazer esse trabalho em cima dessa base formatada obedecendo esse cronograma de acordo com as nossas reuniões. [...] e aí tem um outro material que eu elaborei, dia a dia cada aluno coloca o seu nome, coloca o assunto [...] e cada dia eu vou colocando o que ele chegou e o que ele foi fazendo, [...] o trabalho é complementado com aula presencial que é o padrão da (IES), [...] eu disponibilizo algumas horas minhas onde eu faço o atendimento por e-mail. O trabalho é individual, [...]. Semanalmente, dentro desse cronograma, o aluno vai entregando o material sendo que no final do semestre ele entrega a última versão concluída, onde eu leio todo o trabalho dele realizado. **(Orientador VIII)**

O que se nota por meio das mensagens é que as diferentes atitudes com relação ao processo de orientação e as diferentes formas de correção decorrem, em certa medida, em função das determinações das IES sobre o processo de elaboração, acompanhamento e apresentação do TCC. Contudo não se percebe pelos relatos que tais atitudes provoquem situações como as apontadas nos estudos de Leite Filho e Martins (2007) e de Carmo, Machado e Cogan (2014), sobre encontros assistemáticos de orientação, desenvolvimento de sentimentos adversos e conflitos entre orientador e orientandos.

4.2.2 PERCEÇÃO QUANTO AO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZADO DISCENTE NA ELABORAÇÃO DO TCC

Este tópico tem por objetivo averiguar a percepção dos professores orientadores acerca dos ganhos que o graduando poderá obter mediante o processo de elaboração do TCC.

Laffin (2000) diz que o TCC pode ser compreendido como uma comunicação do resultado da pesquisa realizada, através da qual o aluno adquire conhecimentos necessários ao início da prática da pesquisa, com coerência e criticismo, o que irá possibilitar seu aprimoramento técnico, científico e profissional. Nesta linha de raciocínio, Ricardino (2011) complementa que o TCC favorece o desenvolvimento de atitude crítica, de habilidades e atitudes que serão importantes para o desempenho profissional.

Sobre a contribuição do TCC para o aprendizado discente os professores orientadores, em que pese a reserva com que alguns abordam o assunto, expressam alto grau de concordância em seus depoimentos, em aderência à literatura.

Eu acredito que sim, porque ele vai aprender a organizar as ideias, utilizando o método científico, vai enxergar, delinear e resolver um problema e esse tipo de método ele pode levar para a área profissional dele, mesmo que não seja área acadêmica. **(Orientador I)**

Eu acho que sim, apesar de que eu acho que é um negócio para cumprir tabela, eu acho que ele ajuda, agora ele vai ajudar para aqueles alunos que querem ser ajudados. Então veja, [...] o TCC é importante e tal, ele é para cumprir tabela, agora não ignifica que ele seja totalmente não aproveitável, porque tem aluno que faz para cumprir tabela e eu tenho certeza que isso acontece e tem aluno que faz e percebe que é um negócio legal e isso pode ser o primeiro caminho, o primeiro passo, por exemplo, para ele [...]continuar fazendo a carreira acadêmica, [...], então não dá para generalizar, é tudo ou nada, acho que tem os dois casos. **(Orientador II)**

Em teoria sim [...] se a gente pegar a concepção teórica, ler tudo o que está escrito, achar que ele vai fazer tudo direitinho é perfeito, mas na prática a teoria é outra. Eu percebo que por todas essas dificuldades que os alunos têm, falta de maturidade, a questão dos prazos que vai apertando, já está no último ano, muitas vezes eu sinto, infelizmente, que é mais uma coisa para eles fazerem para se formar, por isso que eles fazem, [...]. Alguns conseguem, em alguns casos o objetivo é atendido, mas a percepção na maioria dos que eu tenho orientado, infelizmente, é mais assim como uma disciplina que ele não gosta, mas tem que passar. Então eu percebo isso, mas é claro, não dá para generalizar, alguns tiram proveito [...] você percebe quando o aluno tem o perfil para pesquisa e tem capacidade o negócio é fantástico. Mas na grande maioria dos casos não é bem isso que funciona. **(Orientador III)**

Sim, bastante. Principalmente nisso que eu comentei que eles têm que aprender a pesquisar sozinhos. **(Orientador IV)**

Com certeza, o fato dele manter contato com as pesquisas, com trabalhos científicos sempre contribui para o aprendizado sim. **(Orientador V)**

Sem dúvida. Eles gostam muito no final e agradecem. Eles percebem o crescimento. **(Orientador VI)**

Eu entendo que sim, eu entendo que ele é uma ferramenta que permite essa reflexão e visa permitir que o aluno avançar um nível no processo de aprendizado. **(Orientador VII)**

Insufismavelmente, sem dúvida nenhuma. Aliás, o aluno antes do TCC é uma coisa e depois do TCC, o que participa realmente, que faz, é outro. **(Orientador VII)**

Em seus depoimentos os professores orientadores falam em “organizar as ideias”, “aprender a pesquisar”, “aprendizado” e “crescimento”. Estes termos refletem a percepção de que o TCC é importante para o aprendizado discente, como ademais é o entendimento de Degasperi et al. (2015) quando asseveram que o TCC resulta de um esforço de síntese, que o aluno faz para articular os conhecimentos teóricos adquiridos durante o curso, com o processo de investigação e reflexão sobre um tema de seu interesse.

Quando perguntados sobre as habilidades que os alunos desenvolvem ao elaborar o TCC, os professores orientadores apontaram aquelas que eles consideram as principais, com alto grau de aderência aos achados na literatura.

Exatamente essa estória de conseguir enxergar um problema, delinear melhor para poder resolver e a atenção na apresentação e nos textos, eu acho que o pessoal assim como a gente usa muita tecnologia, essa estória de cuidado com a escrita às vezes vai ficando para trás, eu acho que é importante isso. **(Orientador I)**

Eu acho que a principal coisa que ele faz é raciocinar, pensar e escrever, são duas coisas que eu considero importantes, ele passa a ter um problema, desde que ele não recorra à internet para buscar um trabalho já pronto, quer dizer, se ele realmente se dispuser a fazer o trabalho ele vai ter que pensar e ele vai ter que desenvolver. E isso eu vejo bastante, [...], a gente vê coisas com erros de concordância e tal, o que as vezes é falta de cuidado, porque você percebe que o cara escreve uma frase no plural, depois vem uma outra no singular, ora está na primeira pessoa, ora está na terceira. Isso só se aprende com treino, não tem jeito. **(Orientador II)**

Ou deveria desenvolver [...] também meio que na teoria [...]. Bem, eu acho que consolidar os conhecimentos, desenvolver espírito crítico, de ler diversos textos, conseguir conectar diversos textos, habilidade empírica, lidar com dados e com pesquisa, habilidade analítica, acho que isso assim no geral. **(Orientador III)**

Escrita principalmente, foco, porque eles vêm muito abertos, querendo pesquisar tudo, eles começam a aprender um pouco de foco e pesquisa, trabalhar com metodologia. **(Orientador IV)**

[...] aprender a trabalhar com método, a pesquisar, a pensar criticamente, desenvolver o raciocínio crítico e analítico, a ter mais desenvoltura por poder apresentar o trabalho perante uma banca. **(Orientador V)**

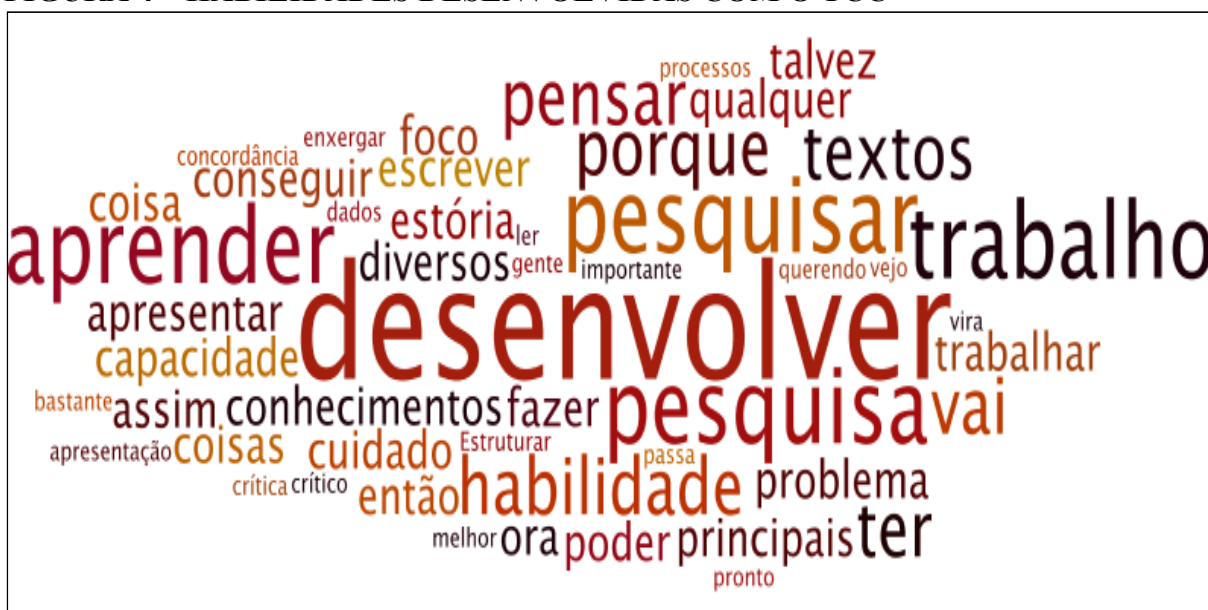
[...] capacidade de estruturar a pesquisa, problematizar, escrever conforme a norma culta, seguir a ABNT ou outro padrão, autonomia de pesquisa, contribuição para a sociedade. Pode ainda gerar novos produtos ou processos, ou aprender sobre determinada área. **(Orientador VI)**

Uma é a reflexão crítica, talvez essa seja uma das principais, uma segunda é desenvolver a capacidade de sintetizar, de síntese de conhecimentos que ele adquiriu ao longo do curso, habilidade de escrever, desenvolver e apresentar argumentos coerentes, então talvez sejam estes os principais pontos. **(Orientador VII)**

Aprender a pesquisar, mesmo com o Google, que é uma benção em qualquer celular, qualquer computador tem, muitas vezes o aluno tem dificuldade, ele prefere fazer o copy e cola [...] em vez de construir um trabalho, então eu acho que a principal coisa é ele aprender a pesquisar. **(Orientador VIII)**

O entendimento dos professores orientadores é aderente à literatura. Degasperi et al. (2015), corroborados por Oliveira et al. (2015), dizem sobre os ganhos do aluno na elaboração do TCC, destacando dentre outros: desenvolvimento da capacidade científica, crítica, reflexiva e criativa na área de interesse, habilidades para discutir ideias e o tema com base em referências teóricas, demonstrar domínio sobre o assunto pesquisado e comunicar o resultado de forma clara e gramaticalmente correta.

FIGURA 4 – HABILIDADES DESENVOLVIDAS COM O TCC



Fonte: Elaborado pelo autor

A nuvem de palavras mostrada na figura 4 evidencia os termos mais frequentes na fala dos professores orientadores. Palavras como “desenvolver”, “trabalho”, “pesquisa”, “pesquisar”, “aprender”, “pensar” e “pensar” condizem com habilidades que a literatura aponta como desenvolvidas pelos alunos ao desenvolver o TCC, dentre as quais o desenvolvimento da capacidade crítica e reflexiva e de comunicar o resultado do trabalho de forma correta e clara.

Já com relação à contribuição do TCC para a inserção do aluno na pesquisa científica os professores são unânimes em apontar que a contribuição de fato existe, entretanto, alguns fazem a ressalva de que esta inserção depende de o aluno demonstrar interesse.

Sim, eles têm o primeiro contato e podem depois, ou antes, eles podem, eles são apresentados para os trabalhos acadêmicos, são incentivados a continuar. **(Orientador I)**

Se estiver disposto a fazer isso sim, se não estiver disposto não. **(Orientador II)**

Também dentro da linha teórica [...]. Sim. E alguns de fato fazem [...], mas infelizmente tem deixado a desejar. É a minha percepção..., mas esse assunto do TCC e do formato sempre ressurge nas discussões aqui do curso, tem várias ideias: em vez de fazer pesquisa fazer um trabalho prático, um relatório de análise, uma alternativa à pesquisa porquê de fato exigir que o aluno tenha uma maturidade científica na graduação é um pouco exagerado [...], a gente está discutindo, tem alguns que tem uma posição mais extrema. [...], por enquanto é este o modelo, a gente percebe que este modelo tem as suas fraquezas, seu lado ruim. **(Orientador III)**.

Sim considero. Eles não conseguem visualizar tanto isso, mas contribui sim, primeiro porque como eu disse uma das principais vantagens do TCC é ensina-los a pesquisar sozinhos, então qualquer dificuldade que eles tiverem no trabalho eles saberão enfrentar. **(Orientador IV)**

De certa forma sim, mas vai depender dele, aluno, manifestar interesse pela pesquisa, geralmente o aluno de graduação já está trabalhando ou estagiando em alguma empresa, então ele tem a tendência de seguir onde já está, mas pode sim ser um incentivo para ele continuar na área acadêmica. **(Orientador V)**

Sem dúvida e para o interesse ao mestrado e a educação continuada. **(Orientador VI)**

Eu entendo que sim, o aluno que tem esse interesse o TCC apresenta uma porta de entrada, se ele já não tiver feito iniciação científica e para aqueles que não interessa, pelo menos naquele primeiro momento, dá a eles o acesso de entender o que que é um trabalho científico e realmente se não for de interesse o TCC também vai dar essa indicação. **(Orientador VII)**

Sem dúvida nenhuma, a partir do momento da disponibilidade dele, do interesse dele entender o que ele veio fazer neste plano de vida, [...], ele começa a pegar gosto, agora não esquece que tem um estrato social, [...]já você tem aqueles que se interessam muito, aqueles que se interessa razoavelmente que querem ser enganadas, só tem um diploma pensando que vão ser felizes no futuro. **(Orientador VIII)**

A percepção dos professores orientadores, cujos orientandos são alunos de graduação em Ciências Contábeis, está correta no entendimento de Pessoa Junior e Lima (2015). Os autores atestam que a ciência contábil, a exemplo de qualquer outra, evolui na medida em que ocorrem a produção e a disseminação do conhecimento por meio de novas pesquisas. Corroborando este entendimento, na acepção de Amaral e Nunes (2009) a elaboração do TCC ou de qualquer produção acadêmica, é importante para a produção do conhecimento, uma vez que enseja a aplicação de conceitos acumulados e a solução de situações-problemas, além de exigir planejamento, organização e operacionalização de um estudo sobre determinado tema, objeto de pesquisa.

4.2.3 ATITUDES FRENTE AO PLÁGIO ACADÊMICO

Um assunto que tem merecido cada vez mais atenção de professores e pesquisadores é o plágio de trabalhos acadêmicos, cuja disseminação tem sido cada vez mais facilitada após o advento da *internet*, devido à grande quantidade de *sites* que fornecem cópias de trabalhos acadêmicos, conforme salientam Barbastefano e Souza (2007) e Valente et al. (2007), o que para os autores enseja a tomada de medidas para, se não resolver, pelo menos minimizar a situação.

Este tópico tem por objetivo verificar como os professores orientadores lidam com o plágio acadêmico na elaboração do TCC, como detectam e quais atitudes tomam frente a esta questão.

Apesar de alguns terem declarado que nunca se depararam com situação de plágio, em TCC especificamente, os sujeitos desta pesquisa, demonstram estar atentos ao problema e enumeram os meios como conseguem identificá-lo.

Pela batida de olho, pelo estilo de escrita já consigo identificar. Se tiver alguma coisa muito conectada em um trabalho de TCC não foi o aluno que fez, então eu vou buscar quem escreve sobre aquilo e pelo o texto a gente consegue achar. **(Orientador I)**

Nos casos que eu peguei foi caso de coisa muito bem-feita, você percebe claramente porque conhece os alunos, sabe o estilo de escrever, a forma de escrever, então você pega um negócio assim [...] não tem como você garantir que não tenha passado por algum orientando meu. Mas eu acho que se pegar tem que punir de forma severa. **(Orientador II)**

[...] começa com a leitura, quando a gente lê ou acha muito bem escrito, exageradamente bem escrito para um aluno de graduação ou então trabalho que nada conversa com nada..., um texto que você já leu e reconhece... eu pego uns trechos e ponho no google, começo a copiar e colar assim alguns trechos... não vai ter tudo, mas se tiver um trabalho publicado ele puxa e aí eu pego. **(Orientador III)**

[...] a gente consegue visualizar que o trabalho está com um jeito de escrita diferente... porque sempre o aluno nega, não importa quantas evidências você tenha, eu comprei um farejador de plágio, assinei um, e agora eu faço em todas os trabalhos, assim que eles terminam o referencial eu passo os trabalhos no farejador e aí detecto e mostro o relatório. **(Orientador IV)**

{...} quando um trabalho está muito bem escrito, de uma forma que sabidamente aquele aluno não faria, ou então quando o trabalho não está muito bom e de repente dá um salto de qualidade ou ao contrário, o trabalho vem vindo bem e de repente muda tudo. Também já usei sites, tipo farejador de plágio. **(Orientador V)**

Eu não faço pesquisas mais formais sobre isso, isso normalmente é feito na disciplina de metodologia, discutido na disciplina de metodologia, o que eu vejo é quando o trabalho é desenvolvido ele traz para discussão, certamente eu vou desconfiar se ele não for capaz de desenvolver oralmente aquilo que está no papel. **(Orientador VII)**

[...] tem inúmeros softwares, [...], ou vai no Google Acadêmico, ou você pega uma frase inteira do trabalho. Agora o aluno que fez plágio, ele dá sinais, ele não produz e de repente a produção aumenta de repente. A grande problemática, se fosse a relação somente aluno e professor tudo bem, o problema é que, às vezes, são alguns chefes, alguns coordenadores de curso, diretores de faculdade, [...], que ah! o coitado do aluno, então o aluno passa a ser um coitado do sistema, então isso aí para mim é algo inaceitável. **(Orientador VIII)**

O *modus operandi* dos professores orientadores na identificação do plágio remete ao que ensinam Oliveira et al. (2015). Os autores afirmam que o controle do plágio é um dos grandes desafios dos professores orientadores, cujo acompanhamento mediante a verificação de textos suspeitos e o uso de recursos, possibilita a identificação precoce. Krokoscz (2011) concorda e assevera que o mais importante é evitar o plágio do que reconhecê-lo e puni-lo, embora isso seja imprescindível para que a prática não se torne banal.

A prática do plágio envolve questões éticas, na medida em que alguém, em proveito próprio, se apropria da produção de outro, sem dar o devido crédito.

A seu modo e em certa medida alguns professores orientadores indicam as formas que entendem suficientes para combater a prática do plágio.

É você falar com o aluno de cara, isso eu falo quando converso com ele, o primeiro dia que ele vem aqui eu falo: olha tem isso, isso, isso, você me conhece, sabe como eu sou, se isso acontecer você está fora do curso, simples. [...] garantir que todos os que eu tenha orientado nenhum tenha feito isso, eu não posso garantir. Mas a minha parte eu faço. **(Orientador II)**

[...] da minha experiência, desses dez anos que eu tenho orientado o que eu costumo fazer logo na primeira reunião é falar assim de forma bem expressa o que o aluno não pode fazer e se ele fizer pode até ir para a cadeia. Porque é crime [...] eu deixo muito claro assim de uma forma muito enfática na primeira reunião de orientação, mostro que é errado [...] a gente tem algumas maneiras de coibir, mas se o aluno quiser ele vai fazer. **(Orientador III)**

Acho que a melhor maneira, primeiro é orientar, dizer que copiar trechos de trabalhos também é plágio, fazer a citação e passar no farejador e mostrar os relatórios e dizer olha está verificando isso... mostrar eu acho que é importante, senão vai passar em branco. **(Orientador IV)**

É sempre orientar o aluno, dizer que isto não pode, que é crime e ele poderá ser duramente responsabilizado por isso. Às vezes o aluno faz por desconhecimento. **(Orientador V)**

Acompanhamento contínuo, explicação do que é plágio e as suas formas, aula sobre os aspectos legais e as práticas, utilização de software de apoio, no caso uso o copyspider e solicito que eles anteriormente já verifiquem se os trabalhos têm plágio. **(Orientador VI)**

Saber que vai ser reprovado, não tem outra maneira. [...]. Então a forma de coibir é contando histórias e o professor é sempre um contador de histórias. [...] sinais é uma coisa, se estiver comprovadamente comprovado o plágio, dá para reprovar, porque o aluno pode entrar com processo de perdas e danos, então entrar com processo dizendo que não plagiou, tem que ter tudo documentado, se não, não, tem que ser evidente, tem que ser comprovado. **(Coordenador VII)**

Um dos professores orientadores cita o desconhecimento do aluno em situação de plágio. Fachini e Domingues (2008) fazem observação semelhante ao afirmar que muitas vezes o estudante detém pouco conhecimento sobre o assunto, muito possivelmente em função da pouca exigência de produção científica na graduação.

Como leciona Sá (2001, p. 15) "a ética é a ciência da conduta humana, perante o ser e seus semelhantes", portanto nota-se que as mensagens dos professores orientadores carregam em si preceitos de ética, pois deixam claro que, no processo de orientação, falam a seus orientandos das consequências a que estarão sujeitos, no caso de desvio de conduta.

A ênfase dada pelos professores orientadores ao acompanhamento do aluno, condiz com o papel educativo do professor orientador de trabalhos acadêmicos de graduação e pós-graduação no sentido de identificar e combater o plágio, de acordo com Pithan e Vidal (2013).

Todavia, quando perguntados sobre como agiram caso um orientando seu apresentasse um trabalho com sinais evidentes de plágio, as respostas não foram coincidentes.

Não me deparei com uma situação tão evidente, mas são as práticas normais de reprovação, não tem o que fazer. **(Orientador I)**

Seria eliminar do curso, no mestrado. Mas no TCC seria reprovado, com certeza. **(Orientador II)**

Posso falar como ajo porque já fiz isso [...] é delicado, [...], depende muito de quanto está copiado, quais fontes, a gravidade do negócio. Já teve caso de eu mandar para o aluno você está sumariamente reprovado e vá procurar outro orientador. Já teve caso que o trabalho [...] foi uma parcial que a aluna me mandou e eu mandei todos os trabalhos que eu achei, mandei o que ela fez e ela se desculpou, se justificou e refez o trabalho inteiro, era uma aluna muito boa, acho que foi mais ingenuidade dela. Então depende muito da situação, mas minha tendência geral é zerar [...]. **(Orientador III)**

[...] é muito difícil porque teoricamente deveria ser uma reprovação automática, mas toda vez que eu enfrentei isso eu conversei com o meu coordenador e fui orientado a conversar com os alunos, falar que não pode e dar uma segunda chance, um outro prazo para eles entregarem um outro trabalho sem o plágio. **(Orientador IV)**

Seria nesta linha de orientar o aluno, dependendo da gravidade não tem outro jeito senão reprovar. **(Orientador V)**

Eu conversaria que o trabalho não é original, conforme as fontes localizadas e solicitaria ajustes. Mas, depende da quantidade de prazo e do prazo. Exemplo 1: Um aluno plagiou meia página e estamos no meio do semestre, é fácil arrumar. Exemplo 2: Um trabalho que é 100% plágio e que está no período de entrega. Neste caso é reprovação por falta de ineditismo. Nunca afirmo ser plágio, para evitar problemas legais. **(Orientador VI)**

Eu o repreenderia certamente, o faria perceber que eu identifiquei o plágio em primeiro lugar e em segundo repreenderia nesse sentido de que não é o comportamento esperado nesse tipo de atividade e muito provavelmente não seguiria como orientador dele. **(Orientador VII)**

Embora reconheçam a gravidade do plágio os professores orientadores, de modo geral, tendem a conversar com os orientandos, entender suas razões e, após avaliar a gravidade do caso, na maioria das vezes optam por conceder uma segunda oportunidade para que apresentem um novo trabalho livre de plágio.

Tal conduta tem respaldo na literatura, visto que Fachini e Domingues (2008) advertem que o professor orientador de trabalhos científicos (TCC incluído) deverá ficar atento e, caso observe uma situação de texto reproduzido sem a citação do autor, deverá alertar o aluno sobre a gravidade e as consequências e exigir as devidas correções. Gomes et al. (2015) seguem a mesma linha de pensamento, quando enfatizam que o papel do professor orientador é o de garantir a autenticidade do TCC e o de preservar a integridade moral de seu aluno.

A forma de agir dos professores orientadores decorre, em parte, da política das IES onde lecionam. À exceção do Orientador VI, os demais professores orientadores mostraram saber da existência ou não de uma política específica da IES sobre o assunto.

Tem uma política específica da (IES) para que não exista plágio. Então a (IES) inclusive disponibiliza software. **(Orientador I)**

“Tem essa política aqui bem sumária. Então é assim [...] eu nunca recebi nada, já tem dois anos. Então não é uma coisa que na nossa escola acontece com frequência, isso eu posso te dizer [...]. **(Orientador III)**

Tem no código de ética da escola que plágio gera reprovação automática, mas na prática isso não costuma acontecer. **(Orientador IV)**

Não. **(Orientador VI)**

Sim, a (IES) já soltou uma vez um documento que eu não lembro, não sei precisar qual é, e o próprio departamento dá respaldo para os professores. **(Orientador VIII)**

A afirmação do professor orientador VI choca com a afirmação do professor orientador VIII, uma vez que o PPP da IES em que lecionam prevê que no caso de identificação de cópia integral ou parcial, plágio ou autoplágio, o trabalho deverá ser descartado, ocorrendo a reprovação imediata do aluno.

E quando perguntados se os alunos usam o termo de consentimento livre e esclarecido, todos responderam “sim”, exceto os que lecionam na “IES Delta” que não adota este procedimento, segundo informaram. Entretanto o professor orientador VIII esclareceu que o referido termo de esclarecimento é usado somente quando envolve indígena, sexo, religião, raça e citou como exemplo um trabalho de contabilidade que envolva igreja, quando o comitê de ética da IES exige aquele termo.

4.2.4 PESQUISA NA GRADUAÇÃO E TCC

Este tópico tem por objetivo saber da importância que os professores orientadores dão à atividade de pesquisa durante o curso e por ocasião da elaboração do TCC.

A atividade de pesquisa é definida por Souza, Silva e Araújo (2011) como um compromisso social de todo curso de graduação e, portanto, deve ser estimulada desde o início para que o aluno desenvolva um olhar crítico e investigativo para as diversas situações do cotidiano, o que irá proporcionar uma melhoria de seu aspecto pessoal de vida, bem como para de seu desempenho intelectual e profissional.

A LDB prevê o incentivo ao trabalho de pesquisa como uma das finalidades do ensino superior, inclusive com a previsão de que este seja um dos tópicos a compor o PPP das IES, dentre outros. No caso das IES que compõem o campo de estudo, todas cumprem esta determinação, conforme pode ser verificado nos Apêndices “B”, “C”, “D” e “E” deste trabalho. Os sujeitos desta pesquisa ressaltam a importância da pesquisa para a formação do aluno.

[...] acho que é mais importante se o aluno tiver vontade de entrar para a área acadêmica. É uma das portas de entrada, escrever um bom TCC, mas mesmo que não seja para a área acadêmica a própria ideia de se organizar, levantar embasamento teórico referente aquele problema, entender as teorias por trás de um questionamento, desenhar a questão de pesquisa, entender que ele tem que dar uma solução específica para uma pergunta específica, acho que ajuda muito o aluno para gerenciar problemas em qualquer área. **(Orientador I)**

[...] tem aluno que a pesquisa não vai adiantar coisa nenhuma. Não vai adiantar nada, porque o cara tem a vida profissional dele, já está trabalhando, [...] um aluno da noite aqui está trabalhando em empresa de auditoria, em um banco, ele nunca vai se dedicar a isso. Tem o outro que até por ele não ter ainda esse direcionamento, de repente ele descobre nisso uma forma de dar um caminho para a vida dele. **(Orientador II)**

[...] é sem dúvida muito importante não só no TCC em si, em todas as disciplinas que o aluno realiza alguma forma de pesquisa, ou bibliográfica ou de casos de empresas, agrega para a formação dele. Em qualquer campo que estiver atuando ele vai precisar fazer pesquisa, seja documental, de dados empíricos, fazer análises, modelagens, para fazer estudos [...] isso é não só na área acadêmica, mas na área empresarial é comum fazer um estudo sobre tal coisa, se o aluno não tiver base de pesquisa o trabalho não vai sair, então eu acho fundamental, não tenho dúvida disso. **(Orientador III)**

[...] apesar de que na contabilidade isso não acontecer tanto, a pesquisa abre os horizontes do aluno, às vezes tem aluno que trabalha como auditor e ele pesquisa auditoria a vida inteira, então a pesquisa faz com que ele veja que tem outras coisas

dentro da contabilidade ou dentro da auditoria mesmo, então é uma forma de saber o que está sendo discutido de novo na contabilidade e de buscar novos horizontes, buscar outras coisas além do que ele já faz no dia a dia. **(Orientador IV)**

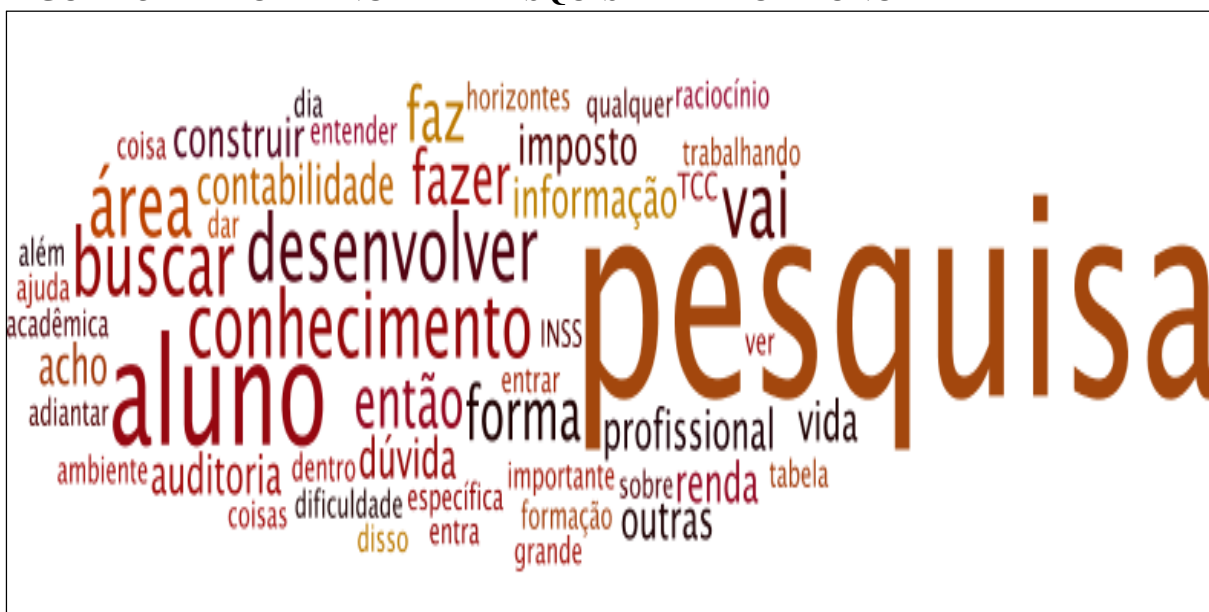
É de suma importância, pois coloca o aluno em contato com o que outras pessoas pensam e estão dizendo sobre o assunto, além disso como já disse ajuda o aluno a desenvolver seu raciocínio e a trabalhar com rigor metodológico. **(Orientador V)**

É uma etapa do processo de formação do aluno, sem dúvida, eu acho que [...] contribui para o aluno desenvolver capacidade crítica, de raciocínio, de reflexão, [...] a partir do momento que o aluno entende o processo de pesquisa como algo que ele tem que construir, tem que buscar, desenvolver e ele mostra uma aptidão para isso, há uma relação com esse tipo de habilidade com o que ele pode desenvolver também no ambiente profissional, quer dizer, ele é capaz de buscar o desenvolvimento de um determinado tema e ir buscar soluções para aquilo que ele pretende desenvolver na pesquisa e acho que isso se reflete também no ambiente profissional. **(Orientador VII)**

[...] constrói o conhecimento, é exatamente através da pesquisa, senão não tem como construir conhecimento, [...] a grande dificuldade de alguns professores e da maior parte dos alunos [...], é que eles acham que construir conhecimento é um professor passar slides, ficar quieto, responder a chamada e ser aprovado. Então o que a pesquisa faz, ela forma o aluno, ela constrói conhecimento, mas para isso ele tem que fazer pesquisa. [...]. A grande dificuldade do jovem que entra na faculdade [...], ele confunde informação com conhecimento. **(Orientador VIII)**

Os pontos levantados coincidem com o que apontam alguns estudos, como o de Amaral e Nunes (2009) que destaca o amadurecimento pessoal, profissional e intelectual do indivíduo, obtido por meio da pesquisa científica, e o de Rausch (2008) que aponta o desenvolvimento da capacidade científica que permite ao aluno relacionar aspectos teóricos e práticos em sua profissão de forma crítica e reflexiva. Os autores citados são corroborados por Silveira, Ensslin e Valmorbidia (2012) para quem a pesquisa propicia ao aluno o desenvolvimento de habilidades, como o pensar de forma lógica e analítica, que trará benefícios e lições não só para sua vida acadêmica como pessoal.

A produção científica é destacada por Dallabona, Oliveira e Rausch (2011) como um vetor da disseminação do conhecimento, onde as pesquisas assumem relevante importância para que pesquisadores, cientistas, administradores e outros usuários se atualizem e solidifiquem o conhecimento científico sobre os mais variados temas, o que ocorre a partir desta divulgação. Os professores orientadores fazem menção ao TCC como um dos meios de pesquisa, com o que concordam Ricardino (2011) para quem o TCC é a preparação acadêmica para futuras situações profissionais e Oliveira et al (2015) que destacam as habilidades e competências que os alunos desenvolvem neste processo de pesquisa.

FIGURA 5 – IMPORTÂNCIA DA PESQUISA PARA O ALUNO

Fonte: Elaborado pelo autor

A análise da nuvem de palavras (figura 5) evidencia o termo “pesquisa” como o tema central das respostas dos professores orientadores ao destacar sua importância para a formação do aluno. Outros termos destacados como “buscar”, “desenvolver” e “conhecimento” igualmente remetem ao ato de pesquisar um tema, onde o aluno busca desenvolver o conhecimento.

Apesar de ressaltarem a importância da pesquisa na graduação, são poucos os professores orientadores que utilizam suas próprias pesquisas em sala de aula.

{...} a matéria que eu leciono é exatamente o que eu pesquiso então eu trago para a graduação o resultado das pesquisas, tanto de artigos que eu escrevo como qualquer pesquisa. **(Orientador I)**

[...] eu dou o direcionamento, mas usar trabalho meu, via de regra eu não faço isso. [...] bibliografia para os caras lerem tem, tem artigo meu, mas eu não vou ficar cobrando [...]. **(Orientador II)**

Se tem correlação com o tema eu uso sim. **(Orientador III)**

Sm”. **(Orientador VI)**

Olha, não as minhas pesquisas, não acho que tenham relevância para leva-las para a sala de aula, não ainda. Mas eu levo algumas pesquisas sim. **(Orientador VII)**

A baixa utilização de pesquisas próprias em sala de aula é explicada, em parte, pelo fato de que alguns professores orientadores possuem titulação de Mestre e ainda não

desenvolveram linhas de pesquisa. Quanto aos titulados com o grau de Doutor, alguns não utilizam suas pesquisas em sala de aula por mera deliberação.

Quanto ao item seguinte do instrumento de pesquisa, se os alunos mantem contato com a pesquisa ao longo do curso ou apenas no TCC, a maioria dos professores orientadores respondeu que sim; os alunos contam com a possibilidade de manter contato com a graduação no decorrer do curso.

Isso vai muito de professor para professor, mas como na (IES) grande parte dos professores de graduação tem doutorado então essa estória de pesquisa para os alunos é recorrente. **(Orientador I)**

[...] pesquisa direcionada para o TCC realmente só depois que ele começa a fazer a disciplina orientada para isso. Tem aqui uma disciplina direcionada para isso, nem é o TCC é uma disciplina anterior orientando para isso. **(Orientador II)**

Depende muito da disciplina e do professor, de forma geral sim, durante o curso acontecem contatos, mas nem tanto do desenvolvimento de pesquisa; pesquisa mais parruda é no TCC, nas disciplinas as vezes acontece seminários que o aluno tem que fazer uma pesquisa, apresentar algum caso em geral em grupo, mas o TCC é individual. Então eles têm sim contato ao longo do curso, mas de uma forma assim mais extensa é no TCC. **(Orientador III)**

A gente tem lá na (IES) um programa de iniciação científica, mas poucos alunos fazem, poucos alunos se interessam principalmente em ciências contábeis, [...], mas eles têm esse comecinho, depois eles têm aula de metodologia onde eles têm que desenvolver uma prévia do artigo e depois no TCC onde eles vão ter realmente o primeiro contato [...]. **(Orientador IV)**

Aqueles que fazem iniciação científica sim e durante as aulas de metodologia os alunos tem sim acesso a pesquisa. **(Orientador V)**

Tem a iniciação científica, [...] uma parte muito menor dos alunos se insere e a outra, [...] se insere também nos projetos de pesquisa dos professores, então tem os laboratórios e[...] alguns alunos de graduação se inserem nesses laboratórios e tem também a disposição as pesquisas à medida que o laboratório vai desenvolvendo. **(Orientador VII)**

Apenas no TCC. **(Orientador VI); (Orientador VIII)**

Nota-se pelas declarações dos professores orientadores que, apesar do PPP evidenciar o incentivo à pesquisa, via de regra, tal prática não é recorrente, visto que os programas de iniciação científica são opcionais, de forma que muitos alunos tomam contato com a pesquisa somente por ocasião do TCC, o que reforço a afirmação de Patrício et al

(2011) de que há casos de graduandos que, ao longo de sua vida acadêmica, tem no TCC sua única oportunidade de aprender a pesquisar.

A situação é constatada em outras IES, como demonstrou a pesquisa de Peixoto et al (2014) junto a 109 alunos concluintes do curso de graduação em Ciências Contábeis em IES públicas do Estado da Paraíba, que evidenciou tratar-se de um processo incipiente, tendo como alegação o fato de a maioria dos alunos estar no mercado de trabalho. Entretanto o trabalho de Pessoa Junior e Lima (2015) realizado com 219 alunos da UFRN constatou que eles são incentivados a ler e produzir artigos e apresentam boa taxa de participação em eventos científicos, em que pese o baixo nível de produção.

4.3 EVIDENCIAS DA INTEGRAÇÃO GRADUAÇÃO X PÓS GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*

Este tópico da pesquisa pretende avaliar se as práticas de orientação de TCC favorecem de algum modo a integração entre a graduação e a pós-graduação *stricto sensu* em Ciências Contábeis. Não foram localizados estudos que evidenciem tal integração e, mesmo em outras áreas, a literatura é escassa.

Discorrer sobre a integração entre os dois níveis de ensino superior, graduação e pós-graduação, é assunto remoto nos meios educacionais (MATOS et al., 2011). Os autores salientam que, a rigor, não se nota com frequência a existência de propostas que demonstram a forma de promover esta integração e em alguns casos, mesmo que existam, tais propostas não esclarecem a complexidade da tarefa de integrar as duas áreas de ensino.

Um estudo de Lordelo, Silva e Teixeira (2015) analisou o impacto da iniciação científica na continuidade e na antecipação de mestrados, a partir do universo de bolsistas de 5 editais de uma universidade pública. Os autores concluíram que a IC, apesar da baixa capacidade preditiva, teve influência na antecipação da formação, pois 33,2% dos egressos que realizaram mestrado o fizeram imediatamente após a conclusão da graduação e outros 41,6% o fizeram entre um ano e até dois anos depois de graduados, o que equivale dizer que 74,8% dos alunos que ingressaram no mestrado, o fizeram até 2 anos após a conclusão da graduação. Cabe ressaltar que o curso de graduação em Ciências Contábeis foi excluído do estudo devido ao pequeno número de participantes.

4.3.1 SEQUÊNCIA DA CARREIRA ACADÊMICA DOS ORIENTADOS NO TCC

Este tópico tem o objetivo único de averiguar quais as medidas identificadas pelos professores orientadores que, a seu juízo, podem contribuir para que o orientando prossiga sua formação acadêmica na pós-graduação *stricto sensu*.

Foi perguntando aos professores orientadores o que fazer para que o aluno graduado desperte interesse para a pós-graduação *stricto sensu*.

[...] como na (IES) tem um curso de *stricto sensu* é de interesse que os alunos continuem sendo alunos, então tem uma política comercial de apresentar aos alunos da graduação os cursos de *stricto sensu* da própria instituição, então é uma prática comercial da instituição, através dos professores, [...]. **(Orientador I)**

Eu não sei [...] acho que é de cada professor [...] cada aluno o que ele quer, o que ele busca em você é o exemplo, [...]. Não é uma coisa que você pode embutir no aluno é ele quem tem que buscar. Ele pode pegar um professor que é um excelente pesquisador, ter trabalhos publicados magníficos, mas que seja um péssimo professor, [...] a imensa maioria vai sair daqui muito mais criticando o fato dele ser um péssimo dador de aula do que um excelente pesquisador. A pesquisa não é uma coisa que vislumbre, uma coisa importante para o aluno. **(Orientador II)**

[...] isso é pessoal de cada aluno, o aluno tem que ter perfil, tem que ter interesse, ele tem de alguma forma visualizar na carreira acadêmica aquilo que ele quer para ele, [...] dar continuidade do estudo dele. Acho que da parte da instituição e do orientador o que a gente pode fazer é revelar um pouco mais a pós, as vezes o aluno nem sabe o que é mestrado, doutorado [...], da parte da instituição eu acho que é isso, por exemplo, convidar o aluno para participar de uma banca..., mas muitas vezes o aluno não tem interesse em ir para a área acadêmica, ele não vai, mas acho que é assim de uma forma geral divulgar mais, nas salas de aula discutir pesquisas que estão sendo realizadas pelos alunos da pós, curso [...] nessa linha. **(Orientador III)**

Eu não sei bem se a gente pode fazer alguma coisa para despertar esse interesse, acredito que os alunos que já tenham esse interesse a gente pode [...], uma boa relação entre o orientador e orientando ajuda bastante [...], depende do aluno e da primeira experiência dele com pesquisa. **(Orientador IV)**

Creio que uma melhor divulgação, mas vai depender do interesse do aluno para a docência, muitas vezes ele parte para outra graduação ou alguma pós visando o interesse profissional dele, pois geralmente no final da graduação o aluno já está trabalhando. **(Orientador V)**

Conversar em sala, proporcionar eventos sobre a temática e utilizar o TCC para isso. **(Orientador VI)**

É uma boa pergunta, tem uma concorrência muito forte para o mercado e o aspecto financeiro que o mercado oferece. É de fato desenvolver uma cultura o que não é muito simples tampouco imediato. **(Orientador VII)**

Acho que o próprio mercado de trabalho já direciona ele ou para o lato sensu ou para o stricto sensu. [...]. Também um processo equivocado por alguns que fazem uma faculdade talvez onde ele não se dedicou, não tinha docente ou não tinha um rigor interessante, ele vai fazer a pós para conseguir recuperar suas dificuldades. Aí é aquela coisa do estrato social, da pirâmide, tem uns que se interessam, tem uns que querem até ir para a área de educação, apesar de muita parte ser desmotivadora, alguns acabam se interessando sim. **(Orientador VIII)**

De forma geral, os professores orientadores enfatizam que cabe ao aluno despertar o interesse pela pós-graduação e elencam medidas que poderiam levar o aluno da graduação à pós-graduação:

- a) Convidar o graduando para assistir bancas de defesa;
- b) Utilizar artigos científicos em sala de aula;
- c) Divulgar melhor a pós-graduação;
- d) Utilizar o TCC como incentivo,
- e) Promover eventos sobre o tema.

As medidas apontadas têm estreita relação com as sugeridas por Matos et al. (2011): participação de docentes da pós-graduação na graduação (o que já ocorre no caso dos professores doutores), estágios de docência dos alunos de pós-graduação, orientação de estágios dos alunos da graduação por alunos da pós-graduação e a coorientação por alunos e docentes da pós-graduação em atividades de iniciação científica dos alunos da graduação.

Sobre se o TCC pode ser um indutor para que o aluno prossiga seus estudos, o discurso guardou alto grau de similaridade.

Não sei se ele é decisivo porque o aluno que vai para a área acadêmica é um aluno que já pensou nisso antes do TCC normalmente. Não sei se ele é indutor, porque o que acontece, pelo menos lá na (IES), é que os alunos têm logo no início oportunidade de participar do programa de iniciação científica. **(Orientador I)**

Depende também, essa eu já respondi, é a mesma coisa. O cara vai descobrir que ele gosta de escrever, que gosta que ele tenha um assunto, que gosta de fazer, que pode ser uma carreira. Isso tem. **(Orientador II)**

Com certeza, não tenho dúvida disso. Acho que se ele tiver esse perfil para fazer o stricto sensu será a fâsca para ele seguir. **(Orientador III)**

Sim, acho difícil ele querer alguma coisa no stricto sensu sem ter já feito alguma coisa, precisa testar e o TCC é um teste para ele ver se ele vai gostar ou não. **(Orientador IV)**

Sim, ele pode gostar do trabalho de pesquisa e continuar os seus estudos, que pode não ser necessariamente visando o mundo acadêmico e sim o desenvolvimento de sua atividade profissional. **(Orientador V)**

Sm” **(Orientador VI); (Orientador VIII)**

Eu entendo que sim, inclusive no processo seletivo isso é considerado, saber o que o aluno desenvolveu no TCC e qual foi a experiência dele no TCC. **(Orientador VII)**

Nota-se que os professores orientadores acreditam que, em certa medida, o TCC pode contribuir para que os alunos prossigam os estudos, todavia salientam que o fator primordial é o interesse do aluno pela carreira acadêmica, e o processo de pesquisa é um fator que pode contribuir para a tomada de decisão. É com a pesquisa que o estudante aprende a utilizar a metodologia científica para detectar, conhecer, resolver situações e propor ações que necessitam de intervenção; incentivando o estudante a prosseguir em sua formação acadêmica (SILVA et al., 2009). Mais específico, Castro Filho (2010) diz que o trabalho de pesquisa é uma das ações do ensino de graduação, e o TCC é o complemento dessa ação como um dispositivo para que os estudantes prossigam dando continuidade em futuras pesquisas na pós-graduação.

E quanto a contribuição do TCC para a inserção do aluno no mundo do trabalho, um dos professores orientadores foi enfático ao afirmar que não contribui. Os demais afirmaram que sim, recordando as habilidades que os alunos desenvolvem com a elaboração do TCC.

Eu acho que contribui para organizar as coisas, organizar o pensamento e se preocupar com a apresentação, fazer uma apresentação decente, escrever um texto decente. **(Orientador I)**

No mercado de trabalho, o TCC via de regra não tem nenhuma importância. Dificilmente você encontra [...] um aluno que fez o TCC sobre um determinado tema qualquer e que ele descobriu esse tema no trabalho, mas via de regra não volta para aquele trabalho mostrar o resultado ou se voltar as pessoas que estão lá não vão dar importância, não vão valorizar o trabalho, então de certa forma o TCC não tem grande importância para a inserção profissional. **(Orientador II)**

Do jeito que o modelo está feito hoje que é uma pesquisa, um artigo, poderia ter maiores ganhos se fosse num formato diferente, por exemplo, se fosse um trabalho prático sem tanto rigor e tal, mas ainda assim acredito que contribui porque [...] muitas empresas demandam pesquisas de seus profissionais, no momento em que o

aluno se dispõe a fazer uma pesquisa ele está tomando contato com este mundo, ele está fazendo, vendo as dificuldades, os desafios e isso de alguma forma [...] contribui para o aluno, mas tem potencial para contribuir mais. **(Orientador III)**

Sim acredito que contribua nesse sentido de aprendizado na pesquisa, acredito que o TCC ajuda muito mais na área acadêmica nesse primeiro passo para o *stricto sensu*. **(Orientador IV)**

Com certeza contribui, pois no exercício de sua profissão o aluno terá que, em algum momento, desenvolver algum tipo de trabalho, de atividade que demande pesquisa e ao fazer o TCC ele terá facilitado o seu modo de entender e trabalhar adequadamente os dados que pesquisar. **(Orientador V)**

Sim, mas nem sempre é possível. Tive alunos que tiveram convites de empresas por conhecer o tema, mas é raro. O mais comum é o aluno trocar de área ou ser promovido pelo TCC. **(Orientador VI)**

Eu entendo que sim, na medida em que o aluno perceber que isso é possível e pode desenvolver alguma que esteja justamente relacionada com algum tema de interesse dele profissional, então acho que é possível. **(Orientador VII)**

Ele cria outras realidades muito interessantes, muitas vezes, [...] o jovem não percebe que aquilo que ele está fazendo vai adicionar valor de conhecimento para ele e aí eu tenho muitas histórias de alunos [...]. Das mais diversas pessoas, que trabalhavam numa rede de café, de uma moça que foi prestar concurso para o Banco Central do Brasil, outra que trabalha em auditoria, uma que foi pegar uma única instrução da CVM referente a um trabalho que ela desenvolvia na instituição financeira, o chefe descobriu e deu o maior apoio, outro que fez a questão ambiental, quer dizer, desenvolve com certeza. **(Orientador VIII)**

Um dos professores orientadores, apesar de concordar, ressaltou que o TCC, desenvolvido em sua IES na forma de artigo, não contribui tanto nesse quesito como no que seria o caso de um trabalho prático. De forma que, quando concordam que o TCC pode contribuir para a inserção do aluno no mundo do trabalho, os professores orientadores estão alinhados com o que afirmam Castro et al. (2006) que ao apontarem ao perfil desejado dos profissionais da área contábil, ressaltam que uma das formas de desenvolver tal perfil é através da técnica da pesquisa.

4.3.2 ORIENTAÇÃO NO TCC E NO *STRICTO SENSU*: LINHAS DE PESQUISA

O objetivo deste tópico é verificar a participação dos graduandos nos projetos de pesquisa dos orientadores e qual a importância que estes atribuem a eventual participação.

Todos os professores orientadores com título de Doutor, concluído ou em andamento, desenvolvem linhas de pesquisa, as quais estão explicitadas no quadro 8 e são poucos os têm por praxe convidar os alunos da graduação para participar de seus projetos.

[...] tem que ter fundos para isso, [...]pedir dinheiro para a CAPES [...], mas a (IES) tem uma área interna que dá bolsa para que os alunos [...] participem dos projetos de pesquisa dos professores do stricto sensu, [...], mas aí é um aluno que vai ter mais interesse na área acadêmica. O problema do aluno de ciências contábeis é que no segundo semestre ele já arrumou emprego, então ele tem que ter essa vontade de ir para a área acadêmica [...]. **(Orientador I)**

Só se eles manifestarem interesse, convidar não. Se o aluno vier aqui e falar nós vamos fazer um trabalho, nós fazer uma dissertação, fazer uma tese, então vamos fazer o trabalho dele, nós vamos publicar alguma coisa juntos, mas eu não vou buscar, [...]. Seu eu tiver alguma coisa para oferecer para o aluno, ou se ele tiver alguma coisa para vir aqui pedir para mim e a gente puder fazer alguma coisa juntos tudo bem, mas eu sair atrás do aluno para fazer, eu não faço. **(Orientador II)**

De graduação não tenho muita praxe não, no geral são os alunos de pós. Só se for alguma coisa assim levantamento de dados, alguma coisa assim. **(Orientador III)**

Tenho. Por meio do TCC, mas estou começando a inseri-los no grupo de pesquisa diretamente. A inserção no grupo é algo que devo desenvolver mais. **(Orientador VI)**

Sim, tenho. Logo que entrei na (IES) tive um projeto financiado e [...] tinha bolsa para graduação, tive dois alunos de graduação trabalhando comigo, com bolsa, e tive também alguns trabalhos mais eventuais de pesquisa que eu envolvi alguns alunos e sempre procurando remunerar nesses casos. **(Orientador VII)**

Sim. Este semestre começa, a gente começa com alguns alunos e eles começam a desenvolver suas pesquisas. [...]. Eu não tinha muito este costume, mas agora estou começando, aluno de TCC de graduação mesmo. **(Orientador VIII)**

O processo de orientação do TCC traz benefícios não só para o orientando. Ferreira, Furtado e Silva (2009) afirmam que para o orientador resulta em aumento da satisfação pessoal, estímulo, oportunidade de manter-se atualizado em termos de técnicas e conhecimento, atrair novos colaboradores para projetos atuais e futuros, além de proporcionar oportunidade para criar um legado em gerações futuras na linha de pesquisa. São poucos os que costumam convidar alunos de graduação para tomar parte em suas pesquisas, todavia os professores orientadores, sabem da importância de eventual participação.

[...] acho que é mais a porta de entrada do que o próprio TCC para a área científica, porque no TCC o aluno cumpre uma obrigação, agora iniciação científica dele, participar de um projeto com um professor ele tem o incentivo da bolsa, aí é que é porta de entrada para ele ir para a área acadêmica. **(Orientador I)**

[...] quanto a importância de o graduando participar eu acho que sim, desde que ele tenha interesse. Se o aluno vier aqui e escolher um tema errado, eu vou dizer isso não é legal, não vai dar certo, já tem gente que já fez. Se ele vier aqui e escolher um tema sobre o qual eu não tenha nenhum conhecimento eu vou dizer não posso te orientar nisso [...] eu não vou atrás de aluno, ele vem aqui e me procura, se eu puder ajudar vou ajudar com o máximo prazer [...] eu vejo dessa forma o aluno é que tem que decidir, que escolher. **(Orientador II)**

Sem dúvida teria, mas depende também da demanda deles, da disponibilidade de tempo, porque os alunos aqui em geral eles no terceiro e quarto ano estão trabalhando então não tem muito tempo, quem acaba se envolvendo são os alunos de pós que estão aqui. **(Orientador III)**

Sim, seria importante, seria um incentivo a mais para eles continuarem no stricto sensu, pegar os alunos já egressos do curso e voltar para outro passo no stricto sensu. Eles admiram bastante o professor, então convidar para o trabalho de pesquisa seria um incentivo para os alunos irem para o stricto sensu. **(Orientador IV)**

Creio que é importante para que eles tomem conhecimento do que está sendo feito, o que está sendo pesquisado e o que poderia ajuda-los tanto na elaboração do TCC como no conhecimento propriamente dito. **(Orientador V)**

Para o desenvolvimento e aprendizado deles, inclusive para continuar os estudos, publicações e produções, para o desenvolvimento de produtos e processos, contribuir com a sociedade, para instituição de ensino, pois possibilita maior visibilidade e para o orientador, pois pode gerar pesquisas, publicações e produções. **(Orientador VI)**

Eu acho que tem a importância de inseri-los em um ambiente de pesquisa e ajuda muito no desenvolvimento da pesquisa sob meu ponto de vista. **(Orientador VII)**

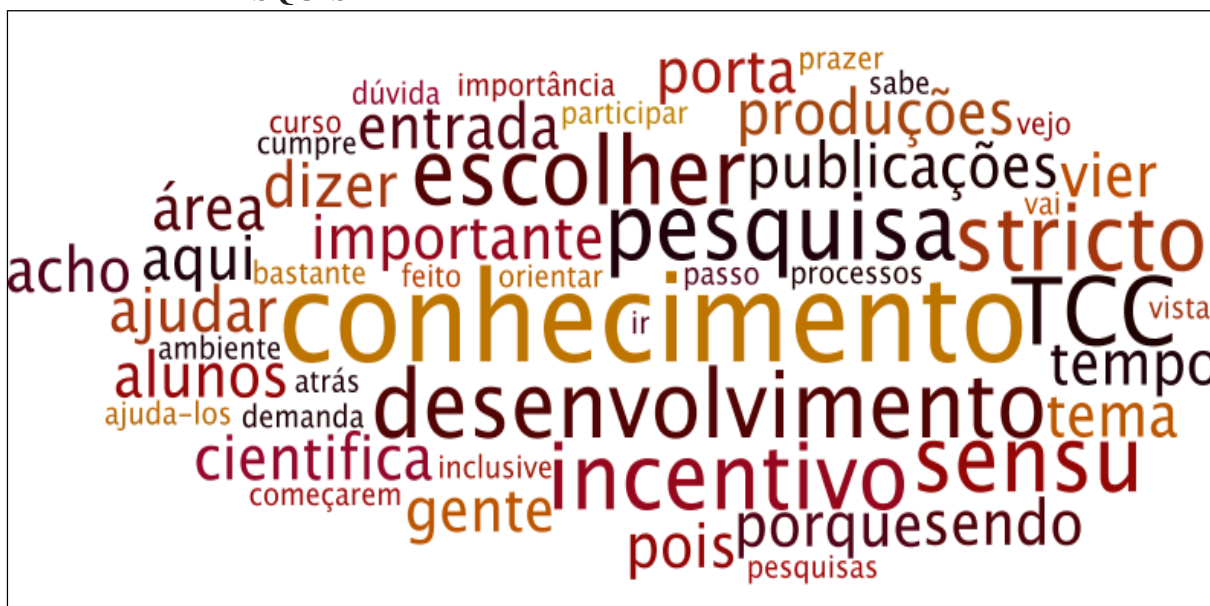
Eles comecem a perceber qual é o mundo real que a gente vive, a necessidade de conhecimento, não só de formação no papel. **(Orientador VIII)**

Um entrave à participação dos alunos em projetos de pesquisa, apontado pelos professores orientadores, trata-se de bolsas para os alunos e financiamento da pesquisa, o que pode ser demonstrado através de números. O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), atualmente vinculado ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), oferece várias modalidades de bolsas de formação e fomento à pesquisa, a alunos de ensino médio, graduação, pós-graduação, recém-doutores e pesquisadores já experientes do País e do exterior (SANTOS; LEAL, 2014). As bolsas são concedidas diretamente ou por instituições de ensino e pesquisa para as quais o CNPq destina quotas de

bolsas. Conforme dados divulgados em sua *home page*, atualmente o órgão registra a vigência 59.479 bolsas concedidas, das quais 1.622 (2,73%) são de iniciação científica. (CNPQ, 2016).

A análise da nuvem de palavras (figura 6) destaca a sigla “TCC” e os termos “conhecimento”, “pesquisa”, “desenvolvimento”, “escolher”, “*stricto*” e “incentivo”, presentes nas falas dos professores orientadores, evidenciando que eles consideram importante a participação dos alunos em projetos de pesquisa, como forma de ampliar conhecimentos úteis não só para melhor desenvolver o TCC como para incentivá-los ao *stricto sensu*.

FIGURA 6 – IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO DISCENTE EM LINHAS DE PESQUISA



Fonte: Elaborado pelo autor

A baixa participação dos graduandos nos projetos de pesquisa de seus orientadores, tem reflexos também se no acesso aos trabalhos desenvolvidos pelos alunos do *stricto sensu* e vice-versa.

Se estiverem no mesmo projeto de pesquisa do professor isso pode acontecer, se não, não. O que que tem é o esforço para ter uma integração, tem dois, três eventos na (IES), dois da graduação, um em cada semestre onde os alunos e professores do *stricto sensu* apresentam as suas pesquisas para os alunos de graduação, [...]. Os alunos da graduação são obrigados a assistir aquelas palestras que são apresentação dos trabalhos do *stricto sensu*, [...] tem pesquisa de professor e tem pesquisa de aluno, são os professores e os alunos do *stricto sensu* palestrando para os de graduação [...]. **(Orientador I)**

Assistem até a aula se eles quiserem, não tem problema nenhum, até porque os trabalhos que meus alunos do *stricto sensu* fazem são públicos. Eu não vou dar acesso a eles a um trabalho, uma dissertação que ainda não foi defendida ou de uma

tese de doutorado que ainda não foi defendida, se ele quiser ter acesso ele vai ter acesso na biblioteca. **(Orientador II)**

Sim, se houver necessidade não vejo problema nenhum. **(Orientador III)**

Claro. **(Orientador VI)**

Nem é uma decisão que depende tanto dos professores porque os trabalhos estão disponíveis na plataforma da IES e qualquer aluno pode ter acesso [...], a gente recomenda [...] pode incentivar mais ou menos os alunos a irem buscar esses trabalhos que já estão disponíveis. Os que estão sendo desenvolvidos o acesso é mais o aluno que está desenvolvendo querer compartilhar [...], quando nos grupos de pesquisa este acesso acontece naturalmente porque existem discussões dos projetos que estão sendo desenvolvidos, fora disso vai depender de haver uma convergência de interesses dos pesquisadores. **(Orientador VII)**

A participação dos graduandos nos trabalhos desenvolvidos pelos alunos do stricto sensu se mostra uma oportunidade de troca de experiências e de conhecimento. Neste particular, o relato dos professores orientadores mostra-se descolado do entendimento de Machado et al. (2009) quando afirmam que a construção do conhecimento deve ocorrer através de discussão, debates, críticas e troca de experiências que contextualizem as informações e não apenas pela transmissão de informações dos professores aos alunos.

A Resolução 10/2004 determina que o PPP deverá evidenciar os modos da integração entre graduação e pós-graduação, quando houver. Exceto pelo Orientador I, tais evidências não foram passíveis de identificação, tanto nos depoimentos dos professores orientadores, como na análise do PPP das IES, conforme pode ser verificado nos Apêndices “A”, “B”, “C” e “D”.

4.4 O TCC NO PROJETO POLITICO PEDAGÓGICO DAS IES

O art. 9º da Resolução 10/2004 (DCN) prevê o TCC como um componente curricular opcional da instituição. Caso o adote, a IES deverá emitir regulamentação própria, aprovada pelo seu Conselho Superior Acadêmico, contendo, obrigatoriamente, critérios, procedimentos e mecanismos de avaliação, além das diretrizes técnicas relacionadas à sua elaboração.

AS IES que compõem o campo de pesquisa deste estudo optaram por incluir o TCC em seus Projetos Pedagógicos. O quadro 9, mostra a modalidade e os requisitos de cada IES.

QUADRO 9 – MODALIDADE DE TCC NAS IES OBJETO DO ESTUDO

IES	MODALIDADE	REQUISITOS
ALFA	Artigo científico	O aluno deverá cumprir as disciplinas Tópicos de Pesquisa em Contabilidade I e II (7ª e 8ª séries), as quais têm a finalidade de proporcionar a aplicação de metodologia para resolução de problemas relativos a temas da área contábil, por meio da elaboração de artigos acadêmicos. O produto final consiste na elaboração de um artigo acadêmico, sob orientação de um Professor do Curso de Ciências Contábeis. O artigo será desenvolvido sempre em grupos de três ou quatro alunos. Para fins de divulgação acadêmica e promoção dos formandos, os melhores artigos desenvolvidos na disciplina poderão ser publicados.
BETA	Monografia	O aluno deverá ter concluído anteriormente, com aproveitamento, as seguintes disciplinas: <ul style="list-style-type: none"> • Introdução a Pesquisa Contábil: 2º semestre letivo, com 34 horas/aulas; • Pesquisa Contábil/Orientação de Monografia I: 7º semestre letivo, com 34 horas/aula • Monografia: 8º semestre letivo, com 34 horas/aulas. O trabalho final deverá ser entregue para avaliação na forma escrita em 3 volumes e uma versão final em arquivo PDF gravada em CD, para a biblioteca. É desejável que cada orientador indique pelo menos 1 dos trabalhos concluídos para ser arquivado na biblioteca.
GAMA	Trabalho de conclusão de curso	Para a conclusão dos cursos de Administração e Ciências Contábeis é realizado o Trabalho de Graduação Interdisciplinar (TGI), desenvolvido em dois semestres consecutivos (7º e 8º). O TGI-I é uma disciplina do 7º semestre ministrada em classe em um horário específico de aula, sendo que o professor orienta até três grupos. No TGI-II a orientação ocorre para os grupos, em um horário específico de aula, no 8º semestre.
DELTA	Artigo científico	O TCC é obrigatório e será desenvolvido sob a modalidade de um artigo científico, com orientação de um docente e conta como crédito obrigatório. Para a obtenção dos créditos, os alunos devem ser aprovados nas seguintes matérias, que nada mais é que a própria elaboração e defesa do trabalho: <ul style="list-style-type: none"> • Trabalho de Conclusão de Curso I, • Trabalho de Conclusão de Curso II

Fonte: Elaborado pelo autor com base nas pesquisas

Este tópico tem por objetivo analisar o PPP das IES que compõem o campo de estudo, descobrir como elas tratam o TCC e saber qual o grau de conhecimento e participação dos professores orientadores na elaboração e/ou revisão do projeto.

4.4.1 O QUE AS IES FAZEM COM O TCC

O objetivo deste tópico é verificar junto aos professores orientadores o destino e a finalidade do TCC após sua conclusão, se ele cumpre as funções de comunicar e gerar conhecimento.

Quando perguntados se nas IES em que lecionam existe algum tipo de classificação do TCC, os professores orientadores declararam que a avaliação se dá, em primeiro lugar, através de nota, existindo em alguns casos outra avaliação subjetiva visando a indicação a prêmios ou para compor o acervo das bibliotecas.

Tem a nota, mas é por conceito [...], se estiver muito ruim não vai nem para a banca, a ideia e que a gente não passe... tem que reprovar antes [...] os alunos costumam desistir e aí fazem de novo [...]. Então tem a nota, além disso existem prêmios, tem o vínculo da (IES) com outras entidades, o CRC, com a ABIT que é uma associação das empresas têxteis, a gente tem alguns prêmios que são oferecidos para aqueles melhores trabalhos de TCC e esse prêmio é entregue na formatura. **(Orientador I)**

É nota, você dá de zero a dez. É uma nota como se fosse uma disciplina regular mesmo. **(Orientador II)**

Tem a avaliação, para passar ele tem que ter cinco, mas não tem uma escala. O que tem é assim: os melhores trabalhos são indicados ao prêmio. Os que ganham prêmios, dentre os indicados que ganham, poderíamos dizer que seriam os excelentes. **(Orientador III)**

Nota numérica e os melhores trabalhos [...] vão para a biblioteca, então nem todos os trabalhos ficam disponíveis na biblioteca, só os que o orientador considera. A gente faz uma banca no final e normalmente os participantes da banca também recomendam [...] para a biblioteca, mas não são todos, na maioria das vezes é o orientador quem define. **(Orientador IV)**

Não, o que existe é um sistema de nota que ele precisa obter média seis para ser aprovado, além disso o TCC é apresentado em banca. **(Orientador V)**

Nota **(Orientador VI)**

Existe sim, existe anualmente a premiação do melhor TCC por linha de pesquisa. **(Orientador VII)**

Pela instituição a nota é de zero a dez, não é conceito, [...]. **(Orientador VIII)**

Severino (2010, p. 203) cita que em alguns casos as IES preveem a apresentação e defesa pública do TCC em banca examinadora, procedimento este que pode ser notado nas IES Alfa, Beta e Gama.

A literatura registra que o conhecimento, após produzido, deverá ser disseminado para conhecimento dos pesquisadores e demais interessados, sendo vários os meios de publicação como periódicos, anais de congressos, exposição oral, dentre outros tipos de veículos (MACHADO et al., 2009; LAFFIN, 2000; CARMO; MACHADO; COGAN, 2014; BRIZOLLA; BASSO; SOSCHINSKI, 2014). Sobre a divulgação do TCC em suas IES os professores orientadores relatam que esta é uma prática incipiente e, a despeito de tratativas isoladas de premiação e publicação, normalmente o destino é a biblioteca.

Eles deixam em meio magnético e além disso os melhores trabalhos são encaminhados para prêmios. E tem mais alguma coisa, tem uma revista [...], o aluno pode transformar aquele TCC em um artigo para a revista. Às vezes consegue publicação em congresso, por incrível que pareça. **(Orientador I)**

Muito aquém do poderia ser, você tem uma ou outra atividade que eventualmente pega esses trabalhos. [...], normalmente é para cumprir tabela mesmo, passa a ser uma disciplina. **(Orientador II)**

Não se dá. Em uma certa época aqui houve a publicação dos premiados no site, mas hoje eles só são publicados se forem para anais, se passam por congressos. Não vão nem para a biblioteca, não tem arquivamento em lugar nenhum. **(Orientador III)**

A gente faz uma banca que é aberta para todos [...], a faculdade faz a divulgação desse evento [...], isso está começando agora, a banca aberta assim ao público mudou o formato faz pouco tempo..., alguns a gente tenta mandar para algum congresso, inclusive alguns grupos conseguem divulgar o trabalho [...]. Mas o mais difícil da publicação é o interesse do aluno, sempre que ele termina a graduação ele não quer saber mais de nada, quer férias, descansar, e aí a gente pergunta e eles não tem tanto interesse assim. **(Orientador IV)**

As sessões de defesa do TCC são abertas, fora isso não há outro meio, exceto trabalhos que forem para congressos e publicação, trabalhos muito bons. No mais são arquivados na biblioteca os melhores trabalhos. **(Orientador V)**

Enviamos alguns para a biblioteca, depende da iniciativa do professor. Por meio de publicações ou produções, quando o professor tem a iniciativa. **(Orientador VI)**

O primeiro passo é o orientador indicar e dentre aqueles que forem indicados há [...] uma avaliação cega, [...] tem o formulário de avaliação, aparentemente igual aos de artigo científico e a partir daí é feita a indicação daqueles considerados melhores por linhas de pesquisa. Tem um evento, uma solenidade de premiação [...] para esses alunos que forem indicados como melhores e isso de ir a congresso depende de o aluno ter submetido, não há nada automático. **(Orientador VII)**

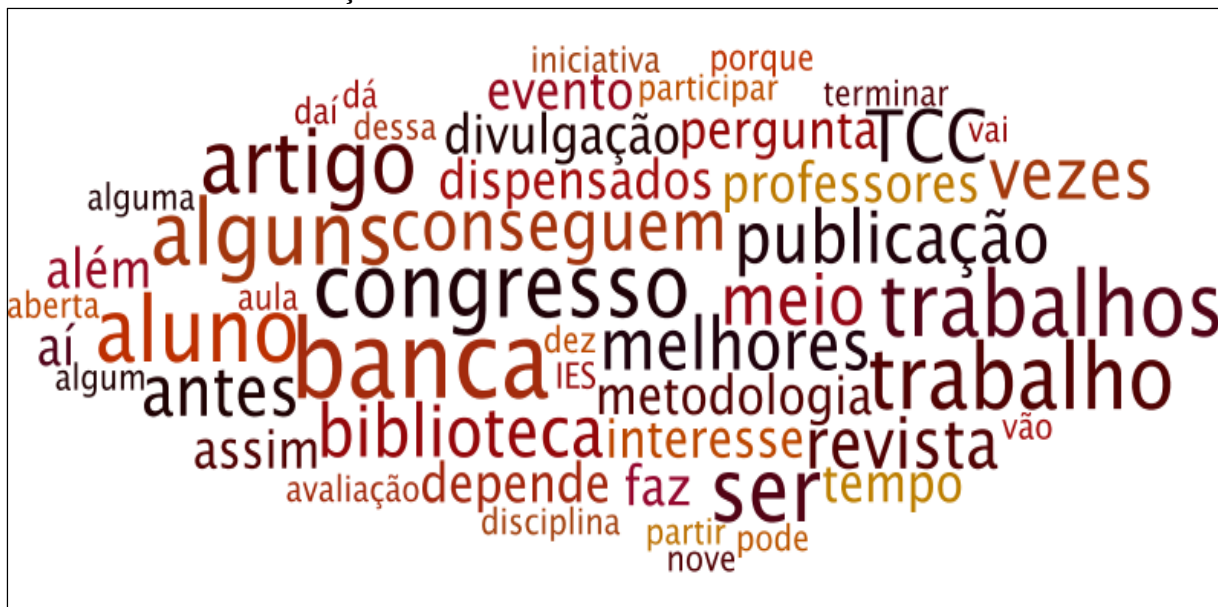
[...] Depois que ele está pronto, depende da avaliação [...], esse aluno além de ser convidado, além de participar da monografia do Hilário Franco no Sindicont, em alguns casos muitos professores ou alguns professores convidam para fazer um trabalho para uma revista científica e é gravado um CD e entregue na biblioteca da (IES) para outras pessoas poderem pesquisar pela Internet. **(Orientador VIII)**

Campos Filho et al. (2015) enumeram que o TCC pode, em muitos casos, servir apenas como instrumento de avaliação, tal qual provas ou trabalhos típicos de sala de aula. Esta situação pode ser observada no caso do destino do TCC das IES objeto do estudo, que pouco extrapolam os limites de origem, no depoimento dos professores orientadores.

A análise da nuvem de palavras (figura 7) evidencia, além da sigla “TCC”, os termos “artigo”, “alguns”, “conseguem”, “publicação”, “congresso”, “trabalhos”, “trabalho”,

“banca”, “biblioteca” e “revista”. Os termos destacados demonstram que, de acordo com os professores orientadores, a divulgação do TCC em suas IES geralmente se dá pela apresentação em banca, sendo que alguns trabalhos, classificados como os melhores conseguem, eventualmente, ser publicados em algum congresso ou revista, contudo, no geral o destino dos trabalhos é o arquivo na biblioteca.

FIGURA 7 – DIVULGAÇÃO DO TCC NAS IES



Fonte: Elaborado pelo autor

Quando perguntados se nas IES em que lecionam o TCC é utilizado como fonte de pesquisa por outros alunos, os professores orientadores mostraram respostas discordantes.

De TCC usa, usa pouco mas usa. **(Orientador I)**

Normalmente não, porque ele não está nem disponível. Eventualmente [...] se eu tiver algum aluno que vai fazer alguma coisa e eu já orientei algum trabalho em cima daquilo, eu vou dizer procura que deve ter, ou então eu pego uma cópia do último trabalho [...], via de regra é assim, não fica arquivado em meio físico, magnético, nada, faz e acabou, não tem nem banca, é uma disciplina. **(Orientador II)**

Não é utilizado. **(Orientador III)**

Sim, os que vão para a biblioteca a gente sempre fala para os alunos, eles têm que esgotar, no mínimo, o material que está na biblioteca da instituição, então acredito que seja o primeiro lugar onde todos os grupos pesquisam. **(Orientador IV)**

Normalmente não. Eu costumo dizer para que eles pesquisem na biblioteca, isso depende de cada orientador. **(Orientador V)**

Sim **(Orientador VI); (Orientador VIII)**

Eu diria que não, a não ser que o aluno conheça o outro e disponibilize, os TCC não são de acesso público. **(Orientador VII)**

Observa-se pelas declarações dos professores orientadores que pelo menos em uma das IES o TCC não é de forma alguma utilizado como fonte de pesquisas por outros alunos, contrariando o que afirmam Casagrande et al. (2012) para quem a produção científica tem a finalidade de consolidar e disseminar cientificamente o conhecimento.

Em linha com a abordagem anterior os professores orientadores foram inquiridos se os alunos são estimulados a desenvolver outros trabalhos a partir do TCC.

Se o trabalho estiver bom vai para prêmios e a publicação na revista (da IES), às vezes se fizer parte do assunto do projeto de pesquisa do professor, então é comum que o professor, a partir do trabalho que o aluno coloque a mão na pesquisa, ela faça a publicação junto com os alunos. **(Orientador I)**

Não. **(Orientador II)**

Em geral não, porque o TCC é o fim. No TCC ele termina e se forma. Ele pode até desenvolver outro tipo de trabalho a partir do TCC se ele entrar no mestrado, mas não tem um track específico. **(Orientador III)**

Então, a gente dá a sugestão, mas [...] a gente até fala se você não quiser fazer outro continua esse no mestrado. Quando a pesquisa fica muito boa, a gente tenta falar para eles continuarem, mas aí depende deles. **(Orientador IV)**

Não, exceto se for trabalhos muito bons que forem selecionados para congressos e publicações. **(Orientador V)**

Depende do professor. **(Orientador VI)**

Não vejo, a não ser o aluno que saia da graduação e vá para o mestrado e dê seguimento àquilo que ele iniciou, fora isso não vejo. **(Orientador VII)**

Sim, fazer um artigo para uma revista científica. **(Orientador VIII)**

Os que os professores orientadores afirmam, corrobora a observação quanto a pouca disseminação do conhecimento adquirido e da não construção de novos conhecimentos a partir da elaboração do TCC, contrariando o que afirmam autores como Casagrande et al. (2012), Campos Filho et al. (2015) e Peixoto et al. (2014).

4.4.2 PROCESSO DE ESCOLHA DOS ORIENTADORES

O objetivo deste tópico é saber a quem compete a escolha dos professores orientadores.

O professor orientador exerce importante papel na condução e acompanhamento do orientado. Dele é esperado o conhecimento técnico e experiência adequados à orientação de trabalhos acadêmicos (CAMPOS FILHO et al., 2015). A orientação inclui o encaminhamento e a supervisão do candidato na montagem e execução de sua própria pesquisa, o que compreende todas as etapas da investigação, análise crítica e discussão dos resultados e redação final da tese e do artigo científico oriundos (FERREIRA; FURTADO; SILVEIRA, 2009).

Neste tópico busca-se investigar como é processo de escolha dos professores orientadores nas IES que compõem o campo de estudo. Inicialmente foi perguntado quais os requisitos necessários para ser orientador na IES e se os critérios são diferentes na graduação e no *stricto sensu*.

Normalmente os orientadores de TCC são profissionais que tem [...] uma quantidade horas grande na carga horária letiva, tem alguns tipos de professores que tem dedicação parcial ou integral, [...] então são esses professores que são os orientadores [...], para ser orientador de TCC tem todos os professores de mestrado e doutorado que são professores de graduação e orientam TCC [...]. **(Orientador I)**

[...] na dissertação e na tese ter o curso de doutorado, se bem que no nosso departamento todo mundo é doutorado. As outras exigências vão de cada professor, as características são de cada professor, cada um tem um jeito diferente de orientar, tem professor que vai fazer uma reunião com o aluno a cada quinze dias, outro cada uma semana, outro faz como eu, outro não orienta nada. **(Orientador II)**

Ser docente. Na pós-graduação tem, tem que produção, etc., aqui não. Aqui pisou já é orientador. São bem diferentes (as regras), no *stricto sensu* é bem rígido **(Orientador III)**

Para ser orientador lá basicamente é só você ter uma reunião com a coordenação, ter o mestrado ou estar fazendo [...], normalmente o coordenador pega a partir do primeiro ano, quando tem concluído as disciplinas e aí a gente começa a orientar. No *stricto sensu* só os doutores. **(Orientador IV)**

O requisito básico é ser docente com mestrado completo ou em fase de conclusão. No *stricto sensu* os critérios são bem mais rigorosos. **(Orientador V)**

Fazer parte do quadro docente e ser da área contábil. Os critérios são diferentes no stricto sensu. **(Orientador VI)**

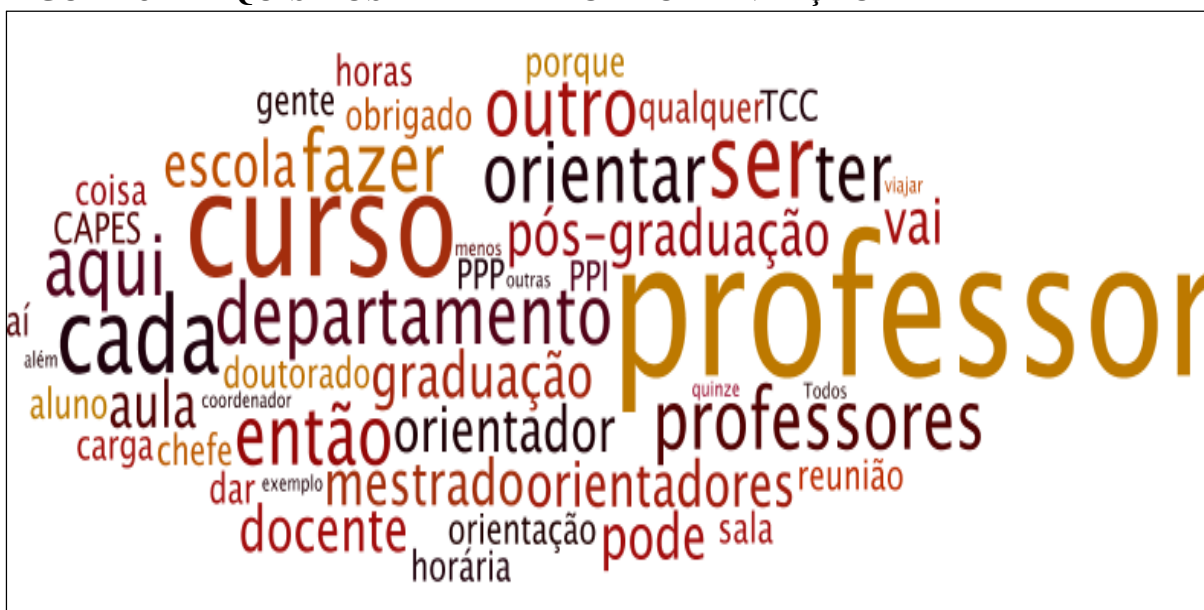
Todos são orientadores por definição, então desde que seja professor do departamento então é orientador de TCC, o stricto sensu tem suas regras próprias de credenciamento. **(Orientador VII)**

O próprio perfil do professor, o interesse dele, o assunto também que a pessoa está desenvolvendo, talvez pode ser direcionado para um ou outro professor ou, às vezes, acaba enquadrando só a carga horária e o professor vai se adaptando àquela orientação. **(Orientador VIII)**

Os requisitos necessários para se tornar orientador de TCC, via de regra, não diferem muito de uma IES para outra, com exceção das IES Alfa e Gama, onde o requisito mínimo é o mestrado, contrariando o que opinam Ferreira, Furtado e Silveira (2009) quando afirmam que a orientação pode ser confiada a docentes qualificados, que sejam detentores dos conhecimentos de uma linha de pesquisa consolidada, que possuam produção científica relevante e estejam familiarizados com a organização e sistemática operacional do Programa ao qual estão vinculados.

Na figura 8 a nuvem de palavras evidencia o termo “professor” pois, de acordo com os professores orientadores, este é o requisito básico para se tonar orientador de TCC nas IES que compõem o campo de estudo deste trabalho.

FIGURA 8 – REQUISITOS PARA EXERCER ORIENTAÇÃO



Fonte: Elaborado pelo autor

No que diz respeito ao *stricto sensu*, em todas as IES, os professores orientadores, obrigatoriamente, devem possuir a titulação de doutor, sendo, portanto, diferente os critérios.

O processo de escolha dos orientadores também difere entre as IES conforme responderam os professores orientadores quando perguntados a respeito.

A própria coordenação, é organizado em função de cada linha de pesquisa do professor. **(Orientador I)**

Ao aluno. Ele tem naquela disciplina [...] vão trabalhar tudo isso, mostrar o que é uma pesquisa metodológica... apresentam uma lista dos professores que podem orientar [...], se bem que o aluno quando chega no final ele já sabe, já conhece uma parte dos professores [...]. **(Orientador II)**

Ao aluno. Pode ter orientador por indicação de outros alunos, de professores. Às vezes alguém me escreve, quem nessa área poderia me orientar, então a gente ajuda assim informalmente. O começo é do aluno e aí o orientador tem que aceitar, mas o orientador pode rejeitar e aí ele vai ter que ir atrás de outro. **(Orientador III)**

Tem um direcionamento da linha de pesquisa da graduação, tem a linha de pesquisa da nossa instituição, os grupos definem as linhas de pesquisa que eles querem e a gente tenta adequar esta linha de pesquisa para os orientadores, porque há linhas de pesquisa dos orientadores, mas nem sempre é possível, pois são vários grupos, vários assuntos [...], mas a gente acaba orientando tudo [...]. **(Orientador IV)**

Ao aluno, mas na disciplina de metodologia já há um certo direcionamento quando são mostradas as disciplinas e as linhas de pesquisa de interesse de cada professor. **(Orientador V)**

O aluno busca o orientador, depende de uma ação dele de identificar com quem ele tem interesse em desenvolver a pesquisa e o professor avalia se tem interesse ou não em orientar aquele aluno. É o aluno quem procura. **(Orientador VII)**

O aluno entra no sistema, vê a disponibilidade. Talvez seja pelo professor ou muitas vezes em função da disponibilidade de horário dele com as outras disciplinas. A rigor é o aluno que escolhe, porque ele entra no Portal, via sistema e vê com quem ele vai se adequar. [...]. **(Orientador VIII)**

Degasperi et al. (2015) dizem que a escolha do orientador poderá ser do próprio aluno ou designado pela coordenação do curso, no caso das IES que compõem o campo de estudo desta análise, nota-se que na maioria delas a escolha cabe ao aluno. As IES que compõem o campo de pesquisa deste estudo adotam procedimentos diferentes quanto ao limite de alunos por orientador e o que se percebe é que elas geralmente procuram não interferir muito neste processo, como se pode depreender pelo que dizem os professores orientadores.

De um a quatro por grupo de alunos, mas quantos trabalhos o professor pode ter para orientar pode ser até dois de TGI-1 e dois de TGI-2, então o professor pode ter quatro trabalhos, pode orientar até quatro trabalhos por semestre. **(Orientador I)**

Na pós-graduação nós temos, que é o limite da CAPES que temos aí seis, sete ou oito. Aqui no TCC não tem, mas acho que não tem ninguém aí orientando vinte trabalhos, o limite é [...] não sei quantos. O TCC é individual. **(Orientador II)**

Não tem um limite formal, tem um limite ideal que é de cinco por orientador, mas tem orientador que aceita mais, mas aí ele está aceitando porque quer [...], mas cinco é um número cabalístico. **(Orientador III)**

O limite é de oito grupos, às vezes a gente acaba ficando com nove, mas é raro, na maioria das vezes são oito grupos por orientador. **(Orientador IV)**

Os alunos são reunidos em grupos de três ou quatro e a quantidade depende de cada orientador, a (IES) não estabelece nenhum número máximo, fica a critério do professor. **(Orientador V)**

Limite mínimo de 8 alunos por sala. Limite máximo não sei. **(Orientador VI)**

Há uma recomendação de cinco alunos por orientador, mas tem professores que tem menos e tem professores que tem mais. **(Orientador VII)**

Sim, o ideal seria em torno de oito alunos. **(Orientador VIII)**

A literatura registra poucos trabalhos acadêmicos que tratam da formação e atualização de professores orientadores de trabalhos científicos. Em obras voltadas para o ensino da prática da pesquisa, de metodologia científica, pouca ou nenhuma atenção é dispensada ao processo de orientação (PITHAN; VIDAL, 2013).

Dias, Patrus e Magalhães (2012) salientam que os orientadores aprendem, na prática, como orientar trabalhos acadêmicos, visto ser este um componente que não costuma ser objeto de aprendizagem no decorrer do processo de formação dos professores.

[...] tem no início de cada semestre uma semana [...] de orientação pedagógica [...], a gente tem que obrigatoriamente participar da formação para professores e aí tem [...] desde como fazer currículo lattes até como orientar, tem de todos os temas, tem de tudo quanto é coisa. [...], além disso, se for necessário, tem algum tipo de seminário especial, por exemplo no semestre passado teve um seminário especial [...] de formação de orientador, especialmente para pesquisa intervencionista. **(Orientador I)**

Não. O que pode ter é uma troca do professor que vai dar metodologia, por exemplo, uma vez é o professor A, outra vez é o professor B e tal. No TCC e a mesma coisa, o fato de ser uma disciplina, [...], tem esse mesmo tratamento. **(Orientador II)**

Não tem nada estruturado. Tem assim, a gente sabe que os professores por estarem envolvidos em atividades de pesquisa naturalmente se atualizam. **(Orientador III)**

Não. [...] tem alguns cursos no começo do semestre que ajuda um pouco em outras questões, mas de vez em quando [...] tem algum curso sobre detecção de plágio, como escrever um trabalho científico, que fica disponível [...] não é obrigado a comparecer e nem sempre estes cursos vão ter relação com a orientação, de vez em quando tem algum, mas não é sempre. **(Orientador IV)**

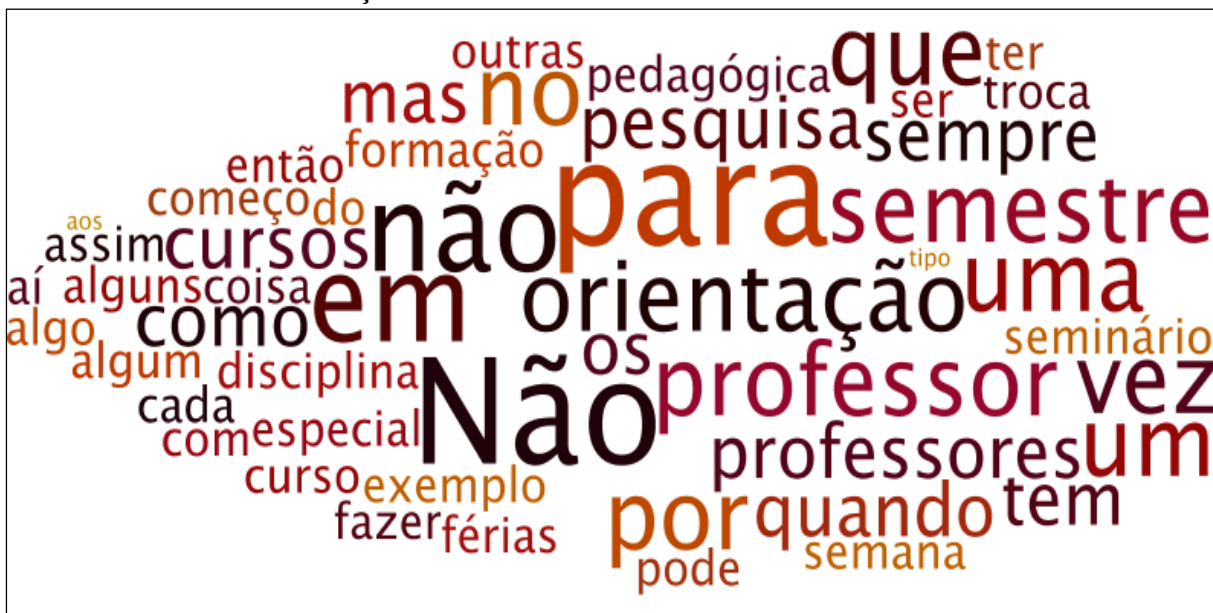
Normalmente tem alguns seminários e cursos de férias, não é algo assim direcionado especificamente. **(Orientador V)**

Pode fazer qualquer curso na instituição com bolsa, inclusive stricto sensu, há bolsas para pesquisa, para estudos e outras, conforme critérios internos. Não há uma política direta para orientação. **(Orientador VI)**

Para orientador não. Tem os cursos que a pró-reitoria oferece voltados para a graduação, mas não posso responder se há alguma coisa formal, posso responder que eu mesmo nunca fiz. **(Orientador VII)**

Os depoimentos dos professores orientadores corroboram o que diz a literatura, pois as IES em que lecionam não costumam adotar procedimentos tidos formalmente como de atualização de professores orientadores, situação demonstrada na nuvem de palavras (figura 9) que evidencia o termo “Não”. São oferecidos cursos ou seminários, normalmente no início de cada semestre letivo, onde eventualmente o assunto orientação poderá constar da pauta de discussões

FIGURA 9 – ATUALIZAÇÃO DE PROFESSORES ORIENTADORES



Fonte: Elaborado pelo autor

4.4.3 PARTICIPAÇÃO DOS DOCENTES NO PPP DAS IES

A organização curricular dos cursos de graduação em Ciências Contábeis, de acordo com o que estabelece as DCN, deverá ser estabelecida por meio do Projeto Político Pedagógico.

Na concepção de Felício (2010) o PPP é um tema emergente entre gestores, professores e pesquisadores dos diferentes níveis e modalidades de ensino em decorrência da democratização e melhoria na qualidade do ensino que se faz cada vez mais necessária.

Masetto (2003, p. 63) leciona que o papel do docente não deve restringir-se a ministrar disciplinas, ele deve se sentir responsável por colaborar com a formação de um profissional e, nesse sentido, é importante que participe da construção do PPP de sua IES, que tome parte em discussões, que interaja com os demais envolvidos no processo de ensino e colabore no sentido de planejar sua disciplina. Complementando, Scatola (2013) diz que o PPP, por ser um documento que busca representar a identidade da IES, sua elaboração exige a participação de todos os envolvidos no processo de ensino.

Portanto, este tópico tem por objetivo aferir como se dá a participação dos professores orientadores no PPP das IES onde lecionam.

Quando perguntados se o PPP é discutido ou revisado periodicamente, se a IES estimula a participação dos docentes e se eles próprios já haviam participado da elaboração ou revisão do PPP, a maioria respondeu afirmativamente a todas as perguntas.

Ele é discutido com os professores de tempos em tempos, [...] mais ou menos uma vez por ano ou a cada dois anos, de uma forma muito forte, a gente tem uma revisão de todo o programa [...]teve uma grande revisão faz uns dois anos. **(Orientador I)**

A escolha é do departamento, o departamento de contabilidade. Quando o departamento faz os professores são convidados para participar. Já (participei) muitas vezes. **(Orientador II)**

A última revisão grande que a gente fez foi em 2013. **(Orientador III)**

Ele é discutido [...]todo início de semestre tem uma discussão, acredito que tenha uma discussão prévia da coordenação, é dito para a gente todo começo de semestre. **(Orientador IV)**

Não tenho conhecimento... nunca participei. **(Orientador V)**

[...] Sempre discute, a responsabilidade é do coordenador e a aprovação é do corpo docente. **(Orientador VI)**

Na medida do possível, existe um órgão de graduação que é composto pelo coordenador da graduação e por outros professores, [...]eles a princípio são os responsáveis por conduzir este processo que pode envolver ou não mais professores, mas a princípio tem um grupo que fica a cargo e leva depois as discussões para outro grupo maior que é o conselho do departamento. Já participei. **(Orientador VII)**

O da (IES) existe, eu tenho ciência, mas a periodicidade é meio longa, de cinco anos ou mais que ele é discutido. É demorado. **(Orientador VIII)**

As respostas afirmativas partiram dos professores orientadores que possuem titulação de Doutorado completo ou em fase de conclusão, aderente ao que dizem Masetto (2003, p.63) e Scatola (2013). Os que possuem o grau de Mestrado mostraram desconhecer e nunca participaram do processo de discussão e revisão do PPP da IES onde atuam.

4.5 ASPECTOS MOTIVACIONAIS E DE SATISFAÇÃO DOS ORIENTADORES DE TCC

Os sujeitos de pesquisa são professores orientadores de TCC, todos titulados com o grau de Mestre ou Doutor, razão porque este trabalho tem como pano de fundo a teoria do capital humano que, conforme explicam Martins e Monte (2010), parte do princípio de que o

indivíduo ao adquirir mais conhecimentos e habilidades tem como contrapartida o aumento do valor do seu capital humano e, em consequência, sua empregabilidade, produtividade e rendimento potencial também aumentam.

4.5.1 GANHOS PESSOAIS E PROFISSIONAIS APÓS A TITULAÇÃO

Neste tópico o objetivo é saber dos professores orientadores o que eles consideram como ganhos pessoais e profissionais que obtiveram após a titulação como Mestre ou Doutor e verificar se tais apontamentos estão em linha com o que preconiza a teoria do capital humano.

Sobre os ganhos pessoais obtidos após a titulação como Mestre ou Doutor as respostas dos professores orientadores, no geral, foram convergentes.

[...] na nossa área, a gente não tem muito viés de que contador é o cara, é o controler, é o cara que trabalha com gestão e o cara que trabalha com imposto de renda. [...] a parte profissional eles reconhecem que é importante ter estudado, mas não é algo que faz diferença, meus clientes querem que o meu trabalho seja entregue de forma correta nas datas previstas, eles não se preocupam com a formação, com o formal, eles se preocupam com o conhecimento assertivo muitas mais que o diploma formal. **(Orientador I)**

[...]eu acho que ganhei muito, porque eu passei a fazer uma coisa que eu gosto, eu passei a ter uma liberdade no meu trabalho [...]. Não consigo avaliar ganhos e perdas, a única coisa que eu consigo avaliar é o seguinte: eu acho que fiz a escolha certa, eu gosto do que eu faço, me sinto feliz naquilo que eu faço, recompensando pelo que eu faço, [...]eu vou continuar trabalhando porque é um negócio que me dá prazer, eu gosto, você muda o aluno, muda o ambiente, mudam as conversas, você tem que estar sempre estudando para poder se manter atualizado. **(Orientador II)**

Acho que é a carreira, o desenvolvimento da carreira, se não tivesse feito mestrado e doutorado, primeiro que eu não estaria aqui e eu não teria me desenvolvido academicamente como eu me desenvolvi até o momento, então para mim sem dúvida tem sido excelente. Para mim tendo assim o meu perfil eu considero ter sido uma ótima escolha, porque eu me encaixei na área acadêmica, sou feliz fazendo o que eu faço, se não tivesse feito mestrado e doutorado não sei o que teria acontecido. Mas estou muito feliz sim. **(Orientador III)**

Alguns alunos até me perguntam sobre o mestrado, eles têm interesse [...]. Toda vez que eles me perguntam [...] eu digo assim: o que mais você ganha no mestrado é pessoal, é o crescimento pessoal, você amadurece muito, é muito difícil, é muito puxado, muita coisa acontecendo ao mesmo tempo, ter que saber lidar com pessoas totalmente diferentes de você na mesma sala, outros professores, ver vários temas [...], tem que saber lidar com todos eles, então o ganho pessoal é muito maior do que a parte intelectual, com certeza. **(Orientador IV)**

Os ganhos que eu poderia dizer seria no sentido de satisfação pessoal e realização, pois sinto feliz em fazer o que faço e isso foi possível graças ao mestrado. **(Orientador V)**

Conhecimento. **(Orientador VI)**

Essa é uma pergunta bem difícil, talvez mais uma questão de realização acadêmica [...]. Não sei o que mais além disso. **(Orientador VII)**

A partir do momento que você faz opção pela carreira docente, você tem que buscar maiores conhecimentos e maiores titulações, isso daí normalmente direciona para uma melhor remuneração, [...]. **(Orientador VIII)**

Da mesma forma, quanto ao aspecto profissional, os professores orientadores apontaram respostas de certo modo convergentes.

Por outro lado, existe um respeito, existe um status, que acha que a gente tem que ter uma titulação [...]. **(Orientador I)**

Agora o que eu ganhei com isso? Eu sou um cara que não tem frustração de trabalho profissional. Não estou cansado de nada, continuo fazendo as coisas que eu gosto com uma baita liberdade. **(Orientador II)**

Acho que o desenvolvimento da carreira, porque tudo o que eu fiz até hoje o principal foi na área acadêmica. Se eu não tivesse publicado livros, as pesquisas que eu fiz depois do mestrado e doutorado, se eu não tivesse feito mestrado e doutorado isso não teria acontecido. **(Orientador III)**

Eu só dou aulas por causa mestrado, antes de entrar no mestrado eu já lecionava em curso técnico, mas agora lecionando na graduação o meu salário é bem superior, houve um ganho financeiro e de conhecimento. **(Orientador IV)**

Acho que um reconhecimento maior no ambiente de trabalho, uma credibilidade maior quando emito uma opinião, além de algum ganho financeiro. **(Orientador V)**

Aumento salarial, possibilidades profissionais, como participação maior em comitês, em conselhos e outros, possibilidades acadêmicas, como respeito e maior facilidade de publicação. **(Orientador VI)**

O meu profissional é o próprio acadêmico, é uma coisa só neste caso, não tenho outra profissão. **(Orientador VII)**

Eu tive muitos ganhos, muitas portas se abrem, porque quando você vai fazer uma consultoria, ou fazer um curso in company ou você é chamado para outra instituição, para fazer alguma palestra ou lecionar um semestre, você tendo o título de mestre e doutor existe este reconhecimento. **(Orientador VIII)**

Nota-se que muitas respostas mesclam o lado pessoal e o profissional, o que se justifica, uma vez que a maioria dos sujeitos de pesquisa têm a atividade acadêmica como profissão.

Analisados os aspectos pessoais e profissionais, o que se extrai da fala dos professores orientadores é que eles atestam que, os conhecimentos e habilidades desenvolvidos ao cursarem o *stricto sensu*, contribuíram para a obtenção de ganhos que aumentaram o seu capital humano, em linha com o que apontam os estudos de Cunha (2007), Moraes (2009) e Chirotto (2014).

Alguns dos 19 fatores apontados no estudo de Cunha, Cornachione Junior e Martins (2010), passíveis de mudança em função do acréscimo de um maior nível de educação, podem ser identificados nos depoimentos dos professores orientadores:

- a) Respeitabilidade e reconhecimento acadêmico/profissional (Orientadores I, II, III, V, VI e VII);
- b) Diferenciação profissional (Orientadores IV, V e VI);
- c) Amadurecimento pessoal (Orientador IV);
- d) Produção acadêmica (Orientadores III, VI e VIII)
- e) Oportunidades na carreira (Orientadores III, IV e VII)
- f) Autonomia profissional (Orientador II);
- g) Empregabilidade (Orientadores IV, V e VIII);
- h) *Status* (Orientador I);
- i) Remuneração (Orientadores IV, V e VIII),
- j) Estilo de vida (Orientador I)

4.5.2 IMPORTÂNCIA DA TITULAÇÃO PARA O ORIENTADOR

Neste tópico o objetivo é extrair dos sujeitos de pesquisa a importância que atribuem à sua titulação para o exercício da função de orientador, bem como o que consideram como ganhos obtidos pelo exercício desta função.

Sobre a importância da titulação para o exercício da função de orientador, de maneira geral os professores orientadores atribuem à titulação possibilita a obtenção de habilidades e conhecimentos, o que facilita o processo de orientação.

Seu eu não tivesse formação [...] acho que não teria condições de fazer orientação de TCC. Eu conheço os tópicos técnicos porque sou profissional da área contábil e continuo estudando há trinta anos, mas para orientar um aluno de TCC você tem que ter formação acadêmica. **(Orientador I)**

Fundamental, por já ter sido exposto a um processo de pesquisa em nível de alto rigor, eu consegui desenvolver capacidades para que eu possa orientar, conduzir os alunos a realizar um trabalho de pesquisa. Se não tivesse feito mestrado e doutorado seria muito mais difícil fazer uma orientação. **(Orientador III)**

Sem a titulação não daria para orientar, porque a gente passa no mestrado por um rigor infinitamente superior ao que eles passam na graduação, então para você ensinar alguma coisa no mínimo tem que saber mais do que quem você está ensinando, não o tema em si, porque não dá para saber mais do que quem está pesquisando aquele tema, mas a linha de pesquisa, como pesquisar, eu preciso saber mais. Sem ter feito mestrado eu não teria tanta informação sobre o método. **(Orientador IV)**

Muito importante, porque se não tivesse feito mestrado não teria o conhecimento necessário, nem as habilidades para lidar com metodologias e pesquisas e com isso poder dar uma boa orientação aos alunos. **(Orientador V)**

O aprendizado é fundamental. A titulação é consequência do aprendizado. A titulação, porém, não garante saber orientar. Geralmente o doutor sabe pesquisar, mas não conheço no Brasil aulas que ensinam como orientar, principalmente com os recursos tecnológicos atuais e considerando os aspectos legais. **(Orientador VI)**

Ela tem uma importância no sentido de conhecer os caminhos para desenvolvimento de um trabalho científico. Eu teria dificuldades em lecionar, discutir, falar sobre esses caminhos e eventuais dificuldades desses caminhos se eu não tivesse percorrido eles. Então eu entendo que esse seja o principal benefício da titulação, ter o conhecimento científico necessário para desenvolvimento do TCC. **(Orientador VII)**

[...] todas as minhas formações [...] sempre foram na área contábil e eu percebi que tive muitos ganhos a partir do doutorado em educação, onde eu consegui entender melhor todo esse processo epistemológico que envolve o processo de aprendizagem dos alunos, [...] na educação a gente começa a ter outro olhar, como é o processo de aprendizagem dos alunos e depois que eu fiz este doutorado, [...] acredito que, perto do que eu estava, eu melhorei bastante [...]. **(Orientador VIII)**

A literatura registra o que apontam os professores orientadores como fatores obtidos mediante a titulação, considerados importantes para o exercício da função: qualificação, conhecimento, capacidade e experiência (FERREIRA; FURTADO; SILVEIRA, 2009; RICARDINO, 2011; CAMPOS FILHO et al., 2015).

Um dos professores, contudo, opina que **a titulação em si não garante saber orientar** (grifo nosso), o que deixa transparecer uma questão também abordada pela

metodologia sobre a escassez de estudos voltadas ao ensino, pesquisas e conhecimentos exclusivos para a função de orientador, em linha com o que observam autores como Dias, Patrus e Magalhães (2012) e Pithan e Vidal (2013).

O exercício da função de orientador pode propiciar ganhos tanto pessoais quanto profissionais. Quando perguntados a respeito, os professores orientadores, opinaram sobre o que eles consideram como ganhos pessoais.

[...] penso que orientar o TCC o ganho que a gente pode ter de pessoal é se aproximar mais dos alunos, então você conhecer os alunos mais profundamente e conseguir ajudar os alunos a testar seu conhecimento. **(Orientador I)**

A relação pessoal que a gente pode ter com o aluno, de aprofundar, de mostrar para eles exemplos [...]. Se for algo abstrato que você possa incorporar, levar para dentro do trabalho de TCC eu não tenho a menor preocupação com isso. [...] a melhor contribuição que o professor pode dar para o aluno é o exemplo, o resto é tudo segundo objetivo [...], isso você faz conversando com os alunos, mostrando que não tem diferença da titulação, o fato de eu ser doutor ou não se doutor, não faz diferença nenhuma. O mais importante é isso, as pessoas saberem que todo mundo é igual e eventual você ter um título, às vezes é circunstancial [...]. **(Orientador II)**

[...] a experiência de vivenciar situações, de aprender com os acertos e com os erros. Às vezes você fala uma coisa para o aluno e dá certo, às vezes não, você já aprende, corrige e aos poucos você vai aprendendo a lidar melhor com essa situação de orientação e depois quando o aluno tem o trabalho feito, a realização do aluno acaba também sendo a realização nossa, [...] é legal que você vê a pessoa se desenvolvendo e isso dá uma satisfação muito grande como orientador. **(Orientador III)**

Uma das coisas mais legais, mais difíceis, é que a gente orienta vários temas, [...] você acaba descobrindo o que está sendo discutido em várias áreas, as vezes áreas que você nem tem relação tão grande, mas que acaba sabendo o que está sendo discutido. Se eu não fosse orientadora eu não saberia de alguns assuntos que eu não teria interesse em pesquisar, mas tendo que orientá-los eu acabo pesquisando um pouco e acabo descobrindo [...]. **(Orientador IV)**

Também diria o aspecto da satisfação, no caso de poder contribuir para o crescimento e desenvolvimento dos alunos, de ver um trabalho bem feito, tudo é motivo de muita alegria. E também tem a questão do aprendizado, a gente acaba aprendendo com o dia a dia das pesquisas que os alunos realizam para seus trabalhos. **(Orientador V)**

Aprendizado, renovação contínua, aumento de produção conjunta com o aluno. **(Orientador VI)**

É uma troca de conhecimentos, então o grande ganho é o que o aluno traz nesta troca. **(Orientador VII)**

Você descobre assuntos novos, [...] o aluno começa a pesquisar determinado assunto e de repente você começa a tomar parte [...], começa a ler o trabalho e você começa de certa forma a aprender com o aluno, se você não aprender com o aluno, significa que as suas orientações também não estão construindo muito para você. Então é uma via interessante, que orienta o aluno no processo e quem sabe mais sobre aquele trabalho é o aluno que está elaborando. **(Orientador VIII)**

Da mesma forma, alguns expressaram sua opinião sobre o que consideram ganhos profissionais com o exercício da função de orientador.

Essa network é que é interessante e depois contratar aluno para trabalhar comigo ou o aluno me contratar para prestar serviço profissional na empresa onde ele trabalha. **(Orientador I)**

Acho que é junto, tudo está ligado à profissão acadêmica, aqui profissional entendendo a produção acadêmica, acho que é isso. **(Orientador III)**

Como eu leciono, acabo vendo outras áreas da contabilidade, que talvez eu não interessasse antes e começam a me interessar, as que já tem relação com as disciplinas que eu leciono me dão mais base para lecionar. Ele melhora, amplia, aprofunda as que eu já leciono. **(Orientador IV)**

Maior respeito pelo fato de fazer algo além de lecionar, de poder contribuir para o crescimento profissional de outra pessoa, além é claro do aprendizado. **(Orientador V)**

Aumento de publicações e produções. **(Orientador VI)**

Sim, considerando que esse olhar do aluno vai me trazer aprendizado e o meu aprendizado proporciona que eu ganhe dinheiro com ele fazendo uma outra coisa diferente, com certeza sempre tive ganhos. **(Orientador VIII)**

O relato dos ganhos pessoais e profissionais por parte dos professores orientadores, como troca de experiências, aprendizado, satisfação, produção acadêmica, mostrar bons exemplos e projetos profissionais, estão aderentes aos aspectos de aprendizado e ganhos bilaterais no processo de orientação de TCC, apontados por Rausch e Sadalla (2008), Ferreira, Furtado e Silveira (2009) e Campos Filho et al. (2015).

5 CONCLUSÕES

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Ciências Contábeis, em nível de bacharelado, definem que o Trabalho de Conclusão de Curso é um componente curricular opcional e que a organização curricular seja estabelecida por meio do Projeto Político Pedagógico que, dentre outros elementos estruturais, deverá constar o TCC caso adotado.

O problema desta pesquisa está fundado nas prerrogativas que têm as IES em adotar ou não o TCC, no modo como elas podem deliberar quanto ao formato, modalidades, objetivos, uso e destino final do trabalho e como tais deliberações influenciam nas práticas de orientação e desta forma foi definido como objetivo geral conhecer e analisar as práticas adotadas por orientadores de trabalhos de conclusão de curso de graduação de Ciências Contábeis, em IES da cidade de São Paulo, que oferecem pós-graduação *stricto sensu*. Para tanto a pesquisa foi dividida em quatro categorias, cujas conclusões se expõem a seguir.

Por meio da análise da categoria **práticas de orientação de TCC** foi possível extrair as conclusões exaradas a seguir.

Os professores orientadores convergem suas opiniões sobre o que consideram um bom TCC e apontam para aquele no qual o aluno demonstre os conhecimentos obtidos, reunindo-os em torno de um tema de pesquisa, estruturando os resultados de uma forma organizada, aliando o conhecimento e a prática. Entendem que o bom TCC cumpre os objetivos de promover e desenvolver a maturidade do aluno, que ele aprenda a pesquisar com método científico, consiga sintetizar os conhecimentos, estruturar o pensamento e desenvolver o senso crítico. Há quem discorde ao afirmar que a finalidade do TCC é meramente cumprir uma finalidade acadêmica.

Aliado a isso, exceto no caso da “IES Alfa”, as demais evidenciam no PPP os objetivos do TCC, em alinhamento ao que propõe a Resolução 10/2044 (DCN).

Os graduandos reportam dificuldades ao desenvolver um trabalho científico, as quais vão desde a escolha do tema e a elaboração da questão de pesquisa, passando por questões como falta de foco no trabalho, falta de maturidade para realizar pesquisas e entender o método científico, dificuldade de escrever e dar tratamento aos dados da pesquisa e falta de tempo para pesquisar. A solução para as dificuldades relatadas os professores orientadores oferecem por meio de auxílio aos alunos, diálogo, indicações de fontes bibliográficas e fazendo-os ver a importância do trabalho para a vida acadêmica e profissional.

Constatou-se que com relação à indicação de bibliografia a preferência recai sobre artigos científicos, anais de congressos, teses e dissertações, sendo poucos os que indicam livros de metodologia. Foi possível inferir que alguns ignoram a quantidade e qualidade de livros voltados para orientação de trabalhos científicos, particularmente de TCC, o que não constitui óbice para que tratem o processo de orientação com rigor metodológico, sem descuidar do bom relacionamento com o orientando, que se materializa em atitudes como manter-se à disposição do aluno, inclusive fora de horários, receber trabalhos antecipadamente, corrigir com rigor, manter acompanhamento e até mesmo fornecer modelo de trabalho.

Os professores orientadores concordam, alguns com certa reserva, que o TCC contribui para o aprendizado discente na medida em que permite o desenvolvimento de habilidades como poder de argumentação, raciocinar criticamente, aprender a lidar com dados, escrever de forma culta e sintetizar os conhecimentos adquiridos, todavia, conforme frisam alguns professores, depende fundamentalmente do aluno manifestar interesse pela pesquisa.

As IES que compõem o campo de estudo evidenciam o incentivo à pesquisa em seus PPP e a fala dos professores orientadores mostrou a importância da pesquisa para a formação do aluno. Contudo não são todos os que utilizam suas pesquisas em salas de aula, por deliberação própria ou por não possuírem linhas de pesquisa. À exceção dos docentes que atuam na “IES Gama”, os demais disseram que os alunos têm a possibilidade de participar de pesquisas na graduação, sendo que a maioria declina da participação, o que reforça o entendimento de que o aluno somente seguirá a carreira acadêmica, caso consulte seus interesses.

Os professores orientadores mostraram estar atentos à gravidade do plágio acadêmico, sabem como identifica-lo e relataram como tratam a questão. Afirmaram que uma “batida de olho” ou uma breve leitura é o bastante para reconhecer um trabalho plagiado, o que não dispensa a pesquisa de trechos do trabalho na *internet* e o emprego de *softwares* específicos. Porém agem de modo diferente diante de uma situação de plágio, pois alguns entendem como caso de reprovação sumária e outros demonstram atitude flexível no sentido de resguardar o aluno e conceder nova oportunidade de apresentar o TCC livre de artifícios escusos. Para coibir ou minimizar a prática, além da reprovação, apontaram o prévio

esclarecimento ao aluno das consequências a que estarão sujeitos caso optem por plagiar o trabalho.

Portanto, após a análise desta categoria, conclui-se que os professores orientadores fazem coincidir em muitos pontos as suas práticas de orientação, em cujo exercício primam pelo bom relacionamento com os orientandos, entendem e tentam suprir as dificuldades que eles reportam, sabem reconhecer um bom TCC, seus objetivos e finalidades. Como pontos dissonantes destaca-se que nem todos têm a praxe de utilizar suas pesquisas em sala de aula, divergem sobre a contribuição do TCC para a inserção do aluno na pesquisa científica e possuem atitudes diferentes no tratamento da questão do plágio acadêmico.

Por meio da análise da categoria **integração graduação x pós-graduação** foi possível extrair as conclusões relatadas a seguir.

Os professores titulados com grau de Doutor possuem linhas de pesquisas consolidadas e alguns registram expressiva produção científica. No entanto deixaram transparecer a incipiente participação dos graduandos nos trabalhos de pesquisa, seus e dos alunos do *stricto sensu*, por deliberação própria ou sob alegações como falta de incentivos financeiros para projetos, os trabalhos sob orientação ainda não terem se tornado públicos e até mesmo a já citada falta de tempo dos graduandos.

Apesar de não terem esta praxe, todos entendem esta prática como de grande valia para os alunos, podendo ser um indutor para leva-los ao *stricto sensu*, além de possibilitar que tomem conhecimento do mundo das pesquisas e com isso desenvolvam melhor o aprendizado, podendo, inclusive, extrair subsídios para a elaboração do TCC. Como instrumento de ganhos bilaterais, um dos professores orientadores enumerou possível incremento de pesquisas, publicações e produções, o que daria maior visibilidade ao orientador.

Os professores orientadores citaram o TCC como um indutor que pode levar o aluno da graduação ao *stricto sensu* e, exceto pela fala de um orientador que citou um evento semestral, do qual participam alunos da graduação e do *stricto sensu* de sua IES, os demais não apontaram outros meios, limitando-se a falas como melhor divulgação do curso e convite para aluno de graduação assistir banca do *stricto sensu*, enfatizando sempre que a iniciativa de prosseguir os estudos decorre do interesse do aluno.

Um dos professores orientadores afirmou que o TCC não tem importância para o mercado de trabalho, contrariando a opinião dos demais que afirmaram que a importância

existe, particularmente pelo fato de que no TCC o aluno aprende a pesquisar e organizar ideias, algo que poderá ser de valia para futuro exercício profissional. Outro professor orientador acrescentou que o TCC poderia contribuir ainda mais, caso fosse desenvolvido na forma de um trabalho prático e não de artigo, como ocorre em sua IES.

Portanto, após a análise desta categoria, pode-se concluir que, pelas falas dos professores orientadores e pela análise dos PPP, não foi possível extrair evidências da integração entre os dois níveis de ensino, tais como participação de graduandos em bancas de defesa de pós-graduação, utilização de artigos científicos em salas de aula, utilização do TCC como incentivo, estágios de docência dos alunos de pós-graduação, orientação de estágios dos alunos da graduação por alunos da pós-graduação e a coorientação por alunos e docentes da pós-graduação em atividades de iniciação científica dos alunos da graduação.

Por meio da análise da categoria **o TCC no Projeto Político Pedagógico da IES** foi possível extrair as conclusões constantes do relato a seguir.

As IES adotam o critério de notas para avaliação do TCC existindo, em alguns casos, critérios subjetivos com a finalidade de indicar os melhores trabalhos para eventos de premiação e, muito raramente, para algum tipo de publicação. O mais frequente é o envio de arquivo para as bibliotecas, onde nem sempre serão utilizados como fontes de pesquisas e cuja continuidade do estudo dependerá da disposição do aluno seguir a carreira no *stricto sensu*.

Constatou-se que, via de regra, o requisito básico para ser orientador de TCC nas IES é ser docente vinculado ao departamento de contabilidade, todavia existem critérios diferentes. Em duas delas (IES Alfa e IES Delta), os orientadores não são necessariamente professores do *stricto sensu* e a quantidade de alunos por professor orientador varia de cinco (IES Gama) até oito ou nove grupos (IES Alfa) e a escolha do orientador normalmente cabe ao aluno.

Pelo relato dos professores orientadores constatou-se que, exceto os que atuam na IES Alfa, os demais conhecem e já participaram de discussões envolvendo a elaboração ou revisão do PPP de suas IES, as quais estimulam a participação docente.

Após a análise desta categoria extrai-se a conclusão de que, na maioria das IES, os professores orientadores conhecem e participam da elaboração do PPP, são escolhidos pelos alunos, devem possuir titulação mínima de Mestrado e sua carga de trabalho de orientação é variável em função dos critérios definidos por cada IES.

Por meio da análise da categoria **aspectos motivacionais e de satisfação do orientador** foi possível extrair as conclusões relatadas a seguir.

Constatou-se que os professores orientadores convergiram suas falas no que entendem como ganhos pessoais e profissionais obtidos após a titulação como Mestre ou Doutor, expressos em palavras e frases como liberdade, fazer o que gosta, *status*, conhecimento, desenvolvimento da carreira, reconhecimento, dentre outras. Alinhados com os ganhos elencados, os professores orientadores apontaram o que consideram ganhos de ordem pessoal e profissional pelo exercício da função de orientador, onde enfatizaram ganhos bilaterais, como satisfação, troca de experiências, relacionamento com o aluno, aprendizado mútuo, contatos profissionais e aumento da produção acadêmica, dentre outros.

Pela análise desta categoria conclui-se que os professores orientadores mostraram estar satisfeitos ao relatar os ganhos obtidos com a titulação e com o processo de orientação de TCC, evidenciando em suas falas aspectos abordados pela Teoria do Capital Humano.

Extraídas as conclusões das categorias de análise, retomam-se os objetivos específicos definidos para este estudo, com o intuito de oferecer uma resposta ao problema de pesquisa.

O primeiro objetivo específico desta pesquisa foi analisar se as práticas de orientação de trabalhos de conclusão de curso promovem a integração entre a graduação e a pós-graduação

Conclui-se que, por melhores que pareçam, as práticas de orientação de trabalhos de conclusão adotadas, de maneira geral coerentes e convergentes, por si só não se mostram suficientes o bastante para promover a integração entre os dois níveis de ensino, algo que poderia ser atingido mediante o trabalho de orientação conjugado com medidas institucionais por parte das IES no sentido de manter o aluno, além do apoio de organismos de fomento à pesquisa.

O segundo objetivo específico desta pesquisa foi verificar se os professores da pós-graduação *stricto sensu* são os mesmos que orientam os trabalhos de conclusão de curso na graduação

Conclui-se que as IES adotam parâmetros distintos para a definição dos professores orientadores de TCC, visto que em algumas o requisito mínimo para o exercício das funções de orientador é a titulação de Mestrado.

O terceiro objetivo específico desta pesquisa foi verificar o uso e a disseminação dos trabalhos de conclusão de curso orientados.

Conclui-se que o TCC após a elaboração e aprovação se torna um trabalho com pouco ou nenhum aproveitamento, deixando de cumprir o seu papel de comunicar o conhecimento produzido, visto que na maioria dos casos o destino é o arquivamento na biblioteca das IES.

Considera-se respondida à questão de pesquisa e que este trabalho ofereceu sua contribuição para melhor disseminação do conhecimento sobre o TCC de graduação em Ciências Contábeis, cujo registro na literatura é escasso. A contribuição ganha importância quando evidencia as práticas de orientação adotadas por professores que atuam na graduação, na pós-graduação *stricto sensu* ou em ambos os níveis de ensino, em IES de reconhecida excelência.

Ao evidenciar o destino dado a um esforço de pesquisa, pretende trazer à discussão a validade ou não do modelo de TCC tal como hoje se apresenta. Contudo não tem a pretensão de esgotar o assunto e no caso de eventuais discussões, faz lembrar dois modelos de currículos aplicáveis aos cursos de graduação em Ciências Contábeis, ambos tratados no referencial teórico, sendo o primeiro a proposta do Conselho Federal de Contabilidade, no sentido de tornar o TCC um componente obrigatório e o outro, o modelo de currículo mundial proposto pela ISAR/UNCTAD, onde o TCC não é mencionado.

Dadas suas limitações por não ter atingido a quantidade de entrevistados inicialmente definida, por abranger apenas as IES localizadas na cidade de São Paulo que oferecem graduação e pós-graduação *stricto sensu*, este trabalho poderá ser replicado em IES que oferecem graduação e pós-graduação *lato sensu*, bem como ter como sujeitos de pesquisa os egressos dos cursos de graduação que ingressaram no *stricto sensu*. Outros pesquisadores poderão replicá-lo em outras áreas de conhecimento, em cujos cursos de graduação o TCC seja um componente curricular obrigatório.

REFERÊNCIAS

ALONSO, F. R.; LÓPEZ, F. G.; CASTRUCCI, P. L. **Curso de ética em administração**. São Paulo, Atlas, 2006.

AMARAL, M. M.; NUNES, L. C. Pesquisa acadêmico-científica nas instituições de ensino superior: do faz-de-conta à realidade do mundo digital. **Cadernos Ebape**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 100-112, mar. 2009.

ANHALT, A.; COLLE, M. E.; DITTADI, J. R. Características de pesquisa em trabalhos de conclusão de curso de ciências contábeis da Unoesc campus de São Miguel do Oeste e Campus Aproximado de Pinhalzinho – 2006 a 2008. **Revista Unoesc & Ciência – ACSA**, Joaçaba, v. 1, n. 1, p. 21-30, jan./jun. 2010.

ANHOLON, R.; PINTO, J. S.; MORETTI, D. C. Utilização das atividades complementares como mecanismo de auxílio ao trabalho de conclusão de curso no bacharelado de administração de empresas da Metrocamp. In: Semead – Seminários em Administração, 11, 2008, São Paulo. **Anais Eletrônicos...** São Paulo, USP. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/semead/11semead/resultado/trabalhosPDF/201.pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2015.

ARAUJO, J. G. N.; MEDEIROS, P. M.; VASCONCELOS, A. L. F. S. Um estudo comparativo da estrutura curricular do curso de bacharelado em ciências contábeis da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e a estrutura curricular proposta pelo ISAR/UNCTAD/ONU. **Revista de Administração e Contabilidade**, Feira de Santana, v. 6, n. 2, p. 5-18, maio/ago. 2014.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). **NBR 14724**: informação e documentação – trabalhos acadêmicos – Apresentação. 3. ed., Rio de Janeiro: ABNT, 2011.

BARBASTEFANO, R. G.; SOUZA, C. G. Percepção do conceito de plágio acadêmico entre alunos de engenharia de produção e ações para sua redução. **Revista Produção on-line**, ed. Especial, dez. 2007. Disponível em <<http://www.producaoonline.org.br/rpo/article/view/52/52>>. Acesso em: 01 abr. 2015.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BERLATTO, O. et al. As contribuições da ética ao profissional da contabilidade. **Revista de Gestão e Contabilidade da UFPI**, Floriano, v. 2, n. 1, p. 191-198, jan./jun. 2015.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). **GEOCAPES – Distribuição de Programas de Pós-graduação no Brasil**. Disponível em <<http://geocapes.capes.gov.br/geocapesds/#app=c501&da7a-selectedIndex=0&5317-selectedIndex=0&dbcb-selectedIndex=0>>. Acesso em: 04 jan. 2015.

_____. Ministério da Educação. **Diretrizes curriculares – cursos de graduação – ciências contábeis**. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12991&Itemid=866>. Acesso em: 06 dez. 2004.

_____. Presidência da República. **Lei de Diretrizes Básicas da Educação Nacional – LDB**. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 06 dez. 2014.

BRIZOLLA, M. M. B.; BASSO, L.; SOSCHINSKI, C. K. Temas de TCC'S em ciências contábeis. In: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 22, 2014, Ijuí. **Anais Eletrônicos...** Ijuí: UNIJUÍ, 2014. Disponível em: <<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/salaoconhecimento/article/view/3624/3020>>. Acesso em: 26 dez. 2014.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. **PePSIC – Periódicos Eletrônicos em Psicologia**, Ribeirão Preto, n. 2, v. 21, p. 513-518, dez. 2013.

CAMPOS FILHO, C. P. et al. Trabalho de conclusão de curso: contextualização conceitual. **Série Acadêmica – Especial: trabalho de conclusão de curso – TCC**. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, n. 31, p. 17-24, 1. Sem 2015. Disponível em <<https://www.puc-campinas.edu.br/midia/arquivos/2015/jan/periodicos---serie-academica-n31.pdf#page=42>>. Acesso em: 19 fev. 2015.

CAMPOS, L. C.; LEMES, S. Análise comparativa entre o currículo mundial proposto pela ONU/UNCTAD/ISAR e as universidades federais do estado de Minas Gerais. **Revista Administração: Ensino e Pesquisa**. Rio de Janeiro, n. 1, v. 13, p. 145-182 jan./mar. 2012.

CARBONI, R. M.; NOGUEIRA, V. O. Facilidades e dificuldade na elaboração de trabalhos de conclusão de curso. **Revista ConScientiae Saúde**, v. 3, p. 65-72, São Paulo, Uninove, 2004.

CARMO, L. M.; MACHADO, R. S.; COGAN, S. S. Uma análise do processo de elaboração do trabalho de conclusão de curso a partir do processo de raciocínio da teoria das restrições. In: Congresso UFSC de Controladoria e Finanças & Iniciação Científica, 5., 2014, Florianópolis. **Anais Eletrônicos...** Florianópolis: UFSC, 2004. Disponível em: <<http://dvl.ccn.ufsc.br/congresso/anais/5CCCF/20140425134432.pdf>>. Acesso em: 26 dez. 2014.

CARNEIRO, J. D. (Coord.) et al. **Proposta nacional de conteúdo para o curso de graduação em Ciências Contábeis**. 2 ed. Brasília: Fundação Brasileira de Contabilidade, 2009. Disponível em: <<http://www.cfc.org.br/uparq/proposta.pdf>>. Acesso em: 07 fev. 2015.

CARVALHO, R. F. **Currículo de Ciências Contábeis: desafios para adoção ao novo modelo contábil brasileiro**. 2010. 145 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

CASAGRANDE, M. D. H. et al. Produção científica e a disseminação de conhecimento: um estudo da contribuição dos docentes na orientação de trabalhos de conclusão de curso de ciências contábeis da Universidade Federal de Santa Catarina nos anos de 2008 e 2009. **Jovens Pesquisadores**, v. 9, n. 2, p. 52-68, São Paulo, Mackenzie, jul./dez. 2012.

CASTRO, E. L. et al. Análise dos fatores que geram interesse ou desinteresse, na percepção dos alunos do curso de ciências contábeis da UFV, pelo desenvolvimento de pesquisa. In: Simpósio Fucape de Produção Científica, 4, 2006, Vitória. **Anais Eletrônicos...** Vitória: FUCAPE, 2006. Disponível em: <<http://www.fucape.br/simposio/4/artigos/elizangela.pdf>>. Acesso em: 19 dez. 2014.

CASTRO FILHO, C. M. A pesquisa de graduação: o caso dos TCCs da USP-Ribeirão Preto em relação aos GTs do Enancib. **Incid: Revista da Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 1, n. 2, p. 48-59, jul./dez. 2010.

CAVALCANTI, D. S. et al. Adequação dos currículos dos cursos de contabilidade das universidades federais brasileiras ao currículo mundial de contabilidade e o desempenho no ENADE. **Revista Pensar Contábil**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 50, p. 42-52, jan./abr. 2011.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. **Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CHIROTTO, A. R. **A influência do título de mestre nos egressos em ciências contábeis da FECAP: uma análise sob a ótica da teoria do capital humano**. 2014. 203 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis) – Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado – FECAP, São Paulo, 2014.

CNPq. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. **Plataforma Lattes**. 2016. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/>>. Acesso em: 28 jun. 2016.

_____. **Projetos e bolsas em vigência**. Disponível em: <<http://efomento.cnpq.br/efomento/distribuicaoGeografica/distribuicaoGeografica.do?metodo=apresentar>>. Acesso em: 31 jul. 2016.

COLLIS, J.; HUSSEY, R. **Pesquisa em administração: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

CUNHA, J. V. A. **Doutores em ciências contábeis da FEA/USP: uma análise sob a ótica da teoria do capital humano**. 2007. 269 f. Tese (Doutorado em Ciências Contábeis) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007

_____; CORNACHIONE JUNIOR, E. B.; MARTINS, G. A. Doutores em ciências contábeis: análise sob a ótica da teoria do capital humano. **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 14, n. 3, p. 532-557, maio/jun. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rac/v14n3/v14n3a09.pdf>>. Acesso em: 08 dez. 2014.

CUNHA, L. C.; VOGT, M.; BIAVATTI, V. T. Contribuições do trabalho de conclusão de curso e do estágio curricular para a aprendizagem: percepção dos alunos dos cursos de ciências contábeis. **Revista Contabilidade Vista & Revista**, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 57-78, jan./abr. 2015.

CZESNAT, A. O.; CUNHA, J. V. A.; DOMINGUES, M. J. C. S. Análise comparativa entre os currículos dos cursos de ciências contábeis das universidades do estado de Santa Catarina

listadas pelo MEC e o currículo mundial proposto pela ONU/UNCTAD/ISAR. **Revista Gestão & Regionalidade**. São Caetano do Sul, UMSC, v. 25, n. 75, p. 22-30, set./dez. 2009.

DALLABONA, L. F.; OLIVEIRA, A. F.; RAUSCH, R. B. Produção científica dos mestres em ciências contábeis da Universidade Regional de Blumenau. In: Congresso ANPCONT, 5, 2011, Vitória. **Anais Eletrônicos...** Vitória: ANPCONT, 2011. Disponível em: <<https://www.furb.br/especiais/download/125681-676845/63-2.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2014.

DEGASPERI, G. R. et al. A avaliação processual: o diagnóstico constante do ensino e da aprendizagem em cada etapa de elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso. **Série Acadêmica – Especial: trabalho de conclusão de curso – TCC**. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, n. 31, p. 17-24, 1. Sem 2015. Disponível em <<https://www.puc-campinas.edu.br/midia/arquivos/2015/jan/periodicos---serie-academica-n31.pdf#page=42>>. Acesso em: 30 mar. 2015.

DIAS, M. S. A. et al. Intersetorialidade e estratégia saúde da família: tudo ou quase nada a ver? **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, n. 11, v. 19, p. 4361-4382, nov. 2014.

DIAS, S. M. R. C.; PATRUS, R.; MAGALHÃES, Y. T. Quem ensina um professor a ser orientador?: proposta de um modelo de orientação de monografias, dissertações e teses. **Administração: Ensino e Pesquisa**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 4, p. 697-721, out./dez. 2011.

ERFURTH, A. E.; DOMINGUES, M. J. C. S. Currículo mundial e o ensino de contabilidade: estudo dos cursos de graduação em ciências contábeis em instituições de ensino superior brasileiras e argentinas. In: Encontro da ANPAD, 35., 2011, Rio de Janeiro. **Anais Eletrônicos...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2011. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EPQ1358.pdf>>. Acesso em: 1 jun.2016.

FACHINI, G. J.; DOMINGUES, M. J. C. S. Percepção do plágio acadêmico entre alunos de programas de pós-graduação em administração e contabilidade. In: Semead – Seminários em Administração, 11, 2008, São Paulo. **Anais Eletrônicos...** São Paulo, USP. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/Semead/11semead/resultado/trabalhosPDF/842.pdf>>. Acesso em: 31 dez. 2014.

FARIA, A. C.; CUNHA, I.; FELIPE, Y. X. **Manual prático para elaboração de monografias**. Petrópolis: Vozes, 2007.

FELICIO, H. M. S. O papel do professor/pesquisador na construção do projeto político pedagógico no ensino superior. **Revista Olhar de Professor**, Ponta Grossa, v. 13, n. 1, p. 145-153. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/3197/2337>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

FERREIRA, L. M.; FURTADO, F.; SILVEIRA, T. S. Advisor-advisee relationship: the multiplier knowledge. **Revista Acta Cirúrgica**, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 170 – 172, maio/jun. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/acb>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

FREITAS, H. M. R.; JANISSEK, R. **Análise léxica e análise de conteúdo:** técnicas complementares, sequenciais e recorrentes para exploração de dados qualitativos. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.

GOMES, L. M. Q. D. et al. Trabalho de conclusão de curso: uma análise a partir das diretrizes curriculares nacionais e da legislação sobre o plágio. **Série Acadêmica – Especial:** trabalho de conclusão de curso – TCC. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, n. 31, p. 41-61, 1. Sem 2015. Disponível em: <<https://www.puc-campinas.edu.br/midia/arquivos/2015/jan/periodicos---serie-academica-n31.pdf#page=42>>. Acesso em: 19 fev. 2015.

GOMES, R. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** 29. ed., Petrópolis: Vozes, 2010, p. 79-106.

HERLINGER, M. Entrevistas em Profundidade. In: Perdigão, D. M.; Herlinger, M.; White, O. M. (Orgs). **Teoria e Prática da Pesquisa Aplicada.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2011, p. 128-139.

IGARASHI, D. C. C. et all. A qualidade do ensino sob o viés da avaliação de um programa de pós-graduação em contabilidade: proposta de estruturação de um modelo híbrido. **Revista de Administração,** São Paulo, v. 43, n. 2, p 117-137, abr./jun. 2008.

KRAEMER, M. E. P. Ética, sigilo e o profissional contábil. **Revista Contabilidade Vista & Revista.** Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 33-48, ago. 2001.

KROKOSZ, M. Abordagem do plágio nas três melhores universidades de cada um dos cinco continentes e do Brasil. **Revista Brasileira de Educação,** Rio de Janeiro, v. 16 n. 48, p. 745-818, set./dez. 2011.

KRÜGER, L. M. et al. Inserção dos alunos de ciências contábeis na pesquisa científica: uma análise nas universidades federais do sul do Brasil. **Revista ConTexto,** Porto Alegre, v. 13, n. 24, p. 51-63, maio/ago. 2013.

LAFFIN, M. A pesquisa nos cursos de ciências contábeis. **Revista de Ciências da Administração,** Florianópolis, ano 2, n. 4, p. 99-106, set. 2000.

LEITE FILHO, G. A.; MARTINS, G. A. Relação orientador-orientando e suas influencias na elaboração de teses e dissertações. **RAE – Revista de Administração de Empresas,** São Paulo, v. 46, ed. Especial, nov./dez. 2006.

LIMA, R. Mercado de trabalho: o capital humano e a teoria da segmentação. **Pesquisa e Planejamento Econômico,** Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 217-272, abr. 1980.

LORDELO, J. A. C.; SILVA, N. R. F.; TEIXEIRA, I. S. O. Impacto acadêmico da iniciação científica (ic) na continuidade e na antecipação de mestrados. **Interfaces Científicas - Educação,** Aracaju, v. 4, n. 1, p. 115-128, out. 2015.

MACHADO, D. P. et al. Incentivo à pesquisa científica durante a graduação em ciências contábeis: um estudo nas universidades do Estado do Rio Grande do Sul. **Revista de Informação Contábil**, Recife, v. 3, n. 2, p. 37-60, abr./jun. 2009.

MACHADO, L.; SILVA, L. V. A pesquisa acadêmica no contexto internacional: uma análise exploratória dos trabalhos de conclusão de curso, desenvolvidos na graduação em administração com habilitação em comércio exterior, em uma universidade do sul do país. In: Encontro da ANPAD, 31., 2007, Rio de Janeiro. **Anais Eletrônicos...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2007. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnANPAD/enanpad_2007/EPQ/2007_EPQA571.pdf>. Acesso em: 30 dez. 2014.

MADUREIRA, N. L.; SUCCAR JUNIOR, F.; GOMES, J. S. Estudo sobre os métodos de ensino utilizados nos cursos de ciências contábeis e administração da Universidade Estadual do Rio de Janeiro: a percepção de docentes e discentes. In: GOMES, J. S. (org.) **Métodos de ensino em cursos superiores de ciências contábeis**. Rio de Janeiro: CRCRJ, 2013, p. 47-78.

MAGALHÃES, F. A. C.; ANDRADE, J. X. A educação contábil no estado do Piauí diante da proposta de convergência internacional do currículo de contabilidade concebida pela ONU/UNCTAD/ISAR. In: CONGRESSO USP CONTROLADORIA E CONTABILIADE, 6, 2006, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: USP. Disponível em: <<http://www.congressosp.fipecafi.org/web/artigos62006/550.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2016.

MARQUES, V. A. et al. Atributos de um bom professor: um estudo sobre a percepção dos alunos de ciências contábeis. **Revista de Contabilidade e Controladoria**, Curitiba, v. 4, n. 2, p. 7-23, maio/ago. 2012.

MARTINELO, D. P.; PORTON, R. A. B.; LOCH, A. C. Trabalho de conclusão de curso: elementos inibidores e facilitadores: um estudo no curso de ciências contábeis em uma instituição de ensino superior filiada ao sistema Acafe. In: Congresso UFSC de Controladoria e Finanças & Iniciação Científica, 3., 2009, Florianópolis. **Anais Eletrônicos...** Florianópolis: UFSC, 2009. Disponível em: <http://dvl.ccn.ufsc.br/congresso/arquivos_artigos/artigos/542/20090814154355.pdf>. Acesso em: 26 dez. 2014.

MARTINS, G. A.; THEÓPHILO, C. R. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MARTINS, O. S.; MONTE, P. A. Fator determinante da variação salarial dos mestres em contabilidade. **Revista Pensar Contábil**, Rio de Janeiro, v. 12, n.49, p. 13-22, set./dez. 2010.

MASETTO, M. T. **Competência pedagógica do professor universitário**. São Paulo: Summus, 2003.

MATOS, E. O. et al. Integração entre graduação e pós-graduação: possíveis caminhos. In: Encontro Nacional da Abrapso, 16., 2011, Recife. **Anais eletrônicos...** Recife: UFPE. Disponível em: <<http://www.encontro2011.abrapso.org.br/site/textoscompletos#I>>. Acesso em: 30 jul. 2016.

MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 9-29.

_____. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 61-77.

MIRANDA, G. J. Docência universitária: uma análise das disciplinas na área da formação pedagógica oferecidas pelos programas de pós-graduação *stricto sensu* em Ciências Contábeis. **Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade**, Brasília, v. 4, n. 2, p. 81-98, mai./ago. 2010.

_____. **Relações entre as qualificações do professor e o desempenho discente nos cursos de graduação em contabilidade no Brasil**. 2011. 203 f. Tese (Doutorado em Ciências Contábeis) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

_____; NOVA, S. P. C. C.; CORNACCHIONE JUNIOR, E. B. Ao mestre com carinho: relações entre as qualificações docentes e o desempenho discente em contabilidade. **RBGN – Revista Brasileira de Gestão de Negócios**, São Paulo, v. 15, n. 48, p. 462-481, jul./set. 2013.

_____; NOVA, S. P. C. C.; CORNACCHIONE JUNIOR, E. B. **The accounting education gap in Brazil**. New York: *China-USA Business Review*, v. 12, n. 4, p. 361-372, Apr. 2013.

MORAES, M. Trabalho de conclusão de curso: avaliando a avaliação da pesquisa científica. **Revista Conexão – Comunicação e Cultura**, Caxias do Sul, v. 4, n. 7, p. 163-168, jan./jun. 2005.

MORAES, R. O. **Mestres em ciências contábeis sob a óptica da teoria do capital humano**. 2009. 156 p. Tese (Doutorado em Ciências Contábeis) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

NEVES, J. M. S.; RUSSI, L. N. O TCC como ferramenta para consolidação das competências adquiridas no ensino de tecnologia na Fatec Guaratinguetá (SP). In: Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade, 1., Recife. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: Anpad. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnEPQ/enepq_2007/ENEPQ415.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2014.

OLIVEIRA, D. M. T. Introdução à pesquisa qualitativa. In: PERDIGÃO, D. M.; HERLINGER, M.; WHITE, O. M. (Orgs). **Teoria e Prática da Pesquisa Aplicada**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011, p. 100-108.

OLIVEIRA, M. C. **Julgamento moral na contabilidade: estudo sobre o processo educacional de estudantes de graduação e pós-graduação *stricto sensu***. 2011. 110 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

OLIVEIRA, R. A. R. A. et al. O trabalho de conclusão de curso na PUC-CAMPINAS. **Série Acadêmica – Especial: trabalho de conclusão de curso – TCC**. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, n. 31, p. 7-16, jan./jun. 2015. Disponível em:

<<https://www.puc-campinas.edu.br/midia/arquivos/2015/jan/periodicos---serie-academica-n31.pdf#page=42>>. Acesso em: 19 fev. 2015.

OLIVEIRA, V. M.; MARTINS, M. F.; VASCONCELOS, A. C. F. Entrevistas em profundidade na pesquisa qualitativa em administração: pistas teóricas e metodológicas. In: Simpósio de Administração da Produção, Logística e Operações Internacionais. 15., 2012, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: FGV. Disponível em: <http://www.simpoi.fgvsp.br/arquivo/2012/artigos/E2012_T00259_PCN02976.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2015.

OTT, E.; PIRES, C. B. Estrutura curricular do curso de ciências contábeis no Brasil *versus* estruturas curriculares propostas por organismos internacionais: uma análise comparativa. **Revista Universo Contábil**, Blumenau: FURB, v. 6, n.1, p. 28-45, jan./mar. 2010.

PATRICIO, Z. M. et al. Sistematização de estratégias de ensinar-aprender pesquisa na graduação. **Revista Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 15, n. 39, out./dez., 2011, p. 1159-1172.

PEIXOTO, E. P. A. et al. Contribuição da Iniciação Científica na Elaboração do TCC no Curso de Ciências Contábeis sob a Ótica do Corpo Discente: uma Pesquisa nas IES Públicas do Estado da Paraíba. In: Congresso USP Iniciação Científica em Contabilidade, 11., 2014, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: USP. Disponível em: <<http://www.congressosp.fipecafi.org/web/artigos142014/227.pdf>>. Acesso em: 07 dez. 2014.

PELEIAS, I. R. et al. Evolução do ensino da contabilidade no Brasil: uma análise histórica. **Revista Contabilidade e Finanças – USP**, ed. 30 anos de doutorado, p. 19-32, jun. 2007.

PEREIRA, D. M. V. G. et al. A formação e a qualificação do contador face ao programa mundial de estudos em contabilidade proposto pelo ISAR: uma abordagem no processo ensino-aprendizagem In: Congresso USP de Iniciação Científica em Contabilidade, 2., 2005, São Paulo. **Anais Eletrônicos...** São Paulo: USP, 2005. Disponível em: <http://www.congressosp.fipecafi.org/web/artigos22005/an_resumo.asp?pagina=5>. Acesso em: 31 maio 2016.

PEREIRA, J. M. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. 3. ed. São Paulo, Atlas, 2012.

PESSOA JUNIOR, L. S.; LIMA, D. H. S. Pesquisa em contabilidade: investigação da percepção dos discentes do curso de ciências contábeis da universidade federal do Rio Grande do Norte quanto sua importância e incentivos oferecidos na graduação. In: Seminário de Pesquisa do CCSA/UFRN, 20., 2015, Natal. **Anais Eletrônicos...** Natal: UFRN, 2015. Disponível em: <<http://www.seminario2015.ccsa.ufrn.br/assets//upload/papers/171a163149ee0659a8eeba9b3707f70a.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2016.

PINTO, P. S. B; PAULA, M. M.; ALVES, F. J. S. A relação entre as experiências com a pesquisa científica nos cursos de graduação e as dificuldades para elaboração de artigos no mestrado acadêmico. **Revista Sinergia**, Rio Grande, v. 14, n. 1, p. 21-33, 2010.

PITHAN, L. H.; VIDAL, T. R. A. O plágio acadêmico como um problema ético, jurídico e pedagógico. **Revista Direito & Justiça**, v. 39, n. 1, p. 77-82, jan./jun. 2013.

POZZEBON, P. M. G. Projeto de pesquisa para o trabalho de conclusão de curso. **Série Acadêmica**, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, n. 19, p. 53-62, dez. 2005. Disponível em: < <https://www.puc-campinas.edu.br/wp-content/uploads/2016/04/periodicos-serie-academica-n19.pdf>>. Acesso em: 13 mar. 2016.

RAUSCH, R. M. O trabalho de conclusão de curso na pedagogia da Furb: contexto e desafios. **Revista Atos de Pesquisa em Educação**, v. 3, n. 2, p. 262-291, maio/ago. 2008.

_____; SADALLA, A. M. F. A. Promoção de reflexividade na formação inicial do docente: o papel do professor orientador na pesquisa. **ETD – Educação Temática Digital**, v. 9, n. 2, p. 170-188, jun. 2008. Disponível em: < <http://ojs.fe.unicamp.br/ged/etd/article/view/1600/1448>>. Acesso em 21.03.2016

REINA, D. et al. Pós-graduação em contabilidade: um estudo comparativo em cinco países. **Gestão & Regionalidade**, São Caetano do Sul, v. 28, n. p. 49-63, jan./abr. 2012.

RESENDE, L. R. et al. Plataforma teórica das dissertações em contabilidade: onde está a teoria? In: Seminários em Administração, 14, 2011, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: USP. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/semead/14semead/resultado/trabalhosPDF/477.pdf>>. Acesso em: 14 dez. 2014.

RICARDINO, A. **Resumão Especial TCC – Monografia**: Tudo o que você precisa saber sobre o trabalho de conclusão de curso. São Paulo: Barros, Fischer & Associados, 2011.

RICCIO, E. L.; SAKATA, M.C. G. Evidências da globalização na educação contábil: estudo das grades curriculares dos cursos de graduação em universidades brasileiras e portuguesas. **Revista Contabilidade & Finanças - USP**, São Paulo, n. 35, p. 35-44, maio/ago. 2004.

SÁ, A. L. **Ética profissional**. 4. ed. São Paulo, Atlas, 2001.

SANTOS, A. C.; DOMINGUES, M. J. C. S.; RIBEIRO, M. J. Um estudo sobre o nível de aderência dos cursos de ciências contábeis das instituições paranaenses listadas no MEC, ao currículo mundial. In: Congresso ANPCONT, 5, 2011, Vitória. **Anais Eletrônicos...** Vitória: ANPCONT, 2011. Disponível em: < <http://congressos.anpcont.org.br/congressos-antigos/v/internaa676.html?secao=2844>>. Acesso em: 26 maio 2016.

SANTOS, C. K. S.; LEAL, E. A. A iniciação científica na formação dos graduandos em ciências contábeis: um estudo em uma instituição pública do triângulo mineiro. **Revista Contemporânea de Contabilidade**, Florianópolis, v. 11, n. 22, p. 25-48, jan./abr. 2014.

SANTOS, L. M.; JESUS, M. L. A importância da ética na formação do profissional de contabilidade. **Revista Pensar Contábil**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 14, p. 4-10, nov. 2001/jan. 2002.

SANTOS, M. S. C. **A importância da pesquisa como princípio educativo na prática pedagógica do professor e pesquisador que atua em curso de ciências contábeis.** 2013, 148 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis) – Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado – FECAP, São Paulo, 2013.

SCATOLA, E. S. P. **Reformas curriculares e os desafios da coordenação de um curso de ciências contábeis diante da gestão do projeto político pedagógico.** 2013, 158 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis) – Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado – FECAP, São Paulo, 2013.

SEGANTINI, G. T. et al. Uma análise crítica entre os currículos dos cursos de ciências contábeis nos países do Mercosul e o proposto pela ONU/UNCTAD/ISAR. **Revista Evidenciação Contábil & Finanças**, João Pessoa, v.1, n. 1, p. 85-98, jan./jun. 2013.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico.** 23. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, A. C. R. et al. Abordagem curricular por competências: um olhar dos coordenadores dos cursos de graduação em ciências contábeis da Bahia. **ReAC – Revista de Administração e Contabilidade**, Feira de Santana, v. 2, n. 1, p. 4-14, jan./jun. 2010.

SILVA, M. M. **Mestres em ciências contábeis da região sul do Brasil:** um estudo à luz da teoria do capital humano. 2012, 97 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2012.

SILVA, V. et al. Análise dos trabalhos de conclusão de curso da graduação em enfermagem da UNIMONTES. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 13, n. 1, p. 133-143, mar. 2009. Disponível em: <<https://www.fen.ufg.br/revista/v11/n1/pdf/v11n1a17.pdf>>. Acesso em: jul. 2016.

SILVEIRA, T. P.; ENSSLIN, S. R.; VALMORBIDA, S. M. I. Desmistificando o ensino da pesquisa científica na graduação em ciências contábeis: um estudo na Universidade Federal de Santa Catarina. **Revista de Contabilidade da UFBA**, Salvador, v. 6, n. 1, p. 48-65, jan./abr. 2012.

SLOMSKI, V. G.; MARTINS, G. A. O conceito de professor investigador: os saberes e as competências necessárias à docência reflexiva na área contábil. **Revista Universo Contábil**, Blumenau, v. 4, n. 4, p. 6-21, out./dez. 2008.

SOARES, S. V. et al. Pós-graduação em ciências contábeis no Brasil: contexto e processo de seleção. **Revista Ambiente Contábil**, Natal, v. 3, n. 2, p. 59 – 74, jul./dez. 2011.

_____. Estrutura curricular dos cursos de ciências contábeis das universidades federais da região sul do Brasil. In: Seminários em Administração, 14, 2011, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: USP. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/semead/14semead/resultado/trabalhosPDF/300.pdf>>. Acesso em: 16 fev. 2015.

SOUZA, F. J. V.; SILVA, M. C.; ARAUJO, A. O. Produção científica no curso de graduação de ciências contábeis da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. **Revista de Contabilidade da UFBA**, Salvador, v. 5, n. 3, p. 20-30, set./dez. 2011.

UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT – UNCTAD.
Global curriculum for the professional education of professional accountants TD/B/COM.2/ISAR/6. (1998). Disponível em:
<<http://www.unctad.org/en/docs/c2isard6.en.pdf>>. Acesso em: 27 maio 2016.

_____. **Guideline for a global accounting curriculum and other qualification requirements TD/B/COM.2/ISAR/5** (1998). Disponível em: <<http://www.unctad.org>>
Acesso em: 27 maio 2016.

_____. **Resived model accounting curriculum (MC) TD/B/COM.2/ISAR/21** (2003).
Disponível em:
<<http://unctad.org/SearchCenter/Pages/results.aspx?k=%22TD%2FB%2FCOM.2%2FISAR%2F21%22>>. Acesso em: 27 maio 2016.

VALENTE, N. T. Z. et al. Fatores que levam acadêmicos do curso de ciências contábeis ao uso indevido de trabalhos prontos retirados da internet. In: Encontro da ANPAD, 31., 2007, Rio de Janeiro. **Anais Eletrônicos...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2007. Disponível em:
<http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnANPAD/enanpad_2007/EPQ/2007_EPQB3156.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2015.

VAZQUEZ, A. S. **Ética**. 24. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

VENDRUSCOLO, M. I.; BEHAR, P. A. Educação e pesquisa em contabilidade: o estado da arte do Congresso USP. **Revista Ambiente Contábil**, Natal, v. 6, n. 1, p. 83–98, jan./jun. 2014.

VIEIRA, S. **Como elaborar questionários**. São Paulo, Atlas, 2009.

ZONATTO, V. C. S.; DANI, A. C.; DOMINGUES, M. J. C. S. Análise comparativa entre o currículo mundial proposto pela ONU/UNCTAD/ISAR e os currículos dos cursos de graduação presenciais em ciências contábeis das instituições de ensino superior do estado do Rio Grande do Sul listadas pelo MEC. In: Congresso Brasileiro de Custos, 13, 2011, Rio de Janeiro. **Anais Eletrônicos...** Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Custos, 2011. Disponível em: <http://www.abcustos.org.br/congresso/view/5?ID_CONGRESSO=22>. Acesso em: 22 maio 2016.

_____. et al. Evidências da relação entre qualificação docente e desempenho acadêmico: uma análise à luz da teoria do capital humano. **Revista Sociedade, Contabilidade e Gestão**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 6-25, jan./abr. 2013.

APÊNDICE A – E-mail CONVITE

Prezado (a) Prof. (a), bom dia.

Meu nome é Leonço Barboza de Alencar.

Sou aluno do Mestrado em Ciências Contábeis da FECAP, orientado pelo Prof. Dr. Ivam Ricardo Peleias, que nos lê em cópia.

Estou realizando a pesquisa de minha dissertação de mestrado, intitulada "PRÁTICAS DE ORIENTAÇÃO DE TCC EM CURSOS DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS NA CIDADE DE SÃO PAULO". Para tanto, preciso entrevistar professores que orientam e / ou orientaram trabalhos de conclusão de curso neste ano e em 2015.

Assim, quero convidá-lo a participar da pesquisa, me concedendo uma entrevista, presencial ou por Skype. Será usado um roteiro de entrevistas validado pela banca de qualificação. A entrevista durará de 30 a 40 minutos. A proposta é gravar, transcrever e usar a entrevista para redigir o trabalho, para o que precisamos de sua autorização.

Certo de sua colaboração, decisiva para o sucesso de minha pesquisa, agradeço a atenção dispensada e aguardo ansioso seu retorno para agendarmos a entrevista.

Ao dispor, receba minhas cordiais saudações acadêmicas.

Leonço Barboza de Alencar

APÊNDICE B – ANÁLISE DOCUMENTAL

IES: ALFA

Categoria	1 – Elementos estruturais do PPP			
Subcategorias	Questões a investigar	Evidências		Modo de evidênciação
		Sim	Não	
1-1 – Modos da integração entre graduação e pós-graduação	1-1-1 – O PPP evidencia alguma forma de integração entre a graduação e a pós-graduação?		X	
1-2 – Incentivo à pesquisa	1-2-1 – O PPP evidencia alguma forma de incentivo à pesquisa?	X		Iniciação Científica - O Programa Institucional de Iniciação Científica (Pró-Ciência) é um processo por meio do qual o aluno de graduação desenvolve um projeto de investigação científica, durante um prazo de 12 meses, sob a supervisão de um professor orientador. O objetivo é desenvolver o pensamento científico e a iniciação à pesquisa de estudantes dos cursos de graduação ALFA.
1-3 – Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)	1-3-1 – O PPP evidencia a forma como é desenvolvido o TCC?	X		No caso do curso da ALFA a opção é o desenvolvimento, em grupo, de um artigo científico com algum tema da área de Ciências Contábeis.
	1-3-2 – O PPP evidencia critérios, procedimentos e mecanismos de avaliação do TCC?	X		Os alunos iniciam o desenvolvimento no 7o. Semestre e terminam no 8o. Semestre, com a entrega final do artigo e apresentação em banca composta por professores da ALFA.
	1-3-3 – O PPP evidencia os objetivos a atingir com a elaboração do TCC?		X	
	1-3-4 – O PPP evidencia o destino final do TCC?		X	

APÊNDICE C – ANÁLISE DOCUMENTAL

IES: – BETA

Categoria	1 – Elementos estruturais do PPP			
Subcategorias	Questões a investigar	Evidências		Modo de evidenciação
		Sim	Não	
1-1 – Modos da integração entre graduação e pós-graduação	1-1-1 – O PPP evidencia alguma forma de integração entre a graduação e a pós-graduação?		X	
1-2 – Incentivo à pesquisa	1-2-1 – O PPP evidencia alguma forma de incentivo à pesquisa?	X		Como membro integrante de projetos de pesquisa, elaboração de trabalhos de Iniciação Científica estabelecidos de acordo com as normas institucionais, projetos PIBIC ou apoiados por outra agência de fomento.
1-3 – Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)	1-3-1 – O PPP evidencia a forma como é desenvolvido o TCC?	X		<p>O aluno deverá ter concluído anteriormente, com aproveitamento, as seguintes disciplinas:</p> <p>a) Introdução a Pesquisa Contábil oferecida no 2º semestre letivo com 34 horas/aulas</p> <p>b) Pesquisa Contábil / Orientação de Monografia I, com 34 horas/aulas oferecida no 7º semestre letivo.</p> <p>c) Monografia oferecida no 8º semestre letivo da grade curricular, com 34 horas/aulas.</p> <p>O tema escolhido para a elaboração da monografia é de livre escolha do aluno, entretanto deverá adequar-se as linhas de pesquisas do departamento, anteriormente explicitadas e guardar relação com a produção acadêmica e as experiências e especialidades dos professores orientadores</p>
	1-3-2 – O PPP evidencia critérios, procedimentos e mecanismos de avaliação do TCC?	X		<p>a) deve apresentar conteúdo de relevância para a Ciência Contábil e as interfaces que mantém com outros campos e áreas de conhecimento,</p> <p>b) pautar-se na estrutura geral de apresentação gráfica e as regras gerais, ortográficas, e bibliográficas de conformidade</p>

			<p>com as normas da ABNT atualizada.</p> <p>c) resguardar a efetiva autoria do trabalho apresentado. Na identificação de cópia integral ou parcial, plágio ou autoplágio deverá ser descartado o trabalho ocorrendo à imediata reprovação do aluno.</p> <p>d) apresentar o trabalho final para a uma banca de avaliação constituída por três professores sendo dois convidados e presidida pelo professor orientador.</p>
	1-3-3 – O PPP evidencia os objetivos a atingir com a elaboração do TCC?	X	<p>A monografia deve resultar de leituras, observações, críticas e reflexões. Implica na observância de rigor científico na coleta de dados; na busca de comprovações de teorias e práticas profissionais, no indicativo de sugestões ou conclusões que levem a uma reflexão do assunto abordado. Visando, portanto, consolidar e avançar os conhecimentos adquiridos durante o curso, com enfoque na articulação teórico-prática e com posicionamento crítico do aluno.</p>
	1-3-4 – O PPP evidencia o destino final do TCC?	X	<p>O trabalho final deverá ser entregue para avaliação na forma escrita em 3 volumes e uma versão final em arquivo PDF gravada em CD, para a biblioteca da BETA. É desejável que cada orientador indique pelo menos 1 dos trabalhos concluídos para ser arquivado na biblioteca.</p>

APÊNDICE D – ANÁLISE DOCUMENTAL

IES: – GAMA

Categoria	1 – Elementos estruturais do PPP			
Subcategorias	Questões a investigar	Evidências		Modo de evidênciação
		Sim	Não	
1-1 – Modos da integração entre graduação e pós-graduação	1-1-1 – O PPP evidencia alguma forma de integração entre a graduação e a pós-graduação?		X	
1-2 – Incentivo à pesquisa	1-2-1 – O PPP evidencia alguma forma de incentivo à pesquisa?	X		<p>O Programa Institucional de Iniciação Científica (PIBIC GAMA) se destina a complementar o ensino de graduação, oferecendo aos estudantes a oportunidade de desvendarem como se processa a geração do saber e como o conhecimento científico é adquirido. Esses objetivos são alcançados pela participação do aluno nas atividades práticas e teóricas no ambiente de pesquisa, sob a orientação de um professor-pesquisador. A efetivação e consolidação da boa pesquisa em nossa Universidade é uma questão prioritária de nossa Reitoria, e é apoiada pela GAMA que tem disponibilizado as bolsas de Iniciação Científica para os nossos alunos-pesquisadores.</p>
1-3 – Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)	1-3-1 – O PPP evidencia a forma como é desenvolvido o TCC?	X		<p>O Trabalho de Graduação Interdisciplinar (TGI) é desenvolvido em dois semestres consecutivos (sétimo e oitavo).</p> <p>O TGI-I é uma disciplina do 7º semestre ministrada em classe em um horário específico de aula, sendo que o professor orienta até três grupos. No TGI-II a orientação ocorre para os grupos, em um horário específico de aula, no 8º semestre</p>
	1-3-2 – O PPP evidencia critérios, procedimentos e mecanismos de avaliação do TCC?		X	
	1-3-3 – O PPP evidencia os objetivos a atingir com a elaboração do TCC?	X		<p>É considerado como sendo um marco culminante da graduação, pois consolida todos os esforços e recursos alocados aos alunos para que tenham os pré-requisitos necessários para encerrarem o</p>

				ciclo de graduação de maneira a criar valor para eles próprios. Isso justifica todos os investimentos aplicados na capacitação do corpo de professores-pesquisadores (orientadores de TGI), em equipamentos, em bibliotecas e em instalações do CCSA
	1-3-4 – O PPP evidencia o destino final do TCC?		X	

APÊNDICE E – ANÁLISE DOCUMENTAL

IES: – DELTA

Categoria	1 – Elementos estruturais do PPP			
Subcategorias	Questões a investigar	Evidências		Modo de evidênciação
		Sim	Não	
1-1 – Modos da integração entre graduação e pós-graduação	1-1-1 – O PPP evidencia alguma forma de integração entre a graduação e a pós-graduação?		X	
1-2 – Incentivo à pesquisa	1-2-1 – O PPP evidencia alguma forma de incentivo à pesquisa?	X		Atividades Complementares podem incluir projetos de pesquisa, monitoria, iniciação científica, projetos de extensão (particularmente projetos sociais), módulos temáticos, seminários, simpósios, congressos e conferências.
1-3 – Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)	1-3-1 – O PPP evidencia a forma como é desenvolvido o TCC?	X		O Trabalho de Conclusão de Curso será obrigatório e desenvolvido sob a modalidade de um artigo científico, com orientação de um docente da DELTA.
	1-3-2 – O PPP evidencia critérios, procedimentos e mecanismos de avaliação do TCC?	X		O texto do artigo NÃO conterá o nome do aluno e nem do orientador, para possibilitar o seu envio, de maneira anônima, para os avaliadores dos trabalhos que concorrerão ao prêmio de melhor TCC. Caso seja constatado plágio, o autor será advertido e sua nota na disciplina será zero. O trabalho será encaminhado para a Coordenação do TCC que tomará as devidas providências.
	1-3-3 – O PPP evidencia os objetivos a atingir com a elaboração do TCC?	X		Com o TCC pretende-se desenvolver e aprimorar o interesse pela pesquisa, bem como despertar e apurar o interesse científico do estudante, além de desenvolver seu espírito crítico.
	1-3-4 – O PPP evidencia o destino final do TCC?		X	

APÊNDICE F

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS		
PROFESSOR ORIENTADOR I		
Categorias	Subcategorias	Perguntas
1 – Práticas de Orientação de TCC	1-1 – Fases do TCC: dificuldades, formato, acompanhamento e correção	<p>1-1-1 – Comente sobre o que pode ser considerado como um bom TCC em tua opinião.</p> <p>Na minha opinião o que é um bom TCC, eu preciso explicar o viés da IES, os professores que fazem orientação de TCC são geralmente os professores doutores que são professores no stricto sensu. O stricto sensu em contabilidade na IES é mestrado profissional, então a visão que a gente tem de um bom TCC é aquele no qual o aluno vai reunir o conhecimento científico e a aplicação prática. Então de preferência ele vai tratar no TCC um assunto que ele quer desenvolver profissionalmente também, então ele vai aplicar metodologia científica para resolução de um problema prático dele, que ele tenha vivencia preferencialmente na vida profissional.</p> <p>1-1-2 – Enumere quais seriam, na tua concepção, as principais finalidades do TCC.</p> <p>Tem a finalidade obviamente de aprender o método científico, a gente espera do aluno de graduação que ele consiga aprender o método científico.</p> <p>1-1-3 – Quais os tipos de dificuldades relatadas pelos alunos no processo de orientação e como lida com elas?</p> <p>Bom, os alunos a primeira dificuldade que eles têm, de início de pesquisador é a questão de pesquisa, é a primeira dificuldade o que trabalhando durante as primeiras semanas para que o próprio aluno consiga desenhar uma questão de pesquisa, eu evito chegar com o problema de pesquisa pronto para o aluno, então eu acho que o trabalho é do aluno e tem que ser de um assunto de interesse dele. Então o primeiro problema é a questão de pesquisa, a segunda dificuldade é aplicar o método, então não dar opiniões pessoais mas partir para escrever a partir de situações, ter suas próprias conclusões, amarrar o texto e ter suas próprias conclusões. Isso eu sinto muita dificuldade nos alunos essa estória de não colocar opiniões ou o que eles consideram verdades universais.</p> <p>1-1-4 – Como avalia a bibliografia disponível sobre o assunto?</p> <p>Olha, os alunos lá na IES eles têm acesso à biblioteca, que tem o portal da CAPES então tem todos os periódicos que uma grande universidade poderia ter acesso, eles não têm dificuldade com bibliografia, eles têm dificuldade de pesquisar, é comum o grupo falar eu não vi nada sobre isso. Não viu nada porque não perguntou para o Google, nem procurou. Eles têm acesso à base de dados do mundo todo. Lá na IES existe, eles têm a matéria específica de metodologia e especificamente para pesquisas aplicadas com o que está sendo desenvolvido na Europa hoje, que é modelo que a gente usa de pesquisa aplicada, existe o manual da IES, então a IES tem o manual para fazer o TCC e o manual para pesquisa aplicada.</p> <p>1-1-5 – Prepara seus orientandos a trabalhar com rigor metodológico ou a IES oferece disciplina de metodologia?</p> <p>Sim, tem todo o rigor metodológico, mas lembrando que a gente trabalha também com pesquisa aplicada, na nossa área acho que é</p>

		<p>adequado.</p> <p>1-1-6 – Estabelece algum cronograma/rotina de trabalho ou deixa a cargo dos alunos?</p> <p>Os orientandos são definidos para os orientadores pela coordenadora de orientação, são direcionados para os orientadores, eles fazem um preenchimento de tema e assunto e a partir desse tema e assunto são cruzados com os temas e assuntos de interesse dos professores e a coordenação faz esse encaixe. E aí eles têm um horário fixo semanal para serem orientados, o TCC demora um ano para ser feito na IES, no primeiro semestre eles vão ter uma qualificaçãozinha e depois a entrega final é no segundo semestre. Então no primeiro semestre eles tem que preparar a introdução, embasamento teórico e explicar o método e no segundo semestre tem que fazer efetivamente a pesquisa e terminar o trabalho, então é assim, o cronograma já é definido pela escola e não pelo professor</p> <p>1-1-7 – Como procede à correção dos trabalhos?</p> <p>Eles têm horário de orientação fixo semanal, como se fosse um horário de aula normal e nessas ocasiões ocorrem as correções. Acontecem situações de os alunos enviarem os textos para os professores lerem antes, então depende da dificuldade do grupo. São orientados em grupos de três a quatro, pode ser sozinho se acontecer alguma coisa, se o aluno perdeu a turma, se ele brigou com todo mundo.</p>
	<p>1-2 – Percepção quanto ao desenvolvimento e aprendizado discente na elaboração do TCC</p>	<p>1-2-1 – Considera que o TCC contribui para o aprendizado discente?</p> <p>Eu acredito que sim, porque ele vai aprender a organizar as ideias, utilizando o método científico, vai enxergar, delinear e resolver um problema e esse tipo de método ele pode levar para a área profissional dele, mesmo que não seja área acadêmica.</p> <p>1-2-2 – Na tua percepção quais as principais habilidades que os alunos desenvolvem ao elaborar o TCC?</p> <p>Exatamente essa estória de conseguir enxergar um problema, delinear melhor para poder resolver e a atenção na apresentação e nos textos, eu acho que o pessoal assim como a gente usa muita tecnologia essa estória de cuidado com a escrita às vezes vai ficando para trás, eu acho que é importante isso.</p> <p>1-2-3 – Considera que o TCC contribui para a inserção do aluno na pesquisa científica?</p> <p>Sim, eles têm o primeiro contato e podem depois, ou antes, eles podem, eles são apresentados para os trabalhos acadêmicos, são incentivados a continuar.</p>
	<p>1-3 – Atitudes frente ao plágio acadêmico</p>	<p>1-3-1 – Alguma vez já se deparou com uma situação de plágio em trabalho acadêmico?</p> <p>A situação que chega é assim, pelo menos os meus trabalhos, os que eu oriento quando eu vejo que um aluno... é que é muito fácil enxergar que não foi o aluno que escreveu aquilo, que foi outra pessoa, o estilo de escrita diferente, mas então daí o que é que eu faço? Eu vou lá olho onde é que está, de onde ele tirou este trabalho que também é muito fácil e explico que não pode fazer isso, então se ele pegou de algum trabalho ele tem que usar um apud ele não pode fazer aquilo, explico que isso é irregular, agora nunca cheguei numa banca e ter um trabalho com uma quantidade de plágio significativa, não me aconteceu ainda.</p>

		<p>1-3-2 – De que forma identifica se um trabalho foi objeto de plágio?</p> <p>Pela batida de olho, pelo estilo de escrita já consigo identificar. Se tiver alguma coisa muito conectada em um trabalho de TCC não foi o aluno que fez, então eu vou buscar quem escreve sobre aquilo e pelo o texto a gente consegue achar.</p> <p>1-3-3 – Qual a melhor maneira para coibir a prática do plágio?</p> <p>Olha, eu acho que o professor orientador e a banca, se a banca ler o trabalho eles têm condições de reprovar o aluno para coibir o plágio, mas o orientador e a escola têm que explicar que esta prática é irregular.</p> <p>1-3-4 – Como agiria se um orientando de TCC apresentasse um trabalho com sinais evidentes de plágio?</p> <p>Não me deparei com uma situação tão evidente, mas são as práticas normais de reprovação, não tem o que fazer.</p> <p>1-3-5 – Tua IES tem alguma política sobre esta questão?</p> <p>Tem uma política específica da IES para que não exista plágio. Então a IES inclusive disponibiliza software.</p> <p>1-3-6 – Os alunos usam o termo de consentimento livre e esclarecido?</p> <p>Quando fazem um questionário para passar, sim. Também existe isso no manual e o orientador também diz que primeiro tem que ter o consentimento.</p>
	<p>1-4 – Pesquisa na graduação e TCC</p>	<p>1-4-1 – Comente sobre a importância da pesquisa para a formação do aluno.</p> <p>Olha eu acho que é mais importante se o aluno tiver vontade de entrar para a área academia é uma das portas de entrada, escrever um bom TCC, mas mesmo que não seja para a área acadêmica a própria ideia de se organizar, levantar embasamento teórico referente aquele problema, entender as teorias por trás de um questionamento, desenhar a questão de pesquisa, entender que ele tem que dar uma solução específica para uma pergunta específica, acho que ajuda muito o aluno para gerenciar problemas em qualquer área.</p> <p>1-4-2 – Costuma comentar e/ou utilizar tuas pesquisas em sala de aula?</p> <p>Como nas aulas de graduação a matéria que eu leciono é exatamente o que eu pesquiso então eu trago para a graduação o resultado das pesquisas, tanto de artigos que eu escrevo como qualquer pesquisa. Os alunos sentem dificuldade assim na graduação, se você manda para eles um artigo em inglês para ler, eles já ficam uma coisa, mas eu tento fazer essa ponte e porque a área contábil é uma coisa muito prática eu não consigo nem separar a prática da área acadêmica.</p> <p>1-4-3 – Em tua IES os alunos mantêm contato com a pesquisa ao longo do curso ou apenas no TCC?</p> <p>Isso vai muito de professor para professor, mas como na IES grande parte dos professores de graduação tem doutorado então essa estória de mostrar pesquisa para os alunos é recorrente.</p>
<p>2 – Integração Graduação x Pós-graduação</p>	<p>2-1 – Identificação e medidas para conduzir o orientando do TCC ao <i>stricto sensu</i>.</p>	<p>2-1-1 – O que fazer para que o aluno graduado desperte interesse para a pós-graduação <i>stricto sensu</i>?</p> <p>Olha, como na IES tem um curso de <i>stricto sensu</i> é de interesse dele que os alunos continuem sendo alunos, então tem uma política comercial de apresentar aos alunos da graduação os cursos de <i>stricto</i></p>

		sensu da própria instituição, então é uma prática comercial da instituição. Através dos professores, pois a gente apresenta os programas em sala de aula durante a graduação.
2-2 – Sequência da carreira acadêmica dos orientados no TCC	2-2-1 – O TCC pode ser um indutor para que o aluno graduado prossiga seus estudos? Não sei se ele é decisivo porque o aluno que vai para a área acadêmica é um aluno que já pensou nisso antes do TCC até, normalmente. Não sei se ele é indutor, porque o que acontece, pelo menos lá na IES, é que os alunos têm logo no início eles tem oportunidade de participar do programa de iniciação científica. 2-2-2 – Considera que o TCC contribui para inserir o aluno no mundo do trabalho? Comente sobre isso. Eu acho que contribui para organizar as coisas, organizar o pensamento e se preocupar com a apresentação, sabe, fazer uma apresentação decente, escrever um texto decente.	
2-3 – Orientação no TCC e no <i>stricto sensu</i> : linhas de pesquisa	2-3-1 – Desenvolve algum projeto de pesquisa atualmente? Então, a minha área de pesquisa é IFRS e comunicação de informações para o mercado, a minha tese de doutorado é sobre uma linguagem específica de comunicação de informação XBRL, então eu pesquiso isso e uso isso em minha vida profissional, eu sou contadora, então eu continuo nesse tipo de pesquisa, uma coisa lá na IES que é obrigatório é que os professores do <i>stricto sensu</i> ter projetos de pesquisa o tempo inteiro, então eu tenho hoje um projeto aberto de IFRS e comunicação de informações ao mercado que eu posso, inclusive, puxar alunos da graduação interessados. 2-3-2 – Tem por praxe convidar alunos para participar de seus projetos de pesquisa e de que forma se dá a participação? A gente tem que ter fundos para isso, a gente pode pedir dinheiro para a CAPES para essas coisas, mas a IES tem o IES Pesquisa, uma área interna que dá bolsa para os alunos para que eles participem dos projetos de pesquisa dos professores do <i>stricto sensu</i> , então eu posso ter um projeto meu de pesquisa financiado pelo IES Pesquisa e daí eu tenho condições de chamar um aluno para isso, mas aí é um aluno que vai ter mais interesse na área acadêmica. O problema do aluno de ciências contábeis é que no segundo semestre ele já arrumou emprego, então ele tem que ter essa vontade de ir para a área acadêmica porque senão ele já está trabalhando e não existe tempo para fazer graduação à noite e trabalhar de dia vai fazer pesquisa que hora? 2-3-3 – Qual seria a importância de os alunos graduandos participarem? Aí eu acho que é mais a porta de entrada do que o próprio TCC para a área científica porque no TCC o aluno cumpre uma obrigação, agora iniciação científica dele participar de um projeto com um professor ele tem o incentivo da bolsa, aí é que é porta de entrada para ele ir para a área acadêmica. 2-3-4 – Permite o livre acesso dos alunos da graduação aos trabalhos desenvolvidos pelos do <i>stricto sensu</i> e vice-versa? Só se estiverem no mesmo projeto de pesquisa do professor porque isso pode acontecer, se não, não. O que que tem o esforço para ter uma integração, tem dois, três eventos na IES, dois da graduação um em cada semestre onde os alunos do <i>stricto sensu</i> e os professores do <i>stricto sensu</i> apresentam as suas pesquisas para os alunos de	

		<p>graduação, então são duas semanas, uma semana no primeiro semestre e uma semana no segundo semestre que tem essa integração, os alunos da graduação são obrigados a assistir aquelas palestras e aquelas palestras são apresentação dos trabalhos do <i>stricto sensu</i>, então existe isso, tem pesquisa de professor e tem pesquisa de aluno, são os professores e os alunos do <i>stricto sensu</i> palestrando para os de graduação, tem um evento no primeiro semestre e tem outro no segundo.</p>
3 – O TCC no Projeto Pedagógico da IES	3-1 – O que as IES fazem com o TCC	<p>3-1-1 – Na tua IES existe algum tipo de classificação do TCC, algo como ruim, bom, excelente?</p> <p>Tem a nota, mas é por conceito e além de ter o conceito, porque se tiver péssimo não vai passar, mas a prática é se não vai passar, se estiver muito ruim não vai nem para a banca, a ideia é que a gente não passe, imagine o aluno vai chamar a família para assistir e chegar lá e ser reprovado? O cara tem que reprovar antes, mas tem sim e o que é muito ruim é reprovado antes, não tem como ir para a banca, os alunos costumam desistir e aí fazem de novo, eles têm muita noção, eles não vão passar vergonha. Então tem a nota, além disso existem prêmios, tem o vínculo da IES com outras entidades, o CRC, com a ABIT que é uma associação das empresas têxteis, a gente tem alguns prêmios que são oferecidos para os alunos da IES para aqueles melhores trabalhos de TCC e esse prêmio é entregue na formatura.</p> <p>3-1-2 – Como se dá a divulgação do TCC em tua IES?</p> <p>Eles deixam em meio magnético e além disso os melhores trabalhos são encaminhados para esses prêmios. E tem mais alguma coisa, tem uma revista chamada Jovens Pesquisadores, o aluno pode transformar aquele TCC em um artigo para a revista. Às vezes consegue publicação em congresso, por incrível que pareça.</p> <p>3-1-3 – Na tua IES o TCC é utilizado como fonte de pesquisa por outros alunos?</p> <p>De TCC usa. Usa pouco mas usa.</p>
	3-2 – Outros tipos de estudos gerados pelo TCC	<p>3-2-1 – Na tua IES os alunos são estimulados a desenvolver outro tipo de trabalho a partir do TCC?</p> <p>Se o trabalho tiver bom vai para esses prêmios e a publicação na Jovens Pesquisadores, às vezes se faz parte do assunto do projeto de pesquisa do professor então é comum que o professor a partir do trabalho que o aluno coloque a mão na pesquisa, ela faça a publicação junto com os alunos. Só os alunos publicarem é mais difícil, porque você tem que pôr num outro formato, de artigo, e os alunos estão se formando e eles querem se formar o mais rápido possível e nesse caso se o professor entra, põe a mão na estória e aí vai ser co-autor.</p>
	3-3 – Processo de escolha dos orientadores	<p>3-3-1 – Destaque os requisitos necessários para ser um orientador aqui na tua IES.</p> <p>Normalmente os orientadores de TCC eles são profissionais que tem o que a gente chama de PPP e PPI, que tem uma quantidade horas grande na carga horária letiva, tem alguns tipos de professores PPP ou PPI que tem dedicação parcial ou integral, mas eles são remunerados por horas além da sala de aula, então são esses professores que são os orientadores e o que tem está tomado.</p> <p>3-3-2 – Os critérios são diferentes na graduação e no <i>stricto sensu</i>?</p> <p>Não porque para você ser orientador de mestrado você tem que estar no programa de mestrado, para você ser orientador de TCC você tem</p>

		<p>todos os professores de mestrado e doutorado que são professores de graduação e orientam TCC, mas podem existir outros professores também com orientação com mestrado e doutorado, mas que são PPP que tem dedicação parcial à IES e daí eles têm orientação também, é a minoria mas pode acontecer também, não está no programa, mas orienta.</p> <p>-3-3 – A quem cabe a escolha do orientador?</p> <p>A própria coordenação, é organizado, em função de cada linha de pesquisa do professor</p> <p>3-3-4 – Tua IES impõe limite quanto a quantidade de orientados por professor?</p> <p>De um a quatro por grupo de alunos, mas quantos trabalhos o professor pode ter para orientar pode ser até dois de TGI um e dois de TGI dois, então o professor pode ter quatro trabalhos, pode orientar até quatro trabalhos por semestre.</p> <p>3-3-5 – Tua IES proporciona alguma forma de formação e/ou atualização dos orientadores?</p> <p>A gente tem no início de cada semestre uma semana que gente chama de semana de orientação pedagógica, nessa semana de orientação pedagógica que é a primeira semana quando o professor volta de férias, no começo das aulas, então a gente tem que obrigatoriamente participar da formação para professores e aí tem uma infinidade de coisas, desde como fazer currículo lattes até como orientar, tem de todos os temas, tem de tudo quanto é coisa. A gente tem esses dois períodos, uma semana em cada semestre, além disso, se for necessário, tem algo tipo de seminário especial, por exemplo no semestre passado teve um seminário especial que durou não lembro se foram oito ou dezesseis horas de formação de orientador, especialmente para pesquisa intervencionista.</p>
	<p>3-4 – Participação dos docentes no PPP da IES</p>	<p>.3-4-1 – Sobre o teu grau de conhecimento do PPP da IES, sabe se ele é revisado ou discutido periodicamente?</p> <p>Ele é discutido com os professores de tempos em tempos, na pós-graduação a gente teve uma revisão ano passado, inclusive de estatuto adequando isso, agora mais ou menos uma vez por ano ou a cada dois anos, de uma forma muito forte, a gente tem uma revisão de todo o programa e ficam mudando as matérias, os alunos querem ter uma coisa com isso, mas pode mudar, a gente teve uma grande revisão faz uns dois anos</p> <p>3-4-2 – Tua IES estimula a participação dos docentes na elaboração / revisão do PPP?</p> <p>É dividido tanto no stricto sensu quanto na graduação, tem um time de professores que são esses de dedicação parcial que podem orientar, mas que não tem toda a carga horária, então eles participam desse tipo de revisão, mas que tem a participação dos outros professores, por exemplo essa revisão que a gente vai ter no próximo semestre e que entra em vigor no próximo ano, eu estou participando disso, estou participando da revisão das matérias. Na IES tem muito essa participação dos professores, a gente não tem muito apoio administrativo propriamente dito, então a tarefa dos coordenadores é comum que seja distribuída e feita junto com os professores, é muito comum.</p> <p>3-4-3 – Você já participou da elaboração/revisão do PPP de tua IES?</p> <p>Sim.</p>

4 – Aspectos motivacionais e de satisfação do orientador	4-1 – Ganhos pessoais e profissionais após a titulação	<p>4-2-1 – Descreva o que você considera como ganhos pessoais após a obtenção de seu grau de mestre/doutor.</p> <p>Então.... na nossa área, a gente não tem muito viés de que contador é o cara. É o <i>controler</i>, é o cara que trabalha com gestão e o cara que trabalha com imposto de renda. Então é assim a parte profissional eles reconhecem que é importante ter estudado, mas não é algo que faz diferença, meus clientes querem que o meu trabalho seja entregue de forma correta nas datas previstas, eles não se preocupam com a formação, com o formal, eles se preocupam com o conhecimento assertivo muitas mais que o diploma formal.</p> <p>4-2-2 – E no aspecto profissional quais foram os ganhos?</p> <p>Por outro lado, existe um respeito, existe um status, que acha que a gente tem que ter uma titulação, mas...não que este status seja grande na minha opinião. Só em relação a titulação, obviamente que a titulação é importante na área profissional para o acadêmico, fora da academia existe um status do teu título, mas não é algo que habilite a pessoa automaticamente. Não é documento de doutor dizendo que você está habilitado a fazer aquilo no profissional, no mundo acadêmico é, aqui é conhecimento de verdade.</p>
	4-2 – Importância da titulação para o orientador	<p>4-2-1 – Comente sobre a importância de sua titulação para o exercício da atividade de orientador.</p> <p>Seu eu não tivesse formação como doutora, eu acho que não teria condições de fazer orientação de TCC. Eu conheço os tópicos técnicos porque sou profissional da área contábil e continuo estudando há trinta anos, mas para orientar um aluno de TCC você tem que ter formação acadêmica. Quando você tira o título de doutor eu acho que você já pode pesquisar por conta própria, então eu acho que você tem que ter uma formação acadêmica para poder ajudar os alunos, senão fica difícil.</p> <p>4-2-2 – Descreva o que você considera como ganhos pessoais com o exercício da função de orientador.</p> <p>Então penso que orientar o TCC o ganho que a gente pode ter de pessoal é se aproximar mais dos alunos, então você conhecer os alunos mais profundamente e conseguir ajudar os alunos a testar seu conhecimento.</p> <p>4-2-3 – E no aspecto profissional quais foram os ganhos?</p> <p>Essa network é que é interessante e depois eu contratar aluno para trabalhar comigo ou o aluno me contratar para prestar serviço profissional na empresa onde ele trabalha.</p>

APÊNDICE G

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS		
PROFESSOR ORIENTADOR II		
Categorias	Subcategorias	Perguntas
1 – Práticas de Orientação de TCC	1-1 – Fases do TCC: dificuldades, formato, acompanhamento e correção	<p>1-1-1 – Comente sobre o que pode ser considerado como um bom TCC em tua opinião.</p> <p>Em princípio me parece que um bom TCC é aquele que deixa o aluno que faz satisfeito... quer dizer.... eu entendo desta forma, eu faço isso não só no TCC mas na dissertação, na tese, para mim é tudo a mesma coisa... quando os alunos vem conversar comigo e me perguntam se eu tenho algum tema a oferecer a resposta é sempre não, porque quando você oferece um tema você corre dois riscos: o primeiro risco é de o aluno não gostar, mas ele pode não gostar mas fazer o trabalho; o segundo risco que é o pior é ele não gostar e não fazer o trabalho, e aí o culpado vai ser você por ter oferecido um tema do qual ele não gosta. Então eu converso com meus alunos... eles vem aqui... olha professor quero fazer.... você tem tema? Tenho! Se você tem um tema e eu posso ajudar e eu considerar que é a melhor orientação que possa dar e não atrapalhar então eu vou aceitar. Mas eu não ofereço para ninguém, nunca, nenhum tema. Então o que eu digo para os alunos, você tem que pegar um tema que deixe você satisfeito, que deixe você prazeroso, que satisfaça alguma coisa que você goste, que você possa atender por uma questão profissional que você já passou dia, você tem o seu estágio na sua profissão... então você escolhe o tema e você faz, eu não vou fazer o seu trabalho, então basicamente é isso. O bom TCC é isso.. é aquele que deixa esse aluno.... e é claro eu só vou aprovar esse trabalho, eu só vou submeter esse trabalho para continuar sendo avaliado se eu achar que aquilo que está sendo colocado lá é passível de ser aprovado.</p> <p>1-1-2 – Enumere quais seriam, na tua concepção, as principais finalidades do TCC.</p> <p>É difícil essa pergunta.... a finalidade é... o que gente pode dizer para alguns, para muitos alunos , que a finalidade é... no duro é para cumprir tabela, é acadêmica. No caso de TCC eu tenho a impressão que isso realmente é verdade.... você tem que cumprir uma tabela, diferente por exemplo de uma dissertação de mestrado que o cara já está almejando uma carreira, já vislumbrando a possibilidade de trabalhar com pesquisa, trabalhar com docência, etc. Então eu tenho a impressão que hoje realmente é na imensa maioria... porque eu tenho que avaliar o seguinte... eu não tenho que avaliar o TCC que eu acho que é isso que você está buscando... eu tenho que avaliar os meus alunos, os trabalhos que foram feitos comigo, mas de uma forma geral e de uma forma geral eu acho que hoje no Brasil esses TCCs são obrigatórios em cursos de graduação...ele são... é mais ou menos como aquela obrigatoriedade de estágio... tem escolas que o cara é obrigado a fazer estágio, mas eu acho que estágio não é uma coisa que você tem que obrigar o aluno fazer, estágio é algo que ele deve procurar e não obrigar, TCC me parece ser a mesma coisa. Eu acho que é um pouco por aí.</p> <p>1-1-3 – Quais os tipos de dificuldades relatadas pelos alunos no processo de orientação e como lida com elas?</p> <p>Bom... o principal problema deles é realmente a escolha do tema. Se você pudesse elencar, você tem em primeiro lugar a escolha do tema,</p>

		<p>em segundo lugar tem a escolha do tema e em terceiro lugar tem a escolha do tema.... porque a partir daí ele vai passar a fazer pesquisa, vai para a internet, vai fazer as coisas e tal, consegue bibliografia, consegue desenvolver, mas ele escolher..... e depois o segundo problema, mas este como eu te falei já tá em quarto lugar na verdade é a forma de focar o trabalho... as vezes ele escolhe o tema e começa a dar tiro para tudo quanto é lado e acaba não tendo um foco preciso. Então o trabalho do orientado tem muito a ver com isso, quer dizer, você vem aqui diz o tema e escolhe e diz para mim o que você quer fazer e quando você traz o primeiro resultado eu percebo que aquilo que você conversou comigo não é exatamente.... você começa a perceber que as coisas começam a tomar um caminho diferente.</p> <p>1-1-4 – Como avalia a bibliografia disponível sobre o assunto?</p> <p>Aí é uma questão de metodologia, tem bastante coisa, tem bastante material, eu entendo que tem, tem livros hoje aí, tem até os sites das universidades aí como você faz um projeto, como você faz uma pesquisa bibliográfica, que tipo de pesquisa que existe. Isto tem. Então você tem disciplinas hoje, aqui na Universidade tem, não sei se todas têm, mas aqui tem, tem disciplinas, eu estou com um trabalho aqui, é um projeto, de TCC, é uma disciplina que ele faz no primeiro semestre, no segundo semestre ele complementa o trabalho. Então o TCC virou para nós uma disciplina do primeiro semestre, do segundo semestre, isso finda no final do curso.</p> <p>1-1-5 – Prepara seus orientandos a trabalhar com rigor metodológico ou a IES oferece disciplina de metodologia?</p> <p>Ele tem orientação para isso, ele tem duas disciplinas, a primeira disciplina é onde ele vai discutir essa questão de metodologia e até com os professores mesmo, sugestão de tema, essas coisas, tem o acompanhamento e depois ele é obrigado a entregar este trabalho. Tem pessoas especializadas que mostram isso, como se faz pesquisa, tem disciplina bem específica para isso.</p> <p>1-1-6 – Estabelece algum cronograma/rotina de trabalho ou deixa a cargo dos alunos?</p> <p>Normalmente eu faço o seguinte: eu deixo muito claro que o trabalho é dele e que é ele quem vai fazer... então eu não tenho nenhum esquema com aluno.... dizer assim você vem aqui toda semana e me mostra o que você já fez, o que você evoluiu.. você vem aqui a cada quinze dias, a cada mês.... eu não faço isso. Aliás eu faço poucas reuniões presenciais com meus orientandos. O cara tem alguma coisa, fez o primeiro trabalho, fez a primeira minuta, ele me manda eu vou corrigir da primeira linha até a última, mandar com as correções e devolver para ele, é isso que eu faço. Eu sei que tem professor que gosta disso, acha que é importante isso, que obriga o cara fazer, eu não gosto disso, não tem nenhuma criança, não interessa nem se é TCC, se é dissertação ou se é doutorado, o cara está fazendo isso porque sabe o que está fazendo. Então eu não vou ficar controlando aluno para saber se o prazo dele está vencendo, se não está vencendo, se ele tem que vir me mostrar e tal, ele sabe o seguinte se não fizer um trabalho bom eu não vou aprovar e ponto. Ele sabe porque quando ele vem aqui ele já me conhece, sabe como é que eu sou. Então é isso aí. Minha porta você viu estava aberta, você chegou ele estava aberto eu estou conversando com você e ela continua aberta, você não estranhe se entrar um aluno ali. Eu estou sempre à disposição do aluno, eu não preciso marcar com ele toda sexta feira as três horas da tarde, não. Se eu estiver aqui trabalhando e não estiver atendendo ninguém é claro ele pode ir entrando e</p>
--	--	--

		<p>acabou, não tem conversa, mas não vou ficar marcando com ele não, isso eu não faço.</p> <p>1-1-7 – Como procede à correção dos trabalhos?</p> <p>Normalmente eu faço isso com o próprio trabalho, ele me manda, via de regra, por arquivos eletrônicos, então as correções que eu faço eu já faço com marcador de texto, devolvo, depois ele me devolve. Como o trabalho tem que ir e voltar muitas vezes eu peço para ele deixar com os textos marcados para saber o que ele colocou adicional ou não.</p>
	<p>1-2 – Percepção quanto ao desenvolvimento e aprendizado discente na elaboração do TCC</p>	<p>1-2-1 – Considera que o TCC contribui para o aprendizado discente?</p> <p>Eu acho que sim, apesar de que eu acho que é um negócio para cumprir tabela, eu acho que ele ajuda, agora ele vai ajudar para aqueles alunos que querem ser ajudados. Então veja, eu disse para você na primeira pergunta o TCC ele é importante e tal, ele é para cumprir tabela, agora não ignifica que ele seja totalmente não aproveitável, porque tem aluno que faz para cumprir tabela e eu tenho certeza que isso acontece e tem aluno que faz e percebe que é um negócio legal e isso pode ser o primeiro caminho, o primeiro passo por exemplo para ele falar eu vou sair daqui e vou continuar fazendo a carreira acadêmica, vou continuar estudando, então não dá para generalizar, é tudo ou nada, acho que tem os dois casos.</p> <p>1-2-2 – Na tua percepção quais as principais habilidades que os alunos desenvolvem ao elaborar o TCC?</p> <p>Eu acho que a principal coisa que ele faz é raciocinar, pensar e escrever, são duas coisas que eu considero importantes, ele passa a ter um problema, desde que ele não recorra à internet para buscar um trabalho já pronto, quer dizer, se ele realmente se predispuer a fazer o trabalho ele vai ter que pensar e ele vai ter que desenvolver. E isso eu vejo bastante, porque vira e mexe, a gente vê coisas com erros de concordância e tal, o que as vezes é falta de cuidado porque você percebe que o cara escreve uma frase no plural depois vem uma outra no singular, ora está na primeira pessoa, ora está na terceira. Isso só se aprende com treino, não tem jeito.</p> <p>1-2-3 – Considera que o TCC contribui para a inserção do aluno na pesquisa científica?</p> <p>Se ele estiver disposto a fazer isso sim, se ele não estiver disposto não.</p>
	<p>1-3 – Atitudes frente ao plágio acadêmico</p>	<p>1-3-1 – Alguma vez já se deparou com uma situação de plágio em trabalho acadêmico?</p> <p>Já. Não em TCC, em dissertação de mestrado. Em TCC não me lembro, até porque com o esquema que a gente tem. No meu caso eu expulsei o cara do curso, tirei o cara do curso. Era meu orientando entregou um negócio que era copy e cola. Aliás foram dois casos, teve um que não era meu orientando, mas era trabalho de disciplina e outro era dissertação mesmo.</p> <p>1-3-2 – De que forma identifica se um trabalho foi objeto de plágio?</p> <p>Nos casos que eu peguei foi caso de coisa muito bem-feita, você percebe claramente porque você conhece os alunos, sabe o estilo de escrever, a forma de escrever, então você pega um negócio assim. Não que você tenha que duvidar de todo mundo, não é isso, mas você percebe claramente e, pior, coisa que eu tinha ajudado a escrever. Não era um plágio exatamente meu porque os trabalhos não estavam no meu nome, mas coisa escrita que eu tinha ajudado a escrever. De</p>

		<p>terceiros, porque você faz ajuda, colaboração, essas coisas. Mas não tem como você garantir que não tenha passado por algum orientando meu. Mas eu acho que se pegar tem que punir de forma severa.</p> <p>1-3-3 – Qual a melhor maneira para coibir a prática do plágio?</p> <p>É você falar com o aluno de cara, isso eu falo quando converso com ele, o primeiro dia que ele vem aqui eu falo: olha tem isso, isso, isso, você me conhece, sabe como eu sou, se isso acontecer você está fora do curso, simples. Agora.... peguei tudo mundo, posso garantir que todos os caras que eu tenha orientado nenhum tenha feito isso, eu não posso garantir. Mas a minha parte eu faço.</p> <p>1-3-4 – Como agiria se um orientando de TCC apresentasse um trabalho com sinais evidentes de plágio?</p> <p>Seria eliminar do curso, no mestrado. Mas no TCC seria reprovado, com certeza. Porque na dissertação não tem nada oficial que fui eu que tirei o cara, mas eu dei a chance olha você tem duas alternativas, você vai lá e fala para o coordenador que vai desistir do curso, pega seus créditos e vai terminar seus créditos em qualquer universidade que você queira ou então se você não fizer isso eu vou na polícia e denunciar você como.... apropriação indébita. Então é isso, o cara preferiu abandonar o curso.</p> <p>1-3-5 – Tua IES tem alguma política sobre esta questão?</p> <p>Ninguém sabe direito até hoje o que é plágio. Pergunte a seu orientador se ele tem uma definição do que é plágio, se ele pegar uma parte da tese que ele escreveu e copiar e colar em algum outro artigo e não dizer nada de onde foi tirado, se ele pode dizer que tem um plágio aí ou não. Um negócio dele. Pois é tem um monte de gente aí que diz que isso é plágio, tem um monte de gente que diz que isso não é plágio, quando você faz a cópia do seu próprio trabalho. Não interessa. Como é que você avalia isso... O plágio parece um negócio muito simples, é copy e cola, mas não é só isso não, tem uma cacetada de coisas por trás disso então aí....</p> <p>1-3-6 – Os alunos usam o termo de consentimento livre e esclarecido?</p> <p>Não, a gente não faz isso. Não faz.</p>
	<p>1-4 – Pesquisa na graduação e TCC</p>	<p>1-4-1 – Comente sobre a importância da pesquisa para a formação do aluno.</p> <p>Tem um pouco daquilo que eu te falei, tem aluno que a pesquisa não vai adiantar coisa nenhuma. Não vai adiantar nada, porque o cara tem a vida profissional dele, o cara já está trabalhando, você pega um aluno da noite aqui o cara está trabalhando em empresa de auditoria, em um banco, ele nunca vai se dedicar a isso. Tem o outro cara que até por ele não ter ainda esse direcionamento, de repente ele descobre nisso uma forma de dar um caminho para a vida dele.</p> <p>1-4-2 – Costuma comentar e/ou utilizar tuas pesquisas em sala de aula?</p> <p>Depende do que você chama de pesquisa. Eu sou um dos autores deste livro e eu não digo para o aluno comprar. Se estamos estudando consolidação de balanço, você vai estudar consolidação de balanço onde você quiser, tem esse livro, tem esse outro. Eu dou o direcionamento. Mas usar trabalho meu, via de regra eu não faço isso. Por exemplo tem uma disciplina que eu dou: demonstração do valor adicionado... a maioria das coisas sobre valor adicionado quem começou a escrever fui eu ... livro.... o modelo fui que criei na IES</p>

		<p>ora, mas eu não vou lá ficar falando isso para os caras . Vamos trabalhar em cima dele, vamos fazer uma pesquisa. Agora bibliografia para os caras lerem tem, tem artigo meu, mas eu não vou ficar cobrando ele, você tem que ler o meu artigo, tem que ler a minha pesquisa.</p> <p>1-4-3 – Em tua IES os alunos mantêm contato com a pesquisa ao longo do curso ou apenas no TCC?</p> <p>Depende do que você está chamando de pesquisa, se você está chamando pesquisa direcionada para o TCC realmente só depois que ele começa a fazer a disciplina orientada para isso. Tem aqui uma disciplina direcionada para isso, nem é o TCC é uma disciplina anterior orientando para isso.</p>
2 – Integração Graduação x Pós-graduação	2-1 – Identificação e medidas para conduzir o orientando do TCC ao <i>stricto sensu</i> .	<p>2-1-1 – O que fazer para que o aluno graduado desperte interesse para a pós-graduação <i>stricto sensu</i>?</p> <p>Eu não sei.... acho que é de cada professor.... cada aluno o que ele quer, o que ele busca em você é o exemplo, então não adianta eu falar eu trabalhei a vida inteira, comecei a trabalhar desde.... ele sabe essas coisas. Não é uma coisa que você pode embutir no aluno é ele quem tem que buscar isso .Ele pode pegar um professor que é um excelente pesquisador, ter trabalhos publicados magníficos mas que seja um péssimo professor , um péssimo dador de aula. Ele possivelmente quando sair daqui a imensa maioria dos alunos vai sair daqui muito mais criticando o fato dele ser um péssimo dador de aula do que um excelente pesquisador. A pesquisa não é uma coisa que vislumbre, uma coisa importante para o aluno, eu vejo desse jeito.</p>
	2-2 – Sequência da carreira acadêmica dos orientados no TCC	<p>2-2-1 – O TCC pode ser um indutor para que o aluno graduado prossiga seus estudos?</p> <p>Depende também, essa eu já respondi, é a mesma coisa. O cara vai descobrir que ele gosta de escrever, que gosta que ele tenha um assunto, que gosta de fazer, que pode ser uma carreira. Isso tem.</p> <p>2-2-2 – Considera que o TCC contribui para inserir o aluno no mundo do trabalho? Comente sobre isso.</p> <p>No mercado de trabalho, o TCC via de regra não tem nenhuma importância. Dificilmente você encontra alguém.... você pode encontrar um aluno que fez o TCC sobre um determinado tema qualquer e que ele descobriu esse tema no trabalho, mas via de regra não volta para aquele trabalho mostrar o resultado ou se voltar as pessoas que estão lá não vão dar importância, não vão valorizar o trabalho, então de certa forma o TCC não tem grande importância para a inserção profissional.</p>
	2-3 – Orientação no TCC e no <i>stricto sensu</i> : linhas de pesquisa	<p>2-3-1 – Desenvolve algum projeto de pesquisa atualmente?</p> <p>Estou sempre, porque tem que fazer, se eu não fizer isso sou expulso (risos).</p> <p>2-3-2 – Tem por praxe convidar alunos para participar de seus projetos de pesquisa e de que forma se dá a participação?</p> <p>Só se eles manifestarem interesse, convidar não. Se o aluno vier aqui e falar nós vamos fazer um trabalho, nós fazer uma dissertação, fazer uma tese, então vamos fazer o trabalho dele, nós vamos publicar alguma coisa junto, mas eu não vou buscar, não sei se está certo ou se está errado, mas eu não tenho para mim como uma coisa legal, uma prática legal, porque eu já ouvi de muitos alunos que o professor faz para poder explorar o trabalho do aluno sabe.... então eu não quero correr esse risco. Seu eu tiver alguma coisa para oferecer para</p>

		<p>o aluno, ou se ele tiver alguma coisa para vir aqui pedir para mim e a gente puder fazer alguma coisa juntos tudo bem, mas eu sair atrás do aluno par fazer, eu não faço.</p> <p>2-3-3 – Qual seria a importância de os alunos graduandos participarem?</p> <p>Não, não tem problema, se você pegar meus últimos trabalhos estou sempre com alunos, muito pelo contrário, acho que esse é o caminho. Eu estou numa fase de carreira acadêmica que não me interessa mais esse negócio, eu até já disse isso, eu não faço mais trabalho onde o primeiro autor seja eu.... se ei fizer um trabalho com um aluno o nome dele é que tem que aparecer, eu não preciso mais disso, minha carreira acadêmica chegou onde podia chegar. (Quanto a importância de o graduando participar) eu acho que sim, desde que ele tenha interesse. Se o aluno vier aqui e escolher um tema errado, eu vou dizer olha isso não é legal.... não vai dar certo, já tem gente que já fez. Se ele vier aqui e escolher um tema sobre o qual eu não tenha nenhum conhecimento eu vou dizer não posso te orientar nisso... então eu não vou atrás de aluno, ele vem aqui e me procura, se eu puder ajudar vou ajudar com o máximo prazer.... sabe eu vejo dessa forma o aluno é que tem que decidir, que escolher.</p> <p>2-3-4 – Permite o livre acesso dos alunos da graduação aos trabalhos desenvolvidos pelos do <i>stricto sensu</i> e vice-versa?</p> <p>Assistem até a aula se eles quiserem, não tem problema nenhum, até porque os trabalhos que meus alunos do <i>stricto sensu</i> fazem são públicos. Eu não vou dar acesso a eles a um trabalho, uma dissertação que ainda não foi defendida ou de uma tese de doutorado que ainda não foi defendida, se ele quiser ter acesso ele vai ter acesso na biblioteca.</p>
3 – O TCC no Projeto Pedagógico da IES	3-1 – O que as IES fazem com o TCC	<p>3-1-1 – Na tua IES existe algum tipo de classificação do TCC, algo como ruim, bom, excelente?</p> <p>É nota, você dá de zero a dez. É uma nota como se fosse uma disciplina regular mesmo.</p> <p>3-1-2 – Como se dá a divulgação do TCC em tua IES?</p> <p>Muito aquém do poderia ser, você tem uma outra atividade aí que eventualmente pega esses trabalhos. É aquilo que eu te falei, normalmente é para cumprir tabela mesmo, passa a ser uma disciplina</p> <p>3-1-3 – Na tua IES o TCC é utilizado como fonte de pesquisa por outros alunos?</p> <p>Normalmente não porque ele não está nem disponível. Eventualmente você sabe que fez algum trabalho, se eu tiver algum aluno que vai fazer alguma coisa e eu já orientei algum trabalho em cima daquilo eu vou dizer procura que deve ter ou então eu pego uma cópia do último trabalho e dou para o cara, via de regra é assim. (O TCC) não fica arquivado em meio físico, magnético, nada, faz e acabou, não tem nem banca, é uma disciplina.</p>
	3-2 – Outros tipos de estudos gerados pelo TCC	<p>3-2-1 – Na tua IES os alunos são estimulados a desenvolver outro tipo de trabalho a partir do TCC?</p> <p>Não.</p>
	3-3 – Processo de escolha dos orientadores	<p>3-3-1 – Destaque os requisitos necessários para ser um orientador aqui na tua IES.</p> <p>Bem tem o legal que você ter pelo menos na dissertação e na tese</p>

		<p> você ter o curso de doutorado, se bem que no nosso departamento todo mundo é doutorado. As outras exigências aí vão de cada professor, as características são de cada professor, cada um tem um jeito diferente de orientar, tem professor que vai fazer uma reunião com o aluno a cada quinze dias, outro cada uma semana, outro faz como eu, outro não orienta nada. O ideal é que você faça isso, mas você não é obrigado a fazer isso, então por exemplo quem dá aula no curso de pós-graduação... porque o curso de pós-graduação tem avaliação da CAPES.... e na CAPES uma das coisas que eles avaliam é que os professores do curso de pós-graduação também tenham atividade no curso de graduação, isso significa você dar aula no curso de graduação e dar orientação no curso de graduação. Então os nossos professores aqui são incentivados... mas eu não obrigado a fazer, se o aluno entrar aqui e dizer olha eu queria que você me orientasse a fazer um trabalho tal e eu disser não vou fazer, ninguém pode me obrigar a fazer, principalmente aqui nesta escola, que é uma escola pública, onde o professor é concursado, não pode nem ser demitido coo numa escola particular, não adianta o cara sair daqui a minha e sala e reclamar com o chefe de departamento que o chefe de departamento não vai conseguir me mandar embora. Eu sei que tem professor que diz esse semestre não vou orientar, não vou orientar porque eu vou fazer qualquer coisa, vou fazer uma pesquisa, vou viajar, vou pescar, qualquer coisa </p> <p> 3-3-2 – Os critérios são diferentes na graduação e no <i>stricto sensu</i>? </p> <p> 3-3-3 – A quem cabe a escolha do orientador? </p> <p> Ao aluno. Ele tem naquela disciplina que eu te falei, que os caras vão trabalhar tudo isso, mostrar o que é uma pesquisa metodológica, os professores vão lá apresentam uma lista dos professores que podem orientar, vão dizer mais ou menos....., se bem que o aluno quando chega no final ele já sabe, já conhece uma parte dos professores, pode ser que este professor aqui dá aula de manhã e o pessoal da noite não conhece, por exemplo, então eles vão falar o professor é esse, a linha dela é essa, vai ser uma apresentação, mas a escolha é do aluno. O aluno é que bate aqui na minha porta ou me manda e e-mail dizendo professor eu vou fazer um trabalho em contabilidade.... o senhor pode me orientar? Posso, ou não posso não é o meu tema. Claro ele conhece o professor, uma boa parte dos alunos já sabe como você é, você já foi professor dele, outros alunos foram e perguntaram como é esse professor, isso é normal em uma escola, você entra em uma sala de aula e os alunos já sabem tudo. </p> <p> 3-3-4 – Tua IES impõe limite quanto a quantidade de orientados por professor? </p> <p> Na pós-graduação nós temos que é o limite da CAPES que temos aí seis, sete ou oito. Aqui no TCC não tem, mas acho que não tem ninguém aí orientando vinte trabalhos, o limite é mais ou menos.... não sei quantos. O TCC é individual. </p> <p> 3-3-5 – Tua IES proporciona alguma forma de formação e/ou atualização dos orientadores? </p> <p> Não. O que pode ter é uma troca do professor que vai dar metodologia, por exemplo, uma vez é o professor A, outra vez é o professor B e tal. Não é sempre os mesmos professores, um não pode dar aula de noite, de dia, aí troca, tem licença-prêmio, alguém substitui. No TCC e a mesma coisa, o fato de ser uma disciplina, por considerado uma disciplina normal, tem esse mesmo tratamento. </p>
	3-4 – Participação dos	3-4-1 – Sobre o teu grau de conhecimento do PPP da IES, sabe se ele

	docentes no PPP da IES	<p>é revisado ou discutido periodicamente?</p> <p>Nós temos algum tempo... não sei... dois anos talvez... então tem essa preocupação realmente com revisão, você muda currículo, as vezes oferece disciplina diferente, troca e tal.</p> <p>3-4-2 – Tua IES estimula a participação dos docentes na elaboração / revisão do PPP?</p> <p>A escolha é do departamento, o departamento de contabilidade. Quando o departamento faz os professores são convidados para participar.</p> <p>3-4-3 – Você já participou da elaboração/revisão do PPP de tua IES?</p> <p>Já. Muitas vezes.</p>
4 – Aspectos motivacionais e de satisfação do orientador	4-1 – Ganhos pessoais e profissionais após a titulação	<p>4-1-1 – Descreva o que você considera como ganhos pessoais após a obtenção de seu grau de mestre/doutor.</p> <p>Quais foram os ganhos que eu tive, eu não sei, eu acho que ganhei muito, porque eu passei a fazer uma coisa que eu gosto, eu passei a ter uma liberdade no meu trabalho que eventualmente no escritório não tem, você tem que chegar as oito horas, sair as seis, tem horário para almoçar, pedir para o cara para ir ao dentista e tal, eu nunca tive esse problema. Primeiro porque na escola eu dava aula à noite, escola particular, depois que eu vim para cá você tem o compromisso de dar aula e tal, mas eu continuei fazendo outras coisas fora, fazendo consultoria, fui fazendo essas coisas de forma natural. Não consigo avaliar ganhos e perdas, a única coisa que eu consigo avaliar é o seguinte: eu acho que fiz a escolha certa, eu gosto do que eu faço, me sinto feliz naquilo que eu faço, recompensando pelo que eu faço, não vejo meu final de carreira muito próximo, apesar de que no ponto de vista de idade estar chegando lá mas não penso, se você falar para mim você vai parar, porque antigamente eu teria que parar com setenta anos, a expulsória, agora aqui a expulsória é até setenta e cinco... se eu tiver saúde, se eu achar que vou conseguir trabalhar até os setenta e cinco e os alunos não fiquem me olhando corredor e falando olha lá vai o velhinho... então eu vou continuar trabalhando porque é um negócio que me dá prazer, eu gosto, você muda o aluno, muda o ambiente, mudam as conversas, você tem que estar sempre estudando para poder se manter atualizado.</p> <p>4-1-2 – E no aspecto profissional quais foram os ganhos?</p> <p>Agora o que eu ganhei com isso? Eu sou um cara que não tem frustração de trabalho profissional. Não estou cansado de nada, continuo fazendo as coisas que eu gosto com uma baita liberdade.</p>
	4-2 – Importância da titulação para o orientador	<p>4-2-1 – Comente sobre a importância de sua titulação para o exercício da atividade de orientador.</p> <p>Essa pergunta é mais difícil de responder, eu acho. Vou ver se consigo avaliar, o que eu deixei de fazer por ser professor. Qual foi meu custo de oportunidade. Você não consegue avaliar, porque ou você faz uma coisa ou você faz outra. Se perguntar para mim como é que eu virei professor, isso eu te respondo. Eu virei professor por inércia, eu virei professor porque um cara que era meu amigo um dia disse para mim que precisava faltar no curso que ele dava aula, num curso técnico de contabilidade, eu fui e aí não foi um dia, foi um período e acabei gostando e acabei ficando. Isso foi em 1975, alias foi em 1974 que eu comecei, em 1975 eu descobri também por inércia, eu não sabia que aqui na IES tinha mestrado em contabilidade, então vim fazer. Até então eu sempre trabalhei e é</p>

	<p>claro por eu ter feito esse estágio dando aula no curso técnico de contabilidade, no ano seguinte por estar fazendo mestrado aqui eu fui convidado para dar aula numa faculdade, comecei a dar aula na faculdade à noite. Então foi misturando as coisas e então eu percebi que esse negócio era um negócio que eu gostava, achava legal. Mas você perguntar se eu pensei ser professor um dia.... essas coisas foram acontecendo por inércia. Eu comecei a trabalhar muito cedo, eu comecei a trabalhar com catorze anos, então eu tinha uma vida profissional feita e fui trabalhando, eu fique vinte e tantos anos fazendo as duas coisas, dando aula e indo para o escritório. Quando é que eu decidi realmente largar a atividade profissional não ligada a universidade isso foi em 1977, quer dizer, eu depois de vinte e três anos de trabalho em escritório, eu resolvi trabalhar só aqui, começar a fazer as coisas aqui na universidade e fui fazendo, as coisas foram acontecendo, então eu nunca planejei isso.</p> <p>4-2-2 – Descreva o que você considera como ganhos pessoais com o exercício da função de orientador.</p> <p>A relação pessoal que a gente pode ter com o aluno, de aprofundar, de mostrar para eles exemplos não sei o que lá, isso eu consigo fazer. Se for algo abstrato que você possa incorporar, levar para dentro do trabalho de TCC eu não tenho a menor preocupação com isso. Eu acho que a melhor contribuição que o professor pode dar para o aluno é o exemplo, o resto é tudo segundo objetivo. O escopo principal é isso, dar um bom exemplo para o cara, isso você faz conversando com os alunos, mostrando que não tem diferença da titulação, o fato de eu ser doutor ou não se doutor, não faz diferença nenhuma. O mais importante é isso, as pessoas saberem que todo mundo é igual e eventual você ter um título, às vezes é circunstancial, eu por exemplo meus títulos foram circunstanciais, eu nunca pensei, eu nem sabia que existia mestrado. E depois que eu fiz o mestrado, eu fiz o mestrado aqui mesmo, eu lembro direitinho eu saí do mestrado em 1980 e falei puxa eu nunca mais quero saber desse troço, eu nunca mais vou fazer um negócio desses, nunca mais vou fazer uma tese, tinha feito uma dissertação, até que chegou em 1988, eu não era professor aqui em 1980, mas era em 1988 e aí por circunstancia uma das coisas que eu fiz foi assumir um compromisso com a chefia do departamento que eu tinha que fazer meu doutorado e aí eu acabei fazendo doutorado porquê? Por circunstancias, eu fiz a livre-docência, fiz concurso para titular, as coisas foram acontecendo, eu não planejei isso.</p> <p>4-2-3 – E no aspecto profissional quais foram os ganhos?</p> <p>A única coisa que eu tenho certeza é o seguinte: eu não tenho mais nada para fazer. Eu não tenho mais carreira, como eu disse para você eu não tenho mais nenhum interesse em ter um artigo com meu nome em primeiro lugar, eu sou sempre o segundo, ou o terceiro ou o quarto, porque eu não tenho mais essa preocupação.</p>
--	---

APÊNDICE H

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS		
PROFESSOR ORIENTADOR III		
Categorias	Subcategorias	Perguntas
1 – Práticas de Orientação de TCC	1-1 – Fases do TCC: dificuldades, formato, acompanhamento e correção	<p>1-1-1 – Comente sobre o que pode ser considerado como um bom TCC em tua opinião.</p> <p>Olha, para mim um bom TCC é um trabalho que o aluno demonstra o conhecimento que ele teve em curso numa forma organizada, dentro de um raciocínio e dentro de cumprir um objetivo, o TCC é uma pesquisa, então ele tem que mostrar que ele conhece o método de pesquisa, que ele conhece o assunto que ele está estudando e que ele tem capacidade de aplicar o método a esse assunto. E muito difícil exigir de um aluno de graduação uma maturidade em pesquisa, eu percebo muito isso quando oriento os alunos, é raro sair um trabalho assim excelente e a gente nem espera muito isso, mas eu acho que um mínimo tem que ser atingido que é o aluno demonstrar que ele teve um conhecimento amplo no curso, naquela área específica que ele está fazendo o trabalho, que ele tem domínio e que ele consegue aplicar um método de trabalho a um objetivo, construir um trabalho, organizar e concluir.</p> <p>1-1-2 – Enumere quais seriam, na tua concepção, as principais finalidades do TCC.</p> <p>Aliado com essa resposta anterior, eu acho que é isso, é fazer com que o aluno consiga estruturar um pensamento, estruturar uma pesquisa, demonstrar que ele apropriou dos conhecimentos adquiridos durante o curso e que ele também aprendeu um método de pesquisa que vai ser muito útil para ele no futuro, tanto na área acadêmica se ele for quanto na área profissional. Acho que é isso.</p> <p>1-1-3 – Quais os tipos de dificuldades relatadas pelos alunos no processo de orientação e como lida com elas?</p> <p>Olha, as dificuldades são diversas e depende muito do tipo de aluno. Tem aluno mais bem preparado, por exemplo redação, alguns escrevem melhor e quando ele manda o texto já está assim bem escrito, não precisa ficar corrigindo muito, outros que já tem um pouco mais de dificuldade de escrever tem dificuldade de colocar as ideias de forma clara, de forma coerente. Isso é uma coisa. Outra coisa é acesso a trabalhos científicos, principalmente essa geração mais nova eles têm mania de pesquisar em Google, então o tema é..... sei lá IFRS 15, põe lá no Google IFRS 15, começa a sair lá e não é assim, tem que ter um filtro, ele tem que saber o que olhar, internet tem de tudo, se você não souber filtro vai ler um monte de bobagens, então eu faço muito isso eu mostro onde estão os sites de pesquisa de bases de periódicos, falo um pouco dos periódicos, anais de congresso, orientar para que eles também olhem artigos, dissertações e teses e não só livros, porque é natural o aluno ir também a um livro, livro é bom só que você não vê a ponta da pesquisa, o que está se falando agora. Então eu acho que é assim, a principal dificuldade é encontrar um tema, não diria bem um tema, encontrar o veio do trabalho, encontrar hipóteses, encontrar problema de pesquisa, objetivos. Porque tem, mas às vezes eles dizem quero pesquisar tal assunto, mas o quê pesquisar? Qual o seu problema de pesquisa e aí até o sujeito conseguir uma linha para desenvolver é duro, eu acho que é uma das partes que eles têm mais dificuldades, porque eles não</p>

		<p>têm maturidade de pesquisa, então a gente está com um TCC que é um modelo de pesquisa e eles nunca fizeram pesquisa a não os que fizeram iniciação científica eles têm dificuldades. Outras dificuldades assim mais do meio para o fim são com relação a tratamento de dados, parte estatística dependendo do que o aluno que fazer, se ele não viu aquilo muito direito ele também tem dificuldades de interpretar as análises, muitas vezes o aluno põe só o quadro lá e não fala mais nada, então você precisa interpretar, analisar, discutir. Mas de todas eu acho que o principal é definir o objeto de pesquisa, analisar hipóteses e tudo mais.</p> <p>1-1-4 – Como avalia a bibliografia disponível sobre o assunto?</p> <p>Olha para ser sincero na minha abordagem de orientação eu não pego tanto no pé deles com relação a essa parte porque eles já fizeram uma disciplina de metodologia, então pressupõe que eles já têm noção de como é o método e aí tem este manual que eu te mostrei que tem orientações metodológicas gerais que eles têm que seguir, a estrutura do trabalho... isso nem sempre é o bastante, quando o aluno tem dificuldades aí eu recomendo livros de metodologia mas eu não acho que tem tanta bibliografia disponível para orientação de metodologia de TCC especificamente, a minha avaliação eu não sou muito dessa área, eu leio, estudo, mas não sou especialista, o que eu conheço, em geral, é metodologia de pesquisa geral, não tem tanta coisa específica para TCC. Mas assim, com o que eles têm, com a disciplina de metodologia obrigatória que eles fazem antes do TCC, no geral, eu sinto que eles têm base mínima.</p> <p>1-1-5 – Prepara seus orientandos a trabalhar com rigor metodológico ou a IES oferece disciplina de metodologia?</p> <p>Na verdade, tem uma questão específica aqui que acaba afetando mais o curso de contabilidade, porque a gente tem aqui dois cursos: contabilidade e atuária, como na estrutura de atuária a disciplina de metodologia aqui fica no sexto semestre logo antes do TCC, que são dois TCC um e dois, no sétimo e oitava semestre, na contabilidade a metodologia está no segundo semestre, isso foi recente a alteração, a ideia foi propiciar que ele possa, por exemplo, fazer iniciação científica e outros trabalhos científicos durante, mas muito relatam que já viram metodologia faz tempo, então isso acaba, embora tenha a disciplina, atrapalhando um pouco. Então tem benefícios como esse da iniciação científica, mas tem esse.... se ele não usou ficou lá para trás.</p> <p>1-1-6 – Estabelece algum cronograma/rotina de trabalho ou deixa a cargo dos alunos?</p> <p>Olha, em geral eu defino um cronograma que é baseado neste manual, lembra que eu te mostrei as datas ali? Então é assim, no começo tem uma reunião inicial, cada mês tem uma reunião, tem as entregas que o aluno vai fazendo e você vai avaliando, eu defino assim grandes <i>steps</i> sabe, mas não é uma coisa assim engessada, porque aluno de graduação está fazendo mil coisas, está no último ano, a maioria está trabalhando, então é difícil você engessar assim demais, eu coloco assim: até tal data você tem que me entregar a introdução, eu vou colocando assim. Minha pratica costuma ser essa, sem prejuízo de ele até antecipar, se ele quiser. E tem o contrário, aqueles que vão atrasando que é o mais normal.</p> <p>1-1-7 – Como procede à correção dos trabalhos?</p> <p>Então, a correção dos trabalhos, pelo menos no final, tem aquele formulário no manual que eu te mostrei, nesse formulário tem os</p>
--	--	--

		<p>questos que são avaliados, no TCC 1 tem um conjunto de questos que são avaliados, no TCC 2 incorpora mais dois que são as conclusões e as referências, que o TCC 2 é o trabalho já concluído. Então eu faço uma leitura crítica do trabalho, preencho essas notas e tem um campo final de comentários qualitativos onde eu indico minhas percepções, os pontos fortes e fracos do trabalho. A avaliação faço dessa forma.</p>
	<p>1-2 – Percepção quanto ao desenvolvimento e aprendizado discente na elaboração do TCC</p>	<p>1-2-1 – Considera que o TCC contribui para o aprendizado discente?</p> <p>Em teoria sim..... se a gente pegar a concepção teórica, ler tudo o que está escrito, achar que ele vai fazer tudo direitinho é perfeito, mas na prática a teoria é outra. Eu percebo que por todas essas dificuldades que os alunos tem, falta de maturidade, a questão dos prazos que vai apertando, já está no último ano, muitas vezes eu sinto, infelizmente, que é mais uma coisa para eles fazerem para se formar, por isso que eles fazem, do que realmente, como no caso de mestrado, doutorado, que o cara faz uma pesquisa, evolui. Alguns conseguem, em alguns casos o objetivo é atendido, mas a percepção na maioria dos que eu tenho orientado, infelizmente, é mais assim como uma disciplina que ele não gosta mas tem que passar. Então eu percebo isso, mas é claro, não dá para generalizar, alguns tiram proveito, tem os TCCs premiados, você vai ver aqui no manual tem processo de premiação, a gente tem o congresso de iniciação científica, os melhores trabalhos a gente incentiva a mandar para o congresso, eu já fiz isso com vários que foram publicados, teve até já TCC premiado em congresso, tive TCC publicado em revista. Aliás este trabalho que eu estou lendo aqui é uma dissertação que eu vou participar da qualificação, este trabalho aqui Fernanda Santos, foi aluna e ela fez esse TCC sobre reconhecimento de receitas em incorporadoras, foi para o congresso, premiado no congresso, a gente mandou para revista, publicado em revista. Esta aluna aqui está fazendo sobre sistemas de controle, então para a Fernanda não tem dúvida de que isto contribuiu muito, ela gostou de fazer e tal, você percebe quando o aluno tem o perfil para pesquisa e tem capacidade o negócio é fantástico. Mas na grande maioria dos casos não é bem isso que funciona.</p> <p>1-2-2 – Na tua percepção quais as principais habilidades que os alunos desenvolvem ao elaborar o TCC?</p> <p>Ou deveria desenvolver..... também meio que na teoria.... Bem, eu acho que consolidar os conhecimentos, desenvolver espírito crítico, de ler diversos textos, conseguir conectar diversos textos, habilidade empírica, lidar com dados e com pesquisa, habilidade analítica, acho que isso assim no geral.</p> <p>1-2-3 – Considera que o TCC contribui para a inserção do aluno na pesquisa científica?</p> <p>Também dentro da linha teórica.... Sim. E alguns de fato fazem, eu acabei de mostrar aqui o que aconteceu, mas infelizmente assim.... tem deixado a desejar sim. É a minha percepção, inclusive eu não devia falar como coordenador, mas esse assunto do TCC e do formato sempre ressurge nas discussões aqui do curso, tem várias ideias: em vez de fazer pesquisa fazer um trabalho prático, um relatório de análise, uma alternativa à pesquisa porque de fato exigir que o aluno tenha uma maturidade científica na graduação é um pouco exagerado e esses casos reais que tem acontecido com a gente tem estimulado essa discussão, mas é assim não tem nada encaminhado, a gente está discutindo, tem alguns que tem uma posição mais extrema. Quem sabe no futuro a gente pode vir a ter, por enquanto é este o modelo, a gente percebe que este modelo tem</p>

		as suas fraquezas, seu lado ruim.
	1-3 – Atitudes frente ao plágio acadêmico	<p>1-3-1 – Alguma vez já se deparou com uma situação de plágio em trabalho acadêmico?</p> <p>Já, inúmeras vezes.</p> <p>1-3-2 – De que forma identifica se um trabalho foi objeto de plágio?</p> <p>Então, em geral começa com a leitura, quando a gente lê ou acha muito, muito, muito bem escrito, exageradamente bem escrito para um aluno de graduação ou então trabalho que nada conversa com nada, parece um frankstein, ou então as vezes um texto que você já leu e reconhece. Ai o que é que eu faço? Quando dá uma “coceirinha” eu pego uns trechos e ponho no google, começo a copiar e colar assim alguns trechos e tal, claro o google não vai ter tudo, mas se tiver um trabalho publicado ele puxa e aí eu pego.</p> <p>1-3-3 – Qual a melhor maneira para coibir a prática do plágio?</p> <p>Olha eu não sei qual que é a melhor, só sei que eu utilizo, eu não tenho uma pesquisa para saber as várias maneiras e qual a melhor para coibir, mas da minha experiência desses dez anos que eu tenho orientado o que eu costumo fazer logo na primeira reunião é falar assim de forma bem expressa o que o aluno não pode fazer e se ele fizer pode até ir para a cadeia. Porque é crime, eu já cheguei até uma vez redigir um documento assim: declaro estar ciente e tal... que não posso copiar.... e se eu copiar.... sabe assim? Para o cara assinar, mas no fim eu nem era coordenador, sabe isso não pode.... e no fim eu não mas eu deixo muito claro assim de uma forma muito enfática na primeira reunião de orientação, mostro que é errado, no manual do aluno tem, quer dizer a gente tem tanto institucionalmente quanto em relação a atuação do professor a gente tem algumas maneiras de coibir, mas se o aluno quiser ele vai fazer.</p> <p>1-3-4 – Como agiria se um orientando de TCC apresentasse um trabalho com sinais evidentes de plágio?</p> <p>Posso falar como ajo porque já fiz isso. Quando aconteceu comigo... é delicado, uma situação muito delicada, depende muito de quanto está copiado, quais fontes, a gravidade do negócio, já teve caso de eu mandar para o aluno você está sumariamente reprovado e vá procurar outro orientador, já teve caso que o trabalho não estava no final, o trabalho foi uma parcial que a aluna me mandou e eu mandei todos os trabalhos que eu achei, mandei o que ela fez e ela se desculpou, se justificou e refez o trabalho inteiro, era uma aluna muito boa, acho que foi mais ingenuidade de ela botar. Então depende muito da situação, mas minha tendência geral é zerar, teve o caso uma vez que a menina fez plágio, na verdade ela não fez plágio era foi reprovada com outro professor e ela não aceitou a nota e veio aqui na coordenação exigir que o trabalho fosse avaliado por um outro professor e aí a coordenação na época definiu uma comissão que reavaliou o trabalho e a comissão concordou que o trabalho estava reprovado, mas como ela estava para se formar resolveram dar uma segunda chance e elegeram um novo orientador que desse mais alguns dias para ela fazer e por acaso fui eu o escolhido e eu cheguei para ela dei as orientações gerais e falei expressamente do plágio porque eu já tinha visto a versão anterior e tinha visto que estava com plágio mas eu não falei, deixei a aluna ter a chance de se redimir, se tiver plágio você vai ser reprovada e ela não só não tirou as cópias como acrescentou mais e aí eu fiquei puto, fiz um relatório entreguei aqui para o coordenador e falei ela está reprovada, copia disso, cópia daquilo, cópia daquilo outro. A menina ficou desesperada porque ela</p>

		<p>ia ser jubilada e ela disse você está me jubilando e eu disse não estou jubilando, foi você que fiz isso aí, você devia estar na cadeia, então é assim, acontece infelizmente.</p> <p>1-3-5 – Tua IES tem alguma política sobre esta questão?</p> <p>Bem, tem essa política aqui bem sumária. Então é assim, desde que eu estou na coordenação eu nunca recebi nada, já tem dois anos. Então não é uma coisa que na nossa escola acontece com frequência, isso eu posso te dizer por essa experiência aqui na coordenação.</p> <p>1-3-6 – Os alunos usam o termo de consentimento livre e esclarecido?</p> <p>Não tem.</p>
	1-4 – Pesquisa na graduação e TCC	<p>1-4-1 – Comente sobre a importância da pesquisa para a formação do aluno.</p> <p>Eu acho que é sem dúvida muito importante não só no TCC em si, em todas as disciplinas que o aluno realiza alguma forma de pesquisa, ou bibliográfica ou de casos de empresas, agrega para a formação dele, em qualquer campo que ele estiver atuando ele vai precisar fazer pesquisa seja documental, de dados empíricos, fazer análises, modelagens, para fazer estudos.... isso é não só na área acadêmica mas na área empresarial é super comum fazer um estudo sobre tal coisa, se o aluno não tiver base de pesquisa o trabalho não vai sair, então eu acho fundamental, não tenho dúvida disso.</p> <p>1-4-2 – Costuma comentar e/ou utilizar tuas pesquisas em sala de aula?</p> <p>Se tem correlação com o tema eu uso sim.</p> <p>1-4-3 – Em tua IES os alunos mantêm contato com a pesquisa ao longo do curso ou apenas no TCC?</p> <p>Depende muito da disciplina e do professor, de forma geral sim, durante o curso acontecem contatos, mas nem tanto do desenvolvimento de pesquisa; pesquisa mais parruda é no TCC, nas disciplinas as vezes acontece seminários que o aluno tem que fazer uma pesquisa, apresentar algum caso em geral em grupo, mas o TCC é individual. Então eles têm sim contato ao longo do curso, mas de uma forma assim mais extensa é no TCC.</p>
2 – Integração Graduação x Pós-graduação	2-1 – Identificação e medidas para conduzir o orientando do TCC ao <i>stricto sensu</i> .	<p>2-1-1 – O que fazer para que o aluno graduado desperte interesse para a pós-graduação <i>stricto sensu</i>?</p> <p>Olha, acho que isso é pessoal de cada aluno, o aluno tem que ter perfil, tem que ter interesse, ele tem de alguma forma visualizar na carreira acadêmica aquilo que ele quer para ele, para vida dele, enfim dar continuidade do estudo dele. Acho que da parte da instituição e do orientador o que a gente pode fazer é revelar um pouco mais a pós, as vezes o aluno nem sabe o que é mestrado, doutorado, eu mesmo posso dar meu relato pessoal quando eu estava na graduação até o último ano nem sabia o que era mestrado, fui descobrir quando estava no último ano, tinha uma aluna que tinha entrado no mestrado e aí ela me falou o que que era, o que fazia.... então da parte da instituição eu acho que é isso por exemplo convidar o aluno para participar de uma banca... acho que aqui a gente tem divulgado mais, eu acredito que sim, mas muitas vezes o aluno não tem interesse em ir para a área acadêmica ele não vai, mas acho que é assim de uma forma geral divulgar mais, nas salas de aula discutir pesquisas que estão sendo realizadas pelos alunos aqui da pós, cursos.... nessa linha.</p>
	2-2 – Sequência da	2-2-1 – O TCC pode ser um indutor para que o aluno graduado

	<p>carreira acadêmica dos orientados no TCC</p>	<p>prossiga seus estudos?</p> <p>Com certeza, não tenho dúvida disso. Acho que se ele tiver esse perfil para fazer o <i>stricto sensu</i> será a fâisca para ele seguir.</p> <p>2-2-2 – Considera que o TCC contribui para inserir o aluno no mundo do trabalho? Comente sobre isso.</p> <p>Do jeito que o modelo está feito hoje que é uma pesquisa, um artigo e tal, poderia ter maiores ganhos se fosse num formato diferente, por exemplo se fosse um trabalho pratico sem tanto rigor e tal mas ainda assim acredito que contribui porque como eu falei muitas empresas demandam pesquisas de seus profissionais, no momento em que o aluno se dispõe a fazer uma pesquisa ele está tomando contato com este mundo ele está fazendo, vendo as dificuldades, os desafios e isso de alguma forma eu acredito que contribui para o aluno, mas tem potencial para contribuir mais.</p>
	<p>2-3 – Orientação no TCC e no <i>stricto sensu</i>: linhas de pesquisa</p>	<p>2-3-1 – Desenvolve algum projeto de pesquisa atualmente?</p> <p>Tenho sim, tenho alguns projetos da pós-graduação.</p> <p>2-3-2 – Tem por praxe convidar alunos para participar de seus projetos de pesquisa e de que forma se dá a participação?</p> <p>De graduação não tenho muita praxe não, no geral são os alunos de pós. Só se for alguma coisa assim levantamento de dados, alguma coisa assim.</p> <p>2-3-3 – Qual seria a importância de os alunos graduandos participarem?</p> <p>Sem dúvida teria, mas depende também da demanda deles, da disponibilidade de tempo, porque os alunos aqui em geral eles no terceiro e quarto ano estão trabalhando então não tem muito tempo, quem acaba se envolvendo são os alunos de pós que estão aqui.</p> <p>2-3-4 – Permite o livre acesso dos alunos da graduação aos trabalhos desenvolvidos pelos do <i>stricto sensu</i> e vice-versa?</p> <p>Sim, se houver necessidade não vejo problema nenhum.</p>
<p>3 – O TCC no Projeto Pedagógico da IES</p>	<p>3-1 – O que as IES fazem com o TCC</p>	<p>3-1-1 – Na tua IES existe algum tipo de classificação do TCC, algo como ruim, bom, excelente?</p> <p>Tem a avaliação, para passar ele tem que ter cinco, mas não tem uma escala. O que tem e assim: os melhores trabalhos são indicados a prêmio. Os que ganham prêmios, dentre os indicados que ganham, poderíamos dizer que seriam os excelentes.</p> <p>3-1-2 – Como se dá a divulgação do TCC em tua IES?</p> <p>Não se dá. Em uma certa época aqui houve a publicação dos premiados no site, mas hoje. Eles só são publicados se forem para anais, se passam por congressos. Não vão nem para a biblioteca, não tem arquivamento em lugar nenhum.</p> <p>3-1-3 – Na tua IES o TCC é utilizado como fonte de pesquisa por outros alunos?</p> <p>Não é utilizado.</p>
	<p>3-2 – Outros tipos de estudos gerados pelo TCC</p>	<p>3-2-1 – Na tua IES os alunos são estimulados a desenvolver outro tipo de trabalho a partir do TCC?</p> <p>Em geral não, porque o TCC é o fim. No TCC ele termina e se forma. Ele pode até desenvolver outro tipo de trabalho a partir do TCC se ele entrar no mestrado, mas não tem um track específico.</p>

	<p>3-3 – Processo de escolha dos orientadores</p>	<p>3-3-1 – Destaque os requisitos necessários para ser um orientador aqui na tua IES.</p> <p>Ser docente. Na pós tem, tem que produção, etc., aqui não. Aqui pisou já é orientador.</p> <p>3-3-2 – Os critérios são diferentes na graduação e no <i>stricto sensu</i>?</p> <p>São bem diferentes, no <i>stricto sensu</i> é bem rígido.</p> <p>3-3-3 – A quem cabe a escolha do orientador?</p> <p>Ao aluno. Pode ter orientador por indicação de outros alunos, de professores. Às vezes alguém me escreve, quem nessa área poderia me orientar, então a gente ajuda assim informalmente. O começo é do aluno e aí o orientador tem que aceitar, mas o orientador pode rejeitar e aí ele vai ter que ir atrás de outro.</p> <p>3-3-4 – Tua IES impõe limite quanto a quantidade de orientados por professor?</p> <p>Não tem um limite formal, tem um limite ideal que é de cinco por orientador, mas tem orientador que aceita mais, mas aí ele está aceitando porque quer, porque tem interesse, porque é bonzinho, mas cinco é um número cabalístico.</p> <p>3-3-5 – Tua IES proporciona alguma forma de formação e/ou atualização dos orientadores?</p> <p>Não tem nada estruturado. Tem assim a gente sabe que os professores por estarem envolvidos em atividades de pesquisa naturalmente eles se atualizam.</p>
	<p>3-4 – Participação dos docentes no PPP da IES</p>	<p>3-4-1 – Sobre o teu grau de conhecimento do PPP da IES, sabe se ele é revisado ou discutido periodicamente?</p> <p>Sim. A última revisão grande que a gente fez foi em 2013.</p> <p>3-4-2 – Tua IES estimula a participação dos docentes na elaboração / revisão do PPP?</p> <p>Sem dúvida. Esse de 2013, acho que demorou uns dois anos o processo inteiro, teve várias reuniões com todos os docentes.</p> <p>3-4-3 – Você já participou da elaboração/revisão do PPP de tua IES?</p> <p>Já participei. Não era nem coordenador e participou de várias dessas reuniões.</p>
<p>4 – Aspectos motivacionais e de satisfação do orientador</p>	<p>4-1 – Ganhos pessoais e profissionais após a titulação</p>	<p>4-1-1 – Descreva o que você considera como ganhos pessoais após a obtenção de seu grau de mestre/doutor.</p> <p>Acho que é a carreira, o desenvolvimento da carreira, se não tivesse feito mestrado e doutorado, primeiro que eu não estaria aqui e eu não teria me desenvolvido academicamente como eu me desenvolvi até o momento, então para mim sem dúvida tem sido excelente. Para mim tendo assim o meu perfil eu considero ter sido uma ótima escolha, porque eu me encaixei na área acadêmica, sou feliz fazendo o que eu faço, se não tivesse feito mestrado e doutorado não sei o que teria acontecido. Mas estou muito feliz sim.</p> <p>4-1-2 – E no aspecto profissional quais foram os ganhos?</p> <p>Acho que o desenvolvimento da carreira, porque tudo o que eu fiz até hoje o principal foi na área acadêmica. Se eu não tivesse publicado livros, as pesquisas que eu fiz depois do mestrado e doutorado, se eu não tivesse feito mestrado e doutorado isso não teria acontecido.</p>

	<p>4-2 – Importância da titulação para o orientador</p>	<p>4-2-1 – Comente sobre a importância de sua titulação para o exercício da atividade de orientador.</p> <p>Fundamental, por já ter sido exposto a um processo de pesquisa em nível de alto rigor eu consegui desenvolver capacidades para que eu possa orientar, conduzir os alunos a realizar um trabalho de pesquisa. Se não tivesse feito mestrado e doutorado seria muito mais difícil fazer uma orientação.</p> <p>4-2-2 – Descreva o que você considera como ganhos pessoais com o exercício da função de orientador.</p> <p>Olha, acho que a experiência de você vivenciar situações, de você aprender com os acertos e com os erros. Às vezes você fala uma coisa para o aluno e dá certo, às vezes não, você já aprende, corrige e aos poucos você vai aprendendo a lidar melhor com essa situação de orientação e depois quando o aluno tem o trabalho feito a realização do aluno que acaba também sendo a realização nossa, o aluno conclui, faz um trabalho bem feito. Agora mesmo teve um TCC do ano passado que ficou um trabalho bem feito que o aluno submeteu aqui para o congresso de iniciação científica, foi aprovado, foi essa semana, semana passada, ele veio e me perguntou e aí como vai ser essa apresentação, me mandou os slides agora para eu olhar, então é legal que você vê a pessoa se desenvolvendo e isso dá uma satisfação muito grande como orientador.</p> <p>4-2-3 – E no aspecto profissional quais foram os ganhos?</p> <p>Acho que é junto, tudo está ligado à profissão acadêmica, aqui profissional entendendo a produção acadêmica, acho que é isso.</p>
--	---	--

APÊNDICE I

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS		
PROFESSOR ORIENTADOR IV		
Categorias	Subcategorias	Perguntas
1 – Práticas de Orientação de TCC	1-1 – Fases do TCC: dificuldades, formato, acompanhamento e correção	<p>1-1-1 – Comente sobre o que pode ser considerado como um bom TCC em tua opinião.</p> <p>Para mim o que mais importa no TCC como é o primeiro passo, a primeira vez deles em um trabalho acadêmico é mais a estrutura dele, ele entender, ter um objetivo e um caminho para alcançar este objetivo e a conclusão desse objetivo, a resposta dessa pergunta inicial. Então sempre tem alguns defeitos que no mestrado e no doutorado seriam inviáveis, mas na graduação seguindo este conceito, deixando o trabalho redondo como a gente fala já é um bom TCC</p> <p>1-1-2 – Enumere quais seriam, na tua concepção, as principais finalidades do TCC.</p> <p>Para mim as principais finalidades do TCC na graduação é mostrar para o aluno de graduação que ele tem possibilidade de seguir uma carreira diferente do lato sensu, conhecer o stricto sensu, saber que existe uma carreira acadêmica e aprender a pesquisar porque enquanto eles estão na graduação o professor é o principal instrumento de pesquisa deles, qualquer dúvida eles perguntam para a gente, mas lá no mercado de trabalho eles vão ter que aprender a descobrir a coisa sozinhos, então acho que este é o principal objetivo ensinar eles a pesquisar sozinhos e mostrar que existe uma área acadêmica dentro da contabilidade.</p> <p>1-1-3 – Quais os tipos de dificuldades relatadas pelos alunos no processo de orientação e como lida com elas?</p> <p>A principal dificuldade tem a ver com o que eu considero um bom trabalho, eles têm dificuldade de entender, por mais lógico que seja, dificuldade de entender que existe uma pergunta e existe uma forma de como responder esta pergunta e existe uma resposta. Então eles fazem objetivo ou perguntas muito amplas e as vezes fazem uma metodologia que não corresponde aos objetivos e querem concluir alguma coisa que não tenha sustentação no resultado deles.</p> <p>1-1-4 – Como avalia a bibliografia disponível sobre o assunto?</p> <p>Eu acredito que tem bastante coisa, pelo menos quando eu estava no mestrado tinha bastante livros de como fazer um TCC bem feito, mas alunos de graduação eles estão preocupados com outras coisas, então eles acabam deixando o TCC como uma matéria “depois a gente resolve”. Então acho que falta mais motivação, disponibilidade do aluno em pesquisar nesses livros do que livros em si.</p> <p>1-1-5 – Prepara seus orientandos a trabalhar com rigor metodológico ou a IES oferece disciplina de metodologia?</p> <p>Então lá na IES tem dois grupos de alunos graduados e graduandos. Quem faz o curso normal de graduando tem a metodologia na grade, quem é graduado, já foi graduado em outro curso quando ele entra na IES ele não faz de novo metodologia, então eu sinto muita dificuldade com esses alunos. São graduados que viram metodologia na primeira graduação e então quando eles entram na IES eles já esqueceram o que é metodologia então eu acabo por reforçar alguns</p>

		<p>conteúdos de metodologia.</p> <p>1-1-6 – Estabelece algum cronograma/rotina de trabalho ou deixa a cargo dos alunos?</p> <p>Estabeleço o cronograma, mas eu não cobro tanto o cronograma, estabeleço o cronograma mais para eles se basearem, saber o que precisaria estar concluído até aquela data, mas muitos deles ignoram o cronograma e também eu não cobro tanto, mas está lá. No primeiro dia de aula eu mando o que em todas as aulas eles deveriam trazer.</p> <p>1-1-7 – Como procede à correção dos trabalhos?</p> <p>Eu corrijo, além da aula na quarta, eles me mandam sempre na terça, é difícil de corrigir, mas normalmente quando eles fazem isso eu acabo atrasando uma semana porque não dá para corrigir de qualquer jeito, mas eu faço bastante correção de texto e tentando mostrar justamente esta primeira parte que é a parte que eu acho principal que é o objetivo estar relacionado com a metodologia e com resultado, então a maior dificuldade é de entender que tudo o que eles escrevem no trabalho tem que ter relação com o objetivo, então a minha correção principal é com relação a isso, eu acabo corrigindo algumas questões de texto, mas também não dou tanta ênfase para a gramática e questões metodológicas, eu aponto para eles o que está errado, mas eu não efetuo a correção. A gente tem o manual na biblioteca que explica tudo bonitinho como fazer citação, eu só dou uma bronca, digo olha está errado, dá uma consultada lá no manual. O TCC é em grupo de três a cinco pessoas. O mais difícil é gerir os grupos, as brigas internas dão mais trabalho do que o trabalho em si.</p>
	<p>1-2 – Percepção quanto ao desenvolvimento e aprendizado discente na elaboração do TCC</p>	<p>1-2-1 – Considera que o TCC contribui para o aprendizado discente?</p> <p>Sim, bastante. Principalmente nisso que eu comentei que eles têm que aprender a pesquisar sozinhos.</p> <p>1-2-2 – Na tua percepção quais as principais habilidades que os alunos desenvolvem ao elaborar o TCC?</p> <p>Escrita principalmente, foco, porque eles vêm muito abertos, querendo pesquisar tudo, eles começam a aprender um pouco de foco e pesquisa, trabalhar com metodologia.</p> <p>1-2-3 – Considera que o TCC contribui para a inserção do aluno na pesquisa científica?</p> <p>Sim considero. Eles não conseguem visualizar tanto isso, mas contribui sim, primeiro porque como eu disse uma das principais vantagens do TCC é ensinar eles a pesquisar sozinhos, então qualquer dificuldade que eles tiverem no trabalho eles vão saber enfrentar.</p>
	<p>1-3 – Atitudes frente ao plágio acadêmico</p>	<p>1-3-1 – Alguma vez já se deparou com uma situação de plágio em trabalho acadêmico?</p> <p>Já, algumas vezes, não plágio assim copiado o trabalho inteiro, mas parte do trabalho sem citação. É difícil, já encontrei em vários grupos.</p> <p>1-3-2 – De que forma identifica se um trabalho foi objeto de plágio?</p> <p>Antes eu começava a pesquisar trecho por trecho, a gente consegue visualizar que o trabalho está com um jeito de escrita diferente. Então eu começava a pesquisar, copiava trechos e punha no google e daí começou a acontecer muito, eu comecei a suspeitar muito e fazendo isso você não tem tanto como mostrar, defender que você realmente pegou o plágio, porque sempre o aluno nega, não importa quantas evidências você tenha, aí eu comprei um farejador de plágio, assinei</p>

		<p>um e aí agora eu faço em todas os trabalhos, assim que eles terminam o referencial eu passo os trabalhos no farejador e aí detecto e mostro o relatório.</p> <p>1-3-3 – Qual a melhor maneira para coibir a prática do plágio?</p> <p>Acho que a melhor maneira, primeiro é orientar, dizer que copiar trechos de trabalhos também é plágio, fazer a citação e passar no farejador e mostrar os relatórios e dizer olha está verificando isso, porque eles acham que não sabe, a gente não percebe, mostrar eu acho que é importante, senão vai passar em branco.</p> <p>1-3-4 – Como agiria se um orientando de TCC apresentasse um trabalho com sinais evidentes de plágio?</p> <p>Então, aí é muito difícil porque teoricamente deveria ser uma reprovação automática, mas toda vez que eu enfrentei isso eu conversei com o meu coordenador e o que foi me orientado a fazer foi conversar com os alunos, falar que não pode e dar uma segunda chance, um outro prazo para eles entregarem um outro trabalho sem o plágio.</p> <p>1-3-5 – Tua IES tem alguma política sobre esta questão?</p> <p>Tem no código de ética da escola que plágio gera reprovação automática, mas na prática isso não costuma acontecer.</p> <p>1-3-6 – Os alunos usam o termo de consentimento livre e esclarecido?</p> <p>Sim. Assinam na hora que eles entregam, no final.</p>
	1-4 – Pesquisa na graduação e TCC	<p>1-4-1 – Comente sobre a importância da pesquisa para a formação do aluno.</p> <p>Eu acho que a pesquisa, apesar de que na contabilidade isso não acontecer tanto, a pesquisa abre os horizontes do aluno, às vezes tem aluno que trabalha como auditor e ele pesquisa auditoria a vida inteira então a pesquisa faz com que ele veja que tem outras coisas dentro da contabilidade ou dentro da auditoria mesmo, então é uma forma de saber o que está sendo discutido de novo na contabilidade e de buscar novos horizontes, buscar outras coisas além do que ele já faz no dia a dia.</p> <p>1-4-2 – Costuma comentar e/ou utilizar tuas pesquisas em sala de aula?</p> <p>Não muito, mas às vezes eu utilizo. Não é uma prática porque lá temos poucas linhas de pesquisa, então a gente orienta desde auditoria até créditos de carbono, imposto, tudo a gente orienta, é difícil coincidir um trabalho com a minha linha de aula, com o que eu tenho que dizer na aula, mas quando coincide aí eu comento.</p> <p>1-4-3 – Em tua IES os alunos mantêm contato com a pesquisa ao longo do curso ou apenas no TCC?</p> <p>A gente tem lá na IES um programa de iniciação científica, mas poucos alunos fazem, poucos alunos se interessam principalmente em ciências contábeis, eu vejo mais em economia participando, mas em contabilidade eu não vejo tanto, mas eles têm esse comecinho depois eles têm aula de metodologia onde eles tem que desenvolver uma prévia do artigo e depois no TCC onde eles vão ter realmente o primeiro contato, mas para graduados este é o primeiro contato, para os alunos que vem do curso de graduados, porque teoricamente eles fizeram TCC na primeira graduação.</p>
2 – Integração	2-1 – Identificação e	2-1-1 – O que fazer para que o aluno graduado desperte interesse para

Graduação x Pós-graduação	medidas para conduzir o orientando do TCC ao <i>stricto sensu</i> .	<p>a pós-graduação <i>stricto sensu</i>?</p> <p>Eu não sei bem se a gente pode fazer alguma coisa para despertar esse interesse, acredito que os alunos que já tenham esse interesse a gente pode mostrar para eles, você deve saber, todo mundo da área acadêmica deve saber que o orientador tem bastante influencia no aluno, então isso em tudo, quando a gente gosta do professor a gente acaba gostando da matéria, então uma boa relação entre o orientador e orientando ajuda bastante porque ele consegue tirar prazer daquilo, não vê tanto como uma obrigação apenas, depende do aluno e da primeira experiência dele com pesquisa</p>
	2-2 – Sequência da carreira acadêmica dos orientados no TCC	<p>2-2-1 – O TCC pode ser um indutor para que o aluno graduado prossiga seus estudos?</p> <p>Sim, acho difícil ele querer alguma coisa no <i>stricto sensu</i> sem ter já feito alguma coisa, precisa testar e o TCC é um teste para ele ver se ele vai gostar ou não</p> <p>2-2-2 – Considera que o TCC contribui para inserir o aluno no mundo do trabalho? Comente sobre isso.</p> <p>Sim acredito que contribua nesse sentido de aprendizado na pesquisa, acredito que o TCC ajuda muito mais na área acadêmica nesse primeiro passo para o <i>stricto sensu</i>.</p>
	2-3 – Orientação no TCC e no <i>stricto sensu</i> : linhas de pesquisa	<p>2-3-1 – Desenvolve algum projeto de pesquisa atualmente?</p> <p>Estou pensando, estou na ideia ainda.</p> <p>2-3-2 – Tem por praxe convidar alunos para participar de seus projetos de pesquisa e de que forma se dá a participação?</p> <p>Não, não tenha essa prática.</p> <p>2-3-3 – Qual seria a importância de os alunos graduandos participarem?</p> <p>Sim, seria importante, seria um incentivo a mais para eles continuarem no <i>stricto sensu</i>, pegar os alunos já egressos do curso e voltar para outro passo no <i>stricto sensu</i>. Eles admiram bastante o professor, então convidar para o trabalho de pesquisa do professor seria um incentivo para os alunos irem para o <i>stricto sensu</i>.</p> <p>2-3-4 – Permite o livre acesso dos alunos da graduação aos trabalhos desenvolvidos pelos do <i>stricto sensu</i> e vice-versa?</p> <p>Não tenho orientação no <i>stricto sensu</i>.</p>
3 – O TCC no Projeto Pedagógico da IES	3-1 – O que as IES fazem com o TCC	<p>3-1-1 – Na tua IES existe algum tipo de classificação do TCC, algo como ruim, bom, excelente?</p> <p>Nota numérica e os melhores trabalhos, apesar da nota, a gente não considera só nota, os melhores trabalhos vão para a biblioteca, então nem todos os trabalhos ficam disponíveis na biblioteca, só que o orientador considera. A gente faz uma banca no final e normalmente os participantes da banca também recomendam: olha este trabalho deveria ir para a biblioteca, as não são todos, na maioria das vezes é o orientador quem define.</p> <p>3-1-2 – Como se dá a divulgação do TCC em tua IES?</p> <p>A gente faz uma banca que é aberta para todos os alunos, eles podem chamar também os pais e os amigos, a faculdade faz a divulgação desse evento, a gente incentivo os outros a participar dessa banca, mas isso está começando agora, a banca aberta assim ao público mudou o formato faz pouco tempo, então acredito que vai haver uma divulgação maior, até porque a banca agora é aos sábados, antes era</p>

		<p>durante a semana a noite nem todo mundo podia ir. Alguns a gente tenta mandar para algum congresso, inclusive alguns grupos conseguem divulgar o trabalho, eles são dispensados da disciplina, se eles aprovam algum trabalho em revista ou congresso, independente da classificação dessa revista ou congresso eles são dispensados do TCC, eles são aprovados com nota dez, às vezes eles já tem alguma coisa pronta em metodologia, na aula de metodologia eles tem que começar o artigo, às vezes eles começam lá na aula de metodologia e fica uma qualidade muito boa e a gente só dá ajustada e eles conseguem terminar antes e ai se conseguirem aprovação na revista ou no congresso são dispensados. Às vezes pode ser no TCC que eles terminam antes, porque lá o grupo tem um ano, um tempo razoavelmente longo. Um artigo, trabalho curto para bastante tempo, alguns conseguem terminar antes e aí a gente tenta publicar e mesmo assim aqueles que não conseguem a gente pergunta depois se eles têm interesse em publicar aquele artigo, mesmo se eles já se formaram e tentar publicar em alguma revista ou congresso. Mas o mais difícil da publicação é o interesse do aluno, sempre que ele termina a graduação ele não quer saber mais de nada, quer férias, descansar, e aí a gente pergunta e eles não tem tanto interesse assim.</p> <p>3-1-3 – Na tua IES o TCC é utilizado como fonte de pesquisa por outros alunos?</p> <p>Sim, os que vão para a biblioteca a gente sempre fala para os alunos que eles têm que esgotar, no mínimo, o material que está na biblioteca da instituição, então acredito que seja o primeiro lugar onde todos os grupos pesquisam.</p>
	3-2 – Outros tipos de estudos gerados pelo TCC	<p>3-2-1 – Na tua IES os alunos são estimulados a desenvolver outro tipo de trabalho a partir do TCC?</p> <p>Então, a gente dá a sugestão, mas.... a gente até fala se você não quiser fazer outro continua esse, continua no mestrado quando a pesquisa fica muito boa, a gente tenta falar para eles continuarem, mas aí depende deles.</p>
	3-3 – Processo de escolha dos orientadores	<p>3-3-1 – Destaque os requisitos necessários para ser um orientador aqui na tua IES.</p> <p>Para ser orientador lá basicamente é só você ter uma reunião com a coordenação, ter o mestrado ou estar fazendo no mínimo o mestrado, normalmente o coordenador pega a partir do primeiro ano, quando tem concluído as disciplinas e aí a gente começa a orientar.</p> <p>3-3-2 – Os critérios são diferentes na graduação e no <i>stricto sensu</i>?</p> <p>Sim, com certeza. No <i>stricto sensu</i> só os doutores.</p> <p>3-3-3 – A quem cabe a escolha do orientador?</p> <p>Tem um direcionamento da linha de pesquisa da graduação, tem a linha de pesquisa da nossa instituição, os grupos definem as linhas de pesquisa que eles querem e a gente tenta adequar esta linha de pesquisa para os orientadores, porque há linhas de pesquisa dos orientadores, mas nem sempre é possível, pois são vários grupos, vários assuntos, nem todos os orientadores entendem o mesmo tema, mas a gente acaba orientando tudo, porque às vezes tem um professor que tem uma linha de pesquisa tributária e cada orientador orienta oito grupos e tem nove grupos querendo essa linha um grupo vai ser orientado por outro professor com outra linha de pesquisa. O limite é de oito grupos, às vezes a gente acaba ficando com nove, mas é raro, na maioria das vezes são oito grupos por orientador.</p> <p>3-3-4 – Tua IES impõe limite quanto a quantidade de orientados por</p>

		<p>professor?</p> <p>Esta pergunta já foi respondida na anterior.</p> <p>3-3-5 – Tua IES proporciona alguma forma de formação e/ou atualização dos orientadores?</p> <p>Não. A gente tem alguns cursos no começo do semestre que ajuda um pouco em outras questões, mas de vez em quando calha de ser alguma questão que cabe aos orientadores, então tem algum curso sobre detecção de plágio, como escrever um trabalho científico, que fica disponível para a gente, mas a gente não é obrigado a comparecer e nem sempre estes cursos vão ter relação com a orientação, de vez em quando tem algum, mas não é sempre.</p>
	3-4 – Participação dos docentes no PPP da IES	<p>3-4-1 – Sobre o teu grau de conhecimento do PPP da IES, sabe se ele é revisado ou discutido periodicamente?</p> <p>Ele é discutido todo fim de semestre, quer dizer todo início de semestre tem uma discussão, acredito que tenha uma discussão prévia da coordenação, é dito para a gente todo começo de semestre.</p> <p>3-4-2 – Tua IES estimula a participação dos docentes na elaboração / revisão do PPP?</p> <p>Eu não sei, talvez tenha uma cúpula de professores que participam de algumas atividades, só eles assim. Tem alguns professores eleitos para alguma participação, mas aí eles dizem em nome dos outros, não é aberto para todos.</p> <p>3-4-3 – Você já participou da elaboração/revisão do PPP de tua IES?</p> <p>Não.</p>
4 – Aspectos motivacionais e de satisfação do orientador	4-1 – Ganhos pessoais e profissionais após a titulação	<p>4-2-1 – Descreva o que você considera como ganhos pessoais após a obtenção de seu grau de mestre/doutor.</p> <p>Alguns alunos até me perguntam sobre o mestrado, eles têm interesse, inclusive um ex-orientando meu foi para o mestrado, terminou o mestrado recentemente e toda vez que eles me perguntam dizem é muito difícil, é muito puxado? Eu digo assim: olha o que mais você ganha no mestrado é pessoal, é o crescimento pessoal, você amadurece muito, é muito difícil, é muito puxado, muita coisa acontecendo ao mesmo tempo, ter que saber lidar com pessoas totalmente diferentes de você na mesma sala, outros professores, ver vários temas uns não vão te interessar, outros te interessam mais, tem que saber lidar com todos eles, então o ganho pessoal é muito maior do que a parte intelectual, com certeza.</p> <p>4-2-2 – E no aspecto profissional quais foram os ganhos?</p> <p>Eu só dou aulas por causa mestrado, antes de entrar no mestrado eu já lecionava em curso técnico, mas agora lecionando na graduação o meu salário é bem superior, houve um ganho financeiro e de conhecimento.</p>
	4-2 – Importância da titulação para o orientador	<p>4-2-1 – Comente sobre a importância de sua titulação para o exercício da atividade de orientador.</p> <p>Sem a titulação não daria para orientar porque a gente passa no mestrado por um rigor infinitamente superior ao que eles passam na graduação, então para você ensinar alguma coisa no mínimo tem que saber mais do que quem você está ensinando, não o tema em si, porque não dá para saber mais do que quem está pesquisando aquele tema, mas a linha de pesquisa, como pesquisar eu preciso saber mais. Sem ter feito mestrado eu não teria tanta informação sobre o método.</p>

		<p>4-2-2 – Descreva o que você considera como ganhos pessoais com o exercício da função de orientador.</p> <p>Uma das coisas mais legais, mais difíceis, é que a gente orienta vários temas, uma das mais legais é que você acaba descobrindo o que está sendo discutido em várias áreas, as vezes áreas que você nem tem relação tão grande, mas que acaba sabendo o que está sendo discutido. Se eu não fosse orientadora eu não saberia de alguns assuntos que eu não teria interesse em pesquisar, mas tendo que orientá-los eu acabo pesquisando um pouco e acabo descobrindo de várias áreas e das áreas que eu gosto mais eu acabo me aprofundando mais também.</p> <p>4-2-3 – E no aspecto profissional quais foram os ganhos?</p> <p>Como eu leciono, acabo vendo outras áreas da contabilidade, que talvez eu não interessasse antes e começam a me interessar, as que já tem relação com as disciplinas que eu leciono me dão mais base para lecionar. Ele melhora, amplia, aprofunda as que eu já leciono.</p>
--	--	--

APÊNDICE J

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS		
PROFESSOR ORIENTADOR V		
Categorias	Subcategorias	Perguntas
1 – Práticas de Orientação de TCC	1-1 – Fases do TCC: dificuldades, formato, acompanhamento e correção	<p>1-1-1 – Comente sobre o que pode ser considerado como um bom TCC em tua opinião.</p> <p>Um bom TCC na minha opinião é aquele que o aluno consegue aplicar o conhecimento científico a um problema de pesquisa e dar adequadamente a resposta a este problema.</p> <p>1-1-2 – Enumere quais seriam, na tua concepção, as principais finalidades do TCC.</p> <p>Acho que uma das finalidades é desenvolver o senso crítico do aluno, fazer com que ele mantenha contato com o mundo da pesquisa, que ele consiga desenvolver uma linha de raciocínio coerente com as pesquisas feitas.</p> <p>1-1-3 – Quais os tipos de dificuldades relatadas pelos alunos no processo de orientação e como lida com elas?</p> <p>Creio que é justamente a pesquisa, o aluno da graduação não tem muita maturidade, então ele tem dificuldades de definir um tema, de reunir e sintetizar tudo o que pesquisou, aplicando uma metodologia.</p> <p>1-1-4 – Como avalia a bibliografia disponível sobre o assunto?</p> <p>Na IES tem o manual e uma grande base de dados</p> <p>1-1-5 – Prepara seus orientandos a trabalhar com rigor metodológico ou a IES oferece disciplina de metodologia?</p> <p>Então, lá na IES temos dois tipos de graduação, o curso normal, regular e um outro dirigido a pessoas que já possuem outra graduação, onde mistura tudo: advogados, engenheiros, administradores, etc. Na graduação regular é oferecida a disciplina de Metodologia, já para o outro grupo de alunos pressupõe-se que já tenham tido esta disciplina em sua graduação e então devido ao tempo decorrido, ou pelo fato de não terem tido, é sempre um pouco mais difícil trabalhar com este grupo.</p> <p>1-1-6 – Estabelece algum cronograma/rotina de trabalho ou deixa a cargo dos alunos?</p> <p>Não. Deixo a cargo dos alunos, tem um dia fixo na semana destinado a este fim.</p> <p>1-1-7 – Como procede à correção dos trabalhos?</p> <p>Nestes encontros os alunos entregam o material produzido para a correção, ou as vezes eles encaminham até antes.</p>
	1-2 – Percepção quanto ao desenvolvimento e aprendizado discente na elaboração do TCC	<p>1-2-1 – Considera que o TCC contribui para o aprendizado discente?</p> <p>Com certeza, o fato dele manter contato com as pesquisas, com trabalhos científicos sempre contribui para o aprendizado sim.</p> <p>1-2-2 – Na tua percepção quais as principais habilidades que os alunos desenvolvem ao elaborar o TCC?</p> <p>Então, a principal acredito que seja aprender a trabalhar com método, a pesquisar, a pensar criticamente, desenvolver o raciocínio crítico e analítico, a ter mais desenvoltura por poder apresentar o trabalho</p>

		<p>perante uma banca.</p> <p>1-2-3 – Considera que o TCC contribui para a inserção do aluno na pesquisa científica?</p> <p>De certa forma sim, mas vai depender dele aluno manifestar interesse pela pesquisa, geralmente o aluno de graduação já está trabalhando ou estagiando em alguma empresa, então ele tem a tendência de seguir onde já está, mas pode sim ser um incentivo para ele continuar na área acadêmica.</p>
	1-3 – Atitudes frente ao plágio acadêmico	<p>1-3-1 – Alguma vez já se deparou com uma situação de plágio em trabalho acadêmico?</p> <p>Já sim, algumas vezes.</p> <p>1-3-2 – De que forma identifica se um trabalho foi objeto de plágio?</p> <p>Dá para perceber quando um trabalho está muito bem escrito de uma forma que sabidamente aquele aluno não faria, ou então quando o trabalho não está muito bom e de repente dá um salto de qualidade ou ao contrário, o trabalho vem vindo bem e de repente muda tudo. Também já usei sites, tipo farejador de plágio.</p> <p>1-3-3 – Qual a melhor maneira para coibir a prática do plágio?</p> <p>É sempre orientar o aluno, dizer que isto não pode, que é crime e ele poderá ser duramente responsabilizado por isso. Às vezes o aluno faz por desconhecimento.</p> <p>1-3-4 – Como agiria se um orientando de TCC apresentasse um trabalho com sinais evidentes de plágio?</p> <p>Seria nesta linha de orientar o aluno, dependendo da gravidade não tem outro jeito senão reprovar.</p> <p>1-3-5 – Tua IES tem alguma política sobre esta questão?</p> <p>Sim, nas aulas de metodologia esta questão é sempre abordada, tem também no manual.</p> <p>1-3-6 – Os alunos usam o termo de consentimento livre e esclarecido?</p> <p>Sim</p>
	1-4 – Pesquisa na graduação e TCC	<p>1-4-1 – Comente sobre a importância da pesquisa para a formação do aluno.</p> <p>É de suma importância, pois coloca o aluno em contato com o que outras pessoas pensam e estão dizendo sobre o assunto, além disso como já disse ajuda o aluno a desenvolver seu raciocínio e a trabalhar com rigor metodológico.</p> <p>1-4-2 – Costuma comentar e/ou utilizar tuas pesquisas em sala de aula?</p> <p>Não tenho isso como praxe.</p> <p>1-4-3 – Em tua IES os alunos mantêm contato com a pesquisa ao longo do curso ou apenas no TCC?</p> <p>Aqueles que fazem iniciação científica sim e durante as aulas de metodologia os alunos tem sim acesso a pesquisa.</p>
2 – Integração Graduação x Pós-graduação	2-1 – Identificação e medidas para conduzir o orientando do TCC ao <i>stricto sensu</i> .	<p>2-1-1 – O que fazer para que o aluno graduado desperte interesse para a pós-graduação <i>stricto sensu</i>?</p> <p>Creio que uma melhor divulgação, mas vai depender como já disse do interesse do aluno para a docência, muitas vezes ele parte para</p>

		outra graduação ou alguma pós visando o interesse profissional dele, pois geralmente no final da graduação o aluno já está trabalhando.
	2-2 – Sequência da carreira acadêmica dos orientados no TCC	2-2-1 – O TCC pode ser um indutor para que o aluno graduado prossiga seus estudos? Sim, ele pode gostar do trabalho de pesquisa e continuar os seus estudos, que pode não ser necessariamente visando o mundo acadêmico e sim o desenvolvimento de sua atividade profissional. 2-2-2 – Considera que o TCC contribui para inserir o aluno no mundo do trabalho? Comente sobre isso. Com certeza contribui, pois no exercício de sua profissão o aluno terá que, em algum momento, desenvolver algum tipo de trabalho, de atividade que demande pesquisa e ao fazer o TCC ele terá facilitado o seu modo de entender e trabalhar adequadamente os dados que pesquisar.
	2-3 – Orientação no TCC e no <i>stricto sensu</i> : linhas de pesquisa	2-3-1 – Desenvolve algum projeto de pesquisa atualmente? Não. 2-3-2 – Tem por praxe convidar alunos para participar de seus projetos de pesquisa e de que forma se dá a participação? Não tenho essa praxe; 2-3-3 – Qual seria a importância de os alunos graduandos participarem? Creio que é importante para que eles tomem conhecimento do que está sendo feito, o que está sendo pesquisado e o que poderia ajudá-los tanto na elaboração do TCC como no conhecimento propriamente dito. 2-3-4 – Permite o livre acesso dos alunos da graduação aos trabalhos desenvolvidos pelos do <i>stricto sensu</i> e vice-versa? Não é o caso, mas não teria problemas em permitir.
3 – O TCC no Projeto Pedagógico da IES	3-1 – O que as IES fazem com o TCC	3-1-1 – Na tua IES existe algum tipo de classificação do TCC, algo como ruim, bom, excelente? Não, o que existe é um sistema de nota que ele precisa obter média seis para ser aprovado, além disso o TCC é apresentado em banca. 3-1-2 – Como se dá a divulgação do TCC em tua IES? As sessões de defesa do TCC são abertas, fora isso não há outro meio, exceto trabalhos que forem para congressos e publicação, trabalhos muito bons. No mais são arquivados na biblioteca os melhores trabalhos. 3-1-3 – Na tua IES o TCC é utilizado como fonte de pesquisa por outros alunos? Normalmente não. Eu costumo dizer para que eles pesquisem na biblioteca, isso depende de cada orientador.
	3-2 – Outros tipos de estudos gerados pelo TCC	3-2-1 – Na tua IES os alunos são estimulados a desenvolver outro tipo de trabalho a partir do TCC? Não, exceto se for trabalhos muito bons que forem selecionados para congressos e publicações.
	3-3 – Processo de escolha dos orientadores	3-3-1 – Destaque os requisitos necessários para ser um orientador aqui na tua IES. O requisito básico é ser docente com mestrado completo ou em fase

		<p>de conclusão.</p> <p>3-3-2 – Os critérios são diferentes na graduação e no <i>stricto sensu</i>?</p> <p>Com certeza sim, no <i>stricto sensu</i> os critérios são bem mais rigorosos.</p> <p>3-3-3 – A quem cabe a escolha do orientador?</p> <p>Ao aluno, mas na disciplina de metodologia já há um certo direcionamento quando são mostradas as disciplinas e as linhas de pesquisa de interesse de cada professor.</p> <p>3-3-4 – Tua IES impõe limite quanto a quantidade de orientados por professor?</p> <p>Os alunos são reunidos em grupos de três ou quatro e a quantidade depende de cada orientador, a IES não estabelece nenhum número máximo, fica a critério do professor.</p> <p>3-3-5 – Tua IES proporciona alguma forma de formação e/ou atualização dos orientadores?</p> <p>Normalmente tem alguns seminários e cursos de férias, não é algo assim direcionado especificamente.</p>
	3-4 – Participação dos docentes no PPP da IES	<p>3-4-1 – Sobre o teu grau de conhecimento do PPP da IES, sabe se ele é revisado ou discutido periodicamente?</p> <p>Sei que é, mas confesso não ter muito conhecimento a respeito.</p> <p>3-4-2 – Tua IES estimula a participação dos docentes na elaboração / revisão do PPP?</p> <p>Não tenho conhecimento.</p> <p>3-4-3 – Você já participou da elaboração/revisão do PPP de tua IES?</p> <p>Não, nunca participei.</p>
4 – Aspectos motivacionais e de satisfação do orientador	4-1 – Ganhos pessoais e profissionais após a titulação	<p>4-1-1 – Descreva o que você considera como ganhos pessoais após a obtenção de seu grau de mestre/doutor.</p> <p>Os ganhos que eu poderia dizer seria no sentido de satisfação pessoal e realização, pois sinto feliz em fazer o que faço e isso foi possível graças ao mestrado.</p> <p>4-1-2 – E no aspecto profissional quais foram os ganhos?</p> <p>Acho que um reconhecimento maior no ambiente de trabalho, uma credibilidade maior quando emito uma opinião, além de algum ganho financeiro.</p>
	4-2 – Importância da titulação para o orientador	<p>4-1-1 – Comente sobre a importância de sua titulação para o exercício da atividade de orientador.</p> <p>Muito importante, porque se não tivesse feito mestrado não teria o conhecimento necessário, nem as habilidades para lidar com metodologias e pesquisas e com isso poder dar uma boa orientação aos alunos.</p> <p>4-2-2 – Descreva o que você considera como ganhos pessoais com o exercício da função de orientador.</p> <p>Também diria o aspecto da satisfação, no caso de poder contribuir para o crescimento e desenvolvimento dos alunos, de ver um trabalho bem feito, tudo é motivo de muita alegria. E também tem a questão do aprendizado, a gente acaba aprendendo com o dia a dia das</p>

		<p>pesquisas que os alunos realizam para seus trabalhos.</p> <p>4-2-3 – E no aspecto profissional quais foram os ganhos?</p> <p>Maior respeito pelo fato de fazer algo além de lecionar, de poder como já disse de contribuir para o crescimento profissional de outra pessoa, além é claro do aprendizado, como já disse.</p>
--	--	--

APÊNDICE K

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS		
PROFESSOR ORIENTADOR VI		
Categorias	Subcategorias	Perguntas
1 – Práticas de Orientação de TCC	1-1 – Fases do TCC: dificuldades, formato, acompanhamento e correção	<p>1-1-1 – Comente sobre o que pode ser considerado como um bom TCC em tua opinião.</p> <ol style="list-style-type: none"> a) Atende a ABNT ou a norma utilizada b) Atende aos objetivos propostos. c) Redação em conformidade aos aspectos formais d) Traz inovação. e) Contribui para a sociedade f) Os componentes da pesquisa estão claros (objetivo, hipótese, metodologia e outros) g) As considerações finais são relevantes e aderentes aos componentes da pesquisa. h) Possibilita o aluno aprender a pesquisar e a construir o conhecimento. i) Tem uma sequência lógica em conformidade. <p>1-1-2 – Enumere quais seriam, na tua concepção, as principais finalidades do TCC.</p> <ol style="list-style-type: none"> a) Aprender a pesquisar e a construir o conhecimento. b) Contribuir com a sociedade. <p>1-1-3 – Quais os tipos de dificuldades relatadas pelos alunos no processo de orientação e como lida com elas?</p> <ol style="list-style-type: none"> a) São várias as dificuldades. As principais são: <ol style="list-style-type: none"> 1. Dificuldade de compreender a finalidade da pesquisa 2. Dificuldade em definir os componentes da pesquisa e estruturá-la. 3. Muita dificuldade com o Word e outros recursos. 4. Falta de tempo 5. Falta de conhecimento da ABNT 6. Desconhecimento da norma culta de linguagem 7. Desinteresse de alguns 8. Dificuldade de alguns compreenderem que o trabalho tem um grau de complexidade, pois acham que é um trabalhinho simples. 9. Outros consideram que o trabalho é muito complexo e tem muito medo. 10. Teimosia e falta de hábito em ouvir. 11. O fato de ser uma segunda formação e traz vícios de outras orientações. b) Para solucionar os problemas há algumas ações, entre elas: <ol style="list-style-type: none"> 1. Preparar material (máscara formatada, material de orientação e outros) 2. Iniciar com apresentações gerais sobre os objetivos da pesquisa e depois com atendimento/acompanhamento individual semanal ou quinzenal. 3. Elaborar planejamento semanal ou quinzenal com metas.

		<ol style="list-style-type: none"> 4. Fazer uma apresentação rápida do aluno no final do primeiro bimestre, quando ainda tem apenas os componentes do projeto, a fim de incentivá-lo e de que ajude ele a estruturar o trabalho. 5. Ao definir os componentes do projeto, solicito ao aluno estruturar um sumário, que poderá ser alterado depois. 6. Elaborar cronograma e acompanhamento individual. 7. Muito diálogo. 8. Se possível, dou aulas no laboratório e faço o aluno acessar base de dados, ferramentas de pesquisa e outros recursos. 9. Procuro cobrar, mas dar incentivos e auxiliá-los na busca de soluções. 10. Trazer ex-alunos bons para relatar as suas experiências com TCC e com dissertação. 11. Convidar os alunos para assistirem as bancas. 12. Ensinar a utilizar alguns recursos, por exemplo, este questionário poderia ser enviado para os respondentes utilizando a ferramenta de formulários do google ou outras disponíveis na internet. Tais ferramentas facilitam muito para os respondentes e para o pesquisador. 13. Utilizo as ferramentas de revisão do Word para acompanhamento contínuo. <p>1-1-4 – Como avalia a bibliografia disponível sobre o assunto?</p> <ul style="list-style-type: none"> • Avalio aspectos quanto à quantidade e qualidade. Qualidade é mais subjetivo e depende da temática, do objetivo e da estrutura do trabalho, mas considero muito se: <ol style="list-style-type: none"> 1. As referências deram suporte suficiente para a pesquisa proposta. 2. Incentivo e valorizo pesquisa em outros idiomas e o fato de serem recente. 3. Na banca final solicito para os componentes uma avaliação e, geralmente, observam isso. 4. Como acompanho durante a elaboração verifico a dificuldade de cada temática em encontrar referências. 5. Considero se o aluno elaborou quadro teórico ou verificou outras pesquisas sobre a temática. <p>1-1-5 – Prepara seus orientandos a trabalhar com rigor metodológico ou a IES oferece disciplina de metodologia?</p> <p>As duas coisas.</p> <p>1-1-6 – Estabelece algum cronograma/rotina de trabalho ou deixa a cargo dos alunos?</p> <p>Cronograma semanal ou quinzenal. O aluno acompanha e o docente também.</p> <p>1-1-7 – Como procede à correção dos trabalhos?</p> <p>Além de usar o antiplágio, faço o acompanhamento semanal. O próprio aluno que não cumpre as metas acaba desistindo, mas poucos desistem.</p>
	<p>1-2 – Percepção quanto ao desenvolvimento e aprendizado discente na elaboração do TCC</p>	<p>1-2-1 – Considera que o TCC contribui para o aprendizado discente?</p> <p>Sem dúvida. Eles gostam muito no final e agradecem. Eles percebem o crescimento.</p> <p>1-2-2 – Na tua percepção quais as principais habilidades que os alunos desenvolvem ao elaborar o TCC?</p>

		<p>Várias. Entre elas, a capacidade de:</p> <ol style="list-style-type: none"> Estruturar a pesquisa Problematizar Escrever, conforme a norma culta Seguir a ABNT ou outro padrão. Autonomia de pesquisa. Contribuição para a sociedade. Pode ainda: gerar novos produtos ou processos ou aprender sobre determinada área. <p>1-2-3 – Considera que o TCC contribui para a inserção do aluno na pesquisa científica?</p> <p>Sem dúvida e para o interesse ao mestrado e a educação continuada.</p>
	1-3 – Atitudes frente ao plágio acadêmico	<p>1-3-1 – Alguma vez já se deparou com uma situação de plágio em trabalho acadêmico?</p> <p>Sim.</p> <p>1-3-2 – De que forma identifica se um trabalho foi objeto de plágio?</p> <p>O plágio deve ser evitado pelo docente com acompanhamento intenso semanal ou quinzenal, mas as vezes ocorre.</p> <p>1-3-3 – Qual a melhor maneira para coibir a prática do plágio?</p> <ol style="list-style-type: none"> Acompanhamento contínuo Explicação do que é plágio e as suas formas, aula sobre os aspectos legais e as práticas. Utilização de software de apoio, no caso uso o copyspider e solicito que eles anteriormente já verifiquem se os trabalhos tem plágio. <p>1-3-4 – Como agiria se um orientando de TCC apresentasse um trabalho com sinais evidentes de plágio?</p> <p>Eu conversaria que o trabalho não é original, conforme as fontes localizadas e solicitaria ajustes. Mas, depende da quantidade de prazo e do prazo. Exemplo 1: Um aluno plagiou meia página e estamos no meio do semestre, é fácil arrumar.</p> <p>Exemplo 2: Um trabalho que é 100% plágio e que está no período de entrega. Neste caso é reprovação por falta de ineditismo. Nunca afirmo ser plágio, para evitar problemas legais.</p> <p>1-3-5 – Tua IES tem alguma política sobre esta questão?</p> <p>Não.</p> <p>1-3-6 – Os alunos usam o termo de consentimento livre e esclarecido?</p> <p>Sim. Para entrevistas. Como esta por exemplo, o procedimento correto é que os entrevistados assinem o TCLE e que passe por um Comitê de Ética.</p> <p>Eles assinam a declaração de que não há plágio para divulgação na biblioteca, quando o trabalho é indicado, pois apenas os melhores participam do acervo.</p>
	1-4 – Pesquisa na graduação e TCC	<p>1-4-1 – Comente sobre a importância da pesquisa para a formação do aluno.</p> <p>Respondido no item 1.2</p> <p>1-4-2 – Costuma comentar e/ou utilizar tuas pesquisas em sala de</p>

		<p>aula?</p> <p>Sim</p> <p>1-4-3 – Em tua IES os alunos mantêm contato com a pesquisa ao longo do curso ou apenas no TCC?</p> <p>Apenas no TCC</p>
2 – Integração Graduação x Pós-graduação	2-1 – Identificação e medidas para conduzir o orientando do TCC ao <i>stricto sensu</i> .	<p>2-1-1 – O que fazer para que o aluno graduado desperte interesse para a pós-graduação <i>stricto sensu</i>?</p> <p>Conversar em sala, proporcionar eventos sobre a temática e utilizar o TCC para isso.</p>
	2-2 – Sequência da carreira acadêmica dos orientados no TCC	<p>2-2-1 – O TCC pode ser um indutor para que o aluno graduado prossiga seus estudos?</p> <p>Sim</p> <p>2-2-2 – Considera que o TCC contribui para inserir o aluno no mundo do trabalho? Comente sobre isso.</p> <p>Sim, mas nem sempre é possível. Tive alunos que tiveram convites de empresas por conhecer o tema, mas é raro. O mais comum é o aluno trocar de área ou ser promovido pelo TCC</p>
	2-3 – Orientação no TCC e no <i>stricto sensu</i> : linhas de pesquisa	<p>2-3-1 – Desenvolve algum projeto de pesquisa atualmente?</p> <p>Sim</p> <p>2-3-2 – Tem por praxe convidar alunos para participar de seus projetos de pesquisa e de que forma se dá a participação?</p> <p>Tenho. Por meio do TCC, mas estou começando a inseri-los no grupo de pesquisa diretamente. A inserção no grupo é algo que devo desenvolver mais.</p> <p>2-3-3 – Qual seria a importância de os alunos graduandos participarem?</p> <ol style="list-style-type: none"> Para o desenvolvimento e aprendizado deles, inclusive para continuar os estudos, publicações e produções. Para o desenvolvimento de produtos e processos. Para contribuir com a sociedade. Para instituição de ensino, pois possibilita maior visibilidade. Para o orientador, pois pode gerar pesquisas, publicações e produções. <p>2-3-4 – Permite o livre acesso dos alunos da graduação aos trabalhos desenvolvidos pelos do <i>stricto sensu</i> e vice-versa?</p> <p>Claro.</p>
3 – O TCC no Projeto Pedagógico da IES	3-1 – O que as IES fazem com o TCC	<p>3-1-1 – Na tua IES existe algum tipo de classificação do TCC, algo como ruim, bom, excelente?</p> <p>Nota</p> <p>3-1-2 – Como se dá a divulgação do TCC em tua IES?</p> <ol style="list-style-type: none"> Enviamos alguns para a biblioteca, depende da iniciativa do professor. Por meio de publicações ou produções, quando o professor tem a iniciativa. <p>3-1-3 – Na tua IES o TCC é utilizado como fonte de pesquisa por outros alunos?</p>

		Sim
	3-2 – Outros tipos de estudos gerados pelo TCC	3-2-1 – Na tua IES os alunos são estimulados a desenvolver outro tipo de trabalho a partir do TCC? Depende do professor
	3-3 – Processo de escolha dos orientadores	3-3-1 – Destaque os requisitos necessários para ser um orientador aqui na tua IES. Fazer parte do quadro docente e ser da área contábil. 3-3-2 – Os critérios são diferentes na graduação e no <i>stricto sensu</i> ? Sim 3-3-3 – A quem cabe a escolha do orientador? A instituição 3-3-4 – Tua IES impõe limite quanto a quantidade de orientados por professor? Limite mínimo de 8 alunos por sala. Limite máximo não sei. 3-3-5 – Tua IES proporciona alguma forma de formação e/ou atualização dos orientadores? a) Pode fazer qualquer curso na instituição com bolsa, inclusive <i>stricto sensu</i> b) Há bolsas para pesquisa, para estudos e outras, conforme critérios internos. c) Não há uma política direta para orientação.
	3-4 – Participação dos docentes no PPP da IES	3-4-1 – Sobre o teu grau de conhecimento do PPP da IES, sabe se ele é revisado ou discutido periodicamente? Sei. É sim. 3-4-2 – Tua IES estimula a participação dos docentes na elaboração / revisão do PPP? Sempre discute, a responsabilidade é do coordenador e a aprovação é do corpo docente. 3-4-3 – Você já participou da elaboração/revisão do PPP de tua IES? Sim
4 – Aspectos motivacionais e de satisfação do orientador	4-1 – Ganhos pessoais e profissionais após a titulação	4-1-1 – Descreva o que você considera como ganhos pessoais após a obtenção de seu grau de mestre/doutor. a) Conhecimento. 4-1-2 – E no aspecto profissional quais foram os ganhos? a) Aumento salarial. b) Possibilidades profissionais, como participação maior em comitês, em conselhos e outros. c) Possibilidades acadêmicas, como respeito e maior facilidade de publicação
	4-2 – Importância da titulação para o orientador	4-2-1 – Comente sobre a importância de sua titulação para o exercício da atividade de orientador. O aprendizado é fundamental. A titulação é consequência do aprendizado. A titulação, porém, não garante saber orientar. Geralmente o doutor sabe pesquisar, mas não conheço no Brasil aulas que ensinam como orientar, principalmente com os recursos tecnológicos atuais e considerando os aspectos legais.

		<p>4-2-2 – Descreva o que você considera como ganhos pessoais com o exercício da função de orientador.</p> <ul style="list-style-type: none">a) Aprendizadob) Renovação contínua.c) Aumento de produção conjunta com o aluno. <p>4-2-3 – E no aspecto profissional quais foram os ganhos?</p> <p>Aumento de publicações e produções.</p>
--	--	--

APÊNDICE L

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS		
PROFESSOR ORIENTADOR VII		
Categorias	Subcategorias	Perguntas
1 – Práticas de Orientação de TCC	1-1 – Fases do TCC: dificuldades, formato, acompanhamento e correção	<p>1-1-1 – Comente sobre o que pode ser considerado como um bom TCC em tua opinião.</p> <p>Primeiro vale dizer como é o TCC estruturado na IES, a estrutura dele é na forma de artigo. A partir do momento que definida esta estrutura a expectativa que se tem relação ao TCC é um eventual potencial de publicação e essa publicação mais em congresso do que propriamente em revista. O bom TCC ele vai exigir que o aluno de certo modo se envolva com a metodologia de desenvolver um projeto de pesquisa, então o bom TCC depende de como ele é escrito e o que ele obtém de resultados é aquele que consegue cumprir com esse papel de permitir que o aluno tenha a sensação da metodologia acadêmica. Junto a isso ou em paralelo a isso um aspecto adicional, em razão mesmo do perfil dos alunos que estão na graduação mais voltados para o ambiente profissional é que esse TCC tenha também uma utilidade particularmente no ambiente de trabalho onde que já esteja inserido. Então eu entendo que sejam lá esses dois os principais aspectos, você ter uma estrutura científica do trabalho e pressupõe então que esse aluno gerou uma reflexão e desenvolveu um método científico e teve também uma reflexão de aplicabilidade daquilo que ele viu ao longo do curso e mesmo de consolidação de alguns pontos, porque é dentro de um ambiente prático.</p> <p>1-1-2 – Enumere quais seriam, na tua concepção, as principais finalidades do TCC.</p> <p>É muito associado ao que eu comentei anteriormente, então tem a finalidade de desenvolver uma concepção de método científico no aluno, tem a finalidade de permitir que ele consolide alguns conhecimentos que ele acumulou ao longo do curso, tem a finalidade de ele perceber a aplicabilidade desses conhecimentos e juntar tudo isso numa reflexão mesmo de um processo de aprendizado que é ele expor agora dentro de um rigor acadêmico, expor os conhecimentos que ele obteve ao longo do curso.</p> <p>1-1-3 – Quais os tipos de dificuldades relatadas pelos alunos no processo de orientação e como lida com elas?</p> <p>As dificuldades eu diria que uma primeira dificuldade é entender como se desenvolve um trabalho científico, essa é uma dificuldade que boa parte dos alunos tem de entender o método científico e todos os detalhes de citação, começar e buscar referências, toda essa parte. Muito embora a gente tenha uma disciplina de método científico na graduação, talvez eles tenham dificuldade de perceber que eles vão precisar daquilo no momento certo, uma segunda dificuldade tem a ver com a definição do tema, qual tema pesquisar, uma parte grande deles, dos alunos, não tem uma noção do que de fato interessa a eles. Deixa eu só voltar para ao anterior eu estava falando da dificuldade de entender o método científico e como eu lido com isso, é dando umas indicações de leitura ou indicação do que seria a estrutura, do que seria esperado na introdução, do que seria esperado no desenvolvimento, então eu tento passar para eles uma ideia de template do TCC. Aí o segundo ponto que eu ia colocando é a própria definição do tema, eles não têm uma noção exatamente do</p>

		<p>que interessa a eles, a minoria já tem um amadurecimento que permite a eles ou tirar proveito do ambiente em que eles estão inseridos ou se eles tem ambições acadêmicas também já apresentar isso ou já ter tido alguma experiência de iniciação científica ou por estagiar em algum projeto de pesquisa dentro da faculdade e aí com relação a esse tema o meu direcionamento geral é saber onde ele trabalha e se ele pode desenvolver a pesquisa no próprio trabalho que ele se encontra, como primeira possibilidade, a segunda possibilidade é tentar explorar mais o que interessa a ele dentro do desenvolvimento de pesquisa, o terceiro é fazer a vinculação da dificuldade, vincular isso a uma questão pratica é que eles perceberem que aquilo que eles estão fazendo não apenas como uma tarefa burocrática, mas como uma coisa que pode auxiliá-los também na vida profissional deles.</p> <p>1-1-4 – Como avalia a bibliografia disponível sobre o assunto? É difícil falar sobre isso, eu não tenho nenhuma avaliação crítica dessa bibliografia, sei que ela é bem ampla e bem heterogênea.</p> <p>1-1-5 – Prepara seus orientandos a trabalhar com rigor metodológico ou a IES oferece disciplina de metodologia? Existe uma disciplina com essa finalidade.</p> <p>1-1-6 – Estabelece algum cronograma/rotina de trabalho ou deixa a cargo dos alunos? Tem o cronograma institucional que os alunos precisam cumprir e eu defino um cronograma menos institucional e de acordo com as necessidades de cada aluno.</p> <p>1-1-7 – Como procede à correção dos trabalhos? Eu faço uma avaliação como a avaliação de um artigo científico, eu vejo se o trabalho tem uma estrutura consistente e passa a mensagem que ele pretendia passar.</p>
	<p>1-2 – Percepção quanto ao desenvolvimento e aprendizado discente na elaboração do TCC</p>	<p>1-2-1 – Considera que o TCC contribui para o aprendizado discente? Eu entendo que sim, eu entendo que ele é uma ferramenta que permite essa reflexão e visa permitir que o aluno avançar um nível no processo de aprendizado</p> <p>1-2-2 – Na tua percepção quais as principais habilidades que os alunos desenvolvem ao elaborar o TCC? Uma é a reflexão crítica, talvez essa seja uma das principais, uma segunda é desenvolver a capacidade de sintetizar, de síntese de conhecimentos que ele adquiriu ao longo do curso, habilidade de escrever, desenvolver e apresentar argumentos coerentes, então talvez sejam estes os principais pontos.</p> <p>1-2-3 – Considera que o TCC contribui para a inserção do aluno na pesquisa científica? Eu entendo que sim, o aluno que tem esse interesse o TCC apresenta uma porta de entrada, se ele já não tiver feito iniciação científica e para aqueles que não interesse pelo menos naquele primeiro momento dá a eles o acesso de entender o que que é um trabalho científico e realmente se não for interesse o TCC também vai dar essa indicação.</p>
	<p>1-3 – Atitudes frente ao plágio acadêmico</p>	<p>1-3-1 – Alguma vez já se deparou com uma situação de plágio em trabalho acadêmico? Em nível de TCC eu não recordeo.</p>

		<p>1-3-2 – De que forma identifica se um trabalho foi objeto de plágio?</p> <p>Eu não faço pesquisas mais formais sobre isso, isso normalmente é feito na disciplina de metodologia, discutido na disciplina de metodologia, o que eu vejo é quando o trabalho é desenvolvido ele traz para discussão, certamente eu vou desconfiar se ele não for capaz de desenvolver oralmente aquilo que está no papel.</p> <p>1-3-3 – Qual a melhor maneira para coibir a prática do plágio?</p> <p>Não sei. Talvez essa resposta seja de interesse para muitos, eu não tenho essa resposta.</p> <p>1-3-4 – Como agiria se um orientando de TCC apresentasse um trabalho com sinais evidentes de plágio?</p> <p>Eu o repreenderia certamente, o faria perceber que eu identifiquei o plágio em primeiro lugar e em segundo repreenderia nesse sentido de que não é o comportamento esperado nesse tipo de atividade e muito provavelmente não seguiria como orientador dele.</p> <p>1-3-5 – Tua IES tem alguma política sobre esta questão?</p> <p>A política é coibir o plágio e em caso de identificação reprovar.</p> <p>1-3-6 – Os alunos usam o termo de consentimento livre e esclarecido?</p> <p>Não.</p>
	<p>1-4 – Pesquisa na graduação e TCC</p>	<p>1-4-1 – Comente sobre a importância da pesquisa para a formação do aluno.</p> <p>É uma etapa do processo de formação do aluno, sem dúvida, eu acho que a pesquisa que tem a ver com o já que foi comentado antes, ela contribui para o aluno desenvolver capacidade crítica, de raciocínio, de reflexão, eu acho que a partir do momento que o aluno entende o processo de pesquisa como algo que ele tem que construir, tem que buscar, desenvolver e ele mostra uma aptidão para isso há uma relação com esse tipo de habilidade com o que ele pode desenvolver também no ambiente profissional, quer dizer, ele é capaz de buscar o desenvolvimento de um determinado tema e ir buscar soluções para aquilo que ele pretende desenvolver na pesquisa e acho que isso se reflete também no ambiente profissional.</p> <p>1-4-2 – Costuma comentar e/ou utilizar tuas pesquisas em sala de aula?</p> <p>Olha, não as minhas pesquisas, não acho que tenham relevância para leva-las para a sala de aula, não ainda. Mas eu levo algumas pesquisas sim.</p> <p>1-4-3 – Em tua IES os alunos mantêm contato com a pesquisa ao longo do curso ou apenas no TCC?</p> <p>Tem a iniciação científica, é um programa, é opcional nesse caso, então uma parte muito menor dos alunos se inserem e a outra, talvez a mesma parte, se inserem também nos projetos de pesquisa dos professores, então tem os laboratórios e esses laboratórios são abertos até uma certa medida e então alguns alunos de graduação se inserem nesses laboratórios e tem também a disposição as pesquisas à medida que o laboratório vai desenvolvendo as pesquisas.</p>
<p>2 – Integração Graduação x Pós-graduação</p>	<p>2-1 – Identificação e medidas para conduzir o orientando do TCC ao <i>stricto sensu</i>.</p>	<p>2-1-1 – O que fazer para que o aluno graduado desperte interesse para a pós-graduação <i>stricto sensu</i>?</p> <p>É uma boa pergunta, tem uma concorrência muito forte para o mercado e o aspecto financeiro que o mercado oferece. É de fato</p>

		desenvolver uma cultura o que não é muito simples tampouco imediato.
	2-2 – Sequência da carreira acadêmica dos orientados no TCC	<p>2-2-1 – O TCC pode ser um indutor para que o aluno graduado prossiga seus estudos?</p> <p>Eu entendo que sim, inclusive no processo seletivo isso é considerado, saber o que o aluno desenvolveu no TCC e qual foi a experiência dele no TCC.</p> <p>2-2-2 – Considera que o TCC contribui para inserir o aluno no mundo do trabalho? Comente sobre isso.</p> <p>Eu entendo que sim, na medida em que o aluno perceber que isso é possível e pode desenvolver alguma pesquisa que esteja justamente relacionada com algum tema de interesse dele profissional, então acho que é possível.</p>
	2-3 – Orientação no TCC e no <i>stricto sensu</i> : linhas de pesquisa	<p>2-3-1 – Desenvolve algum projeto de pesquisa atualmente?</p> <p>Sim, tenho alguns projetos em andamento.</p> <p>2-3-2 – Tem por praxe convidar alunos para participar de seus projetos de pesquisa e de que forma se dá a participação?</p> <p>Sim, tenho. Logo que entrei na IES tive um projeto financiado e nesse projeto financiado tinha bolsa para graduação, tive dois alunos de graduação trabalhando comigo, com bolsa, e tive também alguns trabalhos mais eventuais de pesquisa que eu envolvi alguns alunos e sempre procurando remunerar nesses casos.</p> <p>2-3-3 – Qual seria a importância de os alunos graduandos participarem?</p> <p>Eu acho que tem a importância de inseri-los em um ambiente de pesquisa e ajuda muito no desenvolvimento da pesquisa sob meu ponto de vista.</p> <p>2-3-4 – Permite o livre acesso dos alunos da graduação aos trabalhos desenvolvidos pelos do <i>stricto sensu</i> e vice-versa?</p> <p>Nem é uma decisão que depende tanto dos professores porque os trabalhos estão disponíveis na plataforma IES e qualquer aluno pode ter acesso aos trabalhos no site, a gente recomenda que eles olhem e então a gente não tem acesso a esta decisão, a gente pode incentivar mais ou menos os alunos a irem buscar esses trabalhos que já estão disponíveis. Os que estão sendo desenvolvidos o acesso é mais o aluno que está desenvolvendo quer compartilhar, o trabalho que está sendo desenvolvido não é um trabalho só do orientador, de fato é principalmente também do orientado, quando nos grupos de pesquisa este acesso acontece naturalmente porque existem discussões dos projetos que estão sendo desenvolvidos, fora disso vai depender de haver uma convergência de interesses dos pesquisadores.</p>
3 – O TCC no Projeto Pedagógico da IES	3-1 – O que as IES fazem com o TCC	<p>3-1-1 – Na tua IES existe algum tipo de classificação do TCC, algo como ruim, bom, excelente?</p> <p>Existe sim, existe anualmente a premiação do melhor TCC por linha de pesquisa</p> <p>3-1-2 – Como se dá a divulgação do TCC em tua IES?</p> <p>O primeiro passo é o orientador indicar e dentre aqueles que forem indicados há professores que vão fazer uma avaliação cega, eles não sabem quem é o aluno e quem é o orientador e a partir daí tem o formulário de avaliação, que não é o mesmo, mas aparentemente igual aos de artigo científico e a partir daí é feita a indicação daqueles</p>

		<p>considerados melhores por linhas de pesquisa. Tem um evento, uma solenidade de premiação inclusive financeira para esses alunos que forem indicados como melhores, é um evento da IES e isso de ir a congresso depende de o aluno ter submetido, não há nada automático</p> <p>3-1-3 – Na tua IES o TCC é utilizado como fonte de pesquisa por outros alunos?</p> <p>Eu diria que não, a não ser que o aluno conheça o outro e disponibilize, os TCCs não são de acesso público.</p>
3-2 – Outros tipos de estudos gerados pelo TCC		<p>3-2-1 – Na tua IES os alunos são estimulados a desenvolver outro tipo de trabalho a partir do TCC?</p> <p>Não vejo, a não ser o aluno que saia da graduação e vá para o mestrado e dê seguimento àquilo que ele iniciou, fora isso não vejo.</p>
3-3 – Processo de escolha dos orientadores		<p>3-3-1 – Destaque os requisitos necessários para ser um orientador aqui na tua IES.</p> <p>Todos são orientadores por definição, então desde que seja professor do departamento então é orientador de TCC</p> <p>3-3-2 – Os critérios são diferentes na graduação e no <i>stricto sensu</i>?</p> <p>Aí é diferente, o <i>stricto sensu</i> tem suas regras próprias de credenciamento</p> <p>3-3-3 – A quem cabe a escolha do orientador?</p> <p>O aluno busca o orientador, depende de uma ação dele de identificar com quem ele tem interesse em desenvolver a pesquisa e o professor avalia se tem interesse ou não em orientar aquele aluno. É o aluno quem procura.</p> <p>3-3-4 – Tua IES impõe limite quanto a quantidade de orientados por professor?</p> <p>Há uma recomendação de cinco alunos por orientador, mas tem professores que tem menos e tem professores que tem mais.</p> <p>3-3-5 – Tua IES proporciona alguma forma de formação e/ou atualização dos orientadores?</p> <p>Para orientador não. Tem os cursos que a pró-reitoria oferece voltados para a graduação, mas não posso responder se há alguma coisa formal, posso responder que eu mesmo nunca fiz.</p>
3-4 – Participação dos docentes no PPP da IES		<p>3-4-1 – Sobre o teu grau de conhecimento do PPP da IES, sabe se ele é revisado ou discutido periodicamente?</p> <p>Sim, ele é revisado e discuto periodicamente, a mudança mais significativa deve ter acontecido há uns três anos no curso de contábeis e no curso de atuária está acontecendo agora e uma vez que ocorra grande mudança vão sendo feitas discussões menores de ajustes daquilo que está sendo implementado.</p> <p>3-4-2 – Tua IES estimula a participação dos docentes na elaboração / revisão do PPP?</p> <p>Na medida do possível, existe um órgão de graduação que é composto pelo coordenador da graduação e por outros professores, devem ser uns cinco membros, então eles a princípio são os responsáveis por conduzir este processo que pode envolver ou não mais professores, mas a princípio você tem um grupo que fica a cargo e leva depois as discussões para outro grupo maior que é o conselho do departamento.</p>

		3-4-3 – Você já participou da elaboração/revisão do PPP de tua IES? Já participei.
4 – Aspectos motivacionais e de satisfação do orientador	4-1 – Ganhos pessoais e profissionais após a titulação	4-1-1 – Descreva o que você considera como ganhos pessoais após a obtenção de seu grau de mestre/doutor. Essa é uma pergunta bem difícil, talvez mais uma questão de realização acadêmica.... Não sei o que mais além disso. 4-1-2 – E no aspecto profissional quais foram os ganhos? O meu profissional é o próprio acadêmico, é uma coisa só neste caso, não tenho outra profissão.
	4-2 – Importância da titulação para o orientador	4-2-1 – Comente sobre a importância de sua titulação para o exercício da atividade de orientador. Ela tem uma importância no sentido de conhecer os caminhos para desenvolvimento de um trabalho científico. Eu teria dificuldades em lecionar, discutir, falar sobre esses caminhos e eventuais dificuldades desses caminhos se eu não tivesse percorrido eles. Então eu entendo que esse seja o principal benefício da titulação, ter o conhecimento científico necessário para desenvolvimento do TCC. 4-2-2 – Descreva o que você considera como ganhos pessoais com o exercício da função de orientador. É uma troca de conhecimentos, então o grande ganho é o que o aluno traz nesta troca. 4-2-3 – E no aspecto profissional quais foram os ganhos? É a mesma coisa.

APÊNDICE M

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS		
PROFESSOR ORIENTADOR VIII		
Categorias	Subcategorias	Perguntas
1 – Práticas de Orientação de TCC	1-1 – Fases do TCC: dificuldades, formato, acompanhamento e correção	<p>1-1-1 – Comente sobre o que pode ser considerado como um bom TCC em tua opinião.</p> <p>O bom TCC ele está aliado ao processo cognitivo do ser humano de evolução, ou seja, a partir de que a pessoa tiver o discernimento, o que ele tem que fazer para construir conhecimento e na academia, que é o caso da sua pesquisa, que você está fazendo, é inevitável, insofismável que se construa através da pesquisa. Se não tiver pesquisa... então um bom trabalho de pesquisa que pode ser considerado um bom TCC na sua opinião é quando você percebe que o aluno começou a ampliar a sua questão de pesquisa.</p> <p>1-1-2 – Enumere quais seriam, na tua concepção, as principais finalidades do TCC.</p> <p>Amadurecimento, envolver o aluno na pesquisa, a criar gosto pelo saber, a criar conhecimento e obter alguns resultados, com certeza, desse conhecimento produzido.</p> <p>1-1-3 – Quais os tipos de dificuldades relatadas pelos alunos no processo de orientação e como lida com elas?</p> <p>A grande problemática, na verdade, não começa pelos alunos, começa pela educação do país, que infelizmente, nós temos péssimos exemplos de nossos governantes corruptos e os alunos eles em que se espelhar somente em como ficar rico em pouco tempo e eles esquecem o que é processo, eles querem chegar ao final do curso, tirar o diploma, achando que com o diploma vão obter conhecimento, aliado a isso temos um monte de propaganda bonitas, maravilhosas de instituições que a pessoa vai, consegue realizar seus sonhos e na verdade o aluno só esquece de um detalhe, de estudar. E aí nesse contexto fica mais complexo, não sei se eu estou adiantando alguma pergunta, porque muitos alunos trabalham durante o dia e com sacrifício pagam a faculdade e ao pagar a faculdade eles, às vezes, buscam opções menos onerosas, ou seja, aquela faculdade que tem um prédio bonito, que oferece mil e um fundos e de repente não consegue incentivar tanto o aluno a pesquisar e ele tendo diploma ele percebe com o amadurecimento que vem depois desses anos, que aquele diploma esqueceu de vir acompanhado de conhecimento, que é primordial sem dúvida nenhuma.</p> <p>1-1-4 – Como avalia a bibliografia disponível sobre o assunto?</p> <p>O assunto é farto, é grande, se for por exemplo na contabilidade, você tem vários autores que podem contribuir, mas hoje em dia o aluno não consegue ler um e-mail, quanto mais ler um livro. Então os trabalhos disponíveis eles deveriam ter uma biblioteca mais enxuta, alguns autores fazerem um trabalho mais simplificado e, se possível, facilitar a vida desses alunos. Então bibliografia tem, o difícil é o aluno tentar buscar entender tudo o que está acontecendo.</p> <p>1-1-5 – Prepara seus orientandos a trabalhar com rigor metodológico ou a IES oferece disciplina de metodologia?</p> <p>O rigor metodológico vem através de uma base formatada que criei, a gente disponibilizou para os professores aqui da IES e alguns</p>

		<p>professores dão retorno, fazendo algumas observações construtivas, onde o esqueleto a monografia está feito que é a parte pré-textual, textual e pós-textual e nesse caminho eu vou explicando as coisas mais simples possíveis, como faz uma citação direta curta e longa, citação indireta curta e longa, o que é apud, o que é et al, então a minha própria base formatada que eu chamo, que é um trabalho que eu mando o arquivo que eu elaborei, de acordo com o manual que tinha da IES, o manual da IES não está atualizado, em cima do rigor da ABNT que vai em confronto a algumas instituições, se a gente olhar das regras de outras universidades, elas tem as regras próprias, eu utilizo as normas da ABNT. Aqui (o trabalho) é chamado TCC I e TCC II, ou seja, monografia I e monografia II e no MBA, quando eu participo lá no MBA da IES em Contabilidade e Controladoria também eu utilizo a mesma base.</p> <p>1-1-6 – Estabelece algum cronograma/rotina de trabalho ou deixa a cargo dos alunos?</p> <p>Sim, tem uma rotina, essa rotina está na ementa e fico tudo documentado. Então é entregue uma ementa, eu vou te mostrar como é a ementa, todo conteúdo como funciona, se você virar a folha tem um calendário atrás, o que vai, tem o seu objetivo e tem o calendário para aquilo que vai ser entregue. Não se esquecendo que o aluno já recebeu por e-mail a base formatada, onde sessenta por cento do trabalho está feita, ou seja, a estrutura da monografia está todinha em Word, então onde está escrito Zé da Silva ele coloca o nome dele inteiro, o nome da IES já está, o tema onde está xx ele coloca o nome do tema e aí ele começa a fazer esse trabalho em cima dessa base formatada obedecendo esse cronograma de acordo com as nossas reuniões. (o cronograma) é da IES mas quem elaborou fui eu e aí tem um outro material que eu elaborei, dia a dia cada aluno coloca o seu nome, coloca o assunto em Mono I porque ainda não é um tema, em Mono II ele coloca o tema e cada dia eu vou colocando o que ele chegou e o que ele foi fazendo, então eu uso a parte da frente esse precisar eu uso a parte de trás com a mesma data para cada aluno e aí o trabalho é complementado com aula presencial que é o padrão da IES, mas mesmo assim eu disponibilizo algumas horas minhas onde eu faço o atendimento por e-mail. O trabalho é individual, trabalho em grupo eu acredito que é “grupo”. Numa banca de uma universidade que faz muita propaganda na televisão tinha dez alunos, então aí é um pouquinho, pouquinho não, é muito complicado, tinha uma (aluna) que só digitou uma parte do trabalho, então eu acho mais difícil. Então, por enquanto eu acho que é o procedimento correto e a IES está correta em fazer a orientação individual e o trabalho individual.</p> <p>1-1-7 – Como procede à correção dos trabalhos?</p> <p>Semanalmente, dentro desse cronograma, o aluno vai entregando o material sendo que no final do semestre ele entrega a última versão concluída, onde eu leio todo o trabalho dele realizado.</p>
	<p>1-2 – Percepção quanto ao desenvolvimento e aprendizado discente na elaboração do TCC</p>	<p>1-2-1 – Considera que o TCC contribui para o aprendizado discente?</p> <p>Insuficientemente, sem dúvida nenhuma. Aliás, o aluno antes do TCC é uma coisa e depois do TCC, o aluno que participa realmente, que faz, é outro.</p> <p>1-2-2 – Na tua percepção quais as principais habilidades que os alunos desenvolvem ao elaborar o TCC?</p> <p>Aprender a pesquisar, mesmo com o Google, que é uma benção em qualquer celular, qualquer computador tem, muitas vezes o aluno tem</p>

		<p>dificuldade, ele prefere fazer o copy e cola ou ir no zé moleza em vez de construir um trabalho, então eu acho que a principal coisa é ele aprender a pesquisar.</p> <p>1-2-3 – Considera que o TCC contribui para a inserção do aluno na pesquisa científica?</p> <p>Sem dúvida nenhuma, a partir do momento da disponibilidade dele, do interesse dele entender o que ele veio fazer neste plano de vida, ele como ser humano pensante, o que ele vai, ele começa a pegar gosto, agora não esquece que tem um estrato social, que é com “s” esse estrato e não com “x”, que é a pirâmide e aí você tem aqueles que se interessam muito, aqueles que se interessa razoavelmente que querem ser enganadas, só tem um diploma pensando que vão ser felizes no futuro.</p>
	<p>1-3 – Atitudes frente ao plágio acadêmico</p>	<p>1-3-1 – Alguma vez já se deparou com uma situação de plágio em trabalho acadêmico?</p> <p>Sim, sem dúvida nenhuma, aluno reprovado sumariamente.</p> <p>1-3-2 – De que forma identifica se um trabalho foi objeto de plágio?</p> <p>Você tem inúmeros softwares, um famoso que tem um nome até sugestivo é o FDP, nele você joga, ou vai no Google Acadêmico, ou você pega uma frase inteira do trabalho. Agora o aluno que fez plágio, ele dá sinais, ele não produz e de repente a produção aumenta de repente. A grande problemática, se fosse a relação somente aluno e professor tudo bem, o problema é que, às vezes, são alguns chefes, alguns coordenadores de curso, diretores de faculdade, tive caso de diretor de faculdade, que não foi o caso da IES, foi em outra faculdade, que ah o coitado do aluno, então o aluno passa a ser um coitado do sistema, então isso aí para mim é algo inaceitável.</p> <p>1-3-3 – Qual a melhor maneira para coibir a prática do plágio?</p> <p>Saber que vai ser reprovado, não tem outra maneira. Nós chegamos a ter casos absurdos, de pessoas que citou e por azar dessa pessoa o professor estava na banca. Então a forma de coibir é contando estórias e o professor é sempre um contador de estórias. E aí na sua pergunta seguinte se apresentar sinais evidencias de plágio... agora sinais é uma coisa, se estiver comprovadamente comprovado o plágio dá para reprovar, porque o aluno pode entrar com processo de perdas e danos, então entrar com processo dizendo que não plagiou, tem que ter tudo documentado, se não, não, tem que ser evidente, tem que ser comprovado.</p> <p>1-3-4 – Como agiria se um orientando de TCC apresentasse um trabalho com sinais evidentes de plágio?</p> <p>1-3-5 – Tua IES tem alguma política sobre esta questão?</p> <p>Sim, a IES já soltou uma vez um documento que eu não lembro, não sei precisar qual é e o próprio departamento dá respaldo para os professores.</p> <p>1-3-6 – Os alunos usam o termo de consentimento livre e esclarecido?</p> <p>Não. Esse termo de esclarecimento ele é usado somente quando na ética, eu fiz parte do comitê de ética da IES durante três anos, é quando você envolve indígena, você envolve sexo, religião, raça. Por exemplo se tiver algum trabalho de contabilidade que envolva igreja, ele tem que fazer aquele termo de esclarecimento, consentimento.</p>
	<p>1-4 – Pesquisa na</p>	<p>1-4-1 – Comente sobre a importância da pesquisa para a formação do</p>

	graduação e TCC	<p>aluno.</p> <p>Isto daí já até falamos anteriormente, que constrói o conhecimento é exatamente através da pesquisa, senão não tem como construir conhecimento, aliás a grande dificuldade de algumas professores e da maior parte dos alunos, principalmente pela pouca idade deles, é que eles acham que construir conhecimento é um professor passar slides, ele ficar quieto, responder a chamada e ser aprovado, então o que a pesquisa faz, ela forma o aluno, ela constrói conhecimento, mas para isso ele tem que fazer pesquisa. Se eu digo assim que existe uma tabela do imposto de renda para pagar imposto de renda uma pessoa que ganha cinco mil reais, se ele não entrar no site da Receita, não ver que tem a tabela do imposto de renda que menciona a tabela do INSS e ele não entra com a tabela do INSS ele não faz aquela pesquisa, aquela informação que ele pegou naquele momento, não foi conhecimento, foi informação. E a grande dificuldade do jovem que entra na faculdade com dezessete, dezoito anos, ele confunde informação com conhecimento.</p> <p>1-4-2 – Costuma comentar e/ou utilizar tuas pesquisas em sala de aula?</p> <p>Olha nós temos alguns professores que nos motivam a pegar as pesquisas e desenvolver alguns trabalhos, então a gente tem feito mais recentemente o trabalho de um ou outro aluno, não são de todos. Então ou utilizar em aula ou ir para o Sindicato dos Contabilistas para participar do Prêmio Hilário Franco</p> <p>1-4-3 – Em tua IES os alunos mantêm contato com a pesquisa ao longo do curso ou apenas no TCC?</p> <p>Apenas quando elabora o TCC.</p>
2 – Integração Graduação x Pós-graduação	2-1 – Identificação e medidas para conduzir o orientando do TCC ao <i>stricto sensu</i> .	<p>2-1-1 – O que fazer para que o aluno graduado desperte interesse para a pós-graduação <i>stricto sensu</i>?</p> <p>Acho que o próprio mercado de trabalho já direciona ele ou para o <i>lato sensu</i> ou para o <i>stricto sensu</i>. Então o curso especialização, um MBA é uma capacitação. Também um processo equivocado por alguns que fazem uma faculdade talvez onde ele não se dedicou, não tinha docente ou não tinha um rigor interessante, ele vai fazer a pós para conseguir recuperar suas dificuldades. Aí é aquela coisa do estrato social, da pirâmide, tens uns que se interessam, tens uns que querem até ir para a área de educação, apesar de muita parte ser desmotivadora, alguns acabam se interessando sim.</p>
	2-2 – Sequência da carreira acadêmica dos orientados no TCC	<p>2-2-1 – O TCC pode ser um indutor para que o aluno graduado prossiga seus estudos?</p> <p>Sim, sim.</p> <p>2-2-2 – Considera que o TCC contribui para inserir o aluno no mundo do trabalho? Comente sobre isso.</p> <p>Ele cria outras realidades muito interessantes, muitas vezes, como a gente falou, o jovem não percebe que aquilo que ele está fazendo vai adicionar valor de conhecimento para ele e aí eu tenho muitas histórias de alunos que começaram a fazer um trabalho e de repente o seu gerente, o seu chefe descobriu que ele estava fazendo este trabalho e ficou muito legal este tipo de trabalho e aí conseguiram motivar. Das mais diversas pessoas que trabalhavam numa rede de café, de uma moça que foi prestar concurso para o Banco Central do Brasil, outra que trabalha em auditoria, então quer dizer, uma que foi pegar uma única instrução da CVM referente a um trabalho que ela desenvolvia na instituição financeira, o chefe descobriu e deu o maior</p>

		apoio, outro que fez a questão ambiental, quer dizer, desenvolve com certeza.
	2-3 – Orientação no TCC e no <i>stricto sensu</i> : linhas de pesquisa	<p>2-3-1 – Desenvolve algum projeto de pesquisa atualmente?</p> <p>Sim. Este semestre começa, a gente começa com alguns alunos e eles começam a desenvolver suas pesquisas. E algumas dessas pesquisas, inclusive, viraram artigos de revista científica que eu acabei publicando junto com o aluno. Eu não tinha muito este costume, mas agora estou começando, aluno de TCC de graduação mesmo.</p> <p>2-3-2 – Tem por praxe convidar alunos para participar de seus projetos de pesquisa e de que forma se dá a participação?</p> <p>Eu não tinha, eu já respondi, eu comecei a criar a pouco, a questão sempre é a questão de tempo.</p> <p>2-3-3 – Qual seria a importância de os alunos graduandos participarem?</p> <p>Eles comecem a perceber qual é o mundo real que a gente vive, a necessidade de conhecimento, não só de formação no papel.</p> <p>2-3-4 – Permite o livre acesso dos alunos da graduação aos trabalhos desenvolvidos pelos do <i>stricto sensu</i> e vice-versa?</p> <p>Sem problema nenhum.</p>
3 – O TCC no Projeto Pedagógico da IES	3-1 – O que as IES fazem com o TCC	<p>3-1-1 – Na tua IES existe algum tipo de classificação do TCC, algo como ruim, bom, excelente?</p> <p>Você diz pela instituição? Pela instituição a nota é de zero a dez. Não é conceito, é de zero a dez.</p> <p>3-1-2 – Como se dá a divulgação do TCC em tua IES?</p> <p>Depois da banca... eu não entendi a divulgação... de quando vai ser o dia da banca ou o trabalho realizado, qual a sua pergunta? Depois que ele está pronto, depende da avaliação nove, nove e meio ou dez, esse aluno além de ser convidado, além de participar da monografia do Hilário Franco no Sindicont, em alguns casos muitos professores ou alguns professores convidam esse para fazer um trabalho para uma revista científica e é gravado um CD e entregue na biblioteca da IES para outras pessoas poderem pesquisar pela Internet.</p> <p>3-1-3 – Na tua IES o TCC é utilizado como fonte de pesquisa por outros alunos?</p> <p>Sim. É uma pena (não utilizar o TCC), aliás a pena não é só na graduação, eu digo que a pena é no mestrado e no doutorado, trabalho de quatro, cinco anos de pesquisa, seis anos de pesquisa, uma banca com poucas pessoas e o trabalho acabou, o que é uma pena.</p>
	3-2 – Outros tipos de estudos gerados pelo TCC	<p>3-2-1 – Na tua IES os alunos são estimulados a desenvolver outro tipo de trabalho a partir do TCC?</p> <p>Sim, isso eu também já respondi, fazer um artigo para uma revista científica.</p>
	3-3 – Processo de escolha dos orientadores	<p>3-3-1 – Destaque os requisitos necessários para ser um orientador aqui na tua IES.</p> <p>O próprio perfil do professor, o interesse dele, o assunto também que a pessoa está desenvolvendo, talvez pode ser direcionado para um ou outro professor ou as vezes acaba enquadrando só a carga horária e o professor vai se adaptando àquela orientação.</p>

		<p>3-3-2 – Os critérios são diferentes na graduação e no <i>stricto sensu</i>?</p> <p>Eu não leciono aqui na IES, eu só dou uma aula por semestre no <i>stricto sensu</i>, o Professor Fernando que você já entrevistou ele faz orientação no <i>stricto sensu</i>.</p> <p>3-3-3 – A quem cabe a escolha do orientador?</p> <p>O aluno entra no sistema, vê a disponibilidade. Talvez seja pelo professor ou muitas vezes em função da disponibilidade de horário dele com as outras disciplinas. A rigor é o aluno que escolhe, porque ele entra no Portal, via sistema e vê com quem ele vai se adequar. Eu acho que é mais a questão de calendário, se ele tem a quarta feira livre, ele pegar quais professores tem na quarta e ele vai escolher aquele professor que ele vai pegar.</p> <p>3-3-4 – Tua IES impõe limite quanto a quantidade de orientados por professor?</p> <p>Sim, o ideal seria em torno de oito alunos</p> <p>3-3-5 – Tua IES proporciona alguma forma de formação e/ou atualização dos orientadores?</p> <p>Não</p>
	<p>3-4 – Participação dos docentes no PPP da IES</p>	<p>3-4-1 – Sobre o teu grau de conhecimento do PPP da IES, sabe se ele é revisado ou discutido periodicamente?</p> <p>O da IES existe, eu tenho ciência, mas a periodicidade é meio longa, de cinco anos ou mais que ele é discutido. É demorado.</p> <p>3-4-2 – Tua IES estimula a participação dos docentes na elaboração / revisão do PPP?</p> <p>Sim, estimula. Se a pessoa tem condição, ela participa.</p> <p>3-4-3 – Você já participou da elaboração/revisão do PPP de tua IES?</p> <p>Participei, mas como se diz.... indiretamente... não em uma reunião ampla, mas sim com o pessoal que estava desenvolvendo isso daí.</p>
<p>4 – Aspectos motivacionais e de satisfação do orientador</p>	<p>4-1 – Ganhos pessoais e profissionais após a titulação</p>	<p>4-1-1 – Descreva o que você considera como ganhos pessoais após a obtenção de seu grau de mestre/doutor.</p> <p>A partir do momento que você faz opção pela carreira docente, você tem que buscar maiores conhecimentos e maiores titulações, isso daí normalmente direciona para uma melhor remuneração, menos para a indústria da educação que manda embora quem tem mestrado e doutorado.</p> <p>4-1-2 – E no aspecto profissional quais foram os ganhos?</p> <p>Eu tive muitos ganhos, muitas portas se abrem, porque quando você vai fazer uma consultoria, ou fazer um curso <i>in company</i> ou você é chamado para outra instituição, para fazer alguma palestra ou lecionar um semestre, você tendo o título de mestre e doutor existe este reconhecimento. É mais uma etapa (de satisfação) é como escrever os livros, os dois livros que eu falei para você, já estou com ideia de escrever outros livros, não atrai financeiramente, mas atrai por você construir alguma coisa nessa sua existência.</p>
	<p>4-2 – Importância da titulação para o orientador</p>	<p>4-2-1 – Comente sobre a importância de sua titulação para o exercício da atividade de orientador.</p> <p>Isso é que é interessante, a minha vida toda, todas as minhas formações desde o técnico, graduação, as pós que eu fiz, mestrado sempre foram na área contábil e eu percebi que tive muitos ganhos a</p>

		<p>partir do doutorado em educação, onde eu consegui entender melhor todo esse processo epistemológico que envolve o processo de aprendizagem dos alunos, então é muito diferente. O ser humano pensa diferente, então o ponto de vista é a vista de um ponto, cada um pensa de um jeito, por exemplo tem gente que acha que quem tem doutorado em educação tem menos do que tem a pessoa que tem doutorado em outra área, mas por sua vez quem tem o mestrado e o doutorado em uma área e não tem pedagogia não é professor, na verdade ele é repassador do conhecimento técnico. Agora você dar aula, lecionar, mas você também não conhecer o mercado de trabalho é algo muito ruim, porque eu já tive numa pós-graduação que eu fiz onde tinha professores de uma instituição de primeira linha, onde eles eram somente acadêmicos e eles não tinham experiência do mercado de trabalho, de trabalhar dentro de uma empresa, então acho que é interessante a gente mesclar os processos pedagógicos, estou vendo vários autores que você coloca aí, inclusive você coloca o Cornacchione, que viaja no futuro muito rapidamente, ele vai estar no Sindicato agora na semana paulista e ele é um futurista, ela traz várias ideias, então os pontos de vista são interessantes. Agora na educação a gente começa a ter outro olhar, como é o processo de aprendizagem dos alunos e depois que eu fiz este doutorado, não que eu esteja bem hoje, mas acredito que perto do que eu estava eu melhorei bastante, porque a grande dificuldade de um contador, de um gerente de controladoria, é não conseguir entender como um aluno não entende as coisas básicas de contabilidade e aí a gente começou a refletir sobre isso e foi uma das principais opções de eu ter feito doutorado em educação para poder entender aquilo que eu queria, a partir do momento que eu defini que a carreira docente seria um caminho que eu queria trilhar. Depois se você tiver oportunidade de ler os livros aí, você vai ver que está numa linguagem extremamente acessível, que é a linguagem do aluno, onde eu pego os termos técnicos, aquilo que eu não posso mudar porque está em lei, mas os outros termos eu faço da forma mais acessível possível.</p> <p>4-2-2 – Descreva o que você considera como ganhos pessoais com o exercício da função de orientador.</p> <p>Você descobre assuntos novos, quer dizer, o aluno começa a pesquisar determinado assunto e de repente você começa a tomar parte daquele assunto. Então um aluno vai pesquisar, por exemplo, pegou o Simples Nacional e vai fazer um trabalho sobre o Simples Nacional de uma determinada profissão, qual o enquadramento dele, então eu pego o enquadramento de um profissional que se enquadra no Simples Nacional ou de um microempreendedor individual e aí ele começa a construir aquele trabalho. Ou de um aluno que vai fazer um trabalho de auditoria. Então você começa, por exemplo, um trabalho de fusões e aquisições, então você começa a ler o trabalho e você começa de certa forma a aprender com o aluno, se você não aprender com o aluno, significa que as suas orientações também não estão construindo muito para você. Então é uma via interessante, que orienta o aluno no processo e quem sabe mais sobre aquele trabalho é o aluno que está elaborando.</p> <p>4-2-3 – E no aspecto profissional quais foram os ganhos?</p> <p>Sim, considerando que esse olhar do aluno vai me trazer aprendizado e o meu aprendizado proporciona que eu ganhe dinheiro com ele fazendo uma outra coisa diferente, com certeza sempre tive ganhos.</p>
--	--	---